

WLADIMIR OLIVIER

*SANTO DE CASA
NÃO FAZ
MILAGRES*

Turma das Surpresas

Professor Epaminondas

ÍNDICE

Advertência	
1. Estranho fenômeno	
2. Especulações	
3. Encontro providencial	
4. Almoço movimentado	
5. No carro	
6. O homem da previsão	
7. Em casa	
8. <i>Flashs</i> do domingo	
9. No Rio de Janeiro	
10. Forma-se uma teoria	
11. Na quinta-feira	
12. Na sexta-feira	
13. No sábado	
14. No domingo	
15. Na segunda-feira	
16. Prestando contas	

ADVERTÊNCIA

Constitui princípio fundamental de nosso texto o atrevimento doutrinário, sob o ponto de vista dos integrantes do movimento espírita, tanto que muitos nem sequer considerarão a hipótese de ter sido ditado por entidades desencarnadas.

Isto posto, precisamos alertar o médium a respeito do objetivo que temos em mira, qual seja, o de exaltar o espírito de despreendimento dos valores meramente materiais, não no sentido dos eremitas nem dos faquires, mas naquele que diz respeito ao fator cármico erigido sobre o verdadeiro amor.

— *Nenhuma novidade!* — hão de dizer os que suspenderem a leitura nesta advertência. No entanto, à medida que avançarem rumo à decifração dos dizeres, em seus contextos lúdico e dramático, terão de postar-se diferentemente do que o que a norma social determina, se quiserem bem compreender o que se lhes pede para o progresso espiritual.

Atenção, portanto, quanto às entrelinhas, onde residirão as leis segundo as descrições de Kardec, muito embora possam parecer distorcidas ou metamorfoseadas. Caso a estranheza cresça demasiado, ainda assim recomendamos que se dê sequência à leitura, para que os mistérios possam ir desfazendo-se, do mesmo modo que se pedirá a todos os que vão submeter-se aos cursos nos educandários do etéreo, onde as lições sempre ganham o tom melodramático das novidades difíceis de assimilar, notadamente quando se trata de conhecedores das obras básicas do Espiritismo.

Nenhum nome seria mais adequado a este grupo do que *Turma das Surpresas*, sob orientação do Professor Epaminondas.

Queremos um voto de confiança, para o que redigimos a seguinte prece:

Senhor, Pai de infinita misericórdia, ajude-nos a definir com precisão as ideias que temos de transmitir aos humanos, para que possamos consagrar-nos ao socorrismo, nos termos mais sagrados da Lei de Amor, Justiça e Trabalho. Possibilite-nos arquitetar estrutura de interesse imediato que eleve o pensamento e o sentimento dos leitores de forma que possam conceituar com maior felicidade a harmonia que paira na mente e no coração dos puros e dos bons. Que o nosso texto, Senhor, tenha o condão de demonstrar inequivocamente que as bênçãos da evolução superior se catalisam a partir das mudanças positivas de que cada ser é capaz de impregnar-se. Estenda, Pai, o seu manto amorável sobre todos nós. Assim seja!

1. ESTRANHO FENÔMENO

Justamente no momento em que o mui digno Defensor Público iniciava a peroração em que caracterizaria a culpa do réu, mediante o resumo das provas apresentadas no transcurso da sessão do Tribunal do Júri, o advogado, Doutor Belarmino de Siqueira e Albuquerque, jovem causídico, abriu a pasta que tinha sobre a mesa, à procura do chaveiro que costumava segurar, enquanto ouvia, impaciente, o adversário de tribuna.

Gostava de esfregar a ponta dos dedos, magoando-as de leve, como a desviar a atenção para algo mais prosaico do que os argumentos que ia arquitetando a partir dos enunciados do promotor. Naquele dia, não achou as chaves, contentando-se em segurar discretamente a pequena gaita-de-boca, sem chave de registro, com que se distraía, enquanto meditava a respeito de como iria apresentar a defesa dos clientes.

Ouvia atentamente, sem tomar notas, observando a linha de raciocínios do oponente, através dos quais pretendia influenciar a decisão dos jurados.

De repente, Belarmino sentiu uma espécie de chamamento íntimo, como se alguém muito próximo estivesse solicitando-lhe a presença para algo muito importante.

Um instante depois, estava ao lado da cama em que jazia seu avô materno. Debatia-se o velho, com muitos tremores, agoniado, como se a medicação que lhe estava sendo ministrada com o soro não estivesse fazendo efeito.

De fato, o tubo se havia desprendido da agulha e o sangue escorria para o chão, formando já uma poça. Rapidamente, o neto acudiu o ancião e restabeleceu a ligação do medicamento, estancando a hemorragia.

Quando ia acionar a campainha para chamar os enfermeiros, o avô segurou-lhe o braço, dizendo-lhe baixinho:

— Mino, toque para mim a sua musiquinha.

Belarmino não se espantou com o pedido. Na verdade, fora o avô quem lhe ensinara a tocar a única composição que ele sabia, mais ou menos.

Pôs o instrumento na boca e tirou os sons conhecidos, enquanto o velho, num fio de voz, sussurrava a letra:

— *Oh! Susana! Não chores por mim! Eu venho do Alabama, tocando bandolim...*

— O senhor está sentindo-se melhor?

— Estou, sim, meu filho. Foi muita bondade sua vir visitar-me. Era o que eu mais queria no mundo.

— Não se preocupe que o senhor vai escapar desta.

— Estou com sede. Levante a minha cabeça pra eu poder beber.

Belarmino deixou a gaita sobre o criado-mudo, encheu o copo, colocou um canudo e apoiou a cabeça do enfermo, para ele poder sorver dois ou três goles.

Nisso a mãe entrou no quarto, espantando-se com ele ali:

— Mino, por que você não nos avisou de que estava vindo para cá? Por que não passou lá em casa? Que aconteceu?

Belarmino limitou-se a apontar a poça de sangue. Um momento depois, após beijar a mãe na testa, afirmando-lhe que tinha de voltar e recomendando que chamasse as enfermeiras, saiu apressado, deixando muito aflita a progenitora.

Como se não tivesse havido nenhuma fração de tempo entre uma situação e outra, Belarmino viu-se no tribunal ouvindo a arenga acusatória do representante do povo, enquanto apertava entre os dedos as chaves que lhe transmitiam a sensação física de existir.

2. ESPECULAÇÕES

Belarmino, como se houvesse estado o tempo todo concentrado na defesa de seu constituinte, apresentou-lhe impecável defesa, inflamando-se nos pontos em que sentia que os jurados poderiam ser estimulados a uma dúvida razoável, passando por alto ao referir-se aos argumentos mais poderosos do adversário.

O júri recolheu-se para o estudo do veredicto e o advogado aproveitou o ensejo para ligar para a mãe:

- Oi, filho!
- Como está o 'vô?
- Está dizendo que você salvou a vida dele.
- Deixe isso pra lá! Eu não esqueci nada aí?
- A gaitinha. Onde é que você está?

Belarmino ia responder que em São Paulo, mas atinou que promoveria forte tumulto, já que os quatrocentos e tantos quilômetros do Rio de Janeiro não poderiam ter sido cumpridos em tão pouco tempo. Resolveu mentir:

- Estou no aeroporto.
- Aposto que aí existe uma loja para você comprar outra gaita.
- Sem dúvida. Mas guarde essa daí que tem valor sentimental. É uma lembrança que gostaria de não perder, tanto que gravei a data em que a ganhei do 'vô. Você está com ela?

- Na minha mão.
- Achou a inscrição?
- Sim. Está aqui o nome do seu avô e a data.
- Estão chamando para o voo. Tchau!
- Tchau!

Dona Rafaela estava meio estupefacta com as atitudes do filho. Não compreendia como é que fora direto ao hospital. Não se

lembrava de haver dito a ele sequer que o pai estava internado, muito menos o nome do hospital ou o número do quarto. Depois, estranhava tão inusitado telefonema e tão estapafúrdia preocupação com simples gaita. E por que estava já indo de volta, sem passar um instante sequer com a família? Eram fatos a ser elucidados.

Não menos estupefacto estava o próprio advogado. Como é que se confirmava a sua presença em outro local, até com prova material, ou seja, a gaita que ficara lá? E como aparecera em sua mão o chaveiro perdido?

Nesse êxtase de imaginação, porque não atinava com nenhuma resposta, ficaria cerca de duas horas, tempo que levou o júri para deliberar.

O meritíssimo juiz confirmou o veredicto:

— Culpado de todas as acusações. O réu faz jus, contudo, da atenuante de estar sendo vítima da influência das drogas medicinais que lhe foram ministradas para tratamento da moléstia mental. Aplico-lhe, por isso, a pena mais branda, ou seja, a multa de cem salários mínimos, a obrigação de cumprir serviços comunitários por três anos, como ainda o pagamento das custas.

Não desejando estabelecer outros vínculos de intimidade com o réu, Belarmino aceitou-lhe o agradecimento pelo empenho na defesa, retirando-se em seguida, desejoso de estabelecer critério de ajuizamento do fenômeno que lhe ocorrera.

No caminho para casa, decidiu nada contar para a esposa. Ela poderia não compreender, pensando tratar-se de desequilíbrio emocional. Para o Padre Felício talvez fosse melhor revelar o milagre sem dizer o nome do santo. Imaginaria uma situação para provocar-lhe uma resposta de caráter místico ou religioso.

Nesse ponto das reflexões, muito por alto, recordou-se de certo padre ou vigário que se tornou santo e que tinha o dom da ubiquidade. Não se lembrou do nome dele.

Foi quando se deparou parado diante da fachada da Federação Espírita.

Refletiu:

“Terão essas pessoas alguma teoria capaz de me elucidar?”

Perguntou e já perguntou de novo:

“Que têm de ver os espíritos com a minha experiência? Será que me transportei para lá em espírito? Como é que, então, pude usar o meu corpo espiritual em atividades puramente físicas? Nunca soube que os espíritos assoprassem em gaitas nem que cuidassem de sanar defeitos materiais.”

Belarmino logo se viu perante a imagem do Lando, amigo e colega de turma, que se deixara empolgar pelo espiritismo, largando definitivamente o convívio igrejeiro dos domingos e feriados religiosos, defecção que Felício não comentou.

Em casa, onde morava com a esposa e o cunhado, manteve os fatos em segredo dos familiares, forçando a descrição de todos os lances do julgamento, fazendo questão de reproduzir os argumentos do oponente, bem como sua peça, que acabara repercutindo favoravelmente junto aos jurados.

3. ENCONTRO PROVIDENCIAL

Na manhã seguinte, um sábado vazio, Belarmino recebeu um convite de José, o cunhado, para matinada no clube, onde transcorria um campeonato de futebol de salão de que ele estava participando.

Consultou Milene, a meiga esposa, recebendo dela o competente alvará para acompanhar o irmão, com a recomendação de que levasse trajes esportivos, já que não deveria perder a oportunidade de tomar sol.

Deveras, o advogado considerou que estava precisando de um pouco mais de vida ao ar livre, tão branquela estava a pele.

— Não se esqueça de chegar antes do meio-dia, porque teremos Felício para o almoço.

Belarmino achou que a ocasião era a melhor possível para pôr em prática o plano de consultar o sacerdote a respeito do que lhe acontecera no fórum.

Entretanto, manteve o segredo em relação a José, dez anos mais jovem e ainda na chamada flor da idade. O desempenho atlético do cunhado era dos melhores, dentro dos níveis medianos dos frequentadores da praça esportiva. Também era excelente aluno, preparando-se para ingressar na Faculdade de Educação Física, já que terminava o Segundo Grau. Por certo, os lances da partida a que estava prestes a assistir iriam constituir ótima distração.

Trocado e acomodado no alto da arquibancada, sob o sol claro do verão paulistano, preparava-se Belarmino para afugentar o estresse da semana, quando o chamaram pelo nome:

— Eis o meu nobre colega a espairar, jiboando feliz e despreocupado. Ora, viva!

O timbre da voz era inconfundível:

— Lando, Vossa Excelência merece os aplausos mais calorosos pela presença mui importante, nesta hora magnífica de minha necessidade.

Brincavam como nos tempos acadêmicos, agora acrescentando às palavras da amizade o calor do respeito.

— Ouvi dizer que ontem você obteve expressiva vitória forense, impedindo que seu cliente se recolhesse, como deveria, à cela dos condenados.

— Venci mas não me convenci de que não teria sido melhor para a sociedade (quijá para ele mesmo) que curtisse alguns anos a hospedagem oficial. Mas, mudando de pato para ganso, como é que pude ter o prazer de vê-lo vir ao meu encontro?

— Mino, caríssimo, eu cá compareço todo sábado desde alguns anos. Você é que veio trazido por benevolentes aragens de companheirismo.

— Realmente, você está um morenaço, tanto que me faz supor que esteja borboleteando entre as flores deste jardim.

— Explique para mim a sua “necessidade”, ou terei ouvido mal?

— Em primeiro lugar, quero saber de suas atividades dentro do movimento espírita.

— Entrei numa fria tremenda, em termos de religião.

— Quer dizer que abandonou...

— Quer dizer que assumi compromissos muito mais sérios do que ir à missa todo domingo.

Como o amigo fizesse menção de estudar-lhe a fisionomia, a ver se não estaria sendo alvo de alguma facécia ou má intenção, Belarmino esclareceu:

— Tudo bem. Não vou fazer-lhe nenhuma pergunta indiscreta. Vou limitar-me a ouvi-lo.

— Na verdade, comparecer semanalmente, hebdomadariamente, como diríamos nos nossos bons tempos, a um

ofício religioso era sacrifício ameno e sem responsabilidade. Por falar nisso, Milene deve estar arrastando-o todo domingo à missa. Ou você já se rebelou? Esse seu interesse pelas minhas atividades espíritas...

— Milene continua fiel aos antigos princípios, tanto que hoje... Deixe pra lá. Não quero perturbar-lhe a exposição de motivos.

— Pois bem, vamos aos fatos. Eu acredito que você esteja sinceramente interessado em dar-me a conhecer a sua *necessidade*. Portanto, vou responder à sua pergunta, objetivamente. Lá no centro exerço, preponderantemente, as funções de festeiro ou festivo, já que me encarregaram de colher fundos para manter os diversos órgãos em plena atividade.

— Isso você já fazia lá na paróquia do Felício. Nenhuma novidade...

— Com outro sentido. No centro, as rendas são aplicadas quase totalmente na ajuda material aos carentes. Na igreja, você sabe melhor do que eu, as espórtulas e demais entradas financeiras caem diretamente nos bolsos sem fundo do pároco, com perdão de ver você ofendido e da ausência do outro.

— Passe por cima disso. Eu quero saber de suas atuações no campo doutrinário. Especificamente: o que você tem estudado e aprendido dentro das teses que supõem o relacionamento entre os espíritos e os humanos? Quais fenômenos têm ocorrido que você tenha tido oportunidade de presenciar?

— Existem fenômenos físicos e morais ou imateriais. Por exemplo, Kardec repetidamente nos põe em cheque quando nos afiança que, no tempo dele, as cadeiras e mesas dançavam e as pessoas levitavam. Eram demonstrações meramente materiais para que ele pudesse inferir que havia uma inteligência a conduzir os insólitos acontecimentos. Entretanto, hoje em dia, essas coisas não acontecem com a mesma frequência, não tendo conhecimento eu de nenhuma casa kardecista em que tais eventos sejam cultivados. Essa eu vou ficar devendo-lhe.

— E do outro tipo, ou seja, dentre os casos imateriais, quais os que, como você disse, são cultivados ali?

— Mino, você está querendo saber a respeito dos fenômenos mediúnicos, ou seja, das comunicações que os do lado de lá realizam para os que estão encarnados.

— Também.

— Pois lá nós realizamos sessões em que comparecem entidades de diversas categorias dentro da escala espírita. A todas recebemos com muita deferência, ouvindo os conselhos dos mais sábios, ajudando os que sofrem e trazendo aos que precisam aprender os ensinamentos as primeiras lições que se contêm nas obras da codificação. Apresentam-se, às vezes, alguns que desejam trazer recados aos parentes.

— Nunca apareceu por lá algum espírito de uma pessoa viva?

— Raramente ocorre de surgir alguém dizendo-se em estado sonambúlico, ou seja, alguém que esteja descansando nos braços de Morfeu...

— Quer dizer, dormindo...

— Você entendeu. Nesse caso, a curiosidade que provoca é por demais onerosa para os trabalhos, já que todo o mundo vai querer identificar a pessoa, no intento de vir a saber se guardou a lembrança da visita. Por isso, dificilmente encontraremos casos como os descritos nas obras de Kardec, já que não temos a mesma lucidez intelectual do mestre nem o estofo moral que era apanágio da personalidade dele.

— E se a pessoa disser que não está dormindo?

— Aí se tratará da comunicação durante a vigília. Esse caso é relatado por Kardec, mas, comprovadamente, não posso dar-lhe nenhum exemplo pessoal.

— E se a pessoa deixasse ali um objeto seu?

— Isso constituiria um caso de transporte, também objeto das observações do codificador lionês.

— Ou seja...

— Kardec.

— Última questão. Depois eu vou levá-lo para tomar uma cerveja no bar.

— Tomarei um refrigerante. Hoje a bebida alcoólica está vedada, porque tenho de trabalhar à tarde no centro.

— Voluntariado, evidentemente.

— Para quem acredita que todos serão medidos pelas obras no que tange à salvação ou ao progresso espiritual, dentro do processo inevitável da evolução constante rumo à perfeição, devo trocar o *voluntariado* pela *obrigatoriedade*. Mas não importa. Diga o que você tem em mente.

— E se o espírito que comparecer e deixar o tal objeto também for capaz de atos materiais, como dar de beber a um doente ou beijar a face de um ente querido, imprimindo-lhe a sensação do corpo, que estaria em outra parte? Isso também seria possível?

— Mais do que nunca devo afirmar-lhe que tal fenômeno não é absolutamente corriqueiro. Mesmo na literatura espírita ou até religiosa, são raros os relatos desses acontecimentos. Em todo o caso, Kardec traz dois ou três exemplos expressivos, como o do Santo Antônio de Pádua, que, estando num local público, compareceu ao mesmo tempo a um tribunal para, literalmente, tirar o pai da forca. É o que chamamos de fenômeno de bicorporeidade. Ao ser que se condensa a partir da presença meramente espiritual, Kardec chamou de *agênere*. Mais do que isso acho que não serei capaz de explicar. Agora me diga: será que você tem algo a me contar ou seu interesse não chega a constituir verdadeiramente uma *necessidade*?

— Esses livros de Kardec são fáceis de conseguir?

— Vou mandar-lhe os cinco principais. Acho que enviar ao escritório será mais prudente, para Milene, pelo menos por enquanto, não meter o bedelho onde não está sendo chamada.

— Lando, meu caro, se você for almoçar em casa hoje, eu prometo acompanhá-lo ao centro. Que tal?

— Com muito prazer. Ligo pra casa e aviso. Lá todos são muito compreensivos, especialmente se lhes contar que estou usufruindo a sua interessantíssima e *interessadíssima* companhia.

Quando José quis saber o que haviam achado de sua atuação, os amigos se entreolharam, numa frustrada tentativa de dar ao outro a incumbência de mentir.

Foi Lando quem respondeu:

— Aos raios do sol, acrescentamos o calor humano de nossos corações ávidos pela verdade. Isso fez que não nos arriscássemos a sofrer uma insolação que poderia expor-nos ao câncer de pele. Sendo assim, recolhemo-nos para confabular e perdemos o imenso prazer de presenciar o seu valoroso desempenho. “*Ad justitia perpetua incommodati sumus*” — inventou ele para confundir o jovem.

E os dois bacharéis riram a valer, confundindo o exaurido atleta.

4. ALMOÇO MOVIMENTADO

Quando os três chegaram para a refeição, lá se encontrava Felício apreciando uns aperitivos que lhe servira Milene. Distraía-se com a leitura do jornal, sempre interessado no noticiário político.

— Ora, ora! Quem é vivo sempre aparece! — recepcionou ele o antigo paroquiano, sorrindo e abraçando-o amigavelmente.

— O senhor, meu bom pároco, sempre exultante e bem de vida, vendendo saúde. Bons olhos o vejam! — Eis como Lando manifestou seu entusiasmo por encontrar-se com o sacerdote.

Belarmino, percebendo que José se esquivara, mal cumprimentando o padre, também achou que era bom escafeder-se para se entender com a esposa a respeito de mais um convidado:

— Vocês estão parecendo-me ávidos por colocar os assuntos em dia. Fiquem à vontade. Vou providenciar umas bebidas, ou melhor, uns refrigerantes. Já volto.

Na cozinha, a conversa foi quase monossilábica:

— Desculpe ter trazido...

— Fez bem.

— Você não vai apertar-se?

— Estou sempre prevenida.

— Parece que ficaram contentes por se verem.

— Também achei.

— Queria saber como é que eles se dariam.

— Você não contou ao Lando a respeito do Felício?

— Não. Fiz de propósito.

— Você é que vai ter de aguentar os dois.

— Prometi acompanhar o Lando após o almoço.

— Só depois que o Felício for embora.

— Você ficou preocupada por estar sozinha?

- Depois a gente conversa.
- Mas nós chegamos na hora marcada.
- Não tem importância. Aonde vocês vão?
- Ele vai me levar ao centro espírita. Quer me mostrar...
- Será que Felício não vai querer ir junto?
- Vamos convidá-lo.

O encaminhamento da conversa não era o melhor para a condição da curiosidade que se despertava em sua mente, de forma que Belarmino cobriu a bandeja de garrafas e copos, saindo rapidamente.

Ao chegar à sala, Lando estava terminando de contar quais eram as atividades em que se metera no centro.

Felício observou:

— Vejo que você levou para lá sua preciosa experiência. Está satisfeito? Encontrou ambiente de paz e fraternidade? Em geral, onde existem várias pessoas dando ordens, existem choques de opiniões. Penso que nos centros espíritas não seja diferente.

Sem dizer palavra, Belarmino foi indicando as bebidas e enchendo os copos segundo o assentimento tácito. Queria ouvir a resposta do colega, que não se apertou:

— Se cada um ocupar-se das tarefas de seu próprio cargo, as coisas ficam mais fáceis. Desde que lá entrei, não senti muitas dificuldades. O pior é quando chegam pessoas falsamente carentes, que logo despertam rebuliço moral no grupo, porque alguns querem que elas provem real interesse em aprender o que queremos ensinar, enquanto outros não fazem caso de perder o que seria essencial para gente verdadeiramente necessitada, crendo que Deus supre sempre as falhas de estoque.

Felício provocou o espírita:

— De que lado você fica?

— Aí é que está. Eu não faço parte do grupo que distribui. Eu sou dos que arrecadam. Para mim, o principal é termos sempre algo para dar em troca de um pouco de boa vontade. Não me importo

muito com o fato de existirem pedintes profissionais. Pelo que sei, em torno da igreja, os mendigos mantêm pontos fixos, expulsando os que pretendem usurpar-lhes o direito consuetudinário. Estou dizendo isso para demonstrar que a sociedade como um todo tolera aqueles que, em sendo pacatos, não agridem os cidadãos, apesar de viverem como parasitas.

Felício insistiu:

— Você concorda com a ideia geral de que os espíritas são mais morrinhas do que os católicos? É o que me disseram. Por isso é que vocês não passam a sacola das espórtulas. Ficariam vazias. Disfarçam vendendo isso ou aquilo, realizando almoços e jantares, abrindo bazares beneficentes etc. Nós, na igreja, realizamos uma quermesse por ano, porque todos os que nos procuram não se recusam a contribuir para efeito de alcançarem os serviços que prestamos.

Lando esclareceu:

— Para nós, que não estipulamos preço para o atendimento, existe a possibilidade de nos associarmos à instituição, para o que aceitamos uma contribuição variável, conforme o que cada qual julga melhor oferecer. Mas não existe tal obrigatoriedade. A nossa maior contribuição está no tempo que dispomos em favor dos trabalhos ali realizados, muitos dos quais de teor profissional, como eu mesmo já tive oportunidade de servir, no caso de certa disputa judiciária a respeito do valor da locação do imóvel.

Quem estava ficando impaciente era Belarmino, que não via como desviar a atenção de ambos para o tema de seu interesse. Quando ia intervir, Lando saiu-se com esta:

— Meu caro ex-confessor, aceite a minha mais incondicional expressão de fé em que, um dia, todos os credos e filosofias se unirão em torno do ideal comum da bem-aventurança eterna. O mundo se encontra ainda muito imaturo para admitir a ideia da universalidade dos desígnios do Senhor. Mas, em todo o caso, já

existem muitos que aceitam participar de reuniões de pessoas das mais diferentes tendências religiosas. Que tal isso lhe parece?

Felício, que conhecia a habilidade do advogado com as palavras, sabia que tudo aquilo representava o intróito para alguma coisa de caráter pessoal. Foi direto ao ponto:

— Que é que você quer propor-me?

— Como sempre, meu bom capuchinho...

— Não sou capuchinho.

— Pois o seu talento para a percepção dos intentos das pessoas é digno dos capuchinhos, reconhecidamente os mais ardilosos dentre os que professam as ordens.

Finalmente, Belarmino conseguiu introduzir uma fala:

— Veja lá, querido rábula, se não vai ofender o meu convidado!

— Estou fazendo-lhe o mais subido elogio que alguém já deve ter-lhe feito. Em suma, estava realmente querendo propor-lhe uma troca de favores: a cessão dos quadros de avisos reciprocamente, para que as duas instituições possam afixar seus comunicados também para o público da outra. Se me disser que precisa consultar o vigário-geral, tudo bem. Eu também vou ter de expor a ideia à diretoria da casa. Mas fica aqui a semente de nossa comunhão fraternal.

Felício foi contundentemente direto, mas com muita consideração e amizade:

— Muito inteligente de sua parte em escolher um terreno neutro para me tentar.

Lando foi rápido:

— Por isso não. Vamos passar a tarde no centro, onde poderei descrever-lhe tudo o que construímos em favor da elevação moral dos que lá se reúnem. Não vale ofertar a sua igreja, porque lá não existe novidade para mim...

Belarmino ruminava lá consigo: *“E tudo isto antes de Milene nos chamar para o almoço. Que será que aprontarão depois?”*

Tendo a patroa avisado que a comida estava servida, Felício passou o braço em torno dos ombros do oponente, dizendo-lhe, enquanto caminhavam para a sala da refeição:

— Até agora o ecumenismo tem sido um objetivo meramente utópico. Reuniões se fazem, mas, em seguida, cada qual vai para seu terreiro, seu templo, sua mesquita, sua tenda etc., onde continuam a mesma pregação que vinham realizando antes. Em todo o caso, vou pensar seriamente na sua proposta. Quem sabe começaremos uma aliança sob as bênçãos de Deus.

O pensamento de Belarmino pareceu-lhe profético. Realmente, durante o almoço, só se falou a respeito de amenidades, puxando Felício para o tema da política nacional e internacional, sem, contudo, despertar o interesse dos demais. Antes, foi José quem dominou a conversação, expondo o quanto conhecia da manutenção da melhor forma física e do tônus muscular adequado para o dia a dia, segundo as necessidades requeridas pelos ofícios. Girou a conversa sobre o excesso das gordurinhas que se notavam nos que ali estavam, fazendo Lando questão de demonstrar que não se descuidava do corpo, apesar de se dedicar aos espíritos. Tanto bastou para que Felício protestasse alegremente e o mais foram brincadeiras e facécias.

Voltando à sala de estar, onde esperavam pelo café que Milene foi coar, de chofre, Lando perguntou ao sacerdote:

— Como é que a Igreja encara o fenômeno produzido por Antônio de Pádua ou de Lisboa?

Enquanto limpava as lentes com seu lenço imaculado, Felício não se intimidou e respondeu:

— Primeiro, nós fazemos questão de chamar a essa maravilhosa pessoa de Santo Antônio. Segundo, “de Lisboa”, porque nasceu lá, e, “de Pádua”, porque foi onde morreu. Terceiro, o que você chama de “fenômeno” nós dizemos “milagre”. De fato, estar em dois lugares ao mesmo tempo, desdobrando-se a pessoa, só

pode ser por obra e graça do Espírito Santo. É a isso que você está fazendo referência?

Foi a vez de Belarmino:

— Padre Felício, o senhor conhece mais algum outro santo que tenha realizado o mesmo milagre?

— Perfeitamente. Santo Afonso Maria de Liguori.

— Como se conta a sua história? — insistiu Belarmino.

Nesse instante, chegou o café e o indefectível licor de nozes, morrendo ali a conversa à vista de Lando recusar o alcoólico, sendo obrigado pelos demais a revelar o motivo da abstinência.

— Na verdade — disse ele —, eu não tenho nada contra as bebidas fortes; elas é que têm tudo contra mim, sem ofender o vinho consagrado que os sacerdotes bebem durante a missa e que apresenta graduação alcoólica elevada.

Belarmino percebeu que o clima de seriedade poderia desandar. Então, fez valer uma suspeita sua:

— Eu também, como não aceitei o vinho nem a cerveja, vou ficar sem o licor, prometendo comparecer à festa junina que a paróquia fará realizar para cuidar do quentão. Espero levar o meu valoroso companheiro de bancos acadêmicos para me ajudar a consumir e a consumir... Acho que ele, se não fosse ao centro hoje, tomaria o que lhe oferecesse Milene...

Deixava no ar a interrogação, à qual Lando respondeu espontaneamente:

— É exatamente assim que se conta a história de minha abstinência.

— Mesmo porque — interveio Felício — não me consta que os espíritas fazem campanha contra o consumo moderado do álcool, tanto que, nos terreiros, os pais e mães de santo bebem sua marafa (cachaça, para quem não sabe).

Lando sorriu, compreendendo a provocação:

— Caro pároco, não vou cair nessa. Bem sei que você sabe distinguir o Candomblé dos verdadeiros centros espíritas que

seguem a doutrina de Allan Kardec. De qualquer modo, vou convidá-lo formalmente para nos acompanhar ao centro...

Belarmino logo desejou esclarecer a Felício:

— Vou porque estou desejoso de me pôr a par de certo assunto de meu interesse, para o que peço ao meu digno confessor (não ex-confessor, como certa pessoa aqui presente o chamou) que nos acompanhe. Se não quiser entrar, tudo bem. Mas preciso relatar-lhe algo importante para mim.

Lando notou que Milene se achava ausente, cuidando da louça, provavelmente. Deduziu que o amigo não desejava participar à cara-metade a sua perquirição. Então, sublinhou a solicitação, falando num sussurro ao pé do ouvido do vigário:

— Suspeito que o assunto seja muito sério. É bom prestarmos atenção ao que vai dizer o nosso anfitrião, mesmo porque está ficando tarde para mim.

5. NO CARRO

Depois de se despedirem da dona da casa, como o centro espírita distava dali um pouco mais de um quilômetro, Belarmino propôs que os três, já que José estava fazendo a sesta, fossem no seu carro, prometendo trazê-los de volta para cada qual apanhar o seu.

Ao contrário do que Lando afirmara, o centro estava fechado, sem ninguém pelas imediações.

Belarmino não deixou passar a oportunidade de censurar o amigo:

— Você nos enganou.

— Dei-lhe a chance de falar à vontade. Não me recrimine, por favor. A intenção foi muito boa, embora Felício possa dizer que de bem intencionados o inferno está cheio...

O padre protestou:

— Esta não é a primeira vez que você fala por mim. Espero que não seja por boa intenção...

Os três sorriram mas sem que deixassem de se estimular pelo interesse em conhecer o misterioso caso que Belarmino lhes prometera. Foi assim que este se viu quase coagido a se pronunciar:

— O que vou narrar deve ficar apenas entre nós. Felício, por favor, faça de conta que estou no confessionário e você, que se trata de um sigilo profissional. Se não me prometerem segredo, eu me calo.

Foi Felício quem falou pelos dois:

— Somos amigos, antes de mais nada. Se pudermos ser úteis, ainda que seja apenas orando por você e pelos seus, pode crer que o faremos. Também estaremos dispostos a ajudá-lo de qualquer

outro modo, para o que iremos receber a graça de Deus do discernimento e da luz, em nossas consciências.

— Aceito o seu tácito juramento.

Lando impacientava-se:

— Vamos logo, por favor, antes que me chamem.

Belarmino ainda quis fazer uma rápida introdução:

— Se não acreditarem em mim, estou preparado para comprovar-lhes o que irei dizer.

Esperou por alguma observação, porém, os outros ficaram em silêncio. Não queriam aumentar o suspense.

Belarmino resumiu os acontecimentos:

— Eu estava ontem no fórum, quando, de repente, me vi em São Paulo, ao lado do leito de meu avô Lupércio, onde tive a oportunidade de conectar-lhe o tubo de soro à agulha por onde vazava sangue. Dou-lhes a minha palavra de honra que isso aconteceu como estou contando.

Felício e Lando trocaram um longo olhar, cada um desejoso de saber como é que o outro estava reagindo. Ambos, contudo, permaneceram calados, aguardando outras informações.

O narrador prosseguiu:

— Dei água ao meu avô, depois de tocar a minha gaita, que ele fez questão de ouvir, cantando de leve a musiquinha do “Oh! Susana!”. Em seguida, minha mãe entrou no quarto e conversamos ligeiramente, tendo eu saído, logo despertando no Tribunal, guardando também a lembrança de todos os acontecimentos ali decorridos.

Lando foi quem desejou perquiri-lo primeiro:

— Você vai querer comprovar o fenômeno através do testemunho de sua mãe e de seu avô?

— Gostaria de deixá-los fora disso. A minha prova é material, não circunstancial. A minha gaitinha ficou lá em São Paulo, conforme me informou minha mãe, a quem telefonei pouco depois, fingindo-me no aeroporto.

Lando insistiu:

— A gaitinha estava lá ou você a levou consigo?

— Tudo aconteceu quando eu a peguei para ter alguma coisa para segurar, enquanto ouvia o promotor. Quando fui dar de beber ao doente, deixei-a sobre o criado-mudo.

— Alguém pode comprovar que você estava com a gaita?

— Talvez o meu cliente, ao meu lado. Querem que eu ligue para ele?

Felício, que ia de espanto em espanto, foi quem assentiu:

— Por favor.

Em três tempos, a ligação estava feita, tendo Belarmino o cuidado de acionar o viva-voz conectado ao celular.

— Doutor, o que o senhor manda?

— Nada como ter um identificador de chamadas!

— É verdade. Mas eu ia ligar mesmo para o senhor, porque não tive oportunidade de agradecer-lhe convenientemente.

— Não há nada que lhe esteja cobrando.

— Mas faço questão de gratificá-lo. Se não fosse por sua atuação, tenho a certeza...

— Esqueça tudo isso. O que eu estou querendo é que o senhor me diga se me viu, na hora em que o promotor começou a falar, pegar alguma coisa da pasta.

— Vi e estranhei muito.

— O que é que eu peguei?

— Você pegou uma gaita, eu não sei por quê. Aliás, pouco depois, enfiou a mão no bolso e eu vi que segurava um chaveiro. Mas que importância pode ter o fato?

— Muita importância, porque eu não sei onde foi parar a gaita.

— Não se preocupe. Junto com o cheque que vou enviar-lhe, mando-lhe duas ou três bem melhores do que aquela.

— Eu não quero nem a gaita nem o cheque.

— Dez mil reais, no mínimo.

— Nem que fossem vinte mil.

— Então, serão vinte mil.

— Faça o seguinte. Para não dizer que sou orgulhoso, preencha dois cheques de dez e envie aos endereços que vou passar-lhe. Certo?

— Certo. E as gaitas?

— Eu acho que sei onde foi parar a minha. Muito obrigado assim mesmo. Quer anotar os endereços?

Enquanto Belarmino ditava os endereços do centro espírita e da paróquia, Lando e Felício trocavam olhares absolutamente desorientados. Não sabiam exatamente o que pensar.

Belarmino desligou o telefone e aguardou alguma observação dos companheiros. Alguns minutos se passaram com os três em silêncio. Como percebesse que demoraria para ser orientado, o consulente optou por manifestar-se:

— Vejo que os deixei sem palavras. Atribuo o seu mutismo ao fato de acreditarem em mim, porque, do contrário, estariam levantando suspeitas. No entanto, posso garantir-lhes que me sinto perfeitamente bem, nem melhor, nem pior do que antes. Aliás, a tese do milagre não calha no meu caso, porque Deus me distinguiria com algo assim só se eu fosse santo. Naquele mesmo momento, estava arquitetando a defesa ardilosa que terminou por atenuar a punição ao meu cliente, o que não considero exatamente moral, apesar de perfeitamente profissional, tanto que o julgamento coube ao júri e a sentença, ao juiz. Fiz o meu trabalho. De resto, antes que recusem os cheques provenientes de origem incerta e não sabida, devo dizer-lhes que este é outro aspecto que levei em conta, ou seja, que o dinheiro que venho recebendo, em geral, me é dado por criminosos, o que deve caracterizá-lo como sujo, manchado pelo crime, carregado das culpas de quem o ganhou de modo ilícito. Digo isto para facilitar o raciocínio de que não fui santo a vida toda, como bem sabem os dois. Pensem no que aquele dinheiro poderá oferecer de bom aos miseráveis e não sejam orgulhosos.

O fato de mexer com os brios dos dois, fez que despertassem para a condição especialíssima do amigo. Foi Felício quem primeiro saiu da letargia:

— Meu querido Mino, o que você passou, e eu acredito piamente em tudo que nos disse, deve ter sido um alerta de Deus ou de seu santo padroeiro e protetor, ou do seu avô, já que você lhe salvou a vida, alerta para o fato de estar em falta com suas obrigações morais superiores. Você disse que não é santo, porém, talvez não exista um só deles, exceção para Maria e José, que não tenha praticado atos lamentáveis e pecaminosos até despertar para o Cristo. Veja São Paulo, veja Santo Agostinho, só para citar dois dos mais importantes. São Tomé e São Pedro, inclusive, mereceram de Jesus palavras de censura. Portanto, mesmo você não sendo santo, bem pode ter merecido o favor de um milagre, como Saulo, na estrada de Damasco. O fato de estar desejoso de ouvir o parecer de um membro da Igreja evidencia que é bem possível que tenha de tomar outro rumo na vida, purificando-se, santificando-se. Deus o abençoe, porque a mim já me agraciou com a sua amizade, que muito me honra e me enriquece.

Lágrimas escorriam dos olhos do sacerdote, sem que, contudo, contagiassem os demais.

Belarmino fez menção de beijar-lhe a mão, porém, acomodando-se no banco ao lado, Felício fez questão de abraçá-lo com muita ternura e com um respeito que nunca tivera pelo paroquiano.

De tudo se deu conta Lando, que não se deixou embalar pela candente exposição de cunho religioso. Por isso, reuniu outros argumentos para analisar o conteúdo do episódio narrado por Belarmino:

— Não concordo com o que meu ex-confessor disse. Só em parte. Só no que respeita ao fato de que você está recebendo o apoio de espíritos de superior categoria. Concordo também com que vá precisar melhorar-se moralmente, uma vez que todos

necessitamos fazê-lo, para imergir em círculos existenciais cada vez menos materiais. Todavia, o fenômeno de que você foi alvo nada significará, se não for estudado às minúcias, até que esteja apto a repeti-lo, caso necessário. Você recebeu um dom que levou trinta e poucos anos para se revelar. Mas a tese de que tudo se tenha passado fora de seu âmbito espiritual carece de lógica. É bem mais fácil supor que, por exemplo, quando você pegou a gaita, desencadeou um plano dos irmãos da espiritualidade para salvar o seu avô e provocar em você o interesse pelos fenômenos mediúnicos. Eu conheço um senhor que moureja na seara espírita que se aproximou do kardecismo quando foi capaz de prever um acontecimento que se realizou na frente de várias pessoas. Esse companheiro predisse que um tal veículo, que vinha na direção do grupo, iria desgovernar-se, obrigando a turma a resguardar-se do perigo dentro de um estabelecimento comercial. De fato, o pesado caminhão passou justamente sobre a calçada em que estavam, indo de encontro a um poste da iluminação pública. Hoje esse meu amigo não está fazendo mais previsões, entretanto, é um dos mais eficazes médiuns da casa.

Enquanto ia ouvindo as ponderações de ambos, Belarmino elaborou um plano para esclarecer, na medida do possível, o que lhe havia sucedido. Com muito tato, expôs suas ideias:

— Felício, não vou pedir-lhe para entrar no centro espírita. Já vou levá-lo de volta ao seu carro. Peço-lhe que me perdoe se acompanhar o nosso Lando, no intuito de me assegurar de que não se tratou de mera artimanha dos espíritos, muito embora o resultado tenha sido positivo em relação ao meu avô. Mas não vou abrir mão da explicação que você me deu quanto a ter eu vivido verdadeiro milagre. Para seu sossego, proponho aos dois que marquem um dia conveniente da semana para discutirmos as descobertas que houvermos feito. Agradeço-lhes de antemão, porque tenho a certeza de que a divulgação do que ocorreu comigo não me trará prestígio nem sossego. No primeiro caso, quanto aos

que não acreditarem; no segundo, relativamente aos que passarem a me endeusar. Quem sabe não vamos chegar a um consenso?!

Lando logo aprovou o parecer:

— Excelente deliberação! Estou plenamente de acordo. Contem comigo.

Felício foi mais reticente:

— Vou aceitar com algumas condições. Primeiro, que tais discussões se passem no sagrado ambiente da igreja. Segundo, que não tenham nem dia nem horário fixos, de forma que eu possa ajeitar a agenda. Terceiro, que Milene e José sejam informados de tudo e possam colaborar para o esclarecimento dos fatos. Quarto...

Lando interrompeu a enumeração:

— Percebo que os cuidados sejam de rigor. Mas não posso admitir que, antes que ocorram as apreciações que fomos capazes de aduzir, já nos vejamos cerceados em nossa liberdade. Por favor, Padre Felício, não acrescente mais nenhuma condição ou serei obrigado a concluir que você esteja desejando conduzir a pesquisa segundo certos preconceitos religiosos, o que vocês, sacerdotes, traduzem como sendo dogmas de fé.

Belarmino ia intervir para que não crescessem as divergências de opinião, mas não precisou, uma vez que um rapaz, tendo reconhecido Lando no banco de trás do carro, veio chamá-lo para os trabalhos da tarde. A presença estranha suspendeu a linha dos pensamentos opostos, de forma que rapidamente combinaram telefonar para marcar a próxima reunião.

Felício, ainda atarantado com os efeitos do que considerou milagre e estando meio descontente por Belarmino não acatar-lhe a interpretação, não aceitou ser conduzido de volta, afirmando que lhe faria muito bem a caminhada. Precisava meditar.

Os três que ficaram para trás viram-no seguir de volta, lentamente, com o breviário aberto diante dos olhos.

6. O HOMEM DA PREVISÃO

— Mino, vou deixá-lo em boas mãos. O André aqui é boa gente e vai mostrar-lhe todas as dependências do centro.

Belarmino não fez questão do tratamento íntimo perante o humilde funcionário, entretanto foi este quem protestou:

— Doutor Lando, mais respeito com o Doutor Belarmino.

— Você me conhece?

— Sei onde o senhor mora, porque sou eu quem lhe entrega as pizzas.

— Bem que você estava me parecendo familiar. Mas eu raramente pego as encomendas.

— É o rapaz que pega, quase sempre. O senhor só pegou umas duas ou três vezes.

— Você é empregado da pizzeria?

— Trabalho como avulso. Mas está dando pra viver.

Enquanto falavam, chegaram ao corredor de entrada, onde André apontou para uma saleta de cada lado, uma com estante cheia de livros e outra com simples mesa de escritório e três cadeiras. Ao fundo do corredor, entraram no salão de conferências, onde já se achava Lando providenciando um círculo de cadeiras.

André explicou:

— Daqui a pouco, vão chegar as pessoas interessadas em saber de seus direitos. Muita gente vem receber conselhos do Doutor Lando e de outras pessoas, conforme o caso.

— Você, o que faz?

— Eu faço de tudo um pouco. Quer dizer, eu atendo ao que me pedem, principalmente quando existem pessoas novas, como o senhor, para percorrer as dependências. Também cuido do som e

das luzes, ligando e desligando, conforme a necessidade. De tudo um pouco.

Estavam para sair por uma porta lateral, quando Lando os chamou:

— Esperem aí. Chegou o homem da previsão. Quero apresentar um ao outro.

Realmente, naquele instante adentrava pela porta principal um senhor de tez parda, bigode grisalho, a carapinha cortada rente, lentes grossas de fundo de garrafa, aparência preocupada, presumindo que teria de repetir a tantas vezes contada história do caminhão.

— Doutor Belarmino, este é o nosso querido médium Sebastião, aquele a quem fiz referência.

— Prazer, doutor.

— O prazer é meu. Com que, então, o senhor faz milagres...

Lando saiu em defesa do amigo para o recém-chegado:

— Não dê atenção ao que ele está dizendo. Quando o senhor aprender a conhecê-lo, vai ver que ele não dá ponto sem nó. É advogado como eu e sabe fazer uso das palavras.

Belarmino não se apurou com a reprimenda explícita e emendou:

— Eu ia dizer que o senhor me foi apresentado como uma criatura boníssima, um verdadeiro santo. Ora, santos fazem milagres, portanto, eu me achei no direito de referir-me indiretamente ao famoso caso que me foi relatado.

Foi a vez de Sebastião manifestar-se:

— Não se esquite com isso. Eu estou acostumado a esse tratamento sem cerimônia. Não é o seu caso, mas ainda existe muito preconceito contra os negros. Mas eu fico contente que o senhor já...

Belarmino interrompeu-o:

— Como é que o senhor trata o Lando: conserva o *doutor* ou diz simplesmente *você*?

— O Lando é um velho amigo. Depois, eu tenho idade quase de ser seu avô.

— Meu também. Então me trate como a ele, por favor.

— Tudo bem. Mas eu estava dizendo que sempre fico alegre quando me evitam o trabalho de narrar o que se passou comigo.

Lando chamou André para auxiliá-lo, pondo os outros dois à vontade:

— Sebastião, meu caro, não pense que o senhor se livrou do meu colega. Aliás, eu lhe peço que dedique algum tempo a ele, porque não sabe nada a respeito de mediunidade e irá, com certeza, fazer-lhe inúmeras perguntas. Prepare-se.

Belarmino quis fazer jus à introdução e logo foi perguntando:

— Quando foi que o senhor teve a impressão de que o caminhão iria passar sobre a calçada?

A pergunta levou o interrogado a constatar a verdade do aviso que recebera. Então, presumindo que a coisa iria longe, pegou o advogado pelo braço e, enquanto ia respondendo, levou-o até uma saleta ao lado, onde havia algumas cadeiras.

— Vejo que o seu interesse é grande. Devo dizer que não tive nenhum pressentimento de que poderíamos ser atropelados. Simplesmente, gritei aos companheiros que o caminhão estava desgovernado e corri para dentro da padaria, vindo todo o mundo comigo.

— Que indícios o senhor notou de que o caminhão estava desgovernado?

— Eu não notei nada. Simplesmente me veio à cabeça que deveria avisar os outros e sair correndo.

— Quer dizer que a palavra *desgovernado* que o senhor disse não tinha ainda o dom da verdade?

— Isso mesmo. Foi uma espécie de intuição, porque não tinha visto nada que pudesse despertar-me para a iminência do desastre.

— Foi como se o senhor tivesse recebido uma advertência.

— Não foi bem assim. Não havia tempo para isso. Eu só gritei e corri. Ainda bem que os outros correram também.

— E o caminhão vinha ziguezagueando na rua?

— Vinha vindo normalmente, em baixa velocidade.

— E o motorista, o que disse depois?

— O motorista faleceu no local. A polícia disse que ele não morreu do acidente, mas de um mal-estar ou de um problema no coração. Foi o que li nos jornais, no dia seguinte.

— O seu caso também saiu publicado?

— Saiu, para minha infelicidade, porque todo o mundo passou a olhar para mim de modo diferente, também por causa dos meus amigos, que diziam que eu tinha salvado a vida de todos e que espalharam o fato pelo bairro todo.

— Lando me disse que o senhor procurou o centro espírita depois disso.

— Eu queria saber se existia alguma explicação para o meu caso. Na verdade, eu vim até aqui por recomendação do pai de santo do terreiro que frequentava. Ele achou que era um caso muito complicado. O que me disse é que meu protetor me puxou pelo braço. Mas, quando eu quis saber como é que isso podia acontecer, ele me mandou para cá.

— E aqui o senhor pôde compreender o que se passou?

— Aqui me disseram que não estava na hora de nenhum de nós morrer.

— Isso lhe bastou?

— Você está mesmo interessado em descobrir a verdade. Não tem importância. Eu posso lhe dizer que ainda não aceito essa de estar ou não na hora de morrer. A gente morre e tudo acaba. No entanto, pode ser que isso aconteça antes da hora marcada, porque o que vale é a dificuldade a ser vencida. Muita gente morre atropelada. Quer dizer que era assim que aquela morte deveria acontecer? Eu não acredito. Eu acho que o espírito não é chamado por ninguém. As coisas acontecem e aí as pessoas têm de se

adaptar, têm de se ajustar às novas circunstâncias, como no caso dos que ficam paralíticos, perdem a visão, têm as mãos ou os pés amputados e assim por diante.

— De onde o senhor tirou essa conclusão filosófica, se não foi o que lhes disseram os espíritas?

— Os espíritas não são obrigados a saber tudo. Aprendi com Kardec que os ensinamentos devem vir dos bons espíritos, que foi como ele erigiu a doutrina.

— Então, foram os espíritos...

— Perfeitamente. Assim que me vi neste ambiente de muita paz, logo me puseram entre os médiuns, até saltando algumas lições do curso, porque acharam que eu tinha tido um contato imediato de primeiro grau.

Aquela forma de dizer revelava a um cada vez mais admirado interlocutor que o velho tinha inteligência e cultura para orientá-lo de forma absolutamente íntegra e profunda. Belarmino considerou a oportunidade preciosa, contudo, não atinou como aproveitar-se da experiência alheia de maneira mais profícua. Precisaria dar tempo ao tempo para interiorizar os novos conhecimentos. No meio da enxurrada de questões que se formavam no cérebro, escolheu a que lhe pareceu a mais oportuna:

— E o senhor logo entrou em contato com as entidades do outro lado?

— Os amigos da espiritualidade me honraram desde cedo com comunicações valiosas. Se você quiser saber, outro dia, apareceu-me aqui aquele infausto motorista, confirmando que morreria de ataque cardíaco.

— Como é que o senhor ficou sabendo que era ele mesmo e não outro fazendo-se passar por ele?

— Essa é uma pergunta crucial. Se ele tivesse escolhido outro médium, o doutrinador (o dirigente dos trabalhos junto à mesa mediúcnica) poderia extrair os nomes e os acontecimentos de forma totalmente verossímil, ou seja, colhendo as informações que não

estivessem na memória do intermediário. Comigo as coisas ficaram menos claras quanto à certeza de que se tratava de um desencarnado, porque eu tinha na lembrança nome e sobrenome do motorista e todos os fatos relativos ao acidente. Qualquer pessoa pode duvidar da comunicação. Eu mesmo não tenho plena certeza de que estava incorporando o infeliz. Em todo o caso, posso assegurar-lhe que jamais pretendi realizar um ato contrário à moralidade, agindo deliberadamente para iludir os outros. Na verdade, estaria enganando a mim mesmo. Alguma vez você já não se viu desacreditado em algo que só você presenciou? Pois fique preparado para isso, caso vier a integrar qualquer grupo de médiuns. A sua verdade é só sua; para os outros, as experiências de caráter íntimo só levam crédito quando acompanhadas de comprovação que não deixe dúvida. No campo das informações recebidas mediunicamente, é extremamente difícil de convencer os leigos, a não ser quando se trata de um Chico Xavier, que é capaz de escrever corretamente nomes e de reproduzir fatos que nenhuma pessoa presente conhece, vindo a ser, depois, tudo comprovado.

— Dê um exemplo.

— Poderia dar vários, contudo, você poderá encontrá-los nos muitos livros que falam a respeito da vida e da obra do Chico. Para não ficar devendo-lhe, conto um fato comprovado. Quando o filósofo e escritor Pietro Ubaldi esteve no Brasil, ao encontrar-se com o Chico, recebeu a informação de que uma irmã dele, Maria, estava presente. Pietro recebeu a comunicação e calou-se quanto à veracidade dela. Chegado de volta à Itália, narrou o caso aos familiares, estranhando muito que o médium lhe citara um parente inexistente. Logo foi informado de que ele tivera uma irmã mais velha, falecida antes mesmo dele nascer, chamada Maria. Eis o seu exemplo. Como é que o Chico poderia conhecer o episódio, se o próprio interlocutor desconhecia? Algumas pessoas dizem que os médiuns captam os pensamentos das pessoas. Nesse caso, seria

impossível. Um contato a distância com os parentes vivos seria algo muito mais estranho do que a recepção da informação mediúnica.

Belarmino considerou o exemplo apropriado e não insistiu mais no tema. Contudo, queria dirimir a maior dúvida:

— Senhor Sebastião, como é que o senhor explicaria o dom da bicorporeidade? Parece que existem exemplos comprovados, como no caso de Santo Antônio de Pádua.

— Não sei muito a respeito. Sei o que li em *O Livro dos Médiuns* de Kardec. Repetir o que lá se encontra não me parece adequado, já que você poderá beber diretamente na fonte. Vamos fazer o seguinte, você lê o trecho que vou selecionar e, se tiver algum problema de interpretação, eu gostaria de apreciar o tema em conjunto. Está bem assim?

— Está ótimo.

— Venha comigo.

Atravessaram o salão, que já estava parcialmente tomado, e se dirigiram à saleta da estante repleta de livros, recebendo o velho senhor inúmeras palavras de apreço e saudações, quase não dando para caminhar, tantas foram as mãos estendidas para cumprimentá-lo. Algumas das pessoas, fez questão de apresentar ao advogado, indicando-lhes os cargos na instituição.

Já na pequena biblioteca, Sebastião foi direto à prateleira em que se situava o livro desejado, apanhando-o e abrindo-o como velho conhecedor do texto. Um minuto depois, recolhido à saleta defronte, Belarmino lia o trecho apontado, porta fechada para não ser perturbado. Sebastião fora cuidar de suas tarefas.

Foi assim que o advogado tomou conhecimento da literatura espírita, logo se inteirando do diálogo entre Kardec e o espírito de Santo Afonso de Ligório, em que este respondeu a várias questões relativas à bicorporeidade. Belarmino prestou atenção redobrada quando Kardec afirma, comentando o tema, que o corpo projetado em outra parte não passa de uma aparência, não sendo, portanto, real. Aí a sua própria experiência suscitou-lhe inúmeras questões,

especialmente quanto ao fato de haver conectado o tubo à agulha, de haver tocado a gaita, de haver dado de beber ao avô, de haver tocado e beijado a mãe, sem que ambos sequer desconfiassem de estarem perante uma aparência. O que mais o intrigou naquele instante foi o fato de haver deixado lá a gaita, a sua gaita.

Perdendo-se em conjecturas, resolveu não prosseguir lendo o livro, disposto a levar ao orientador as perguntas que lhe assoberbavam a mente.

Encontrou o velho senhor numa roda de pessoas muito simples, sorrindo meigamente, como a dar força às palavras de benevolência e perdão que dirigia ao grupo.

Belarmino ficou sentado próximo, voltado para os assistidos, sem, todavia, dar mostras de que estaria aguardando a vez. Queria sorver um pouco mais da sabedoria de que se impregnavam as palavras do orador:

— Vocês têm de compreender que a sociedade forma a mente das pessoas de maneira meio inconsciente. A gente, quase instintivamente, vai fazendo as coisas como se elas proviessem da própria natureza. No entanto, apenas repetimos, na maior parte das vezes, as ideias que fomos aprendendo durante toda a vida. Se os patrões são incapazes de ver o sofrimento das famílias dos empregados, vendo apenas diante de si a possibilidade de lucrar em seu negócio, é que foram educados nesse sistema. Eu não estou dizendo que eles estejam agindo certo. Perante o espiritismo, estão totalmente errados. Nem vou defendê-los jamais. O que estou querendo é que vocês entendam que nem tudo se encontra no coração deles. Muitas vezes, eles se surpreendem quando, de repente, se deparam com um caso concreto de doença, de internação e até de crime na família de um dos subordinados. Aí caem do céu, porque lhes parecia que era suficiente pagar em dia o ordenado, cumprimentando na chegada, dando ordens durante o trabalho e despedindo-se na saída. Quem procura aproximar-se dos funcionários pelo menos sabe para que time ele torce. Sendo assim,

não lhes parece mais eficaz uma atitude pacífica, sem provocar uma parede, uma greve que só iria indispor ambos os lados? Para que isso que estou propondo dê certo, é necessário que vocês elaborem um plano bastante humano de apresentação das reivindicações, reproduzindo as contas que vocês fazem para suas casas e o que fariam com o aumento que estão reivindicando, tudo bem comprovado e da maneira mais séria e honesta possível. Para os seus patrões, muito provavelmente, vocês já estão recebendo o suficiente, tanto que alguns possuem carros e nenhum deixou de comprar eletrodomésticos, ainda que poucos residam em casa própria. Em todo o caso, no mínimo, devo recomendar-lhes muita prudência, porque quem vai com muita sede ao pote acaba quebrando-o. Prefiram sempre sensibilizar os donos das empresas e não simplesmente ficar acusando-os de estarem explorando o trabalho dos operários, o que, de resto, muitas vezes, é o que acontece. Não se deixem influenciar pelos profissionais da desordem, para quem colocar fogo em ônibus ou saquear lojas apenas significa poderio dentro da marginalidade, garantia de que vão manter-se como líderes da baderna, que é como acham que estão intimidando o poder público e os empresários, com a remota ideia de um dia mudarem o regime para conseguirem o poder de governar. Não me entendam mal, pensando que estou velho e, por isso, esteja acovardado. Não é essa a origem de minhas reflexões. Eu me inspiro nos princípios do amor ao próximo e nas palavras de Jesus, que, entre outras coisas, abominou os fariseus e os corruptos doutores da lei. Mas não colocou todos eles no mesmo caldeirão de enxofre. Salvou alguns que foram capazes de compreender a aflição das pessoas na qualidade de seres humanos e não simplesmente de cidadãos. Mas eu não quero ir demasiado longe, que a minha função não é a de pregar sermões. Vamos partir para as ações objetivamente, elaborando aquele plano a que me referi. Quem deseja ser o primeiro a informar como é que andam as providências

junto aos diferentes turnos de trabalho? Vocês já caracterizaram os líderes, aqueles que são ouvidos pelos demais?

O diálogo que se estabeleceu a seguir deixou o advogado boquiaberto. Foi estabelecido verdadeiro projeto de abordagem psicológica dos empregadores, onde não faltaram as expressões mais candentes dos revoltosos, sem a ira dos que pudessem desejar subverter a lei e a ordem.

Naquela tarde, Belarmino iria ficar sem as observações relativas ao seu caso, simples problema individual, mesmo porque julgou precipitado realizar as perguntas que imaginara sem romper o pacto que estabelecera com o padre e o amigo.

Não esperou que os trabalhos findassem, despediu-se rapidamente dos amigos recentes, abraçou o antigo e voltou para casa, dispensado de conduzir Lando até o carro.

7. EM CASA

Quando Belarmino chegou, estava à espera dele o cunhado, que logo foi passando a mão nas chaves do carro, aguardando os documentos. De posse deles, saiu, lépido, para sua distração com os amigos.

Belarmino desconfiava de que havia mais do que coleguinhas naqueles encontros, no entanto, somente brincou:

— Não deixe de usar camisinha...

José sorriu, não respondeu e deu a partida, sem magoar os ouvidos do proprietário da viatura.

Lá dentro, diante da televisão, Milene se aborrecia:

— Hoje não tem nada que preste. Nem na TV a cabo. Estou cansada de ver programas de crimes, de bichos e de comida. E futebol... Como é que foi lá no centro?

— Conversei bastante, li um pouco e ouvi uma pregação de caráter subversivo...

— Pensei que tratassem apenas de assuntos espirituais.

— Para dizer a verdade, os dias de sábado, pelo que entendi, é dedicado às pessoas que vão aconselhar-se. O Lando encaminha os assuntos legais. O Sebastião, que você não deve conhecer, estava com um grupo de operários dispostos a tudo para conseguirem aumento de salário, inclusive querendo partir para a greve.

— Aposto que foram avisados de que iriam causar sérios problemas entre os espíritos.

— O que é que você entende disso?

— Entendo um pouco. Não se esqueça de que minha irmã Zenaide faz tempo que frequenta centros espíritas. Se eu deixasse, ela me levaria junto.

— Você viu quando o Felício veio apanhar o carro?

— Não percebi. Se o carro estivesse na garagem, eu seria obrigada a abrir a porta, porque o Zé passou a tarde dormindo. Mas não vi o padre. Por que você perguntou se eu vi?

— À toa. É que ele me deu uma incumbência.

— Que foi?

— Eu tinha um assunto para tratar com ele e ele me recomendou que eu me aconselhasse com você. Aliás, pediu que eu falasse também com o cunhadinho.

— Que pode ser tão importante?

— Eu não disse que é importante. Eu disse que ele me falou para conversarmos a respeito. Aliás, o Lando também se interessou e nós três marcamos para examinar a questão juntos.

— Algum caso para o tribunal...

— De forma alguma, apesar de ter ocorrido quando eu estava ouvindo o promotor, na sessão do júri de ontem.

— Você quer que eu adivinhe do que se trata...

— Você tem três oportunidades.

— Quer saber de uma coisa?! Eu tenho mais que fazer. Vai ficar assistindo algum jogo ou posso desligar o aparelho?

— Eu desligo.

Assim que Milene se retirou, Belarmino suspirou aliviado. Não queria revelar de chofre que lhe acontecera algo tão inusitado. Desconfiava de que a esposa não iria reagir bem. Foi quando atinou que poderia ter trazido o livro que estivera lendo no centro. Por certo, eles lhe emprestariam. Imaginou que poderia voltar para lá com seu corpo desdobrado para trazer o volume que largara sobre a mesa.

Estava cansado. Os membros lassos logo começaram a pesar e ele se acomodou no sofá, aconchegando a cabeça na almofada. Os olhos não quiseram seguir as imagens do vídeo e ele adormeceu em paz consigo mesmo.

Adormeceu e sonhou.

Sonhou que estava na igreja, pregando do púlpito para o povo vestido de macacão. Havia homens e mulheres. Falava a respeito da necessidade de se acreditar na influência dos espíritos sobre a mente humana. Avisava que os procedimentos belicosos iriam prejudicar as negociações com o patrão, com o dedo apontando para o alto, sem dúvida fazendo referência a Deus. Mas não deixava de assinalar a necessidade de melhorar de vida, através de trabalho combativo e enérgico, sem tergiversações e sem procrastinações. Exigia que o povo fosse categórico, expondo com clareza e sobriedade tudo quanto precisava para evoluir. Olhou para o altar, que ficava atrás, desejando explicar que Jesus sempre respeitou o recinto sagrado dos templos, sem jamais, porém, deixar de dizer em toda a extensão o que desejava ensinar, mesmo que fosse em dia de sábado. Repetiu três vezes que o sábado era sagrado e que estava destinado para o descanso, que não poderia servir para os negócios nem para os passeios prolongados. Falava em contar os passos e dispunha que a distância entre o centro e sua casa era o máximo que se permitiria caminhar naquele dia. Quando volveu o olhar para a nave da igreja, havia uns poucos fiéis sentados em dois renques de cadeiras. Os outros haviam desaparecido. Quando ia perguntar aonde haviam ido, pareceu-lhe que o salão se enchia de alarido. Havia alguém que estava cantando e o som da música estrepitosa pareceu-lhe não combinar com o ambiente sagrado. Mas não reclamou, achando muito natural que houvesse bastante alegria no reino do Senhor. As ideias estavam embaralhadas mas não o suficiente para que lhe entrasse consciência adentro o fato de estar ouvindo a transmissão televisiva.

Meio sonolento, desligou o aparelho através do controle remoto e virou-se de lado. Queria imergir de novo naquele sonho maluco.

No entanto, o ambiente do centro espírita pareceu envolver as personagens que subsistiram da visão anterior. Via agora um senhor vestido de longa toga branca, com coroa de louros na cabeça, pele

negra e palmas das mãos pálidas, a exercer seu fascínio sobre o público. Falava que o réu era culpado dos crimes que lhe foram cominados. Apontava o dedo para um assustado Belarmino, pronto para se defender. Na mesa do lado, a figura de Lando assumia a imponência dos juízes togados, com seu poder de decisão. Estava calado. De repente, cortando a peroração do orador, levantou-se e saiu, como se estivesse dando por encerrada a sessão. Todos permaneceram em seus lugares durante um tempo que pareceu bastante longo a Belarmino, tendo a oportunidade de elaborar um plano, para o caso de ser condenado: “Se me quiserem levar à forca, uso meu poder de bicorporeidade e faço enforcar o fantasma com a minha aparência.” Mas o juiz não voltou, as pessoas foram saindo, ficando o negro a falar sozinho uma arenga interminável que não lhe parecia sequer fazer sentido. “Vou embora daqui.” Quando fez menção de se levantar, dois robustos meirinhos, surgidos ele não sabia de onde, obstaram sua passagem, levando-o para os fundos do agora tribunal, onde o encerraram em uma cela junto com outros dois presos. “Quem são vocês?” “Eu me chamo Santo Antônio e este aqui é o Santo Afonso.” “São vocês mesmos ou são apenas as aparências?” “Você pode beliscar a minha mão.” Quando Belarmino foi beliscar, num ápice de tempo, notou que ficara sozinho. “Bem que eu desconfiei que eles vieram apenas para me receptionar. Eu também sou capaz de ir embora.” Entretanto, não conseguiu deslocar-se para outro cenário, acabando por desesperar.

Acordou sendo tocado no ombro pela esposa, que muito se admirava de o marido trazer a novidade da atribulação de um pesadelo.

— Você já está bem? — perguntou-lhe.

Belarmino sentiu-se envergonhado por chamar a atenção de Milene.

— Querida, eu estava fazendo escândalo?

— Você estava gemendo, como se o sufocassem. Que aconteceu lá no centro que você ficou tão impressionado?

Belarmino não estava em condições de entabular uma conversação lúcida, ainda impressionado com as visões do sonho que mantivera integrais na mente. Mas foi capaz de se desvencilhar da questão:

— Lá foi tudo bem. Mas eu preciso refrescar a cabeça. Fique tranquila que já estou bem. Vou passar uma água no rosto. Depois a gente conversa.

Levantou-se e saiu, trancando-se no banheiro.

Ali teve uma inspiração:

“A moderna tecnologia está a serviço da multiplicação das informações. Com certeza, não vou precisar desdobrar-me para buscar o livro. Ele virá até mim!”

Saiu sem fazer alarde, para não chamar a atenção de Milene, e se dirigiu ao quarto do cunhado.

“Vamos ver o que a Internet pode fazer a respeito!”

Em pouco tempo, estava digitando o nome de Kardec na página de busca. Após examinar algumas indicações, topou com o site da Federação Espírita Brasileira, onde as várias obras de Kardec se ofereciam ao *download* gratuito. Mais alguns minutos e *O Livro dos Médiuns* estava guardado em seu arquivo. Imediatamente, imprimiu as páginas que havia lido no centro. Tinha em mente um modo eficaz de dar à esposa conhecimento da sua experiência transcendental.

De posse das folhas impressas, procurou Milene, encontrando-a na cozinha.

— Querida, você está preparando a janta?

— Sobrou muita comida do almoço.

— Congele. Hoje, eu vou encomendar uma pizza.

— Eu acho que o Zé não vem jantar.

— A gente guarda o que sobrar. Você não sabe por que vou dar-lhe esse merecido descanso.

— Imagino que deseje conversar comigo e que a conversa vai ser longa.

— Principalmente por isso. Mas existe mais uma razão: o entregador do restaurante ajuda lá no centro e ficou muito contente em me reconhecer. O nome dele é André e me pareceu bastante inteligente para simples estafeta profissional. Vou ajudá-lo também.

— Que papéis são esses na sua mão?

— Você conhece a história de Santo Antônio de Pádua?

— De Pádua ou de Lisboa?

— É o mesmo. Nasceu em Lisboa e morreu em Pádua.

— Não conheço.

— Não conhece ou quer que eu leia a respeito?

— Sei que é um santo casamenteiro.

— Além desses milagres, que ele vem produzindo depois de morto, você sabe de algum durante a vida dele?

— Nem desconfio.

— Deixe essas coisas aí no *freezer* e venha sentar comigo lá na sala. Chegou a hora das revelações que o Felício me pediu que lhe fizesse.

Em três tempos, trabalhando em conjunto, logo as sobras dos alimentos se empacotaram e guardaram.

Belarmino fez questão de puxar a esposa pela mão. Isso, na sua mente, bastaria para demonstrar o interesse dele em que ela tomasse conhecimento do que ia dizer.

Sentados no sofá, após pigarrear como a preparar a garganta para longa argumentação jurídica, o advogado principiou:

— Estando em Pádua, em lugar público, teve o santo homem uma intuição: o pai estava sendo condenado em Lisboa por um crime que não cometera. Orador emérito, sentiu a necessidade de auxiliar o progenitor, rezando a Jesus que lhe desse meios para realizar, de algum modo, a proeza de evitar que o pior acontecesse, já que a condenação do pai significaria, nada mais, nada menos, do que a pena de morte. Naquele tempo, na Idade Média, não havia aviação, nem telefone, nem Internet...

— Não precisa ser tão didático. Vá logo ao ponto.

— Pois Santo Antônio, que ainda não fora canonizado, evidentemente...

— Eu acho que você está protelando o principal. Deixa ver se eu adivinho: o filho orou com tanto fervor que apareceu um anjo que tirou o cutelo do pescoço do pai...

— É claro que não...

— Então, diga lá o que aconteceu.

— Antes, devo dizer que o milagre é aceito pela igreja, conforme me assegurou Felício.

— Aconteceu o famoso terremoto de Lisboa e o pai se safou...

— O terremoto, se não me falha a memória, é bem recente, comparando com o acontecido com o santo. Por volta de 1755, conforme as aulas de História. Em todo o caso, isso não tem importância, porque não foi o que sucedeu.

— E o que foi que sucedeu?

— Deus concedeu ao frade o dom de estar em dois lugares ao mesmo tempo, tanto que a presença dele foi atestada nas duas cidades. Em Lisboa, ele foi tão veemente na defesa do pai que o libertou das garras da justiça. Está tudo isso registrado nos autos de canonização.

— Quer dizer, querido, que ele era um advogado que atendia a domicílio...

— Você pode achar graça mas eu fiquei tremendamente impressionado com o fenômeno, digo, milagre.

— Espere aí. Se bem me lembro, você me disse que me queria contar algo que ocorreu no tribunal. Agora você está me deixando curiosa.

— Não se esqueça de que eu vou dizer exatamente o que Felício me obrigou a contar.

— Você está querendo que eu acredite e que não duvide de nada?

— Exatamente.

— Desde que você argumente bem, como verdadeiro causídico que é...

— Vou contar-lhe do mesmo modo que fiz para Felício e Lando acreditarem em mim.

— Então, conte.

— Eu estava no tribunal e, ao mesmo tempo, me vi cuidando do meu avô Lupércio, em São Paulo.

— Não acredito...

— Espere até eu contar tudo.

— Você está querendo dizer que Deus lhe deu o dom da ubiquidade?

— Da ubiquidade, não; da bicorporeidade.

— Qual é a diferença?

— Já explico: a ubiquidade me daria a capacidade de me deslocar para muitos lugares; a bicorporeidade constitui uma espécie mais simples de ubiquidade, ou seja, é um fenômeno que ocorre apenas em relação a dois lugares. Você sabia que Santo Afonso também se manifestou em dois lugares diferentes, ao mesmo tempo?

— Eu quero saber o que Santo Belarmino foi fazer em São Paulo.

— Eu sabia que você não iria acreditar. Espere mais um pouco, até ouvir o que eu tenho ainda para dizer. Enquanto isso, fique sabendo que São Roberto Belarmino foi o homem mais sábio do seu tempo, embora não se multiplicasse no espaço.

— Sou toda ouvidos...

— Eu, ou o meu fantasma, ainda não sei, fui salvar meu avô, porque estava jorrando sangue de sua veia, já que o tubo do soro se havia soltado.

— Não era mais fácil chamar uma pessoa mais perto?

— Ele está sozinho num quarto de hospital. Aliás, sabe que nem sei que hospital é?

— Ele viu você lá?

— Ele acabou acordando e, vendo que eu estava com a gaitinha que me deu, pediu que a tocasse, chegando a sussurrar o *Oh! Susana!*

— Será que ele vai ser capaz de testemunhar que era você mesmo quem estava lá? Doente, pode parecer uma alucinação.

— O sangue formou uma poça no chão. Minha mãe me achou lá e nós trocamos umas palavras. Mas, antes que você imagine um complô nosso para enganar os trouxas, devo dizer que a minha gaita ficou lá, conforme ela mesma me confirmou por telefone.

Milene embasbacou. Vinha achando graça na maneira pela qual o marido contornara as dificuldades, mas se surpreendeu com a coerência do relato, principalmente porque ele realizara aquela introdução de caráter religioso.

Vendo o embaraço da mulher, Belarmino aproveitou para expor o ponto de vista que lera em Kardec:

— Agora você está entendendo por que desejei envolver Lando na conversa? É que suspeitei de que o espiritismo teria uma explicação mais próxima da realidade para o que aconteceu comigo. Estes papéis representam o comentário que Kardec fez a respeito dos casos de Santo Antônio e de Santo Afonso. Depois eu passo para você ler. Em suma, ele diz ser possível à pessoa aparecer em outro lugar como uma espécie de visão, nada de concreto, algo para causar uma ilusão de presença, porém, com capacidade para falar e ser ouvido. Trata-se de uma aparência com certa tangibilidade, a que ele chama de *agênere*. Vou reproduzir a explicação que se encontra no item de número cento e vinte e cinco: *“é uma variedade da aparição tangível. É o estado de certos Espíritos que podem revestir momentaneamente as formas de uma pessoa viva, ao ponto de causar completa ilusão.”*

— Felício concordou com essa definição?

— Ainda não mostrei a ele.

— Então, não vamos precipitar conclusões. Vamos esperar por uma palavra oficial.

— Por que você não liga para Zenaide. Quem sabe ela lhe dê alguma orientação mais específica, conquanto não represente uma opinião “oficial”.

— Deixe-me ver se entendi: você estava no tribunal e foi salvar seu avô, para quem tocou a gaita, que ficou lá no hospital.

— Esqueci de dizer que a gaita ficou sobre o criado-mudo, quando ergui a cabeça do velho para dar-lhe de beber.

— É muito para minha cabeça.

— E para a minha? Como é que você acha que estou me sentindo desde ontem?

— Por isso é que você estava com pesadelos.

— Se eu lhe contasse o meu sonho...

— Chega de revelações. Eu até que compreendo por que você não estava querendo me falar a respeito.

— Só falei agora, sem nenhuma explicação plausível ou “oficial”, porque Felício condicionou a sua participação na descoberta de como se deu o fenômeno a que vocês dois se inteirassem dos fatos.

— O entregador de pizzas está sabendo de tudo?

— Só você, Felício e Lando. Mais ninguém.

— E seu avô e sua mãe?

— Não sabem que eu estava no tribunal. Pensam que me viram em carne e osso.

— Vamos esperar que Felício nos oriente.

— Ou Lando...

— Não está na hora de encomendar a pizza?

8. FLASHS DO DOMINGO

Milene acordou às seis. Deliberara que telefonaria para a sogra. Queria pôr algumas coisas em pratos limpos, antes que o marido levantasse. Aos domingos, a “secretária do lar” estava dispensada, de sorte que cabia à dona da casa o trabalho doméstico, especialmente as providências relativas ao almoço. Foi com que se ocupou até às sete e pouco, quando calculou que Dona Rafaela estaria de volta da missa, já que preferia a menos concorrida da manhã, ela e as paroquianas mais idosas. Discou.

— Pronto!

— Dona Rafaela, Milene.

— Querida, como vai?

— Tudo bem aqui em casa. E o ‘vô Lupércio, como está passando?

— Agora está bem melhor, depois que o Mino salvou a vida dele. Sabe que os médicos e as enfermeiras disseram que, mais um pouco, e o meu pai teria morrido, com todo aquele sangue que estava vazando?!

Era tudo que Milene queria saber. Então, tentou esquivar-se de uma conversa mais longa:

— Eu fico muito contente que ele esteja bom. Seu filho me contou que esteve aí na sexta à tarde.

— Visita misteriosa. Até agora não entendi certas coisas. Como é que ele passou pela portaria antes do horário das visitas? Eu estava lá esperando que abrissem as portas, com a senha na mão, porque eles permitem um visitante de cada vez e quando chego ao quarto, às três horas e pouquinho, lá estava ele me pedindo para chamar as enfermeiras. Apesar de todo o sangue perdido, meu pai estava até melhor e me contou que o Belarmino tocou gaita para ele.

— Ele me disse o que aconteceu muito pelo alto. Eu também não entendi a razão de ele ter ido ao Rio, quando deveria atuar no tribunal do júri. A senhora já foi à missa?

— Acabei de chegar.

— Pois eu vou pegar a missa das oito, isso se o seu filho acordar, porque ontem foi dormir muito tarde, aliás, hoje, porque passava das duas. Estimo que o seu pai tenha reagido. Quando vai receber alta?

Fez a pergunta para demonstrar interesse. Precisou ouvir a resposta:

— Quando era solteiro, ele costumava ir à missa das onze, quando não precisava ir à catedral para a do meio-dia, que só lá é que tem. É que ia jogar bola no sábado à tarde e voltava morrendo de cansaço.

Milene se lembrou da manhã de sábado no clube, mas preferiu não estender ainda mais o assunto. Enquanto isso, Rafaela prosseguia:

— O doutor disse que, à vista das condições atuais, amanhã ou, no máximo, terça-feira, meu pai volta pra casa. Ele não para de falar no neto querido. Sabe que a gaita que ele lhe deu ficou aqui? Pois isso deixou meu pai muito contente, por saber que um presentinho dele era tão querido. Até parece que o Mino fez de propósito trazer-lhe esse conforto. Ele disse que tocaram e cantaram a única música que lhe ensinou. Seu marido falou a respeito?

— Ele me disse tudo. Agora vou precisar desligar. Me perdoe. Amanhã cedo eu ligo de novo pra saber como é que o sogrinho está, já que o sogrão deve estar vendendo saúde.

— O Eduardo está bem. Mas está uma fera com o filho, porque queria ter tido uma conversa com ele e ele não apareceu em casa. Diga pra ele que vou dar um puxão de orelhas quando nos virmos de novo.

— Está bem. Um abraço a todos e um beijo em seu coração.

— Tchau, filha!

Milene havia tido o cuidado de conversar de frente para a porta, para vigiar a chegada do marido. De fato, nem bem desligou, ele apareceu:

— Já desde cedo matraqueando? Com quem?

— Com a sua mãe. Liguei pra saber como o seu avô está. Você não me disse se ligou ontem.

— Ontem teria sido impossível. A minha cabeça estava a mil. E minha mãe confirmou que eu estive lá?

— Confirmou e mandou dizer que seu pai está bravo com você.

— Deixe o velho comigo. Como está o “Seu” Lupércio?

— Vai receber alta em breve.

— Ótimo!

— Dona Rafaela queria saber como é que você acabou entrando antes do horário das visitas.

— Isso ainda vai dar muito pano pra mangas. A que missa você está querendo ir?

— À das oito.

— Está querendo fugir do sermão do Felício?

— Estou é querendo evitar alguma confusão, se ele quiser conversar com a gente a respeito do seu caso.

— Para mim, tanto faz.

— Então se arrume logo. Eu estou quase pronta.

— Vamos com o meu ou com o seu?

— Vamos com o seu. Assim você dirige.

— Tenho de correr, senão não vai dar tempo. Ainda tenho de fazer a barba e tomar banho. Mas tudo bem. Se eu me atrasar, a gente enfrenta o sermão do nosso comensal.

Enquanto escanhoava a face, Belarmino se recordava de todos os passos que dera desde sexta-feira. Estava terminando, quando se surpreendeu com uma dúvida:

“Pelos meus cálculos, ontem Milene deveria estar em dia fértil e eu não usei camisinha. Será que ela se esqueceu ou, finalmente, está dando permissão para mais uma pessoinha na casa? São tantas as novidades destes últimos dias que mais essa não vai pesar na conta.”

Imaginou se seria conveniente ou não fazer referência ao fato, concluindo que pôr as coisas às claras deveria ser a melhor política.

Já no carro, ambos exalando suaves perfumes, Belarmino quebrou o silêncio:

— Querida, você percebeu que corremos o risco de engravidar?

— Por quê? Você fez os cálculos?

— contei nos dedos.

— Eu também.

— Que gostoso! Será que vamos romper a ideia de que os filhos são o trambolho dos pais?

— E seriam mesmo, por algum tempo. Agora um filho lhe daria mais no que pensar.

— Não me diga que você fez de propósito para me amarrar em casa, com medo de que eu me desdobrasse por aí...

— Vamos dizer que eu esteja cansada de cuidar de um marmanjão como o Zé. Daqui a pouco, em lugar de mãe, vou acabar avó de meu filho.

— Não é para tanto. Você bem sabe que, por mim, nós teríamos partido para esta há algum tempo.

— Vamos deixar as coisas nas mãos de Deus. Você está falando como se nós já estivéssemos grávidos...

Belarmino se surpreendeu pensando em que Deus não teria muito que ver com aquilo, estranhando sobretudo que tal ideia lhe ocorresse. Mas considerou a possibilidade de estar trocando o que sempre conheceu como milagre pela nova concepção de simples fenômeno natural.

Chegaram quando o povo saía da missa das sete. Cumprimentaram alguns conhecidos e aguardaram um pouco, sendo dos primeiros a tomarem assento na nave, tendo escolhido um banco na frente, já com a intenção de não ficarem muito próximos dos alto-falantes, embora dali pudessem avistar o orador no púlpito. Era o que mais entusiasmava ao advogado: a palavra livre de embaraços dos padres ao pregarem os sermões, fundamentados nos evangelhos.

Para Milene, aquele momento que antecedia o início do culto era sagrado, pois aproveitava para orar ajoelhada, enquanto o marido passeava os olhos curiosos pelas paredes decoradas e pelas pessoas, conforme iam chegando. Dois mundos de reflexões tão diferentes quanto os atributos intelectuais do casal. Era no que se ia concentrando Belarmino, ajuizando a atitude da esposa, que abandonara a carreira de professora secundária, onde lecionara Geografia, desde quando o jovem causídico passara a ganhar o suficiente para as despesas do obrigatório e do supérfluo.

Mas não foi muito longe, porque entrou o oficiante precedido por dois coroinhas, levantando-se os fiéis. Foi quando deram com Felício paramentado para a cerimônia litúrgica.

Dado o murmurinho natural, Belarmino sussurrou ao pé do ouvido de Milene:

- Ele não reza a missa das seis e depois a das dez?
- Ele não disse nada ontem. Acho que mudaram a escala.

la Belarmino duvidar, mas resolveu engolir a observação, deixando para depois descobrir qual o interesse da esposa em ouvir o sermão de Felício, já que não atinava com outro motivo para a escolha daquele horário.

Enquanto a liturgia avançava, Belarmino notou que não punha atenção na cerimônia como ato religioso de respeito a Deus, passando a interessar-se pela gesticulação e pela entonação hierática do sacerdote. Não se entrosava no texto, mesmo que recitasse as respostas e participasse dos cânticos. Imaginou-se nas

catacumbas romanas, quando se davam as primeiras concentrações dos cristãos perseguidos.

De repente, estava ouvindo a voz de Felício pronunciar o texto do Evangelho relativo àquele dia. Preparava-se o momento do sermão.

Lá do alto do púlpito, Felício reconheceu o casal, sorrindo especialmente para ambos, como também prestava semelhante deferência a outros conhecidos.

Felício principiou esclarecendo que o padre responsável pelo horário adoecera, tendo sido internado. Dedicava aquela missa ao pronto restabelecimento do companheiro. Rezassem por ele.

Quanto bastou para desencadear na memória do advogado sua viagem espiritual da sexta-feira. Recordou-se da explicação de Lando, quanto a repetir a experiência *sponte propria*, e passou a concentrar-se nisso, desejoso de comparecer ao quarto em que se tratava do enfermo. Perdeu-se inteiramente nesses pensamentos, desligando-se das palavras do orador sacro. Ciente de que ninguém estava prestando atenção nele, fechou os olhos, colocou a mão direita no bolso para segurar o chaveiro, intuindo que precisava daquele estímulo para reproduzir o fenômeno. O máximo que conseguiu foi desenhar na mente o quadro possível de uma pessoa em leito de hospital, com alguns fios e tubos ligados ao corpo, luzes piscando nos aparelhos, uma parede branca, a janela semicerrada a clarear parcialmente o ambiente. Colocou ali a eficácia do desempenho de uma enfermeira de branco e fez ouvir o respirar oprimido do paciente, mais os cochichos no corredor de três pessoas aflitas.

Súbito, a voz do alto-falante mencionou um nome que entrara para seu cabedal nos últimos dias:

— Santo Afonso Maria de Liguori, que viveu de 1696 a 1787, entrou em êxtase, em Arienzo, permanecendo vinte e quatro horas imóvel, quando da agonia e morte do Papa Clemente XIV, no Vaticano. O fato ocorreu do dia 21 para 22 de setembro de 1774,

portanto, quando o santo estava com oitenta anos de idade. E qual foi o milagre? Pois bem, inúmeras pessoas testemunharam que ele compareceu para assistir o papa em seus derradeiros instantes de vida, lá no Vaticano, o que, inclusive, conforme consta do processo de beatificação, provocou sua canonização antes do tempo. Se alguém tiver um parente, amigo ou conhecido que tenha praticado milagre semelhante, vá à sacristia depois da missa, porque é preciso que o mundo conheça outras criaturas abençoadas, já que o materialismo está dominando a civilização atual...

Belarmino sentiu-se atordoar e só não resvalou para o chão porque Milene o amparou.

Do púlpito, Felício, que mantinha o casal em seu campo de visão, percebeu o delíquio do amigo, suspendendo a peroração, sem dar mostras, contudo, de que algo o preocupava. Ao contrário, passou aos fiéis, através da fisionomia interrogativa, a ideia de que estava aguardando uma reação positiva às suas palavras. Ao notar que Belarmino se recompunha, encerrou o sermão e desceu do púlpito.

Os ritos finais da cerimônia foram acompanhados mecanicamente pelo casal, que permaneceria mais alguns minutos, enquanto a nave se esvaziava. Precisavam ter a certeza de que tudo voltara ao normal.

Foi quando Belarmino propôs à esposa:

— Querida, o convite de Felício não foi dirigido a nós. Ao contrário, caso nos apresentemos a ele, podemos despertar a curiosidade das pessoas. O melhor é irmos para casa, sem cumprimentá-lo.

— Você é quem sabe, querido. No entanto, eu não compartilho dos seus temores.

— Vá por mim. Eu acho melhor não dar chance pro azar.

Sem dar oportunidade a Milene de responder, Belarmino levantou-se, apanhando-a pelo braço, quase forçando-a a caminhar

lateralmente, até saírem para o corredor central. Ali ajoelharam-se, persignaram-se e voltaram as costas para o altar, deixando a igreja.

No pátio, poucos automóveis, que o povo já se havia retirado. Mas outros estavam chegando para a missa seguinte.

Quando estavam acomodados, com os cintos de segurança postos, o motor ligado, estacionou ao seu lado o carro de Milene, com José ao volante.

No banco ao lado do motorista, uma garota; no de trás, um casal de meia idade.

Nem bem parou o carro, José fez sinal para que o cunhado esperasse por ele. Precisavam conversar.

Aí o jovem deu a volta pela frente, abriu a porta, dando o braço para a mocinha descer, e inclinou o banco, favorecendo a saída do senhor, que, por sua vez, auxiliou a mulher.

Milene foi mais rápida que o marido a deixar o veículo. Logo estava sendo apresentada aos recém-chegados:

— Esta é Janira, minha colega de classe, e estes são os pais dela: Janice e Ramiro. Minha irmã, Professora Milene, e meu cunhado, Doutor Belarmino.

Deu-se, então, uma troca de prazeres.

José emendou às apresentações:

— Vim com a ideia de que iria apanhá-los aqui. Ainda bem que não nos desencontramos. Quero trocar os documentos dos carros. Ontem eu fiquei com o seu, pensando que iria usar de novo o seu carro.

Belarmino só então atinou que não se havia lembrado disso. Milene procurou na bolsa o documento do carro dela e entregou-o ao irmão, que logo foi acrescentando:

— A Dona Janice me convidou para almoçar, portanto, não me esperem.

Deu-se, então, uma troca de despedidas, saindo José de mão dada com Janira, atrás dos pais dela de braços dados.

No caminho de volta, Milene expressou sua preocupação:

— O Zé está bem arranjado com uma namorada no ano em que vai prestar vestibular. Você viu o jeito dele? Estava nas nuvens. E eu, nos últimos dias, não percebi nada de diferente nele.

— Ele tem cuidado bastante bem da aparência. Está sempre barbeado; a roupa é a melhor que tem; o perfume é o meu...

— Era o seu. Ele me pediu e eu dei a ele o vidro de reserva. Você vai ter de comprar outro. Aliás, pode deixar que eu compro.

— Compre logo três ou quatro.

— Pode esperar que, domingo que vem, ele traz a tropa para almoçar em casa.

— “Tropa”, querida, tem sentido pejorativo. Será que você já está indispondo-se contra a família de meu cunhadinho?...

— Foi sem querer. O que está me perturbando é esse namoro fora de hora.

— Depois a gente tira tudo a limpo. José é muito ajuizado e deve estar usando camisinha, como eu sugeri.

Milene sentiu a provocação e calou-se. Não queria estimular aquele tipo de conversa, ainda mais porque ela mesma havia “esquecido” de pedir ao marido que utilizasse o preservativo.

Percebendo que avançara o sinal, Belarmino propôs:

— Vamos almoçar em algum restaurante fino e caro, para comemorarmos o meu desdobrimento?

— Eu acho que você está ficando “inchado”, porque aconteceu com você uma coisa que até o Felício apontou na missa. Não seria melhor encarar o fato com mais seriedade?

— Por quê? Se, como tudo indica, eu salvei meu avô e realizei uma proeza digna dos santos, só posso estar eufórico.

— Espero que tenha agradecido a Deus...

— Trago comigo um sentimento perene de gratidão. Deixe comigo.

Belarmino acionou o controle remoto do portão e logo estavam estacionando o carro na garagem.

— Vamos ou não vamos almoçar fora?

— Prefiro ficar em casa, mesmo porque temos todas as sobras do almoço de ontem e alguns pedaços de pizza da janta. Por falar nisso, que foi que você conversou com o entregador? Quando entrou, a pizza já estava fria.

— Nós falamos a respeito dos horários do centro. Eu tomei nota de todas as atividades. Mas não demoramos tanto assim, porque eu achei que estava atrapalhando o serviço dele. E a pizza não esfriou, absolutamente.

— Quando José pega, ela chega mais quente.

— Eu acho que o Zé vai pegar as encomendas bem poucas vezes, agora que ele está jantando fora...

— Quer saber de uma coisa? Querido, aceito o seu convite. A comida de ontem que fique para amanhã. A Honorina é que vai gostar, porque não vai precisar fazer o almoço. Só que eu não estou preparada para ir a um lugar “chique”. Você não se importa de ver um jogo de futebol na televisão?

— Pode deixar que eu tenho como passar o tempo.

Enquanto Milene se dirigiu ao quarto do casal, Belarmino foi em busca do computador do cunhado. Foi abrir o site da Federação Espírita Brasileira.

Ali ficaria cerca de meia hora, percebendo que o trabalho que tivera de imprimir algumas páginas o enganara quanto a imprimir o todo, já que havia várias obras com mais de quatrocentas páginas. Resolveu que era bem melhor obter os volumes no centro espírita, para o que consultou os horários que assinalara, constatando que a casa estava aberta naquele momento.

Sem avisar Milene, saiu rapidamente e, menos de cinco minutos depois, estava sendo recebido por André, que lhe vendeu os cinco volumes da codificação e outros dois de Kardec: *O que é o Espiritismo?* e *Obras Póstumas*.

Mais cinco minutos e estava de volta à casa, sem que Milene tivesse dado pela sua falta.

Acomodou seis das sete obras na estante do escritório, abrindo *O Livro dos Espíritos*, interessado em ler desde a introdução.

Kardec desenvolvia uma série de raciocínios em função de refutar argumentos contrários às teses da doutrina que esposava, de forma que pôde o advogado distrair-se com algo de seu maior interesse.

Quando Milene surgiu na porta, toda *produzida* para o almoço, ele nem ergueu os olhos, dando a ela tempo de verificar que estava absorto em um livro que ela não tinha visto por ali.

Sem se constranger por interrompê-lo, Milene observou:

— Vejo que você está embrenhando-se nas selvas dessa literatura condenada pela igreja. Por que você me escondeu esse livro?

— Eu não escondi, tanto que os outros estão bem à mostra — disse, apontando para os demais.

— É a primeira vez que eu os estou vendo.

— É que fui buscá-los agorinha mesmo.

— Desdobrou-se, naturalmente...

— Claro! Que outro meio teria para ir e vir, sem que você notasse?

— Deixe de brincadeira. Como é que você conseguiu esses livros?

— Você não viu, mas eu saí e voltei, em menos de quinze minutos. Acho que você devia estar sob o chuveiro.

— E não me avisou... E se acontecesse alguma coisa?

— Não aconteceu. Não vamos...

— Realmente, não vamos...

— Claro que vamos almoçar fora.

— Não vamos discutir, querido, por tão pouco. Você estava tão entretido que nem notou que me arrumei toda.

— Você está um pedaço de mau caminho...

— Não tem nada mais original pra dizer?

— Você é o espírito de luz de minha vida.

— Sou mesmo. Mas preferia que você dissesse que sou seu anjo da guarda.

— É a mesma coisa.

— Você leu tão pouco e já acredita saber tanto?!...

— Espírito das trevas, ouvimos Felício dizer a todo momento. Logo, espírito de luz deve ser o contrário.

— A que horas vamos sair?

— Você está pronta ou ainda tem de fazer mais alguma coisa?

— Estou esperando por você.

— Eu estou bem assim. É só apertar o nó da gravata e pôr o paletó. Que você acha?

— Para quem foi à casa de Deus com essa roupa, ir a qualquer restaurante...

— Quer que eu ponha o terno do casamento?

— Se você couber nele.

— Acho melhor ir como estou. Você escolhe o restaurante? Que tal aquele que tem mesas em saletas resguardadas?

— Ligue para reservar.

— Bem lembrado.

Dez minutos depois, estavam deixando o lar, doce lar, para sua festa gastronômica.

No restaurante, foram acolhidos pelo *maître*, que os encaminhou para uma sala particular, onde foram deixados aos cuidados do copeiro e do garçom.

Com a carta de vinhos, Belarmino selecionou duas garrafas de borgonha, tinto e branco, solicitando que ficasse no gelo outra de champanhe *demi-sec*. A escolha dos pratos deixou por conta de Milene, que, por sua vez, aceitou a sugestão do *chef de cuisine*, que recomendou, como entrada, coquetel de camarões, em seguida, creme de aspargos e, finalmente, guisado de carneiro com trufas.

No instante seguinte, viram-se a sós. Milene estava deslumbrante com sua maquiagem discreta, ostentando os brincos de esmeralda que Belarmino lhe dera no último aniversário. Este

enteneceu-se, mimando a ideia da gravidez. Estendeu o braço sobre a mesa e ambos se deram as mãos, olhando-se nos olhos, cada qual transportando-se para a época do namoro e do noivado.

— Querida, vamos esquecer tudo o que nos tem acontecido nestes quatro anos de casamento. Ultimamente, eu venho causando-lhe séria preocupação com o fato de haver sucedido comigo algo que absolutamente não procurei. Espero que não se repita jamais. Eu venho-me sentindo deslocado em nosso relacionamento. É como se o dinheiro que tenho levado para casa não me satisfaça mais, porque fico pensando em que a origem dele não é a mais honesta, dado que os clientes da firma só nos procuram quando se sentem com a liberdade ameaçada. Eu sei que desempenho bem a contento a minha profissão, por isso, o meu salário é justo. Mas será que estou prestando um serviço à sociedade ou estou contribuindo para espoliá-la?

— Você quer que eu responda?

E Milene apertava os dedos do marido.

— Quero, para não ter a impressão de que estou falando sozinho.

— Pois você não deve aborrecer-se com essas coisas. A nossa religião pode oferecer-lhe a garantia da melhor orientação espiritual. Esses problemas você tem levado ao confessor?

— Sim.

— Então, os sacerdotes devem estar perdoando-o em nome de Deus. Talvez você não sinta que está levando em conta o fato de ter de se arrepender. Mas, eu não creio que exercer o ofício de advogado seja um crime perante as leis da igreja ou as leis de Deus. Sempre haverá o recurso do raciocínio de que, se você não proceder à defesa, o próprio juiz designará um advogado para o réu.

— É por isso que eu gosto de ouvir as suas ponderações.

Nesse momento, foi servida uma bandeja de canapés variados, bem como foram enchidos os copos com água.

Ambos escolheram dois ou três aperitivos e voltaram ao tema de que vinham tratando.

Belarmino continuou:

— Eu preciso que você acompanhe as minhas leituras, se não for pedir-lhe muito. Tenha a certeza de que, se Felício nos proibir, não serei eu quem irá obrigá-la, muito embora eu não veja pecado algum em apenas ler as discussões filosóficas e científicas de uma doutrina do século dezenove.

Milene apressou-se em considerar:

— Eu também não vou indispor-me com você apenas por ler. Mas é preciso ter cuidado para não se deixar envolver por argumentos contrários à crença que nos tem sustentado moralmente. Eu acho que todas as pessoas que seguem direito o catolicismo, só praticando o bem, não têm o que temer na vida.

— Foi por isso que fiz questão de consultar Felício a respeito do que aconteceu comigo. E ele levou o caso tão a sério que, como você mesma viu, me deu uma resposta positiva lá do alto do púlpito.

Nisso chegaram os coquetéis de camarões e, com eles, o vinho branco, que foi servido nas taças próprias.

Belarmino fez questão de brindar à felicidade de Milene:

— Bebo à concepção de nosso filho, que será o complemento de nossa vida, para a felicidade da futura mamãe.

— Se Deus quiser, querido, o que será a felicidade do futuro papai.

A partir daí até o final do almoço a conversa se limitou a alguns comentários a respeito dos diferentes temperos e molhos de cada prato. Não pouparam elogios, degustando boa parte de tudo quanto lhes foi servido. Somente quando estavam apreciando o vinho tinto com o guisado de carneiro é que Belarmino teve uma certa descaída no campo da euforia com que vinha comendo, achando que o consumo da vianda não estava muito correta, tanto quanto a remuneração do ofício lhe havia causado algum constrangimento. Atribuiu a sensação desagradável ao fato de estar no quarto ou

quinto copo de vinho. No entanto, não tocou mais no acepipe, limitando-se a acabar com as trufas, que acompanhou com uma fatia de pão italiano.

Terminada a refeição, após um intervalo de dez minutos, aproximadamente, em que Belarmino e Milene se restringiram a afagar-se as mãos, ofereceu-se o *maître* para servir o champanhe, fazendo entrar o carrinho das sobremesas, para que escolhessem a guloseima que mais lhes apetecesse.

Impossível resistir ao colorido e à variedade dos doces, de forma que cada qual escolheu três, dentre os menores.

Com maestria profissional, o *maître* decepou o gargalo da garrafa, jorrando um pouco do espumante, até depositar meia taça para cada um. Desejando feliz consumação, o imponente senhor desapareceu, não sem antes solicitar permissão para enviar a conta.

As delícias finais da lauta refeição provocaram exclamações e saborosas promessas de que deveriam repetir outras vezes aquela visita.

Como se estivessem sendo observados, assim que esvaziaram a garrafa, apareceu um jovenzinho com a nota de despesas, para cujo pagamento Belarmino escolheu um de seus cartões de crédito. O rapaz, solicitando que aguardassem um instante, saiu, sem levar o documento, retornando em seguida com o aparelho de registro correspondente à empresa, o qual conectou nos discretos terminais na parede do fundo, ao lado da mesa que comportara a baixela. O recibo expedido eletronicamente foi logo assinado pelo cliente, quitando, por conseguinte, a conta, que, por sinal, era bem elevada em cotejo com a modesta quantia gasta com a pizza da noite anterior.

Marido e mulher trocaram olhares expressivos, não resistindo Belarmino a afirmar:

— Que se apresentem tantos clientes quanto estas oportunidades de gozo da fortuna de viver regaladamente, ainda que tragam seu dinheiro sujo, lavado nos paraísos fiscais.

Tinha a cabeça a girar, deliciosamente, preocupado em seguir a esposa, que lhe pedira para esperar por ela no corredor, dado que precisava ir à toalete.

Ali, sozinho, não conseguia organizar direito os pensamentos, trauteando com os dedos sobre o balcão, acompanhando o ritmo de um bolero cujas ondas sonoras provinham do salão coletivo. Notou que o compasso não satisfazia as premissas musicais, percebendo que não estava em condições de elaborar pensamento organizado e justo. Reconheceu-se ligeiramente alcoolizado.

Quando Milene regressou, vinha com a maquiagem recomposta e os olhos brilhando.

Belarmino sussurrou-lhe:

— Você está em condições de dirigir?

— Tanto quanto você, querido.

— Vamos ver o que acontece. Se não der, chamamos dois táxis, um para ceder o *chauffeur*...

— De onde você extraiu essa velharia?

— Chofer para você, minha cara. Acho que estou bêbado.

— Deve estar, porque quer dois táxis.

Estavam já na porta da frente, onde os recebeu o mesmo prestimoso empregado do estabelecimento, agradecendo muito a presença deles, explicando ao interlocutor:

— Doutor, o senhor será conduzido por um motorista da casa, sem ônus adicional. É mais um serviço que pomos à sua disposição. Muito obrigado.

Ele mesmo abriu a porta do veículo, indicando a ambos que tomassem o assento traseiro. O motorista que lhes trouxera o carro solicitou o endereço e partiu de forma segura e confiante, rumo ao destino assinalado.

Belarmino recostou a cabeça no ombro de Milene, pesada cabeça, e logo estava entregue a Morfeu.

Cinco minutos mais tarde, soa o telefone celular que Milene guardara na bolsa. Foi ela quem atendeu:

— Pronto!

— Querida, uma tragédia. Seu sogro faleceu.

— Quem está na linha?

— Fernando. Meu irmão está por perto?

Nessa altura, Belarmino já estava percebendo na fisionomia da esposa que algo de mau estava sendo anunciado.

— Como foi?

— Uma síncope fulminante. Todos aqui estão atarantados.

— Quando foi isso?

Milene poupava o marido, postergando a notícia, o que só o estava afligindo mais.

— Faz umas duas horas. Corremos com ele para o hospital, mas nada puderam fazer. Estou avisando para que vocês venham confortar minha mãe, que está muito abalada.

— Como você está?

— Estou procurando encarar as coisas com naturalidade, mas está sendo difícil, já que tudo foi tão de repente. O Mino está por aí?

— Espere um instante.

— Querida, que aconteceu?

— Seu pai...

— Faleceu?

— Sim.

A cabeça do rapaz como que levou um choque. Os eflúvios alcoólicos como que desapareceram. Ele acordava meio tonto para a realidade trágica.

— Quem está na linha?

— Seu irmão.

Milene deu-lhe o aparelho.

— Alô, Fernando, Milene está dizendo que nosso pai morreu?!...

Seguiu-se uma curta conversa ao cabo da qual Belarmino prometia seguir para o Rio ainda naquela tarde. Era o tempo de chegar a casa, apanhar algumas coisas e seguir para o aeroporto.

Milene enxugava algumas lágrimas emotivas, diante da aflição em que via o marido. Tinha ela boas recordações do sogro, dos tempos de solteira, quando se via estimada e prestigiada na condição de professora. Recordava-se das duas viagens ao Rio e das efusivas recepções que o senhor lhes propiciara.

Nesse meio tempo, chegaram, tendo o motorista feito questão de acionar o portão eletrônico e de estacionar o carro na garagem, que se encontrava vazia.

— A senhora deseja que eu providencie alguma coisa? — ofereceu-se solícito.

— Muito obrigado. Pode deixar que vou chamar uns amigos. Como é que você vai voltar?

Nem bem perguntou e logo percebeu que havia um motoqueiro à espera.

— Não se preocupe comigo. Aceite minhas condolências.

Milene fez menção de abrir a bolsa, mas o outro, garantindo que tudo estava acertado, saiu e subiu na garupa do outro, ouvindo-se o ronco forte do motor que acelerava.

Belarmino estava sentado no degrau que levava à porta da sala, com as mãos segurando a cabeça. Não chorava.

Milene precisou pegá-lo pelo braço para levantar. Estava pálido e começava a suar frio.

— Vamos entrar, querido. Acho que você vai precisar vomitar, se quiser voar ainda hoje para o Rio.

Cada vez mais zozzo, Belarmino conseguiu entrar e encaminhar-se para o lavabo, trôpego, necessitando do apoio da esposa.

Ainda na sala, veio-lhe a primeira golfada; a segunda deu-se à porta do reservado; a terceira encontrou a tampa da bacia abaixada. Somente a quarta logrou cair onde queriam os dois.

Milene sustentou a testa do marido, enquanto este ia despejando para fora tudo quanto comera e bebera. Somente

quando uma gosma amarelo-esverdeada começou a sair é que achou que tivesse terminado de limpar o estômago.

— Veja, querida, estou vomitando bílis.

Foi quando Milene o colocou sentado no chão e ela mesma pôs para fora o que havia saboreado com tanto gosto.

Mais tarde, quando contou ao marido que fizera o mesmo, ele não compreendeu como é que não percebera nada.

Mas o cheiro nauseabundo, ácido e azedo começava a assenhorear-se de toda a casa, preocupando a dona, que não sabia por onde começar. Resolveu acudir primeiro o marido, que tiritava, dando mostras de que estava quase inconsciente.

“Preciso chamar o Zé”, foi o pensamento primacial da mulher.

Encontrou o celular no bolso imundo do marido, limpou-o com a toalha do banheiro e digitou o número do irmão. Nenhuma resposta.

“Sabia que ele ia deixar desligado. Quem será que pode nos auxiliar? Quem sabe o Lando.”

Encontrou o número procurado na memória do celular, discando-o automaticamente.

No terceiro toque, Lando atendeu, prontificando-se imediatamente a auxiliar o casal, à vista da aflição de Milene. Garantiu que estaria ali em menos de dez minutos, prometendo levar consigo um médico e alguém para cuidar da limpeza.

De fato, quando Milene já estava com Belarmino debaixo do chuveiro para um banho quente, tocaram a campainha.

Era Lando com Sebastião e mais três pessoas, uma carregando inconfundível maleta de médico.

Nem se deram as apresentações. Lando foi logo introduzindo o facultativo casa adentro, seguido por Milene, enquanto Sebastião e a senhora que os acompanhara foram tomando conhecimento do serviço de limpeza para que foram convocados.

Banho tomado, Belarmino foi colocado na cama, solicitando encarecidamente que o cobrissem com vários cobertores e

apagassem todas as lâmpadas, porque estava com terrível dor de cabeça.

Milene é que estava um desconsolo só. De afogadilho, contou que receberam o aviso da morte do sogro, não esquecendo de falar das três garrafas a que tinham dado cabo, responsabilizando-se ela por uma.

O Doutor Eurípides, que fora retirado da assistência que estava dando aos carentes do centro espírita, não se deixou impressionar pelo estado geral do paciente, afirmando que o organismo reagiria assim que lhe ministrasse o medicamento adequado, para o que solicitou a Lando que aviasse a receita que estava redigindo, na primeira farmácia de plantão que encontrasse.

Nesse meio tempo, José retornou a ligação, tendo Milene solicitado que viesse o mais rápido possível, explicando por alto o que acontecera. Eurípides pediu permissão a Milene e passou a receita ao jovem, para que os remédios chegassem mais depressa, o que liberou Lando da tarefa.

Quando José chegou, sentiu odor de desinfetante na sala, nada que lembrasse os gases desagradáveis de quarenta e cinco minutos atrás.

Eurípides, após aplicar a intravenosa, afirmou:

— Não se trata de coma alcoólico. Ele não bebeu tanto assim, nem misturou fermentado com destilado. A pressão caiu e é natural que aconteça, quando se dá o início da indigestão, ainda que de origem emocional. Não vai demorar e ele irá reclamar do calor, pedindo para trocar a roupa ensopada. A dor de cabeça irá desaparecer, para o que concorreu poderosamente o fato de haver esvaziado o estômago. Se estivesse no hospital, estaria recebendo soro na veia. Mas vocês podem substituí-lo por um copo de água fria com açúcar e uma pitada de sal, bem aos poucos. É a forma de reidratar o organismo. Não exagerem para não se provocarem novas ânsias. Agora ele precisa repousar por umas quatro ou cinco horas. São quase quatro. Vocês estarão no último voo de hoje para o Rio,

muito embora eu recomende que deixem para o primeiro de amanhã. Será bem mais completa a recuperação.

Milene quis pagar os emolumentos do médico, mas este insistiu em que o valor correspondente, se ela achasse justo, fosse doado ao centro espírita, argumentando que estava praticando a medicina em tarde de voluntariado.

Milene pediu ao irmão que acompanhasse a equipe até a porta, pois não via a hora de higienizar-se.

Meia hora depois, deitada ao lado do marido, segurando-lhe a mão, choravam ambos a morte do progenitor e sogro.

9. NO RIO DE JANEIRO

Quando Belarmino acordou, estava sozinho na cama. Em meio à escuridão, o mostrador do relógio registrava vinte e uma horas e treze minutos. Saltou da cama, chamando por Milene, antes mesmo de alcançar o interruptor.

— Querido, já estou indo. — respondeu-lhe a esposa.

— Vamos nos aprontar que dará tempo de ir ao aeroporto.

Mesmo antes de chegar à porta, Milene foi perguntando:

— Você está em condições de viajar?

— Perfeitamente. Estou pronto pra outra. Vamos que minha mãe deve estar precisando de mim.

— Não é melhor deixar para amanhã? O enterro será às três da tarde.

— Quanto antes nós chegarmos, melhor. Vou ligar para o aeroporto e reservar as passagens. Quando será o próximo voo?

— O Zé já tomou todas as providências. Se chegarmos lá às dez e meia, dará tempo para pegar o voo das onze.

— Vamos chegar bem antes disso. Seu irmão está por aí?

— Sim.

— Peça para ele reservar as passagens.

— Está bem! Mas não se esqueça de que o doutor recomendou...

— Eu estou perfeitamente lúcido. Se o Zé fizer a gentileza de nos levar, ao chegarmos lá, tomaremos um táxi, sem precisar incomodar ninguém. Só precisamos saber onde está sendo o velório.

— O corpo de seu pai está sendo velado em casa mesmo. Fernando está sabendo o que se passou conosco. Ele disse para você não se preocupar com sua mãe...

— Não tem que ver: nós vamos esta noite mesmo. Só vou passar uma água no corpo e me vestir. Enquanto isso, vá providenciar o que lhe pedi.

Milene retirou-se meio a contragosto, porque preferia sair de madrugada, quando voariam com a alvorada. De noite, achava perigosa a viagem. Em todo o caso, a insistência do marido não admitia contradição.

Trinta e cinco minutos depois estavam adentrando o saguão do aeroporto, buscando o guichê para a retirada das passagens. Diante do portão de embarque, sentaram-se nos bancos mais próximos, fazendo questão José de aguardar a chamada dos passageiros.

A espera se definiu pelo silêncio dos três, cada qual absorto nos próprios pensamentos.

Antes da meia-noite, estavam num táxi.

À porta da casa, algumas pessoas conversavam e fumavam. Alguns parentes distantes e velhos conhecidos.

Belarmino, na qualidade de filho do defunto, foi cumprimentado de maneira respeitosa e circunspecta, com algumas palavras de encorajamento.

O burburinho da entrada atraiu a atenção de Fernando, que logo imaginou que era o irmão quem chegava, conforme fora avisado por José, assim que o avião levantou voo.

A conversa entre os dois foi marcada por expressões de tristeza, entrecortadas por algumas lágrimas.

— Como está a mãe?

— Está desolada. Ela não se conforma com o fato de o pai dela estar internado, enquanto o marido está morto. De passagem, ela disse que você deveria ter visitado nosso pai e não nosso avô.

— Será que ela ficou magoada comigo?

— Magoada não é bem o termo. Triste descreveria melhor. Ela gostaria que você tivesse tido uma última visão de nosso pai vivo. Por que você não veio ver o velho em casa?

— Depois eu lhe conto essa história. Venha comigo pra dentro. Milene, que se havia antecipado ao marido, encontrava-se abraçada à sogra, em amplexo de dor e compaixão.

— Mãe, que desgraça! — foi logo exclamando Belarmino.

Entre soluços, Rafaela aconchegou a cabeça do filho ao peito, contida quanto ao desespero, num choro sentido, pesaroso, plangente. Mesmo assim, conseguiu fazer-se entender pelo filho:

— Que pena que você não tivesse vindo para dar um abraço em seu pai. Talvez você tivesse percebido que o fim estava próximo e pudesse salvar a vida dele e não a do seu avô.

— Mãe, você está dizendo bobagens. Eu não escolhi nem este nem aquele. Deus sabe o que faz.

— Mas, se não fosse por você, meu pai teria morrido.

— E como ele tem passado estes dois ou três dias?

— Está bem melhor. Acho que amanhã vai receber alta, só para poder comparecer ao enterro do genro.

— A gente não vai deixar. Fernando me disse que não está faltando mais ninguém chegar. Não seria o caso de ir descansar? Nós vamos passar a noite aqui.

— Você já foi ver seu pai no caixão?

— Fique sentadinha aqui, para que eu possa me despedir dele com uma oração, talvez um terço, ao lado de Milene.

Rafaela, contudo, concordou em ir descansar e logo Fernando a acompanhava para o quarto dela, onde teve de presenciar mais uma cena de desconsolo, dado que as lembranças se concretizavam nos pertences do marido e nos móveis.

Milene e Belarmino aproximaram-se do caixão onde repousava o corpo do falecido, rodeado de flores, coberto por uma tule branca.

À vista da fisionomia sem expressão do pai, Belarmino apenas desejou colorir-lhe as feições com o sorriso habitual que tanto apreciara durante toda a vida. Achou que o pai morrera cedo demais, recentemente aposentado, como se já houvera cumprido todas as obrigações que se impusera na vida. Chorara com os vivos,

secaram-lhe as lágrimas diante do cadáver. Aliás, os tufos de algodão que impediam que as secreções saíssem pelas narinas causaram mal-estar ao filho, como se sufocasse. Foi preciso que Milene o amparasse, recebendo logo a assistência do tio Raimundo, um dos irmãos do falecido, que trouxe uma cadeira para o sobrinho.

Em voz muito baixa, Milene censurou o marido:

— Eis no que dá sua teimosia. Você está fraco, porque não se alimentou, praticamente o dia inteiro. Aquela aguinha com açúcar não sustenta. Vamos procurar algo para você comer...

— Primeiro, vamos rezar um pai-nosso, ou melhor, vamos rezar um terço. Você puxa.

Naquela altura, Milene havia recebido também uma cadeira, de modo que, acomodados, não se recusou a aceitar a sugestão do marido. Como estivesse com os terços na bolsa, tirou-os, ficando com um e dando outro a Belarmino.

Rezavam já a quarta ave-maria quando chegou o pároco amigo da família. Estava fazendo o rodízio dos velórios, acompanhado de diversos paroquianos, que iam sendo deixados nos locais em que a frequência não garantia efetiva presença religiosa junto aos que partiram.

Teria percebido ele que havia quem estivesse orando em prol da salvação da alma do pecador? Pouco provável, uma vez que o natural tropel das pessoas entrando interrompeu Belarmino, que respondia com a segunda parte da oração.

Como os presentes se aproximaram do caixão, Belarmino e Milene viram-se na contingência de afastar suas cadeiras para permitir que a cabeceira ficasse livre para o padre. Foi assim que recuaram até junto à porta dos fundos, por onde passaram para ganhar o interior da casa.

Fernando, que teve a atenção chamada pelo surdo vozerio dentro do silêncio da noite, topou com o casal, tendo sido avisado do que se passava. Não se interessou, porém, em acompanhar o improvisado ofício fúnebre, deixando aos tios a recepção dos recém-

chegados. Antes, preocupou-se em conduzir o irmão e a cunhada à cozinha, onde lhes ofereceu substancioso caldo de legumes, pobrementemente temperado.

Belarmino aceitou um prato raso, permitindo-se separar uma porção de batatas cozidas, que, após sorver o caldo, amassou com o garfo, transformando-as em purê, no qual pingou algumas gotas de azeite, derramando sobre o prato meia xícara de leite quente.

Milene aprovou a leve refeição, afirmando que Belarmino iria ganhar forças. Preveniu-o, contudo, para que não ingerisse mais alimentos do que o que lhe caísse bem no estômago e que comesse devagar.

O marido, entretanto, estava para bem poucas palavras, deixando de ouvir a conversa que a esposa travava com Fernando, que lhe narrava os últimos momentos de vida do pai.

Preocupava-se Belarmino com um sentimento que lhe crescia, a despeito de tentar sufocá-lo. Estava tendo a impressão de que o pai não poderia estar sofrendo nenhuma espécie de provação, já que era pessoa boníssima e dada ao lar. Recordava-se de que tiveram algumas ligeiras discordâncias, principalmente quando o pai se recusara a permanecer em São Paulo, preferindo acompanhar o outro filho ao Rio de Janeiro.

De acordo com seu ponto de vista, o velho não realizara nenhum feito de superior santidade para merecer adentrar diretamente no paraíso. Então o impasse: se não estava no céu, nem no inferno, nem no purgatório, no limbo é que não poderia ficar. Para onde teria ele ido?

Além do purê de batata, Belarmino ainda comeu uma fatia de pão, que mergulhou no café com leite ligeiramente adoçado, reavivando uma atividade de solteiro, porque, na casa dos pais, o sistema das tigelas nunca fora abolido.

Inopinadamente, perguntou ao irmão:

— Você acha que o pai está no céu?

Fernando não respondeu de imediato. Fixou o olhar nos olhos do irmão, que se manteve atento aos mínimos reflexos dos pensamentos na face do interlocutor. Mediam-se a ver se conseguiam compreender os pensamentos um do outro.

Fernando, porém, não foi evasivo:

— Vou dizer-lhe exatamente o que penso a respeito. Você poderá estranhar a minha resposta, dado que se manteve fiel à religião que recebeu no berço. Eu mudei minha forma de encarar a vida e a religião. Hoje estou mais acreditando em que, quando morrem, as pessoas liberam sua energia para o cosmo, indo integrar o grande conjunto universal do consciente extrafísico. Para que você compreenda meu ponto de vista, devo dizer que a minha ideia não encontra ressonância em nenhuma religião, porque não existe uma só que admita que os seres saiam da carne sem compromissos de saldar dívidas ou receber recompensas. Cada qual exerce seu direito à vida conforme suas próprias organizações intelectuais. Se cometeram crimes sob o ponto de vista dos seres humanos, para a natureza como um todo tais fatos não repercutiram, a não ser em círculo ou círculos extremamente restritos; círculos que nada significam perante o todo universal. O aspecto que aqui se define como personalidade ou indivíduo, após a morte, desaparece, da mesma forma que o corpo volta a integrar o ambiente material de onde selecionou alguns elementos, durante determinado tempo. Por isso, eu posso asseverar-lhe que o pai, sem sentir-se em absoluto feliz, é, neste momento, a própria expressão da felicidade, porque nada lhe pesa, como também não representa peso para ninguém.

Calou-se o filósofo, prevenido quanto à possível e provável objeção do causídico.

Contrariando a expectativa do orador, Belarmino simplesmente o abraçou carinhosamente, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Precisamos conversar mais a respeito.

Em voz alta, para incluir Milene na conversa, disse a Fernando, após voltar a sentar-se junto à mesa:

— Se você me prometer guardar segredo, posso contar-lhe algo extraordinário que aconteceu comigo, o que irá dar-lhe resposta ao fato de eu não ter vindo aqui na sexta-feira, tendo ido ao hospital.

Milene logo interveio:

— Mino, será que você não está se precipitando? Lembre-se do que lhe pediu Felício. Você estará quebrando a promessa que lhe fez.

— Milene, querida, Fernando é homem de princípios, apesar dessa teoria meio materialista que pronunciou. Eu acho que me fará bem ouvir-lhe a opinião, ainda que não me satisfaça, conforme estou presumindo pelo que acabo de ouvir.

A esposa tentou mais uma vez dissuadi-lo:

— Não é melhor irmos concluir o que iniciamos junto ao seu pai?

— Vá você. Mais tarde, eu lhe prometo, concluirei a minha parte.

Assim que Milene saiu, Belarmino fez que o irmão se sentasse bem junto dele, avisando:

— Vou falar baixo porque não quero que ninguém mais ouça o que tenho a lhe revelar. Você está preparado para uma grande surpresa?

— Eu estou sempre preparado, ainda mais agora que estou me enfronhando mais no real significado da existência.

— Então, ouça.

Belarmino parecia estar com a lição decorada, tanto que simplificou a história ao máximo:

— Na sexta-feira, quando vim ao hospital e me encontrei com mamãe, também me achava no tribunal do júri. As coisas que se passaram aqui como as de lá tenho-as inteiramente memorizadas. Era eu mesmo nos dois lugares. Para o vovô, eu toquei a gaita e a ela

dei um abraço. Aliás, a gaita ficou sobre o criado-mudo, porque precisei dar de beber ao velho. Tenho testemunhas de minha presença lá e aqui. Por isso é que não vim ver o pai. Estou contando tudo isto para que você me ajude a compreender o episódio mais misterioso de minha vida. Com a sua nova teoria, pode acontecer de existir uma explicação lógica e perfeitamente natural, porque o Padre Felício acredita que tenha havido um milagre. Que você tem a me dizer?

Fernando não tinha nada a oferecer dentro dos parâmetros de sua crença materialista. Rapidamente entendeu que qualquer explicação que se baseasse nela careceria de fundamento. Ainda assim, arriscou:

— Nunca ouvi falar nada semelhante a isso...

— Depois eu lhe conto dois casos que foram comprovados pela Igreja e tidos como milagrosos.

— Pois bem, a única suposição que posso fazer, porque razão técnica e fatural não possuo, é que houve uma condensação do que chamei de energia dissolvida dentro do universo físico consciente, condensação que precisava de uma vontade disposta a cooperar e que, por acaso ou não, foi a sua. A mãe contou que a sua intervenção salvou a vida do 'vô e essa é uma razão ponderável para que tenha havido uma ação a distância, através de sua intuição, pelo apelo talvez inconsciente de quem estava em vias de se dissolver no cosmo. Se eu estivesse no leito prestes a ser devolvido ao equilíbrio primitivo, iria emitir vibrações consideráveis para manter a minha individualidade, que uma das leis mais forte dos seres vivos é a da preservação a qualquer custo. Por algum motivo a ser averiguado, você atendeu ao apelo subjetivo, aposto que totalmente inconsciente de que estava cumprindo uma tarefa que lhe atribuía a natureza superior, aquela mesma que formou o universo e todos os seres vivos. Eu não estou vendo muita coerência no que estou propondo-lhe. Está muito fresca a informação para que eu possa fornecer-lhe uma explicação cabal do fenômeno.

Fernando fez uma pausa. As ideias começavam a embaralhar-se em sua mente. Desejava até que o irmão participasse, anuindo ou, ao menos, acatando parcialmente algumas das propostas de elucidação. Belarmino, no entanto, permanecia absolutamente inalterado, como se tudo quanto estava ouvindo fosse sendo registrado maquinalmente através de um aparelho gravador.

Quarenta segundos de silêncio e Fernando já acrescentava:

— O duro nesse acontecimento é que não repercute em minha memória de forma alguma. Eu jamais tive notícia de haver estado em qualquer outro lugar com o aparato mental, menos ainda com a capacidade de transportar objetos e de realizar atos puramente físicos. É surpreendente que alguém tenha vivido tal experiência. Se não fosse você a me contar, diria que se tratava de uma história da carochinha, uma dessas que se contam para boi dormir. Como é que você tem convivido com a ideia de estar em duas partes ao mesmo tempo?

A pergunta direta obrigou Belarmino a sair de seu mutismo:

— Estou sentindo-me nas nuvens, tanto que a morte de papai não encarei como uma tragédia, muito embora haja sentido bem fundo a sua perda precoce e inesperada. Mas você me despertou para o fato de que eu não ouvi nenhum chamamento feito por ele. Apesar de ter perecido de repente, sempre haveria um momento em que minha ajuda poderia ter servido para alertar alguma equipe médica que rapidamente se deslocasse e cuidasse dele no próprio local ou o transportasse por helicóptero para o hospital mais próximo. Eu não recebi nenhuma mensagem, a menos que estivesse com a atenção bloqueada pelo festim gastronômico que levava a cabo justamente no instante em que ele sofreu o ataque. Não poderia ter acontecido que os eflúvios alcoólicos obstassem a minha percepção extrassensorial? Esta é uma ideia sobre a qual, como você diz, devo debruçar-me, já que se constitui absoluta novidade para mim.

— Quer dizer que você se acha capaz de repetir o feito?

— Não só me acho capaz, como também estou com a mente aberta para aceitar que outras pessoas alcancem realizá-lo. Não se esqueça de que, se não possuo uma definição a respeito do fenômeno, nem por isso deixou de acontecer comigo. Logo, pela lei das probabilidades, é perfeitamente possível que se repita. Pelo menos, existe literatura sobre isso, como eu mesmo li em um livro que me recomendou o Lando, o meu colega advogado...

— Conversamos algumas vezes há tempos, antes de me mudar. De resto, foi ele quem me sugeriu que a Igreja não respondia a todas as perguntas. Quer dizer que ele está metido em alguma seita esotérica?

— Ele é espírita e me pareceu estar convicto de que aquelas teses de Kardec estão corretas. Pois foi num dos livros dele que achei a descrição do que ocorreu com os dois santos da bicorporeidade, que é como o professor francês chamou o fenômeno psíquico ou psicológico. Foram Santo Antônio e Santo Afonso.

— Depois eu irei atrás das histórias correspondentes. Vamos deixar as narrativas em suspenso, porque podem ter sido inventadas, apesar de estarem registradas em livros. Afinal de contas, se tudo o que se escrevesse fosse verdade, o mundo dos humanos desde há muito estaria anulado, tantas são as contradições que se escreveram. O que me importa neste instante é compreender o que se passou com você. Para isto, precisarei de mais tempo para formular uma tese plausível, que é o que você está pedindo-me. Estou no caminho certo?

— Perfeito.

— Por que Milene lhe pediu para não me contar nada e meteu o Felício de permeio?

— Só ela, Felício, Lando e agora você é que conhecem os fatos. Felício foi quem me pediu para contar para Milene e também para o irmão dela. Para o Zé, não dissemos nada ainda. Não tivemos oportunidade. O padre deseja confirmar a minha história através de

outras semelhantes, tanto que solicitou de púlpito que as pessoas que soubessem de algo parecido lhe fossem contar após a missa. Por falar em missa, enquanto ele praticava o sermão, eu tive a impressão de ter visitado o padre que deveria estar ali e que foi acometido de mal-estar. Essa intuição eu preciso ainda confirmar. Mas, caso tenha ocorrido, nem de longe apresenta os fatos concretos de minha vinda ao Rio.

Nesse momento, Milene voltava, trazendo consigo o pároco, que desejava dar os pêsames aos filhos do falecido.

Ambos se ergueram em sinal de respeito, enquanto Milene os apresentava:

— Padre Timóteo, meu cunhado, Fernando, e meu marido, Belarmino.

O que Timóteo respondeu quase foi abafado pelas vozes das tias que adentravam o ambiente com três garrafas térmicas mais uma bandeja cheia de xícaras e de copos de plástico descartáveis. Em todo o caso, o pároco fez um sinal da cruz no ar, enquanto abençoava os irmãos, que se persignaram e logo lhe ofereceram uma cadeira.

Sentaram-se os três ao redor da mesa, enquanto Milene se dispôs a auxiliar as mulheres a servir um caldo ao sacerdote, que, polidamente, aceitou, dizendo que aquela refeição noturna iria dar-lhe forças para continuar a funérea peregrinação.

Nenhum dos irmãos, contudo, manifestou-se no sentido de despertar algum tema de interesse do religioso. Estavam ainda sob a impressão do diálogo rebuscado de filosofia que haviam travado, em contraste com a comezinha ação degustativa que presenciavam. Foi o silêncio que sugeriu uma palavra de reconforto ao padre:

— Meus filhos, conheci seu pai, homem virtuoso e sábio, sempre à disposição para atender nossos pedidos de ajuda. Grande coração, jamais se negou a contribuir para com a Igreja. Ele se foi, chamado pelo Senhor Jesus, com certeza, para ir diretamente ao Reino de Deus. Por isso, a sua tristeza se justifica, já que a perda é

muito significativa. É preciso, porém, que aceitem a vontade do Pai, que houve por bem chamar seu filho muito amado. Fiquem, portanto, muito contentes, uma vez que o Senhor Manuel recebeu a tempo os sacramentos, com o santo óleo.

Tão distraído estava Fernando que, instintivamente, passou ao padre a lata de azeite. Belarmino percebeu a gafe do irmão, tentando disfarçá-la, entregando o sal e a pimenta por sua vez, como a complementar o gesto do outro.

Calou-se o sacerdote, aceitando o que lhe davam, temperando um pouco mais o caldo que ainda sorvia. No íntimo, foi capaz de atribuir à distração o que poderia ter sido entendido como uma brincadeira de mau gosto. Via claramente que os irmãos estavam atordoados pela perda do progenitor.

Milene não perdeu nenhum lance, no entanto, deixou para depois recriminar o que lhe pareceu um insulto ao representante da Igreja. Naquele momento, ela mesma achou melhor auxiliar as senhoras que passavam o café, preparavam o chá, aqueciam o leite, desembulhavam os biscoitos, separavam as xícaras numa bandeja, repousando em outra as garrafas térmicas e o açucareiro.

Uma das tias fez questão de oferecer um licor a Timóteo, deixando a critério dele servir-se ou não, para o que dispôs três taças sobre a mesa.

Belarmino, sem consultar os demais, encheu duas delas, virando de borco a terceira, indicando que não desejava beber.

Mecanicamente, Fernando apanhou a sua e, sem brindar, sorveu de um gole o doce conteúdo.

Timóteo, por sua vez, entornou a metade da sua numa xícara, completando o que faltava para encher com café. Em seguida, bebeu o licor que sobrara na taça, fazendo um gesto agradecido à gentil senhora, passando a bebericar o café a que misturara o alcoólico.

Todos os gestos foram seguidos pelo olhar atento de Belarmino, que se perdia nas lembranças dos brindes que fizera ao

almoço, pensando em pedir a Deus que não perturbasse aquela beatitude sacerdotal com nenhuma notícia dolorosa.

Finda a ligeira refeição, Timóteo se despediu, saindo acompanhado pelas mulheres, quedando sozinhos os irmãos.

Foi Fernando quem reatou a conversação:

— Você falava em pôr a limpo a intuição que recebeu durante a missa. Não acha que está se deixando envolver por uma onda de misticismo? Acredito que você tenha estado aqui no Rio. Não sei como o fez, mas acredito. Mas sou bem capaz de imaginar o que se passa com qualquer pessoa, em qualquer lugar. Não vá ficar fanatizado por algo que não sabe explicar. Ou você está achando que vai ser canonizado como aqueles santos?

Belarmino não estava disposto a discutir, ainda que julgasse o irmão injusto. Então, simplesmente, explicou sua posição:

— Desde que me vi apurado perante o fenômeno que sucedeu comigo, a minha preocupação tem sido achar uma explicação fundamentada na verdade, bem longe de supor que se tratou de um ato relativo à misericórdia divina. A sua suposição, quanto a atribuir ao consciente universal a faculdade de permitir que tal fato se desse, me parece carecer de razão, no sentido de que não esclarece várias coisas, como ter eu trazido a gaita, um objeto material capaz de permanecer no local de destino. Ainda que eu admitisse...

Nesse instante, retornou Milene, logo apostrofando os dois:

— Quer dizer que agora vocês deram de mofar dos padres?

Fernando imediatamente desviou o olhar para o irmão. Queria entender o porquê de semelhante admoestação.

Belarmino esclareceu:

— Milene, você não percebeu que meu mano estava absorto, sem prestar atenção no que Timóteo dizia? Pois ele ouviu falar em óleo...

Milene não o deixou ir adiante:

— É justamente por isso que estou reclamando. Vocês, além de deixarem o padre falando sozinho, ainda tiraram uma com a cara dele.

Recomposto, Fernando foi capaz de intervir:

— Eu não acho que o tenha ofendido. Quando ele nos benzeu, eu me persignei, muito embora minha disposição atual me afiance que pratiquei uma falsidade ideológica, no mínimo. Mas não me arrependi e voltarei a persignar-me sempre que a conjuntura me solicitar o gesto. Posso garantir-lhe que, quanto ao azeite, foi um ato totalmente inconsciente da minha parte. Estava viajando bem longe daqui.

Milene não perdoou:

— Agora está querendo gozar com a minha cara?

— Como assim?

— Seu irmão lhe contou o que se passou com ele e você também está querendo dizer que estava em outro lugar.

Os irmãos olharam interrogativamente para a interlocutora. Queriam saber se ela estava falando sério ou respondendo à deixa para pôr-se à altura daquele jogo de mal-entendidos.

Milene foi quem se surpreendeu com a insistência dos olhares, não resistindo à vontade de colocá-los na linha:

— Muito bem, senhores, se não estivessem vocês passando por tão triste momento, eu lhes assentaria a pua nos costados.

Fez menção de sair, mas Belarmino a segurou pelo braço, obrigando-a delicadamente, mas com firmeza, a ficar com eles:

— Querida, de fato, eu contei tudo o que aconteceu na sexta-feira. Foi bom ouvir o que ele teve para me dizer. Só que eu gostaria que você fosse quem desse uma resposta à teoria que ele levantou, que foi a seguinte: inconscientemente, meu avô e eu entramos em contato telepático e, com permissão da força da consciência universal, fui capaz de transportar-me para cá, para impedir que a energia concentrada no meu avô se diluísse, retornando à massa

que promove a vida de todos os seres, do ponto de vista físico e metafísico.

Voltando-se para o irmão, Belarmino perguntou:

— Resumi adequadamente?

Foi quando percebeu que Fernando havia recostado a cabeça no espaldar da cadeira, alheando-se completamente da conversa.

Milene aproveitou para escarnecer do marido:

— Vejo que a sua conversa é própria para boi dormir...

— Coitado, deve estar exausto. Nós dormimos a tarde toda. Ele deve ter cuidado de tudo por aqui.

— Mino, acho bom acordá-lo, porque ele vai acabar ficando com dor no pescoço.

— Eu vou levá-lo para a cama.

Fernando acordou meio sem graça, mas o irmão convenceu-o de que deveria descansar um pouco, prometendo que lhe cobriria a ausência.

Sem opor resistência, Fernando deixou-se acompanhar até seu quarto de solteiro, não se desculpando pela desarrumação que se iluminou de repente.

De volta à cozinha, Belarmino já não encontrou Milene, que fora formar na rodinha das cunhadas do falecido. O marido, então, aproximou-se dos tios, com quem passou o restante da vigília.

Estavam no alpendre da residência, cada qual contando as novidades de suas vidas pacatas, quando o céu se encheu de riscos luminosos, que partiam de dois pontos opostos no horizonte. Alvoroados, os quatro entraram correndo, com medo de que a batalha que as quadrilhas travavam colhesse algum deles através de balázio perdido.

As mulheres logo atinaram com o perigo, fechando janelas e portas, procurando resguardar-se junto às paredes, esperando que tudo serenasse. Enquanto isso, apenas uma vela ficou iluminando o ambiente, com o rosto do defunto em destaque no meio da sala. Era

como que o prognóstico de outras mortes, apertando os corações e calando os lábios.

Somente quando a alva despontava é que cessaram os estampidos. Belarmino foi quem abriu a primeira janela, revelando que apenas Milene ainda se mantinha acordada. Os outros jaziam estirados sobre cadeiras unidas ou no soalho atapetado. A vela fazia algum tempo que se apagara.

O decorrer do dia foi muito triste para a família. Ver o prezadíssimo marido e pai ser enterrado consternou os três, deixando os demais parentes abalados.

Os irmãos ainda tiveram forças para trazer o avô do hospital, logo depois do enterro, acomodando-o em casa. Foi preciso contratar uma enfermeira para os cuidados dos primeiros tempos, que a filha estava acabrunhada.

De notável, naquela segunda-feira, apenas o reencontro de Belarmino com sua gaitinha, aquela que tinha a gravação. Era a mesma que se recordava haver tocado para o enfermo, a mesma que segurara no tribunal do júri, lembrança material do fenômeno da bicorporeidade.

Fernando fez questão de examinar o instrumento, interrogando a mãe onde é que ela o havia achado, confirmando que ficara sobre o criado-mudo. Era a comprovação da veracidade das informações do irmão. Não havia como imaginar que a deslocação no espaço não se dera, a comprovar-se que o advogado naquela mesma hora estava em São Paulo.

Foi o que ele tentou explicar ao irmão:

— Mino, mesmo que você não se transportasse, só o fato de ter aparecido este objeto naquele quarto já era mistério suficiente para encher-me de preocupação. Acordei esta manhã sob a impressão de que nosso pai ainda permanecia ao pé da gente, o que contrariaria radicalmente a tese que perfilhei ontem. Mas foi apenas uma impressão. Ora, se é possível um ato de duplicidade de presença, só posso admiti-lo se aceitar a dualidade do corpo e da

alma. Seu corpo estava em São Paulo; sua alma condensou uma energia no Rio, tendo vindo para cá da mesma forma que se daria quando, ao dormirmos, nos vemos transportados para outras regiões. Não diga nada: estou resumindo algumas ideias que tive. O que emperra a minha lucubração é a tal da gaitinha. A sua imagem vista e tangida pela mãe e pelo 'vô até que é possível de se criar. O que me deixa aparvalhado é você, com seu corpo aéreo, fluídico, magnético, energético, não sei que nome dar...

— Chame-o de perispírito, conforme li no livro do Kardec.

— O nome não importa. A realidade dele é que não se pode configurar a partir da matéria cuja essência somos capazes de decifrar parcialmente, a partir dos estudos da física e da química. Isto me leva a imaginar a existência de outra dimensão, porque só através dela é que o consciente universal seria capaz de atuar. Em suma, para não cansá-lo com esquisitices, vou prometer-lhe estudar o mais profundamente possível este tema, consultando livros e pessoas, estas através de algumas páginas da Internet. Se encontrar alguma solução plausível, sem as pieguices dos ignorantes metidos a tudo conhecer, nem as convicções imbecilizadas dos dogmáticos, entro imediatamente em contato com você.

— Pelo seu interesse, eu também posso informá-lo dos avanços que fizer, contudo, vamos evitar passar as notícias pelo computador, porque eu não gostaria de encontrar algum aproveitador no meio do caminho. Por telefone ou por carta, o que for mais seguro.

— Certo.

O mais foram palavras práticas da vida cotidiana de cada qual, tendo Belarmino contado que ligara para o escritório, recebendo ordem do patrão para fazer uso do período de nove dias de nojo, estando, porém, alerta para possíveis requisições quanto a diversos processos sob seus cuidados.

Na noite daquele mesmo dia, o casal voou para São Paulo, ambos derreados, ele mais do que ela pela jornada empreendida

sem descanso. Milene, ao menos, repousara umas três horas, assim que a sogra liberara o quarto.

10. FORMA-SE UMA TEORIA

Belarmino acordou tarde na terça-feira. Passava das onze. Milene lhe respeitara o sono, obrigando Honorina a permanecer longe do quarto para não fazer barulho algum. O celular ficou desligado bem como a extensão do telefone de cabeceira. Ao despertar e avaliar o quanto havia dormido, o advogado ficou muito satisfeito por ver-se em perfeitas condições físicas.

A primeira ideia que lhe ocorreu dizia respeito à semana que ficaria em casa por conta do falecimento do pai. Pensou em como melhor aproveitá-la e logo lhe surgiu a necessidade de resolver definitivamente o seu misterioso caso.

Em seguida, ocorreu-lhe que precisava tirar a dúvida quanto a haver visitado o padre doente, durante a missa.

Ao ouvir os recados das caixas postais, lá estavam as vozes de Felício e de Lando, bem como a de seu patrão. Todos lhe atestavam sentimentos de pesar tão somente.

O primeiro a quem respondeu foi Felício:

— Muito obrigado por suas condolências.

— Tenho orado pela alma de seu bondoso progenitor, de quem tenho as melhores recordações.

— Onde acha que ele possa estar agora?

— Ele recebeu a extrema unção?

— Sim.

— Deve estar no regaço de Jesus.

Belarmino bem que se viu estimulado a questionar a assertiva peremptória, mas tinha outros assuntos que julgava de maior interesse:

— Gostaria de saber duas coisas.

— Diga.

— Primeiro, se apareceu muita gente contando que se desdobraram ou que conheciam casos iguais ou parecidos.

— Apareceu um casal perguntando a respeito. Queriam saber mais sobre a vida e a obra de Santo Afonso. Desconfiei de que tinham conhecimento de algo no gênero, mas se fecharam em copas.

— Pois eu pensei que fossem aparecer muitos curiosos para espiar quem é que iria atender ao seu convite.

— Na verdade, a sacristia se encheu de gente. Talvez tenha sido por isso que o casal não se abriu.

— A segunda coisa que eu desejava era saber como está e onde se encontra o padre que o senhor substituiu. Gostaria de demonstrar-lhe pessoalmente meu interesse em vê-lo de volta.

— Padre Henrique está internado na ala de repouso da cúria metropolitana.

— Não ficou em nenhum hospital?

— Não foi caso para tanto.

— O senhor me acompanharia até lá?

— Claro! Ele vai ficar muito contente e agradecido.

Combinaram a visita para aquela tarde e acertaram que iriam encontrar-se na sede da paróquia, tendo deixado Belarmino subentendido que gostaria de conversar a respeito de seu caso.

Milene, que ouvira a conversa, não entendeu a razão de tanto interesse por uma pessoa que mal conheciam, precisando ouvir a explicação do marido:

— Querida, durante a pregação de Felício, no domingo, pensei haver estado em visita espiritual ao quarto do enfermo. Como aquele quadro, ou melhor, aquela cena me ficou impregnada na memória, quero constatar se a realidade se encaixa.

— Eu acho que você vai acabar ficando louco, se tudo quanto sonhar tiver de ser apurado desse jeito.

— Juro que vai ser a primeira e última vez, qualquer que venha a ser o resultado da constatação.

— Isso eu quero ver...

Falou e saiu, sem dar ensejo à replica do causídico.

Belarmino ligou para o patrão, que lhe passou um dos colegas, aquele a quem se deu o encargo de substituí-lo. Foi uma longa conversa técnica, através da qual o titular orientou o que ele chamou de “regra-três”.

Lando veio em seguida na ordem dos telefonemas, este cheio de novidades e de satisfação:

— Você não sabe quem me ligou.

— Aposto que sei.

— Arrisque o seu palpite.

— Meu irmão.

— Exatamente. Ele estava interessado em entender o ponto de vista do espiritismo quanto ao fenômeno da bicorporeidade. Então lhe indiquei os livros que estou prestes a enviar a você...

— André não lhe contou que comprei todos eles?

— Quando?

— Anteontem de manhã. Fui ao centro só para isso.

— Milene ficou sabendo disso?

— Claro que ficou.

— E não chiou?

— Se não gostou, não disse.

— Outra coisa: o cheque do seu cliente chegou. Dez mil, limpinhos...

— Não sei se tão “limpinhos”...

— Modo de dizer. Escute, doutor: você deve ter bastante tempo livre esta semana. Não quer assistir a uma reunião mediúnica? Quem sabe algum espírito conhecido dê comunicação a respeito daquele fenômeno.

— Antes disso, precisamos encontrar-nos para tirarmos a limpo algumas intuições que tenho tido, entre elas a respeito da influência que as entidades a que você chama de espíritos possam exercer sobre as pessoas.

— Hoje à noite, no centro, em minha casa ou na sua. Estou à disposição, muito embora não tenha achado nada que possa esclarecer as suas dúvidas, que, de resto, são também minhas.

— Vou ver se Milene me dá alvará.

— Você já pôs o cunhadinho a par de tudo?

— Ainda não.

— Pois ele pode ser o meio de atingir o nosso fim, bastando dizer que foi o Felício quem sugeriu...

— Muito bem arquitetado. Vou ver se cola...

Às três horas, Belarmino apanhava o padre diante da casa paroquial.

Assim que assumiu o banco ao lado do motorista, Felício fez questão de prender-lhe na aba do paletó um laço de fita preta, comentando:

— Hoje em dia, as pessoas não gostam de revelar que estão de luto. No entanto, é costume bastante sadio psicologicamente, dado que as pessoas com a insígnia são respeitadas. Aqui estão mais duas fitas para Milene e José.

Belarmino colocou-as no bolso, agradecendo:

— Sabe que nenhum de meus parentes trazia esse sinal? De fato, são raras as pessoas que ainda mantêm a tradição. Às vezes, nos jogos de futebol, os jogadores entram com braçadeiras pretas.

— Você sabe ir ao prédio da cúria?

— Mais ou menos.

— Vamos ter de entrar pela porta lateral, onde fica a ala do ambulatório.

A palavra *ambulatório* acendeu no advogado a esperança de que o quarto poderia parecer-se com o que visitara mentalmente, porém, não disse nada.

Durante a viagem, Felício fez questão de expor o resultado das reflexões a respeito do fenômeno da dupla presença:

— Meu caro, acho que posso dizer que são duas as formas possíveis de você ter sido transportado para o Rio. Considerando os

casos dos santos, em sendo um milagre, para Deus nada é impossível. Então, o Pai, o Filho ou o Espírito Santo lhe deram a oportunidade de salvar o seu avô, como Santo Antônio salvou o pai da acusação que lhe pesava. Neste caso, você irá ficar sobrecarregado de responsabilidade para fazer jus, *a posteriori*, à tremenda benemerência de que foi alvo, ou seja, passando a agir em consonância com os ensinamentos evangélicos, com as leis de Deus e com as da Santa Madre Igreja Católica Apostólica Romana. Contudo, se você me permitir citar algo de suas próprias confissões...

— Esteja à vontade.

— A bem da verdade, nenhum pecado seu poderia ser categorizado dentre os mortais. Você sempre se preocupou em denunciar seu egoísmo, seu orgulho, sua vaidade, um pouco de prepotência e alguma indecisão quanto a admitir os dogmas, acusando-se de racionalista, embora não contumaz. O que o tem preocupado, ultimamente, é o fato de exercer a defesa de pessoas que você sabe que não são inocentes.

— Por falar nisso, o Lando já recebeu o dinheiro...

— Eu também recebi e não me importo senão com o fato de bem aplicá-lo, em favor da ampliação dos meios de cuidar dos que nos procuram com problemas materiais. Pois bem, o que estou tentando dizer-lhe é que, para que você venha a merecer levar avante a notícia que me trouxe, interessando a Santa Sé, futuramente, em processo de beatificação, vai ter de agir de forma pura, o que inclui, forçosamente, uma vida plena de sacrifícios de toda espécie, sempre em favor do próximo. Como Jesus disse: distribuindo aos pobres os seus pertences e vestindo a estamena grosseira...

— Vamos à segunda hipótese, porque, para a primeira, não tenho vezo algum.

— Já chegamos. Estacione no pátio.

Quando foram obstados pelo porteiro, Felício mostrou a credencial que lhe permitia ocupar uma vaga por hora e meia.

Antes de descerem do carro, o padre fez questão de concluir os raciocínios:

— A minha segunda ideia não vai agradá-lo, porque admite força superior bem diferente da de Deus. Lembrei-me do episódio da tentação a que o demônio submeteu Jesus, principalmente quando o transportou para o alto do templo. Se o espírito das trevas teve força para conduzir o Senhor, poderá fazer o mesmo a qualquer um. Se é verdade que você salvou seu avô da morte certa, também poderá impar-se de orgulho, imaginando que para lá foi transportado milagrosamente, sendo apaniguado pelo Criador. Aí poderá ocorrer de se vangloriar, o que o levará a perder a alma.

— Por isso é que estou procurando entender o que me atingiu, sem fazer alarde do fenômeno. Eu só queria contar para o senhor e para o Lando. E quem me obrigou a revelar tudo à minha mulher e ao meu cunhado?

— Fui eu. Mas agora não quero divagar. O que desejo mesmo é adverti-lo para as duas únicas possíveis explicações que a religião que represento pode oferecer-lhe. Aliás, ambas desembocam no mesmo rio caudaloso da necessidade de santificar os procedimentos.

— Padre Felício, o senhor há de convir que nenhuma atende ao meu interesse em decifrar o mistério do modo mais natural possível. Eu não percebi nenhuma força sobrenatural agindo sobre meu organismo. Tudo me pareceu perfeitamente claro: apenas havia duas realidades simultâneas, em que me senti atuando. Aposto que tanto Santo Antônio quanto Santo Afonso, se deixassem registradas suas impressões, teriam testemunhado perfeita sensação de materialidade, ao menos no local de destino, tendo ficado os corpos em estado letárgico, que foi como eu percebi ter ficado o meu. Naqueles momentos, meu espírito parecia dominar ambos os ambientes, mas a sensação física estava toda no hospital.

No tribunal, era como se estivesse atuando de forma totalmente passiva. Se tivesse de apartear ou de responder a alguma questão, provavelmente o encanto se desfaria.

— Doutor Belarmino, meu querido amigo, insisto num ponto que julgo primacial: você entendeu a minha advertência embutida nas explicações que lhe passei?

— Entendi e fiquei com muito medo. E se, por acaso, eu cair em tentação, será que serei perdoado, ainda que me arrependa profundamente?

— Sinto em suas palavras laivos de irresponsável ironia.

— Pelo amor de Deus, santo homem, longe de mim tal coisa na presente condição de luto e de perplexidade. Não estou afirmando nada. Estou perguntando até que ingenuamente, porque penso que deveria conhecer o seu ponto de vista. Mas insisto na pergunta: serei perdoado?

— Deus sempre perdoa os pecadores arrependidos.

— Era o que eu desejava ouvir. Perdoe-me, então, se lhe pareci desrespeitoso para com a sua pessoa e a sua crença.

— Vamos entrar, por favor.

Felício caminhava com a desconfiança de que a retórica do advogado conseguira enredá-lo, mas não tinha como efetuar a acusação. Dava tempo ao tempo, para melhor caracterizar a honestidade de tudo quanto ouvira.

Henrique recebeu-os sorridente, sentado em cadeira de balanço, cobertas as pernas com cobertor e as costas com xale de lã.

O diálogo foi meramente protocolar, enquanto Belarmino esticava os olhos para ver se reconhecia os tópicos que lhe ficaram gravados na memória. Precisou admitir que todos os ingredientes estavam lá, mas com aparência totalmente diversa. Positivamente, chegou à conclusão de que nada do que construía correspondia, inclusive a própria fisionomia do paciente, que estava bem mais saudável do que a que lhe emprestara.

Não se passaram nem dez minutos e Felício dispensou o motorista, afiançando-lhe que Henrique precisava tratar de negócios relativos à paróquia:

— Não se preocupe: eu pego um táxi.

Enquanto avançava no meio do tráfego, Belarmino ia formulando certa hipótese a partir das ideias que o padre lhe inoculava. Nada, porém, que se apoiasse em intervenções divinas ou demoníacas.

Passou o restante da tarde entretido com a leitura das obras da codificação espírita, ajudando a compreensão dos textos através de pesquisa na Internet, onde pôde buscar outros significados para os termos que ia assimilando. Procurou referências novas a respeito da bicorporeidade, como ainda se enfronhou nas biografias dos santos que manifestaram o mesmo fenômeno, tendo achado citadas outras figuras, quase todas filiadas ao espiritismo, que alcançavam deslocar-se no espaço. Por mais que procurasse, no entanto, não encontrou o que mais lhe interessava: uma explicação do mecanismo de realização.

Anoitecia quando chegou José, a quem Belarmino desejava envolver nas pesquisas, antes de contar-lhe os fatos pessoais.

— Desculpe-me estar reinando em seu aparelho.

— Nosso aparelho.

— Estou interessado em levantar um tema que Felício expôs na missa. Ele não falou a respeito no sermão que você ouviu? Trata-se do que se passou com Santo Afonso...

— Ele contou a história e pediu que se apresentassem os que soubessem de casos análogos.

— Que você achou disso?

— Quer saber se acreditei no conto da viagem astral?

— Viagem astral?

— Foi como *Seu* Ramiro definiu o caso de desdobramento.

— Ele é entendido do assunto?

— Ele e Dona Janice contaram alguns casos de pessoas que se afastavam do corpo em experiência de quase morte, podendo observar o que se passava no local, inclusive com o próprio corpo. Eles conversaram um pouco mas acharam que não se tratava propriamente dito de um milagre do tipo do santo. Por isso, não fomos, depois da missa, conversar com Felício.

— Você não disse se acreditou...

— Eu acredito em tudo o que os pais de Janira acreditam, pode ficar certo disso.

— E se eles disserem que estavam presenciando o que vocês dois faziam no escurinho do cinema?

— Vou pedir-lhes para guardarem segredo, porque existem certas coisas que devem ser feitas às escondidas...

— Malandro!

— Não quer dizer que a gente estivesse fazendo nada de mais, pelo menos no *escurinho do cinema*...

— Ora, vá pentear macacos!

— Só se a Janira for junto...

Belarmino estava percebendo que não iria avançar muito naquela direção. Procurou dar certo sentido de seriedade à conversa:

— Você sabe que os espíritas chamam aquele fenômeno de *bicorporeidade*?

— Vai cair no vestibular?

— Com certeza, não.

— Então não vou me preocupar com isso.

— Pois faz muito bem.

E a conversa terminou ali, sem que José ficasse conhecendo a preocupação do cunhado. Havia caído por terra a sugestão de Lando para envolver Milene no plano de se encontrarem.

Como José precisasse do quarto, Belarmino foi conversar com a esposa, que se despedia de Honorina, já com o jantar encaminhado.

— Querida, não fui capaz de contar nada ao seu irmão, apesar de Felício ter feito a mesma coisa na outra missa.

— Fique tranquilo que não haverá de faltar oportunidade. Se você quiser, eu digo a ele.

— De jeito nenhum. Ele vai pensar que estou ficando louco. É preciso que eu mesmo conte, comprovando com os elementos materiais e testemunhais tudo quanto lhe disser, ainda mais porque ele está absolutamente envolvido com a coleguinha. Acho que a reação dele não vai ser nada boa.

— Pois eu acho que, quanto antes ele ficar sabendo, menos vai ficar zangado ou magoado com a gente por mantê-lo na ignorância dos acontecimentos.

— Que é que você propõe?

— Felício e Lando não estão querendo reunir-se com você? Leve meu irmão junto.

— Se ele não estiver combinado com a namorada...

— Pode levá-la também.

— Vai ficar muito esquisito, principalmente porque não vou querer que ela saiba de nada.

— Só vocês é que podem brincar?

— Há certas coisas com que eu não quero nem vou brincar. Em todo o caso, vou ligar para aqueles dois, para saber se estão dispostos a conversar comigo.

Cinco minutos depois trazia a confirmação de que Lando chegaria às oito. Felício não podia comparecer:

— Parece que Lando tem algumas novidades a respeito.

— Você conversou hoje com Felício. Ele também não lhe trouxe nenhuma nova explicação?

— Falou que poderia ter sido artes do demônio.

Milene mediu o marido de alto a baixo. Estava achando que ele não estava cumprindo o que dissera a respeito de brincar. De qualquer modo, arriscou:

— Você deu ouvidos ao que ele disse?

— Completamente. Só que não aceitei a tese de que estivesse sendo manipulado por forças do outro mundo. No máximo, posso admitir que me abriram um canal de comunicação extrassensorial, o que só poderia ter sido providenciado por seres de outra esfera ou princípio existencial, do tipo dos anjos da guarda ou dos santos protetores. É preciso não esquecer de que a vida de meu avô foi salva por mim, pela intervenção que se operou no campo da realidade objetiva.

— Vejo que você está incorporando palavras novas ao seu vocabulário.

— Estou com os conhecimentos fresquinhos na cabeça. Ainda bem que existe a Internet.

— Você entrou em alguma sala de conferência?

— Não entrei, mas essa pode ser uma boa ideia. Provavelmente existam pessoas interessadas em discutir seriamente tais questões. Vou aproveitar o Lando e o José para saber o que eles podem recomendar-me.

— O Lando vem para jantar?

— Ele me disse que vem jantado, que você não se preocupasse com ele.

Belarmino ia adiantar outras informações, quando soou o celular.

— Pronto!... Sim... Está bem... Vou conversar com ela... Posso levar o José?... Certo. Já retorno a ligação.

Desligou e de imediato consultou Milene:

— O Lando quer saber se nós não podemos ir ao centro espírita. Ele foi chamado para tomar conta do prédio, enquanto os trabalhos forem sendo realizados.

Milene cheirou um complô mas não quis denunciar o marido. Ele não estava para brincadeiras. Simplesmente, liberou-o para ir por sua própria conta e risco. Levasse José, se ele manifestasse interesse. Quanto a ela, ficaria em casa.

Belarmino não gostou do tom da voz da esposa, mas simplesmente concluiu que ela ainda não estava preparada para enfrentar os desafios de uma nova doutrina. Não faltaria ocasião.

Após os três jantarem, José concordou em acompanhar o cunhado, não prometendo ficar muito tempo no centro, e aproveitou a oportunidade para solicitar o carro. Talvez fosse visitar Janira...

De fato, nem bem chegaram à sede espírita, lá se foi José sem dar oportunidade ao cunhado de pô-lo a par dos acontecimentos.

Lando logo manifestou sua solidariedade emotiva para com o luto do colega e ambos entraram, fechando-se na saleta da secretaria, onde poderiam conversar à vontade.

Foi o recém-chegado que puxou o assunto de seu maior interesse, citando as teses de Felício, aproveitando o ensejo para repudiá-las:

— Se, ao menos, os sacerdotes admitissem a possibilidade de conversarem vivos e mortos entre si, amenizariam bastante o medo dos crentes e simpatizantes, porque essa ideia de céu e de inferno é extremamente primitiva. Pelo que já li em Kardec, tudo não passa de criação dos homens, tendo o purgatório até data certa para seu estabelecimento pelos cardeais em concílio.

— Vejo que o amigo está deveras enfronhando-se nos temas espiritistas.

— Nada que não tenha relação com o meu caso. Mas devo dizer-lhe que não tenho conseguido uma explicação que me satisfaça.

— Eu reli a parte de *O Livro dos Médiuns* em que Kardec entrevista o espírito de Santo Afonso. Na verdade, o codificador não encontrou explicação cabal de como se dá o fenômeno da bicorporeidade.

Belarmino fez questão de concordar com Lando:

— Achei que Kardec faz tão só uma descrição do fenômeno e do estado em que fica o corpo, enquanto o espírito está fora. Achei

que admite até que haja a possibilidade de o espírito ocupar uma espécie de arcabouço meramente fantasmagórico, com certas propriedades com o poder de enganar as pessoas, passando-lhes a impressão do tato, além da visão e da audição. Ele fala mesmo em olfato, só não citando, pelo que pude abranger em meu rápido contato com a obra, o paladar. Pois eu lhe afirmo que até o paladar me pareceu perfeito, sentindo o gosto nojento da minha gaitinha imunda. No que se refere às outras pessoas, minha mãe e meu avô não estranharam absolutamente nada, não lhes passando pela cabeça que não poderia estar eu ali em corpo e alma.

Lando prestou muita atenção na espécie de desabafo do amigo, mas preferiu conduzir a conversa para outro ponto de maior interesse dele mesmo:

— Você se decepcionou com a leitura de Kardec?

— Gostei muito, apesar de considerar incompleta. Na Internet, porém, não achei nada que adiantasse um passo nas explicações dele. Quando convidei Milene para vir comigo, acabei tendo uma inspiração. Veja se você concorda com a minha hipótese.

— Vamos lá.

— Primeiro, uma rápida digressão. O nosso amigo da previsão do acidente...

— Sebastião...

— Sebastião. Ele, pelo que me contou, nunca mais acertou nenhum prognóstico. Aliás, nem tentou, satisfazendo-se com o sucesso do primeiro e único. Eu ameacei transportar-me para determinado lugar, que, depois, tive a pachorra de ir conferir, constatando que não correspondia em nada ao que imaginara. Por isso, acho que o meu fenômeno não irá repetir-se jamais. Quanto a Milene, considere que não está ainda na hora de ela aceitar vir ao centro espírita. Se vier, não terá nenhum interesse. Poderá apenas acompanhar-me. Aposto que muita gente, com certeza a maioria, passa a frequentar o espiritismo para ver se recebe comunicações do além, principalmente depois de perder algum consanguíneo.

Esses são os que buscam entender os fenômenos e estudar algum ponto da doutrina. Muitos para cá são trazidos por interesses materiais, que é como os atrai o Doutor Eurípides, para tratar-lhes do corpo. O próprio Sebastião interessa muita gente através da organização de caráter meramente social. Não se assuste que já vou chegar à minha ideia.

— Fique à vontade. Se eu tiver algo a objetar, você sabe muito bem que o farei. Até agora está tudo certo. Eu mesmo vim porque me pareceu que o catolicismo não satisfazia muitas das minhas questões, notoriamente as que diziam respeito aos dogmas.

— Pois bem, meu querido Lando, respeitando a existência de seres de outra dimensão desejosos de cooperar com o nosso desenvolvimento espiritual e tendo eles a possibilidade de influir sobre os nossos pensamentos, a ponto de provocarem obsessões, subjugações e até possessões, o que a própria fé católica admite, só que atribui tudo aos demônios, estou propenso a aceitar a ideia de que eles buscam um ponto fraco ou passível de ser acionado na personalidade das pessoas e imprimem ali uma sensação razoavelmente forte para trazer quem eles queiram para a reflexão sobre a própria existência deles, ou seja, para o fato de que, após a morte, todos vão habitar essa região na qualidade de espíritos desencarnados.

— Mino, você está inferindo que tudo o que lhe aconteceu foi por obra dos espíritos?

— Meu irmão me alertou para a possibilidade de uma força universal consciente, que teria proporcionado ao meu avô e a mim, ainda que estivéssemos inconscientes do que ocorria no hospital, um contato meramente mental, como um ato telepático. Ora, essa energia, como ele chamou, constitui alguma coisa e, por isso mesmo, não pode ter criado a si mesma. Vai ser preciso aceitar a ideia de uma inteligência primária cuja natureza apenas podemos inferir dos atributos que lhe reconhecemos e que você deve

recordar-se de ter lido nos primeiros capítulos de *O Livro dos Espíritos*.

— É verdade.

— Mesmo que exista essa entidade diluída pelo universo material como uma realização de caráter energético, não impede que possamos manter a individualidade de nosso ser através de outras dimensões, menos densas do que esta de que estão formados os nossos organismos. Eis aí como é perfeitamente admissível a existência do que você, com Kardec, chama de espíritos; os bons praticando o bem; os maus, a maldade; todos, porém, melhorando-se. Ora, como eu fui salvar a vida de meu avô, segundo o que os próprios médicos relataram à minha mãe, a atuação deles foi decisiva para me despertar para os fenômenos ditos espirituais. No dia seguinte, eis-me no clube a conversar com você, o meu amigo dissidente da religião católica. Outro empurrão no mesmo sentido. E agora, quatro dias depois, cá estou arrotando conhecimentos numa área que me era quase completamente desconhecida na sexta-feira de manhã. Segundo Felício, se eu seguir direitinho os ditames das leis da Igreja, de Deus e os ensinamentos de Jesus, poderei até vir a ser canonizado. Mas essa não é a solução que julgo estar nas intenções dos bons espíritos que me auxiliaram a despertar para esta linha de conhecimentos.

— Quer dizer que você pretende ingressar em nossa casa na qualidade de estudioso?

— Não pretendo mesmo, porque sei que isso iria causar sérios problemas de relacionamento com Milene. No entanto, considero-me suficientemente advertido quanto à ingenuidade de supor que, após a morte, serei conduzido ao reino de Deus por anjos de brancas asas, ou ao inferno, por diabretes com tridentes em brasa.

Lando não teve como evitar uma palavra de emocionada satisfação:

— Você será bem-vindo, pode crer, quando se sentir suficientemente forte para convencer Milene.

— Caro Lando, tenho a impressão de que vai demorar um pouco para ela vir. No entanto, se os guias deste centro me quiserem aqui, saberão providenciar para que ela aceite o fato.

— Como você acha que eles deverão proceder?

— Eu não penso em nada específico. Apenas confiarei neles, mesmo se nada fizerem a respeito, uma vez que, conforme a tese que lhe expus, o que deveria ser feito, já foi.

11. NA QUINTA-FEIRA

Belarmino ficou dois dias inteiros estudando espiritismo. Nem Lando nem Felício entraram em contato, de sorte que ideias novas não repercutiram nas mentes uns dos outros.

José se mostrou bastante esquivo, desaparecendo durante todo o dia, vindo apenas para almoçar, quando veio, não dando azo a que o casal lhe passasse a notícia que lhes pusera o coração em rebuliço.

Na quinta-feira, logo cedo, o advogado foi convocado para comparecer ao escritório, porque chegara um cliente recomendado por aquele cuja condenação o célebre causídico aliviara, uma semana atrás.

Ali teve o desprazer de topar com o sujeito da gorjeta, vendo-se na incômoda situação de agradecer-lhe as contribuições. Com ele, o dono de rede de lojas populares acusado de sonegar impostos, desejoso de livrar-se de provável condenação, já que, *intramuros*, por iniciativa própria, a conselho do amigo, confessava haver praticado o delito, abrindo os livros da escrituração paralela, para mostrar ao advogado toda a extensão do crime.

Feito o levantamento preliminar da situação, tendo o cliente saído levando a promessa de ser atendido em sua reivindicação, Belarmino se sentiu obrigado a abrir-se ao chefe, expondo-lhe o desagrado de estar na contingência de defender tremendo hipócrita.

— Será possível livrar-me deste caso?

— Só até terça, quando você irá retomar as funções. A partir de então, o processo será todo seu.

— Estou me sentindo muito mal, sendo remunerado por gente dessa laia.

— Meu caro, quem você irá defender jamais nos pagará, em sendo inocente. Nunca aconteceu por aqui. No máximo,

conseguimos livrar uns poucos réus que, sendo inocentados, acionaram o contendor, quase sempre o poder público ou grandes empresas, recebendo as polpudas indenizações com que saldaram os débitos para conosco. Você acha que tal dinheiro correu pelas vias da honestidade? Pois eu não penso assim, porque sempre foi o produto de ações passadas em julgado como criminosas. Se você quiser, isto sim, irá realizar apenas pesquisas internas, mas corte-lhe os proventos em noventa por cento...

Belarmino percebeu claramente a intenção de atá-lo ao compromisso firmado, perdendo-se em lucubrações de caráter meramente retórico, sem dar resposta à observação que o velho advogado lhe fizera. Desfilaram-lhe pela cabeça as figuras e imagens dos santos milagrosos, aferrando-se na ideia de que Santo Afonso era advogado mas renunciou ao ofício, para ingressar em sua ordem religiosa.

"Será que estou sendo influenciado pelo espírito que se comunicou com Kardec?"

Fez a pergunta e calou a resposta. Não queria dar oportunidade ao coração para a suspeita de que estaria recebendo mensagens diretamente do plano espiritual.

Em casa, fez questão de cercar o cunhado para pô-lo a par dos acontecimentos. Pensou em fazê-lo de qualquer jeito, mesmo que corresse o risco de ser ridicularizado.

José havia entrado apressado, dizendo-se atrasado para as aulas intensivas da tarde. Iria tomar banho e sair de imediato, sem almoçar. Que preparassem um lanche para ele comer no caminho, no meio do trânsito.

Belarmino aguardou pacientemente que o cunhado saísse do banheiro e seguiu-o até o quarto.

— Precisamos conversar. Não me importo de ficar vendo você trocar-se.

— Será tão importante o que vai dizer?

— Você é quem vai julgar.

— Vá dizendo.

— Você se lembra do fenômeno a respeito do qual Felício falou no sermão?

— História da carochinha.

— Você acha que a Santa Madre Igreja iria canonizar pessoas cuja presença não estaria comprovada em dois lugares diferentes ao mesmo tempo?

— Esse é o tipo da coisa que precisa da intervenção direta de Deus, através de um milagre.

— Eu soube que existiram pessoas capazes de praticar o fenômeno, sem serem santas, porque não pertenceram aos quadros eclesiásticos.

— Você é capaz de me mostrar praticamente essa tal de bicorporeidade ou ubiquidade? Alguém será capaz disso?

— Se eu lhe trouxesse pessoas que testemunharam um fato desse tipo, você levaria em conta o que contassem?

— Não me venha dizer que era sobre isso que você estava tão empenhado em conversar...

— Estou a fim de lhe dizer que isso se passou comigo.

José, que estava colocando a camisa, ficou com ela suspensa sobre a cabeça, olhando fixamente para Belarmino. Não sabia o que dizer. Finalmente, permanecendo com o torso atlético e saudável nu, sentou-se ao pé da cama, repousando a camisa sobre ela.

— Não diga mais nada, por favor. Estou pensando que as coisas estão encaixando-se: a sua preocupação em ir ao centro espírita, as conversas com o Lando e o Felício, a pregação deste na missa, os livros que você tem levado para todo o lado... Quer dizer que você se deslocou para algum outro lugar em espírito? É isso?

O interesse súbito do cunhado estimulou Belarmino a narrar todos os fatos que lhe ocorreram na sexta-feira, oferecendo ao rapaz as possíveis comprovações dos horários, através das informações facilmente colhidas entre os familiares e as pessoas presentes no tribunal.

Inquirido pelo olhar do advogado, José ponderou:

— Não estou pondo em dúvida nada do que me disse, no entanto, acho que o faço em respeito à sua pessoa. Você me diz que foi o Felício que lhe pediu para me pôr a par de tudo...

— Sua irmã também tem insistido nisso.

— Pois bem, foi bom prevenir-me, para eu saber o que dizer se alguém me perguntar a respeito de sua sanidade mental.

— Ninguém, além das pessoas que enumerei, vai ficar sabendo de nada.

— Eu acho que esse segredo vai cair na boca do povo.

— Espero que você não diga nada nem à sua namorada.

— Janira, oficialmente, não é minha namorada. A gente tem saído junto mas não trocamos confidências ainda.

— Você leva os pais dela à missa, sabe das coisas íntimas deles, foi ao cinema com ela...

— O cinema foi você quem inventou...

— E o almoço no domingo?

— Retribuição pelo favor que fiz levando-os à igreja. Além do mais, queriam conhecer-me.

— Isso me põe mais sossegado quanto a você fechar a boca.

— Não me lembra que você tenha imposto essa condição.

— Não brinque comigo.

— Não é estranho, prezadíssimo advogado e marido de minha irmã, que, tendo sido presenteado com milagre de tamanha expressão, a ponto de se constituir em mérito de dois santos, você não queira divulgar o fato, para que as pessoas possam refletir a respeito, podendo esclarecer-se quanto a um evento raríssimo?

— Não havia pensado nesses termos.

— Não seja egoísta. Não se limite ao estreito círculo de uma pequena família, mais um irmão, um padre e um colega. Vá aos jornais. Vá à televisão. Algo assim deve cair no domínio público. Você não deve querer guardar tudo para você, com medo de que vão chamá-lo de louco. Sua mãe e seu avô irão defendê-lo de

qualquer acusação de má-fé, de dolo. Essas coisas você sabe bem melhor do que eu.

— Você está me assustando. Deixe de brincadeiras. Se tudo fosse tão fácil assim como você está dizendo, eu já teria tomado essa iniciativa. Acho que a primeira consequência vai ser eu perder o emprego. Quem é que vai confiar em alguém que afirma poder estar em dois lugares ao mesmo tempo, como se eu estivesse com o poder de me deslocar à vontade. Considero-me apenas uma pessoa escolhida para um efeito singular, algo que vai acontecer comigo apenas uma única vez. Com certeza, tanto se eu abandonar a religião católica, quanto se eu não procurar mais as explicações espíritas, terei de carregar durante o resto de minha vida a responsabilidade de haver salvo meu avô de morte certa. Quero agradecer sua recomendação, mas lhe peço que me permita resguardar-me o direito de desmentir quem quer que traga a notícia a público.

— E se for o Felício?

— Ele é o primeiro a defender a minha discricão. Não se esqueça de que contei a ele como se o fizesse no confessorário.

— Não foi bem assim que você me contou. Em todo caso, por falar em confessorário, um milagre desse tamanho ele não vai poder nem querer deixar de contar ao confessor dele, quem sabe o próprio bispo.

Belarmino fez menção de retirar-se, enquanto José colocava rapidamente a camisa, as meias e os sapatos, passando um pente nos cabelos curtos, aspergindo um perfume em *spray* atrás das orelhas e nos pulsos, levantando a camisa para alcançar o peito. O odor inundou o quarto, como que formando uma barreira de satisfação olfativa para as preocupações de Belarmino, que pôde, finalmente, rogar ao moço:

— Peço-lhe que não fale nada disso a ninguém, por favor. Se os seus temores ocorrerem, aí voltaremos a conversar para

estabelecermos em conjunto uma estratégia para superarmos possível crise familiar.

— Se precisar de mim para levá-lo a alguma clínica psiquiátrica, estou às ordens.

José estava querendo quebrar o gelo, mas Belarmino já havia saído para ruminar as novas ideias que lhe estavam tomando a mente de assalto. Na verdade, tremia um pouco, temendo que tivesse de tomar uma atitude definitiva perante os relacionamentos.

Logo após o almoço, durante o qual se mantivera em silêncio, pondo Milene de sobreaviso quanto a algo não muito "católico" nos pensamentos do marido, Belarmino cismou de perguntar a Honorina a respeito de sua crença religiosa:

— Honorina, qual é a igreja que você frequenta? — inquiriu sem introdução, quando ela trazia o café.

— Doutor, eu não vou a culto nenhum. Eu tenho o meu lugar na mesa do centro espírita do meu bairro.

— Quer dizer que você é médium?

Honorina olhou de soslaio para Milene, temerosa de que poderia ofender a fé da patroa. No entanto, precisou responder:

— Sou.

— Que espíritos você incorpora?

— Os que vierem, sempre sob a proteção dos guias.

— Você falou em mesa e em guia. É kardecista o centro que você frequenta?

— É e não é.

— Como assim?

— A gente estuda um pouco mas também fazemos trabalhos de terreiro.

Belarmino ficou sem saber como categorizar o centro. Desconfiava de que a mistura era totalmente heterogênea. Insistiu:

— Vocês têm atabaques e outros instrumentos? E imagens de entidades do candomblé?

— O centro está dividido em dois. Nas salas da frente, ficam os médiuns de mesa branca. Nos fundos, ficam os filhos de santos.

— E você?

— Eu vou nos dois lugares.

— Quer dizer que você fica um tempo...

— Um dia, num lugar; noutro dia, noutro.

— Quer dizer que vocês não misturam as atividades?

— Isso mesmo.

— E não tem discussão entre os dirigentes?

— São as mesmas pessoas que cuidam de tudo.

— Por exemplo, Honorina, o mesmo que fica numa sessão vai também à outra?

— Existem dois doutrinadores que também são pais-de-santo.

— Babalorixás?

— Isso mesmo. Mas também tem outros que só ficam na frente e outros que só ficam atrás.

— Eles não querem saber da outra linha espírita. É isso?

— Não. Os doutrinadores é que determinam onde devem ficar. Eu acho que é para...

— Não diga eu acho. Se você não tem certeza, pergunte a quem sabe. Depois eu vou querer saber exatamente o porquê disso.

— Posso perguntar, mas não sei se eles vão me dizer. Por que o senhor não vai até lá? Vai ser muito bem recebido, porque a gente respeita todos os que procuram o centro.

— Vamos fazer assim: você pergunta e, quando tiver tido uma resposta qualquer, se sim ou se não, você me conta. Depois eu decido se devo ir ou não até lá. Está bem assim?

Honorina concordou logo, porque não estava gostando nada das caretas que a patroa fazia.

Assim que a empregada se retirou, Milene, apertando o braço do marido, observou-lhe num sussurro:

— Só faltou você contar tudo a ela...

— Não é verdade. Eu só especulei um pouquinho. Achei curioso que...

— Enquanto isso, o José fica na ignorância...

— Já o pus a par de tudo.

— Quando?

— Depois que ele tomou banho.

— E como ele reagiu?

— Achei que veio com gozação para o meu lado. De qualquer modo, fez alguns comentários que devemos levar em consideração.

— Vamos conversar na sala.

— Vamos.

Foi quando José passou por eles, avisando que ia usar o carro da irmã. Estava muito atrasado. Exibiu o pacote com o lanche, fez um sinal de positivo para o cunhado, lançou um beijo para Milene e escapuliu antes que lhe fizessem qualquer restrição ao fato de se assenhorear do veículo.

Milene não estava nem um pouco preocupada com o carro, que partilhava com o irmão desde que deixara de lecionar. De resto, fora ela mesma quem insistira para que ele se habilitasse, já que estava tornando-se sua motorista particular.

Belarmino foi quem observou:

— Ele ainda estava em casa? Por que não almoçou conosco? Seu irmão está muito estranho e abusado. Ultimamente, ele tem utilizado os nossos dois carros como se fossem dele.

Milene fez-lhe uma provocação:

— Ou a gente compra um só para ele ou vende o meu, para ver se ele toma a liberdade de nos deixar a pé.

— Mas isso é mais do que certo. Aí é que não vou ter sossego. Contudo, a ideia de comprar um carro para ele até que é boa, principalmente agora que está prestes a ingressar na faculdade. O que não vou admitir é que queira uma motocicleta, o maior perigo das ruas da cidade.

— Acho que ele não vai querer levar a namorada na garupa.

— Coleguinha. Ele disse que não estão namorando.

— Essa eu não engulo. Se você engoliu, é porque é muito ingênuo...

— Não chame um advogado de defesa que atua junto ao tribunal do júri de ingênuo. As provas de que estão namorando são meramente circunstanciais. O fato material estava eivado de contradições, uma vez que foram flagrados na companhia dos progenitores. Se estivessem compromissados, não poderíamos chamar tal vínculo senão de noivado, nunca de namoro.

— Eu não chamei você aqui para tais digressões. O que quero saber é como reagiu meu irmão.

— Faltou pouco para me ofender...

— Isso você já disse. Quero saber quais foram as ideias que você achou que devemos levar em conta.

— Para começar, ele disse que não vai demorar para que alguém dê com a língua nos dentes e o meu caso vai cair no domínio do povo.

— Aí você nega tudo.

— Foi o que eu disse. Mas ele retrucou dizendo que o contrário é que deveria merecer a minha preferência, porque a raridade do fenômeno deve servir para alertar as pessoas a respeito da possibilidade do milagre. Aliás, foi exatamente assim que agiu Felício no púlpito.

— Não achei que a contribuição de meu irmão tenha sido tão valiosa.

— Pense bem, querida: se eu for à televisão ou aparecer nos jornais e revistas, vão tratar-me como um ser teratológico, um monstro, um aleijão da natureza. Quem é que irá confiar em um advogado que diz que esteve na cena do crime? Os juízes irão me expulsar do sagrado recinto do tribunal. E eu não poderei provar a minha inocência quanto a não ter tido qualquer participação consciente para que o fenômeno ocorresse. É pior do que se tivesse caído do décimo andar e não sofresse sequer uma única escoriação.

Neste caso, haveria a desculpa do descuido. No outro, nem isso. Primeira consequência: vou perder o emprego. Aí, você vai ter de voltar a trabalhar. E seu irmão vai ficar sem o carro.

— A menos que você escreva um *best-seller* e acabemos ricos.

— Você e seu irmão podem dar-se as mãos.

— Afinal de contas, que foi que você decidiu a respeito do que seu cunhado disse?

— Estou caminhando sobre ovos. Na verdade, confesso que estou com muito medo. O que eu gostaria mesmo é de poder explicar cientificamente os fatos. Mas aqui esbarrei com dificuldades muito grandes, ideias que raíam pela credence e pelo maravilhoso dos dogmas da Igreja. Por isso é que preciso da ajuda tanto do Felício quanto do Lando. As minhas pesquisas não adiantam um passo no caminho que pretendia trilhar. Parece que esgotei todos os textos do espiritismo e do catolicismo. Somente uma discussão mais ampla poderá efetivamente trazer uma luz natural para entendimento do fenômeno.

— Você está com medo de que as pessoas em geral fiquem sabendo, porque elas não saberiam como administrar o pensamento de que alguém que ainda está vivo possa ter realizado um milagre de tamanha grandiosidade? É isso?

— É.

— Você não acha que tanto Felício como Lando reagiram à altura do problema?

— Eles me trataram como verdadeiros amigos. Meu irmão também foi maravilhoso. Até José reagiu a contento. Só você está me causando preocupação, porque estou percebendo que está com receio de me perder para outra concepção religiosa.

— Mino, não precisa preocupar-se comigo. Enquanto você não tiver sido excomungado, poderemos permanecer juntos.

— Graciosa criatura, respeite, por favor, o nosso filho, este enteozinho maravilhoso que você está gerando.

— Deus te ouça, porque assim seremos dois a prendê-lo pelos laços do amor, não permitindo jamais que se aparte da família que Deus lhe deu.

— Assim seja, querida, porque o desassossego que estou passando, pode crer, está cada vez me angustiando mais. Nem o falecimento de meu pai provocou um esquecimento dos fatos.

— Se você quiser esquecer, peça a São Belarmino, que lhe dará mil razões para você desfazer esses nós emocionais, não tivesse sido ele o cardeal e teólogo mais polêmico e sábio de seu tempo, conforme li na enciclopédia.

— Você foi atrás de um santo que me enfrentasse no campo das discussões...

— Um santo cuja história você deve ter pesquisado muitas vezes e para quem eu sei que rezou, pedindo por ideias e conceitos definitivos.

— Se você me der licença, querida, vou ligar para os meus amigos, para saber se estão dispostos a se reunirem hoje.

— Fique à vontade, meu bem. Eu é que não vou querer ouvir as bobagens que vocês irão inventar.

— Isto significa que seus sentimentos...

— Os meus sentimentos tenho demonstrado constantemente. Eu o amo e não quero perdê-lo, jamais.

Sem dar oportunidade ao marido de responder, Milene se retirou.

De repente, Belarmino percebeu que se abria um vácuo de tempo à sua frente. Sem desejar preenchê-lo com leituras nem com conversas, muito menos com correspondentes virtuais, através da Internet, resolveu que o melhor para ele era um passeio a pé pelas ruas do bairro. Queria observar as pessoas em suas atividades mais comuns.

Avisou Milene de passagem, dando-lhe a desculpa de que ia até a banca de jornais, e saiu.

Na rua, assustou-se um pouco com o fato de estar caminhando, o que raramente acontecia. Às vezes, ia até o jornaleiro, mas este ficava logo na esquina, não demandando a caminhada mais que duzentos passos, entre ida e volta.

Cismou de não ir na direção do centro espírita, de sorte que foi no sentido do centro da cidade, centro que distava cerca de seis a sete quilômetros dali.

Queria sentir as atividades das pessoas mas o que mais via eram transeuntes apressados.

Ao atravessar o primeiro cruzamento, precisou aguardar que o sinal abrisse, misturando-se com umas vinte a trinta pessoas, todas meio impacientes, tanto que um rapaz se atreveu a avançar mesmo com o aviso de que deveria esperar. Lépido, desviou-se de dois carros, parou na metade do caminho para dar vez a outro veículo e saiu correndo, ganhando a calçada oposta, ileso.

Estranhou o advogado que estava censurando a ousadia do outro, achando que não precisava ter-se precipitado, arriscando muito por um lucro mínimo de tempo. Resolveu não cruzar a rua, voltando atrás nos passos, chegando a encostar-se na parede da padaria da esquina.

Ali, imaginou-se correndo em ziguezague por entre os bólides que passavam, enquanto lhes permitia o sinaleiro, acabando por ver-se pilhado mortalmente por coletivo cheio de passageiros. Não se deteve a examinar a razão de estar o ônibus cheio, mas se concentrou no fato de que a vida humana, mesmo em ambiente considerado civilizado, não tinha grande valor, podendo ser desperdiçada a qualquer momento.

Viu-se morto num caixão, ocupando o lugar do pai, envolvido por flores e por velas acesas, quadro mental a que não faltaram lágrimas, nem rezas, nem projéteis riscando a escuridão do céu.

Sorriu meio aparvalhado, sem considerar que poderia chamar a atenção dos transeuntes, e passou à fase seguinte da morte, em espírito, a ser recebido por anjos e demônios, que fez questão de

misturar a muitos espíritos, alguns luminosos, outros opacos, muitos desconhecidos, vários familiares, entre os quais o próprio pai.

"*Qual seria o resultado da disputa pela alma que chegava ao etéreo?*" — foi a pergunta que realizou intimamente

Foi quando viu que se acercavam do caixão Felício e Lando; o primeiro a instigar os anjos para que transportassem o recém-chegado para as plagas etéreas do reino de Deus, afirmando, em altos brados, que aquela era a alma de um santo, cujos milagres ele mesmo iria atestar junto aos prelados encarregados da canonização; o segundo, a rogar para os espíritos de luz carregarem a entidade atordoada para hospital de tratamento intensivo dos que não têm a certeza de estar em dia com as obrigações cármicas, segundo as diretrizes morais do evangelho de Jesus.

Belarmino sentiu uma zoeira nos ouvidos, como se estivesse desfalecendo. Percebeu que precisava reagir ou acabaria dando vexame em plena via pública. Respirou fundo, absorvendo o ar poluído pelos gases expulsos dos veículos e se refez, voltando a construir a realidade do momento à sua volta.

Sem notar para onde ia, arrepiou caminho até deparar-se junto à banca onde era conhecido.

— Que vai ser hoje, doutor?

— Que é que você tem aí de leitura leve?

— Que gênero: policial, fantasia, erótico, místico ou romance?

— Policial.

O jornaleiro pegou cinco volumes e dispôs sobre os jornais do dia, para que o freguês escolhesse.

— Eu levo todos. Quanto é?

— Não vai querer nenhuma revista?

— Não, só os livros.

Feita a conta, Belarmino pagou, recebeu o troco e deu seu lugar para outros fregueses.

Levava as obras dentro de uma sacola de plástico, contudo fez questão de apanhar uma delas para examinar-lhe o conteúdo. Deu com algumas frases meio chulas, recheadas de palavrões.

"Acho que não vão ser estes textos que me irão distrair. Em todo caso, vamos confiar em que haja algum atrativo além da linguagem."

Guardou o volume com os demais e examinou detidamente todas as casas de comércio de ambos os lados da rua. Julgou que o melhor ponto de observação das pessoas ficava bem atrás dele, junto ao balcão de pequeno bar, o qual oferecia tamboretas em que se sentavam alguns fregueses. Naquela hora, não havia muita procura por lanches rápidos.

Belarmino se sentou e pediu café expresso.

Enquanto esperava alguns instantes para ser servido, passou a vista pelas pessoas que estavam sentadas junto a pequenas mesas, ao longo da parede lateral. Havia dois casais diante de taças de sorvetes, um homem magro, de terno e gravata, pálido, diante de uma garrafa de cerveja pela metade. Viu também dois homens de catadura suspeita, diante de pratos vazios, fumando cigarros e conversando como se trocassem confidências.

Instintivamente, Belarmino grudou-se à carteira no bolso da calça, segurando-a com força como se lhe fossem furtar.

Veio o café, mais o açúcar e um frasco de adoçante sem calorias, que o garçom deslocou de um lado a outro do balcão.

— Mais alguma coisa, senhor?

— Daqui a pouco, talvez um doce. Primeiro vou saborear...

Não chegou a concluir. Já o rapaz estava diante de outro freguês na ponta do balcão.

Foi quando se achegou para o seu lado uma pessoa vestida como operário da construção civil, ocupando o tamborete vizinho. Sentou-se de costas para o interior, com o olhar distante, perdido no horizonte delimitado pelos prédios do outro lado da rua.

Sem se voltar para olhar o interlocutor, perguntou:

— Você acha possível que eu esteja, neste preciso instante, em outra cidade, ajudando a construir um condomínio residencial?

— Eu creio perfeitamente nisso.

— Pois é a primeira pessoa que me diz isso. Olhe que eu não bebo, não fumo nem tenho nenhum vício desses que afetam a mentalidade das pessoas. Simplesmente, costumo me deslocar em espírito, visitando regiões que me atiçam a curiosidade. Está bom esse seu café?

— Muito bom! Quer tomar um?

— Aceito de bom grado.

— Garçom, por favor, traga outro expresso para o amigo aqui.

O pobre rapaz não entendeu direito o pedido mas não demonstrou sua estranheza. Daí a pouco, juntou outra xícara cheia à outra pela metade, saindo sem oferecer mais nada, desconfiado de que talvez precisasse exigir o pagamento.

O sujeito continuou de costas para o balcão, sem tocar no café, insistindo no mesmo ponto:

— Sabe que você é a primeira pessoa que me dá atenção e acredita no fato de eu estar bem longe daqui?

— Ainda bem que eu prestei para alguma coisa boa. Parece que você ficou muito contente com isso. O café já está servido. Não vai beber?

— Se eu estou longe daqui, como é que você quer que eu beba o café?

— Mas você aceitou "de bom grado"...

— Eu não poderia recusar tão amável convite. Era apenas *pro forma*, para utilizar-me de lídima expressão latina. Agora preciso ir porque estão ameaçando acordar-me. Adeus, amigo. Fique com Deus!

O indivíduo caminhou diretamente para o outro lado da rua, indiferente ao trânsito, como se nada pudesse suceder-lhe. Belarmino juraria que viu quando penetrou parede adentro do edifício fronteiro.

"Será que estou ficando louco? Vou tirar a prova com o garçom."

Fez um sinal mas o rapaz estava ocupado, de forma que teve oportunidade de sorver um pouco do café da outra xícara, levando um choque com o amargor do líquido. Foi o tempo de se aproximar o rapaz, mas já Belarmino não estava disposto a interrogá-lo a respeito da presença da estranha figura, a não ser indiretamente:

— Aposto que você se admirou de eu ter pedido uma segunda xícara, quando ainda não havia tomado a primeira.

— Tudo bem, senhor.

— Quanto lhe devo, ou melhor, me dê o troco para esta nota de dez.

— Um momento.

Belarmino considerou que havia conversado com um ser do outro mundo. Mas precisava ter certeza de que só ele vira o fantasma.

Assim que o rapaz chegou, insistiu:

— Não devem ser muitos fregueses que ficam falando sozinhos enquanto tomam café, não é verdade?

— Não tenho tempo para conversar, mas o senhor parecia estar falando com alguém.

— Era o que eu queria saber. Você está seguro que não esteve ninguém sentado aqui ao meu lado?

— O que o senhor quer que eu diga? Nem sempre a gente pode prestar atenção em tudo.

— Mas quando você serviu a segunda xícara, você não...

— Com licença. Chegaram mais fregueses.

Quando estava desistindo de olhar para os passantes, cruzaram pela sua frente os dois mal-encarados dos fundos. Ele conseguiu pegar um rabinho de conversa:

— Então, esta noite, às oito, lá em casa. Leve a esposa.

— Vou levar também os filhos. Pode preparar os salgadinhos.

E cada um foi para o seu lado.

Como um autômato ou zumbi, voltou para casa, entrando calado, buscando refúgio junto à estante de livros, sem coragem de abrir nenhum.

Milene veio ver se estava tudo bem com ele, topando com os livros ainda agasalhados no plástico.

— Que foi que você comprou? Deixe ver.

Belarmino não moveu músculo algum nem exprimiu qualquer expressão de interesse.

Milene leu os diversos títulos, comentando:

— Acho que você irá distrair-se com estas obras de pura imaginação. Aqui, se alguém disser que se transferiu para outro local em espírito, pode ter a certeza de que é mera brincadeira do autor.

Depositou os livros sobre a mesa e retirou-se, sem estranhar que o marido não dera atenção alguma ao que ela havia dito.

Ao contrário, Belarmino se afligia com o fato de estar diante de novo fenômeno espiritual.

"Acho que estou sendo testado de novo. Sem dúvida, estou sendo testado, porque não havia motivo algum de um espírito se apresentar a mim, especialmente se não compareceu com outra intenção a não ser de me demonstrar que estou capacitado a ver, ouvir e estabelecer conversação com alguém que mais ninguém está percebendo. Será que outras pessoas são capazes de ver esses seres fantasmagóricos, pensando tratar-se de seres humanos de carne e osso? Sentado ali, até que seria plausível minha hipótese, mas, atravessando no meio do tráfego sem ser atingido e desaparecer por dentro de uma parede, isso teria dado motivo para as maiores observações. Iriam pôr a boca no trombone."

la desenvolvendo os pensamentos como quem conversasse consigo mesmo. Naquele instante, porém, as ideias se desencadearam febricitantes, como que acionadas a turbina a jato. O máximo que conseguiu reter de especialíssimo foi a intuição de que deveria proceder de maneira inversa à que supôs como os

outros reagiriam. Deveria calar-se, sem atribuir nenhuma espécie de responsabilidade a ninguém mais.

Atinou também que as pessoas que souberam de seu desdobraimento passaram a agir de forma diferente da habitual, tendo gerado uma série de atividades mentais capazes de influir a respeito do próprio conceito de vida e de morte.

"Será que é isso que os espíritos que cuidam de minha alma desejam para mim? Será que querem que eu me sinta responsável por algum tipo de contato espiritual ou espiritual, desenvolvendo propriedades de percepção extrassensorial? Será que inscrevi no meu roteiro de vida algum tópico relativo à mediunidade? Não reconheço na bicorporeidade um fenômeno mediúnico, no estrito senso de que cabe ao médium intermediar o contato entre o plano da espiritualidade e o carnal. Da mesma forma, sentir a presença física, quase tangível, de um espírito de pessoa viva, não se situa entre os casos de captação de informações ou comunicações de além-túmulo. Estremeci ao pensar que poderia estar recebendo do Santo Afonso ideias em forma de intuições. No entanto, quem me diz que, neste exato momento, não estou transformando em pensamentos próprios aqueles que me estão sendo passados por algum amigo da espiritualidade? Neste caso, trata-se do despertar para um tipo de atividade que deverei educar. E como fazê-lo? Estudando os livros que tratam do assunto; ouvindo palestras a respeito; talvez, matriculando-me em algum curso sobre mediunidade; quiçá, indo assistir às reuniões no centro espírita do Lando e até da Honorina; e tudo isso à revelia de minha formação católica entranhada em meu sistema de vida, principalmente no que concerne à religiosidade de Milene, cujas atividades junto à igreja incluem a visita mensal ou bimensal do pároco, para refeições e convívio consagrado pelo halo de santidade que o confessor adquiriu perante todos nós."

Outro jorro de ideias e Belarmino já estava fixando uma posição:

"Ouçam vocês do campo energético da dimensão em que vivem os espíritos dos desencarnados: eu estou afirmando com toda a clareza que aceito que me demonstrem quantos fenômenos julgarem convenientes para minha formação espiritual, ao ponto de me responsabilizar por captar de modo inteligente e sábio quanta informação possa alertar-me para a verdade do após túmulo. Mas não queiram que eu revele a mais ninguém o que se passar no âmbito de minha consciência. Aceito conviver com os espíritos que quiserem conversar comigo, trazendo ou levando conceitos e conselhos de como se deve proceder em cada situação. Contudo, não me peçam para envolver outras pessoas que não estejam habilitadas a entender ou, ao menos, a absorver os fatos inusitados, os feitos que não podem ser produzidos à vontade das pessoas, através dos recursos materiais. Peço-lhes que me perdoem a fragilidade das expressões, uma vez que não domino os termos técnicos, mas acho que vocês são capazes de decifrar os sentimentos antes mesmo de sua transformação em palavras e frases. É isso aí. Se estiver sendo ouvido, mandem-me um sinal qualquer."

Deixou passar uns instantes e logo se arrependeu de como se manifestara. Aí falou em voz alta:

— Quem quer que esteja comigo, saia do esconderijo, porque não pretendo ser vítima da vontade alheia. Estou bem ciente de que Kardec fala em integridade do livre-arbítrio. Sendo assim, quero ser dono e responsável por todas as minhas atitudes. Deixem-me espaço para refletir sozinho, sem que isto represente excessivo amor-próprio nem orgulhoso autodomínio. É que me sinto ainda muito verde para as transformações que estão operando-se em minha personalidade. Em suma, não pretendo mudar uma palha no rumo que venho dando à minha vida social, profissional, familiar e conjugal. O que vou admitir, sem dúvida, será a descoberta das possibilidades humanas dentro do campo do relacionamento extrassensorial. Se me permitirem uma última observação, desejo ler algo que tenha sido escrito pelo Chico Xavier, com a intenção

deliberada de me permitir apanhar ditados por escrito, na qualidade de psicógrafo, dado que considero o meu cabedal de cultura suficiente para servir aos escritores do além.

— Que belo discurso o meu maridinho acaba de fazer! Que declaração de vontade e autonomia! Que desafio às forças infernais que poderão se assenhorear de sua alma, no mínimo abalando a sua razão! Desse jeito, meu caro, acho preferível que você acabe com esta semana de luto...

— O termo próprio é *nojo*...

— E eu não sei?

— É que meu luto por meu pai vai ultrapassar os limites dos parcos nove dias que a lei me concede.

— Mino, ainda estou sob o impacto de sua decisão de aceitar trabalhos de natureza diabólica. Penso que você esteja caindo em pecado mortal, porque desrespeita todos os princípios da teologia católica.

— Não seja extremista. O que aconteceu comigo está impresso em minha memória mas não na minha consciência. Não me sinto culpado de nada.

— Você não acha que está caindo em tentação?

— Não acho, não; especialmente porque o meu confessor está a par de tudo e dos meus esforços para entender como é que fui favorecido por esse fenômeno que a Igreja reconhece como milagre. Vamos cair na real. Foi isso o que eu propus às forças ou entidades que se escondem nas brumas do mistério de outra dimensão. Se me brindarem com páginas dignas de um Santo Tomás de Aquino ou de um Santo Agostinho, por que irei ficar preocupado? Mando imprimir os textos para orientação das pessoas.

— Por conta própria ou após consultar as autoridades eclesíásticas?

— Faço mais do que isso. Passo-lhe a atribuição de alcançar o *imprima-se* exigido para as obras católicas. E lhe prometo,

solenemente, que, em sendo negado, queimarei as páginas recusadas.

— Gostei de ouvir isso. Saiba que, para mim, se trata de um testemunho de fé passado em cartório.

— Documento que pretendo estampilhar com um beijo e arquivar com um abraço.

Milene deixou-se envolver pelos carinhos do marido e logo estavam planejando alegremente que nome dariam ao primeiro filho.

Não se passaram cinco minutos e soou o telefone da casa. Milene atendeu:

— Pronto!

— Milene?

— Sim.

— Doutor Lando. Como vai?

— Tudo bem por aqui, doutor. Quer falar com o "Doutor" Mino?

— Quero convidá-los a comparecer hoje ao centro espírita para palestra que darei a respeito dos fenômenos mediúnicos reconhecidos pela Igreja como milagres.

Pega de surpresa, Milene não quis ser agressiva, respondendo com uma evasiva:

— Você vai falar a respeito dos santos que estavam em dois lugares ao mesmo tempo?

— Tocarei nesse ponto, mas não acho que seja tema de muito interesse para a maioria dos espíritas. Aliás, nem aos católicos parece impressionar muito, porque tenho investigado e muito pouca gente sabe que existiram santos com tal atributo. Eu gostaria que vocês viessem porque é quase certo que Felício também estará lá.

— Essa eu gostaria de ver.

— Basta fazer companhia ao maridão. Diga a ele que vou ficar muito contente se vocês vierem.

— Não quer falar com ele?

— Já falei demais. Estou ligando para uma série de pessoas conhecidas e não tenho muito tempo. Conto com vocês. Até mais à noite.

Lando não deu tempo sequer para Milene se despedir.

Belarmino conjecturou:

— Pelo que entendi, foi o Lando que ligou, convidando para uma palestra hoje à noite.

— Ele disse que Felício vai estar lá.

— Por isso você disse que gostaria de ver essa.

— Exatamente.

— Eu também. Aliás, o que eu gostaria de ver mesmo era você lendo uma das obras de Kardec. Que tal *O Evangelho Segundo o Espiritismo*?

— Eu não tenho nenhum receio de ler qualquer obra. Sei que não vou deixar-me influenciar por nenhuma ideia que contrarie os postulados católicos. Por isso, não acho necessário fazer o que você está me pedindo.

— E se Felício lhe disser para ler com espírito crítico, ou seja, para fazer comentários relativos aos erros em que Kardec incide?

— Essa também eu preciso ver.

— Pois saiba que ele não me reprovou as leituras nem impôs nenhuma restrição. Você não acha que ele leu alguns textos para saber contrabalançar com argumentos contrários? Pois eu acho que você deveria ler simplesmente para conhecer. Não precisa acreditar na existência dos espíritos, nem na possibilidade de eles virem manifestar-se aos encarnados. Basta saber que existe uma tese diferente da ideia simplista herdada do judaísmo antigo, mal aplicado pelos Pais da Igreja, para efeito de manter os fiéis sob o jugo eclesiástico, tipo Santo Ofício, o que, de resto, já foi motivo de pedido de desculpas por parte da Santa Sé.

— Eu não preciso da opinião do padre para formular a minha.

— Excelente.

— Nem da opinião do Doutor Lando nem da sua. Em todo caso, antes que você convença Felício a me autorizar a ler os livros espíritas, vou aceitar qualquer um deles e lhe prometo que irei interessar-me o máximo possível pelos assuntos tratados. Está bem assim?

— Quer dizer que iremos hoje ouvir a palestra do Lando?

— Com certeza. Eu não quero constituir-me em pedra de tropeço para sua conversão. Nem quero ser motivo de desajustes matrimoniais. Se você quer saber o que penso a respeito do que lhe aconteceu...

— Finalmente, vou ouvir algo sério partindo de você.

— Eu acho que Deus providenciou tudo, enviando um anjo que passou como sendo você para seu avô e sua mãe. Como eles iriam perguntar a você a respeito de sua visita, Deus inspirou-lhe a ideia de que você mesmo é quem tinha ido até lá.

— E como você inclui a gaita nisso tudo?

— A gaita foi desmaterializada e recomposta para dar às pessoas a certeza de que você lá esteve em carne e osso.

Belarmino sentiu na versão da esposa que ela estava bastante envolvida pelo que lhe sucedera, a ponto de elaborar toda uma hipótese dentro do prisma católico. Mas não quis levantar questões que pudessem sugerir sequer alguma discordância. Então, limitou-se a observar:

— Não estou encontrando nenhuma incoerência em sua digressão, desde que se admita que Deus participou dos milagres de bicorporeidade de Santo Antônio e de Santo Afonso. Eu só não entendo a razão de ter sido eu o escolhido e não alguma enfermeira ou médico do próprio hospital.

— Pensei sobre isso. Cheguei à conclusão de que não havia ninguém disponível, no sentido de permanecer quieto no lugar sem levantar suspeita de estar sendo utilizado para o efeito do socorro ao velho. Como é que as pessoas trabalhando ativamente nisto ou naquilo poderiam ficar sob a impressão de estar em outro lugar?

— Só mais uma coisa, querida. Como é que se deve entender o fato de meu avô ter sido escolhido para continuar vivo e meu pai, não?

— Da mesma maneira que o pai de Santo Antônio foi salvo da força e o papa veio a falecer: por vontade de Deus, vontade imperscrutável por nossa pequenez intelectual. É mais um dos mistérios que vão ter de ficar sem explicação humana.

Vários argumentos contrários passaram pela mente de Belarmino, mas a alegria de ver Milene lendo as obras espíritas e concordando em acompanhá-lo ao centro espírita lhe sufocou o desejo de estabelecer controvérsia.

— A que hora vamos sair? O Lando falou a respeito de horário?

— Não disse nada. Acho que você deve conhecer os horários das atividades do centro.

— Não tem muito o que saber: tudo começa, invariavelmente, às oito horas da noite.

— Então, mesmo se formos andando, podemos sair vinte minutos antes.

— Combinado. Que vamos fazer até lá?

— São quatro e meia. Eu vou ter duas horas livres. Você pode me passar o livro que deseja que eu leia.

— É para já!

Enquanto Milene se acomodava na poltrona com o volume na mão, Belarmino ligou para o centro espírita, perguntando por André. Queria ir buscar algum livro psicografado pelo Chico.

Atendido pelo prestimoso serviçal da casa espírita, logo o advogado estava dirigindo-se para lá para apanhar os quatro livros sugeridos.

Resolveu caminhar, desafiando intimamente as forças da espiritualidade a fornecer-lhe indícios de quais dentre as pessoas que estava vendo eram apenas visões de espíritos desencarnados.

Voltou sobraçando os livros, sem que percebesse nada que não fosse de natureza material, principalmente na volta, quando

vinha remoendo a advertência de André quanto às dificuldades que iria encontrar na leitura da obra *Mecanismos da Mediunidade*, pelo espírito de André Luís:

"Será que ele pensa que todos os que se iniciam nos estudos se sentem obscurecidos pela ignorância? É bem verdade que Kardec me ofereceu alguma resistência, nada, porém, que simples pesquisa vocabular não me esclarecesse. Mino, querido, não se esqueça de que nem todos possuem um computador ligado à Internet. Certo, mas qualquer bom dicionário... Nem todos têm bons dicionários. Mas eu não estou incluído aí."

Não gostou da linha que assumiam os pensamentos. Pareceu-lhe que o sistema de perguntas e respostas favorecia a penetração de ideias alheias, tanto que se via indelevelmente contestado.

"Vou deixar para compreender as dificuldades do texto quando de sua leitura. Por ora, aceito a recomendação de cautela e o aviso de que terei de ler a obra mais de uma vez. Também vou permitir-me acatar a observação de que Nosso Lar, Paulo e Estêvão e Pão Nosso, sejam obras mais amenas, a primeira na linha das revelações da vida numa colônia espiritual, a segunda como íntegra reconstituição histórica e a última, na observância dos valores morais no dia a dia."

Demorou para formular os pensamentos de maneira concatenada, introduzindo inúmeras pequenas lembranças em relação a cada tópico, nada, contudo, que pudesse atribuir a nenhuma influência estranha.

Antes de entrar, pareceu-lhe ver do outro lado da rua, acenando-lhe, aquele mesmo pedreiro do bar. Quando quis retribuir o aceno, ocorreu-lhe que, para terceiros, iria parecer esquisito o fato de ficar sacudindo o braço, sem que houvesse quem lhe correspondesse o gesto. Por isso, fez de conta que não era com ele e entrou.

Olhou as horas. Havia passado cerca de cinquenta minutos. Achou Milene entretida em sua leitura. Não quis perturbá-la e foi

abrir o pacote no escritório. Entretanto, nem bem desfez o nó do barbante, Milene entrou, observando:

— Este livro de comentários de passagens do Evangelho não passa de uma coletânea de sermões iguaizinhos aos que ouvimos na missa. Não fossem os textos atribuídos aos espíritos e tudo poderia ser considerado fruto das reflexões do autor. Antes que você me pergunte, devo dizer que se trata de leitura bastante agradável, pois os raciocínios são claríssimos e muito bem argumentados. A base é que é discutível. É como se você escrevesse a respeito do que lhe aconteceu e as pessoas se vissem na contingência de acreditar em sua palavra, já que não existiriam fotos nem orientações para que se alcançassem reproduções do fenômeno. Quanto aos textos assinados por figuras históricas, a mesma coisa: não há qualquer comprovação de autoria. Ainda que houvesse semelhanças de estilos ou até forte similitude, mesmo assim qualquer um poderia suspeitar de fraude, de...

— A palavra que você está procurando é *mistificação*.

— Isso mesmo. Você acha que estou sendo muito descrente? A minha crítica, ao menos, tem alguma validade?

— O que eu acho pode não ser suficientemente útil para a sua análise. O que importa é que você está sendo totalmente coerente consigo mesma. Ou melhor, está e não está. Está sendo coerente quanto a firmar a própria crença, aquela que vem sustentando dentro dos parâmetros religiosos que adotou. Não está sendo coerente é com a própria crença, ou seja, dado que você é crente, deveria crer também no que o livro registra. Antes que você caia de pau no meu argumento, devo dizer-lhe que aceito o seu ponto de vista, mas deposito algum crédito na veracidade das informações mediúnicas, caso contrário, como você mesma disse, o meu relato careceria da mesma limitação de fé, embora, caso eu cismasse de fazê-lo, iria comprovar com os testemunhos de minha mãe, de meu avô e até do meu cliente, este para afiançar que eu estava com a gaita na mão e depois fiquei com o chaveiro.

— Pelo que está dizendo, você aceita pacificamente os escritos como provenientes de seres do outro mundo?

— Ainda não, tanto que você me ouviu afirmando que eu me propunha a servir de escrevente para autores da espiritualidade. Acho que a experiência própria é que me dará a certeza de que o fenômeno é tão possível quanto foi o meu. E se for obra do demônio, conforme sinto que você está sugerindo, vou ficar alerta quanto à malícia do tentador. Se você, querida e preclara esposa, me auxiliar a descobrir os pontos em que apareçam os chifres do demo, bem como o rabo, ficarei muito contente, porque terei a certeza de estar errado, suspendendo imediatamente a intenção de me prestar à psicografia.

— Quando você vai começar esses testes?

— Vai demorar, porque quero ter a certeza de como as coisas se desenrolam. Pelo que entendi, se eu me atrever a oferecer a minha mente e a minha mão, logo começarei a escrever textos, mas não terei, talvez, o apoio de espíritos generosos e amigos, podendo ficar exposto aos obsessores que, sem se constituírem em diabos, agem de forma sub-reptícia para engodar os incautos. Toda prudência é recomendada por Kardec, conforme você mesma irá ler uma hora ou outra, se continuar interessada.

Milene não quis estabelecer polêmica, de sorte que disfarçou, apanhando os livros novos, percorrendo os títulos, dando ligeira folheada a ver se captava alguma frase que pudesse destacar do contexto.

Belarmino, entretanto, disse que estava na hora de aprontar-se e saiu. Não queria que a esposa se visse atrapalhada com as novíssimas ideias com que estava envolvendo-se.

Quando retornou, Milene ainda estava com os livros na mão, entretida na leitura de um deles. Sem se perturbar, afiançou-lhe ela:

— Este livro atribuído ao espírito de André Luís está seduzindo-me.

— Qual dos dois?

— *Nosso Lar*. É um verdadeiro romance, mas o que mais me impressiona é a descrição das cenas vividas, se assim posso dizer, pelos espíritos no plano da espiritualidade. Se você não se incomodar, vou ficar com ele para ler até o fim.

— Pode ficar. Tenho os outros para ler. Você viu as horas?

— Nossa Senhora! Já é tão tarde! Nem vi o tempo passar. A Honorina já foi embora?

— Acho que não.

— Vou ver se o jantar está adiantado.

— Esqueça o jantar. A gente vai comer fora.

— Você avisou a Honorina?

— Avisei.

— Bom, vou dispensá-la e em seguida vou preparar-me. Só uma coisa, Mino: nada de vinhos nem de champanhas...

— Você está certa, mesmo porque vou querer pôr na lapela o fitilho de luto que me deu Felício.

— Foi bom você me lembrar. Vou fazer o mesmo.

— Quem sabe a gente leve o Lando para comer conosco.

— Convide também o Felício.

Enquanto Milene providenciava a toailete, Belarmino iniciou a leitura de *Mecanismos da Mediunidade*. Queria saber a razão de ter sido prevenido quanto às dificuldades do texto. Não demorou para precisar ligar o computador em busca de certas definições na Internet. Mas não avançou muito na leitura, porque José chegou, cheio de vontade de conversar a respeito de algumas considerações que desejava fazer a respeito do caso de bicorporeidade do cunhado.

— Meu caro, disse-lhe Belarmino, estamos de saída para uma conferência do Lando, no centro espírita. Você não quer acompanhar-nos?

— Não posso. Mas vou adiantar-lhe que o fenômeno em que você se viu envolvido ninguém soube explicar no cursinho. Aliás, ninguém me levou a sério...

— Espero que você não tenha dado nome ao santo...

— Fiquei no milagre.

— Ainda bem!

— O que eu queria dizer é que a minha ideia de divulgar os fatos, realmente, não tem nenhum sentido. Eu acho que, se você disser que tudo se passou com você mesmo, vão rir na sua cara.

— Você não pôs fé no que lhe contei...

— Talvez tenha excedido na jocosidade...

— Alguma coisa você está escondendo...

— Liguei para saber de seu irmão como vão as coisas em sua casa, no intuito de sondá-lo a respeito da veracidade das informações que você me passou e também para dizer a ele que estou a par de tudo.

— E ele o convenceu...

— Ele conseguiu que eu desse crédito a tudo, quando citou a sua mãe e o seu avô, que ainda não entenderam a razão de você não ter ido visitar seu falecido pai.

— Como eles estão?

— Todos bem. Aliás, ele me perguntou se vocês vão à missa de sétimo dia, que será no domingo à tarde.

— Eu não vou querer ir. Em todo caso, como vou encontrar-me com o Felício ainda hoje no centro, vou encomendar-lhe também uma missa, o que me dará a desculpa perfeita para não viajar para o Rio.

— O padre vai ao centro? Essa eu vou querer ver.

— Foi a mesma reação de sua irmã.

— Não me diga que ela também vai ao centro...

— Por que não? Às vezes, na vida, a gente tem de superar certos preconceitos, apesar das convicções mais entranhadas na mente. Aposto que você vai querer levar sua coleguinha junto com você.

— É uma ideia. A que horas começa?

— Às oito.

— Estou faminto. Vou jantar...

— Vai ter de esquentar o que sobrou do almoço, porque nós vamos jantar fora, depois da palestra.

— Se você não se incomodar, eu vou jantar com vocês. Preciso controlar o consumo das bebidas...

— Engraçadinho. Já prometi a Milene que só vou beber água mineral; e sem gás...

— Agora vou assaltar a geladeira.

— Coma bastante para não me dar prejuízo.

— Faço questão de pagar a conta. Recebi minha mesada hoje. As coisas vão tão bem do meu lado que acho que vou comprar um carro novo.

Belarmino achou melhor não seguir naquela trilha sinuosa e empurrou o jovem porta afora, dizendo que não iria chegar a tempo.

Como no teatro, saiu uma personagem de cena e entrou outra: Milene, modestamente produzida, com o símbolo do luto a destacar-se sobre a blusa branca.

— Será que preciso levar o véu?

— Eu acho que qualquer objeto religioso não irá coadunar-se com aquele ambiente extremamente despojado de qualquer imagem. A única fotografia que vi é a de Kardec, assim mesmo na sala da secretaria. Havia vasos com flores artificiais. Nada mais.

— Em todo caso, vou levar na bolsa. Nunca se sabe...

Faltavam quinze minutos para as oito quando chegaram ao centro.

Durante a caminhada, Belarmino referiu a conversa que tivera com José, apontando os diferentes tópicos, ressaltando a ideia de que o cunhado captara por intuição a intenção do casal de comprar-lhe um carro.

Milene, para surpresa do marido, observou:

— Ou ele ou nós, porque ele deve ter tido a ideia primeiro.

— É verdade. Será que existem transmissões telepáticas que, não estando combinadas, se transformam em ideias próprias?

De novo Milene diria algo para desnortear o marido:

— Para quem está começando a conhecer as relações entre vivos e mortos, é, no mínimo, estranho que você não houvesse logo suposto que poderiam ser espíritos a insuflar os pensamentos e intenções em você e nele, não precisando que as ideias fizessem uso de ondas eletromagnéticas ou o que o valha, algo ainda não descoberto pela ciência, para se transportarem de mente para mente ou de cérebro para cérebro.

— Você não está caçoando, está?

— Estou demonstrando que levantar hipóteses no campo mediúnico é bem mais fácil do que no campo das vibrações materiais mais sutis. De resto, meu querido, quantos milênios passou o homem na ignorância das ondas hertzianas, para citar apenas uma invenção das mais simples: a da radiofonia?! Por outro lado, os fenômenos baseados nas manifestações espíritas aconteceram desde os primórdios das civilizações humanas. Digo mais: as pinturas dos períodos paleolíticos e neolíticos, ou seja, da pré-história, segundo muitos antropólogos, refletem sentimentos religiosos, como se os indivíduos desejassem homenagear ou rogar aos deuses por proteção e alimento, o que pode muito bem significar que havia cultos para captar as forças sobrenaturais. Os povos mais primitivos da atualidade, os aborígenes dos diversos continentes, têm muitas cerimônias de invocação dos espíritos, o que deve ter sido do conhecimento de Kardec, segundo você irá, uma hora ou outra, encontrar. Você ainda acha que estou caçoando?

Foi quando chegaram à entrada principal da casa espírita.

Junto à porta, uma senhora conhecida da igreja frequentada pelo casal cumprimentou-os e, como que em segredo, confidenciou-lhes:

— O Padre Felício está aí dentro. Se vocês não quiserem que ele descubra que vocês vêm ao centro espírita, dá tempo de voltar.

Belarmino, ainda sob o impacto da longa digressão da esposa, apertou-lhe discretamente o braço para que ela respondesse. Milene não hesitou:

— Ele sabe que nós viríamos.

— Então, está tudo bem. Ele mesmo trouxe muitos paroquianos para ouvirem falar a respeito dos santos, de seus milagres e de como o espiritismo encara tudo isso.

— Foi sua a iniciativa de avisar a quem chega?

— Mais ou menos. É que umas senhoras se espantaram com a presença do sacerdote e saíram a tempo de ele não vê-las aqui. Isso me deu a ideia de evitar os encontros desagradáveis.

— E já aconteceu de mais alguém não entrar?

— Várias pessoas.

— Quer dizer que existem paroquianos que comparecem às reuniões espíritas?

— Pois se até o padre hoje está aqui...

Despediram-se e entraram, procurando cumprimentar as pessoas conhecidas, indo primeiro até Felício, para tornar evidente aos demais que estavam autorizados a permanecer ali.

Depois das saudações habituais, Belarmino foi logo interpelando o amigo:

— Quer dizer que a Igreja Católica já admite o sincretismo religioso?

Felício riu, demonstrando-se muito à vontade, resumindo, em seguida, o que pensava:

— Vamos dizer que a prática do bem, quando adquirir âmbito universal, independente de credos, de partidos, de raças, de ideologias etc., unirá fraternalmente as pessoas em torno do evangelho de Jesus.

Belarmino pegou o porco pelo rabo:

— Ou em torno de Confúcio, de Buda, de Zoroastro, de Maomé, de...

— Isso seria ainda melhor, porque teríamos um caráter verdadeiramente universal, resguardando-se o direito de cada qual a ter a própria fé, o que algumas das religiões fora do cristianismo não admitem. Esse é o real objetivo dos ecumênicos autênticos.

A chegada de outros convidados do padre impediu que continuassem a troca das alegres alfinetadas, tendo o casal de buscar assento cinco fileiras atrás.

Assim que se acomodaram, Milene sussurrou uma admoestação no ouvido do advogado:

— Querido causídico, você não está defendendo a causa da convivência pacífica com o seu confessor. Do jeito que falou com ele, era como um ultimato, uma declaração de guerra de alguém que está demonstrando claramente que não respeita a autoridade eclesiástica, como se estivesse bandeando para outra religião.

— Não me pareceu que me tivesse passado pela cabeça semelhante intenção. Em todo caso, deve estar funcionando o inconsciente, já que estou refugando a condição de milagre do fenômeno da bicorporeidade.

Belarmino deu um forte suspiro e espantou uma frase que insistia em brincar-lhe no bestunto:

"Você, minha querida consorte, deve estar recebendo diretamente de seu anjo guardião a inspiração para tratar de temas que mal conhece."

Naquele momento, apresentou-se Lando diante do auditório, na companhia de uma senhora e três homens, que ficaram alguns minutos acenando e cumprimentando com sorrisos as pessoas conhecidas.

Uma hora e meia depois, a palestra se encerrou sem que Belarmino se tivesse realmente interessado pelo tema desenvolvido, julgando que os milagres explicados à luz do espiritismo perdiam o encanto. De resto, o mais que Lando fez foi levantar hipóteses de

intervenções espirituais, através de fluidos e energias desconhecidas, como se a suspensão das leis físicas preconizadas pelos católicos simplesmente se substituísse pela fé na existência de outra dimensão conjugada à material por meio desconhecido. O mais que o expositor fez, segundo a opinião do advogado, foi examinar os casos, propondo-se a desfazer o maravilhoso, buscando reduzi-los a leis ainda fora do domínio dos encarnados.

No final da palestra, o que mais incomodava o desacostumado ouvinte era o fato de a cadeira em que se sentava demonstrar-se cada vez mais dura e hostil, enquadrando-lhe o quadril, jogo de palavras com que se distraiu a ponto de chamar a atenção da esposa pela inconveniência das sucessivas mudanças de posição.

Ainda teve de aturar o encerramento do presidente da entidade, que reforçou alguns aspectos, repetindo várias explicações, citando outros exemplos de santos e respectivos milagres. Por fim, indicou aquela senhora que viera com o grupo de diretores para recitar a prece de encerramento.

Belarmino pensou que iriam levantar-se mas todos se mantiveram sentados ainda por mais uns minutos, derradeiro sacrifício que levou o incomodado causídico a agradecer a Deus o fato de tê-lo mantido ali, através da esperança de encerrar-se a reunião.

Quando se levantou, foi como se recebesse a bênção diretamente da misericórdia divina. O alívio foi tão grande que a inteligência se lhe despertou para as facécias dos tempos acadêmicos, quando espicaçava os colegas com ditos jocosos.

Aos poucos, as pessoas, que não lotavam o auditório, foram saindo, inclusive muitos dos paroquianos convidados por Felício, restando umas quinze que rodeavam o orador, desejosas de alguns esclarecimentos mais.

Milene fez menção de sentar-se de novo, porém, o marido segurou-a pelo braço, mencionando-lhe ao ouvido o seu problema:

— Não aguento mais a dureza desse assento. Não me obrigue a sentar, pelo amor de Deus!

— Eu também estou cansada mas à falta de conforto dos assentos me acostumei na igreja. Faz parte dos padecimentos terrenos que nos darão méritos para ganhar o céu.

— Vamos cumprimentar o palestrante.

— Vá você e convide-o para jantar conosco. Eu vou conversar com meu irmão.

— Onde é que ele está que eu não vi?

— Ele chegou atrasado, ficou um tempo sentado com a namorada lá no fundo e, depois de uns quarenta minutos, saiu. Agora mesmo eles estavam passando diante da porta da frente.

— Foram bem mais espertos do que eu.

Em lugar de Belarmino sair em busca de Lando, foi este quem se aproximou, cumprimentando-o efusivamente, enquanto os diretores do centro rodeavam Felício. Eis como se expressou, carregando no sentido defensivo dos termos:

— Meu queridíssimo colega, exemplo vivo da benemerência divina, alegria de meus olhos, sua presença dignificou o ambiente e me deu luzes para levar avante as explicações. Está claro que não vou querer ouvir a sua opinião. Estou certo de que, com o brilho de suas alocações forenses, você irá considerar a minha exposição por demais canhestra. Muito obrigado por vocês terem vindo. E, para que não digam que o tema não lhe terá sido proveitoso, vou dar-lhe de presente um livro que trata exatamente dos santos e dos milagres, sob o ponto de vista do espiritismo.

Ato contínuo, passou às mãos do amigo um exemplar de *Mediunidade dos Santos*, de autoria de Clóvis Tavares, fazendo questão de abrir na dedicatória que lhe havia escrito.

Belarmino foi levado a ler:

"Nem tudo o que ocorre na existência material ou sobrenatural pode ser compreendido pela mente dos encarnados, mas todos os fenômenos hão de ter explicação racional, ou a

inteligência que possuímos irá cair no mais profundo caos. Basta a Deus o *milagre* da criação."

Embaralharam-se os pensamentos e sentimentos do presenteado, que, sem perder, contudo, a verve habitual, alimentou o espírito brincalhão do amigo, afiançando-lhe:

— Para quem não esperava encontrar nenhuma novidade neste ambiente de estudo e concentração, até que posso dizer-lhe que auferi um bom lucro aqui comparecendo, porque assimilei completamente o momento e as palavras que reverberaram nestas vetustas paredes, as quais devem guardar memoráveis desempenhos de ilustres spiritistas, como o meu irmão e colega desde as Arcadas deve muito bem saber. Levarei lembrança muito saudável das vibrações que me envolveram de sutis conhecimentos, com exceção, devo dizê-lo — não se espante — da falta de pequeno intervalo para dar repouso à parte sobre que me apoiava. Em suma, por que é que a sua erudição não lhe foi capaz de apontar para o desconforto destes rústicos artefatos de madeira?

Lando percebeu que o amigo não atacou de frente o ponto mais importante da validade da exposição, mas não se atreveu a chuchar o leão com vara curta. Simplesmente, comentou:

— Estamos vendo a possibilidade de acolchoar as cadeiras ou de trocá-las por outras mais confortáveis. Leva-nos a isso a presumida ideia de que poderemos estender as nossas tertúlias por mais umas duas horas. Não é uma boa?

— Vejo que você está ainda entusiasmado pela realização milagreira dos santos. Não devemos esquecer-nos de invocar Santo Tomás de Aquino, o santo mais abundante em carnes e gorduras, tanto que a sua mesa continha forte reentrância circular para acomodar-lhe a pança. Sabia disso? Era o santo dos milagres da acomodação.

— Eis que Felício vai retirar-se. Você não acha que está na hora de marcarmos um encontro para tratarmos do nosso assunto?

— Sempre é bom constatarmos as novas ideias e intuições. Se vocês tiveram algo novo para formular a respeito, aprovo uma conferência para esta semana ainda, porque na segunda irei voltar às minhas lides forenses.

— Vocês já jantaram? — perguntou-lhes Felício, chegando.
Não haviam jantado.

— Pois eu os convido a virem comigo para um repasto frugal lá em casa. Talvez possamos adiantar alguns pontos mais, já que...

Belarmino viu-se obrigado a recusar o convite:

— Meu cunhado está acompanhado de uma coleguinha, a quem nada foi dito. Acho que vai ficar para outra vez, mesmo porque eu ia propor-lhes uma pizza a ser patrocinada justamente pelo José.

— Todos concordaram e, vinte minutos depois, Felício, Lando, Belarmino, Eurípides, Sebastião, José, Milene e Janira, estavam ocupando três mesas conjugadas na cantina mais próxima, apreciando alguns aperitivos, enquanto não chegavam Janice e Ramiro, convocados à última hora.

O restaurante estava cheio. O bulício e o barulho das pessoas ainda recebiam o acréscimo de um conjunto típico de música italiana, animando os clientes com canções alegres, não poucas provocando o acompanhamento por todo o auditório.

Felício foi o primeiro a tentar colocar um tema para a turma:

— Que vocês acham de debater agora a respeito da felicidade humana?

Sebastião tomou o pião na unha:

— Estes momentos são de absoluto esquecimento das responsabilidades da jornada. Se atentarmos para as mesas, vamos ver que predominam as famílias, algumas ainda comportando crianças de sete e de oito anos. Graças a Deus, sentem-se protegidas, saudáveis e seguras.

Belarmino quis prosseguir daquele ponto:

— Bem que eu gostaria de cantar junto, mas a recordação de meu velho ainda me agita o coração. Aliás, Felício, eu queria pedir-lhe para rezar uma missa de sétimo dia em intenção da alma do velho.

Felício logo lembrou:

— Já está marcada. Milene me ligou na terça-feira...

Esta, antes que o marido reclamasse, logo foi dizendo-lhe:

— Eu bem que desconfiei que você não prestou atenção em nada do que disse naquele dia. Você estava entretido lendo e eu disquei na sua frente. Você está me deixando em má situação.

Realmente, Belarmino não se recordava de nada. Precisava desculpar-se, contudo, Lando interveio:

— Eu também tenho tido momentos de extremo alheamento, a ponto de me esquecer até de compromissos inadiáveis.

Ninguém lhe prestou atenção, justamente na hora em que os pais de Janira chegavam.

Todos se levantaram, acomodando melhor as cadeiras, enquanto as apresentações eram feitas. Felício fez as honras da casa, já que era o único, a exceção de José, que privava da amizade do casal.

José fez questão de atrair a atenção dos garçons que se encarregavam daquelas mesas, deixando em aberto que cada qual manifestasse sua vontade a respeito do que pedir para comer e beber. No entanto, apesar de serem dez na mesa, resolveram que deveriam solicitar apenas três pizzas, calculando que, repartidas em oito pedaços cada uma, caberiam dois pedaços para cada comensal, protestando as mulheres que comeriam apenas uma fatia, o que redundaria em sete pedaços de quebra, correspondendo um para cada varão.

Para beber, apenas suco de laranja e refrigerantes, ninguém atrevendo-se a consumir bebidas alcoólicas.

Felício logo estranhou:

— Se tivéssemos ido cear lá em casa, não teria sido muito diferente.

A isto, observou Lando:

— Talvez tivesse sido melhor, porque não estamos tendo condições de trocar ideias no meio desta barulheira infernal.

Voltou Sebastião a intervir:

— Agora há pouco, estávamos concordando em que este ambiente facultava um momento feliz para todos. Agora estamos lamentando a falta de sossego. Que tal um brinde à nossa paz de espírito?

Todos ergueram os copos, que se tocaram com os mais próximos numa saudação amiga, como se fosse um compromisso de fidelidade aos princípios da boa vontade e da compaixão.

Sem que ninguém mais ouvisse, Belarmino cochichou para Milene:

— Brindo ao nosso filho.

— Tomara Deus que esteja certo... será que você está tendo uma premonição?!

Não deu tempo para que Belarmino respondesse. Ramiro chamava a atenção para si. Tinha algo a anunciar:

— Hoje minha filha me confessou que seu amor por José está sendo correspondido. Homenageio os namorados e auguro-lhes uma vida plena de realizações. Que Deus os abençoe!

As expansões de alegria espantaram o luto de Belarmino e de Milene e todos fizeram questão de cumprimentar o anfitrião, ao que José correspondeu sem constrangimento, aceitando os abraços com que foi recebido no seio da comunidade familiar dos sogros.

Eis que chegaram as pizzas, logo distribuídas pelos garçons, que depuseram dois pedaços de uma vez nos pratos que não recusaram o segundo pedaço.

Formaram-se pequenos grupos conversando entre si. Milene se juntou aos pais de Janira, que trocava arrulhos com o namorado. Sebastião e Felício fecharam um tema exclusivo, ficando Belarmino,

Lando e Eurípides entretidos num debate a respeito da necessidade que têm os seres vivos de se alimentar, o médico na defensiva quanto às dúvidas que Lando opunha ao fato de que as enzimas fossem as responsáveis pelo equilíbrio orgânico. Queria o advogado incluir elementos energéticos de outra natureza, como se os planos da espiritualidade e da matéria mantivessem estreitos vínculos.

Belarmino começou prestando atenção aos argumentos de ambos, mas acabou interessando-se em observar as pessoas. Queria obter a certeza de que todas que ali se encontravam eram de carne e osso. Nutria certa esperança de caracterizar alguma alma do outro mundo, mas foi incapaz de reconhecer quem quer que fosse do plano da espiritualidade.

De repente, viu que adentrava o recinto aquele mesmo indivíduo que lhe acenara à tarde. Ficou curioso com a reação da criatura que procurava por alguém, olhando atentamente pelo recinto todo, até que encontrou quem desejava.

Belarmino estremeceu quando viu que se encaminhava na sua direção, passando por entre as cadeiras como que sem encontrar obstáculo. Chegando a seu lado, bateu-lhe nas costas, pedindo-lhe licença para falar com Sebastião, que logo se levantou para cumprimentar o recém-chegado:

— Olá, Aristides, que bons ventos o trazem?

— Disseram-me que o senhor estava aqui e eu preciso muito conversar a respeito do nosso assunto.

— O Doutor Lando e o Doutor Eurípides são da casa. Quanto ao Doutor Belarmino...

— Ele esteve naquela reunião no sábado passado. Como está doutor?

— Foi você quem acenou para mim hoje de tarde?

— Fui eu mesmo, mas achei que o senhor não me reconheceu.

— Não reconheci mesmo. Como vai?

Ambos trocaram forte aperto de mão, como se Belarmino desejasse certificar-se definitivamente de que se tratava de uma

pessoa de carne e osso. Sentiu também áspera calosidade naquela mão pesada de trabalhador acostumado a empregar a força bruta.

Felício era conhecido, de modo que Aristides pôde recusar o convite feito por Belarmino:

— Vamos sentar conosco...

— Não se preocupe, doutor: eu já jantei.

Sebastião puxou o recém chegado e ambos saíram da vista do pessoal da mesa.

Sem parceiro de conversa, Felício se juntou ao grupo em que predominavam as mulheres, liberando os demais para prosseguirem no animado debate.

Agora Belarmino estava menos seguro de si, desconfiando muito de que poderia enganar-se facilmente, se tentasse distinguir espíritos desencarnados entre os mortais.

Logo Lando estava formulando-lhe uma questão para apoio da própria tese, tendo sido obrigado a repetir tudo para o distraído companheiro.

Entretanto, jamais se saberia o que pensava o consultado, uma vez que Sebastião e Aristides já estavam de volta, com ares muito preocupados. Foi Sebastião quem colocou Lando, Eurípides e Belarmino a par do que se passava:

— Precisamos de ajuda para salvar uma família da ameaça de uma mãe desesperada. Quem vai querer ajudar?

Lando logo se prontificou, respondendo pelos outros:

— Nós três vamos. Eu acho que Felício também vai querer ir.

Enquanto conversavam com o padre, Belarmino colocou Milene a par de sua intenção de ir socorrer a pobre gente da favela. Que José a conduzisse para casa. Ele não sabia a hora em que poderia voltar.

Milene reagiu à proposta:

— De maneira nenhuma que eu vou ficar aqui. Eu vou também. Fiquem os namoradinhos, porque hoje é um dia muito especial para eles.

Ato contínuo, revelou ao casal que iriam sair, expondo-lhes o motivo.

Rapidamente, Belarmino assinou um cheque em branco e passou-o ao cunhado:

— Pague a conta por mim, por favor.

Antes que tivesse ensejo de protestar, José viu as sete pessoas abandonarem o recinto, ficando meio desenhado com o cheque na mão, determinado a não fazer uso dele.

Então propôs aos sogros:

— Vamos atrás deles?

O assentimento partiu de Janice:

— Claro que vamos. Só espero que eles não desapareçam...

José não ouviu o restante da frase, correndo para obter as informações que o conduziriam ao lugar da iminente tragédia. Encontrou o pessoal de saída, conseguindo o que desejava saber.

De volta ao interior do restaurante, encontrou-se com os três convidados que se retiravam. A uma pergunta sua, ficou sabendo que a conta estava paga, o que fez que lhes promettesse um jantar menos tumultuado.

Ao chegarem os dois carros na entrada da favela, que começava nos fundos de uma rua sem iluminação, logo foram surpreendidos por várias viaturas da polícia e um carro-pipa do corpo de bombeiros. Havia um vozerio proveniente do fundo da favela, gritos que se cruzavam, nada que pudessem distinguir.

Correram todos, Aristides à frente, a ver o que poderiam fazer para ajudar. Esbarraram contudo num cercado estabelecido pelos policiais, sem que pudessem se aproximar da casa em que se encerrava a pobre mãe com as crianças.

Havia muitas pessoas curiosas, estranhamente em silêncio. Os gritos partiam de dentro do barraco, voz de mulher, cheia de obscenidades, prometendo incendiar as crianças.

Sebastião trocou algumas palavras com o policial mais próximo, o qual logo o conduziu para o tenente encarregado da diligência.

Sebastião apresentou-se:

— Conheço a mulher e sei que posso demovê-la da intenção. Posso ir falar com ela?

— Ela está louca. Espalhou gasolina pelo corpo dela e das crianças. Um fósforo e tudo irá complicar-se. Existe até o perigo de o fogo alcançar os barracos mais próximos. Se o senhor diz que pode dissuadi-la, pode tentar.

— Vou levar um sacerdote comigo. Ele também conhece a mulher.

A um sinal, Felício se aproximou, trazendo Belarmino e Lando consigo. Sebastião logo colocou os três a par da situação.

Aproximaram-se da porta fechada do barraco, anunciando-se:

— Dona Mariana, é o Sebastião do centro espírita. Podemos conversar?

— Vai embora, Satanás!

— O Padre Felício também está aqui para ajudá-la.

— Vai embora, Satanás!

Sebastião insistiu:

— O que a senhora quiser, seja o que for, nós providenciaremos.

— Vai embora, Satanás.

Belarmino resolveu agir por conta própria. Deixando os outros tentando convencer a mulher a desistir do ato suicida, foi conversar com Aristides, perguntando-lhe:

— Você sabe se existe outra entrada por trás?

— Sempre existe mas vai ter que entrar pelo vizinho.

— Me leve até lá.

A casa ao lado estava deserta. Os moradores haviam sido retirados à vista da ameaça de incêndio. Quando os soldados se deram conta, já Belarmino havia entrado. Ninguém teve coragem de

acompanhá-lo. Nos fundos, deparou-se com uma cerca de bambus pontiagudos. Havia uma escada de cinco degraus encostada no muro de trás, de sorte que logo conseguiu transpor a barreira, sem haver definido qualquer plano de invasão. No ar, forte odor de gasolina. A porta estava apenas encostada mas ele temeu atemorizar a mulher.

Havia uma pequena abertura à guisa de respiradouro. Belarmino nem precisou esticar-se para observar o que se passava no interior do casebre. Havia um só cômodo, cheio de tralhas esparramadas por toda a parte.

De onde estava, enxergou a mulher sentada no chão de terra batida com uma criança pequena no colo. Na parede de frente a ela, sobre um colchão jogado ao solo, duas crianças choravam apavoradas. Compreendiam que a mãe enlouquecera.

A mulher segurava o que lhe pareceu ser um isqueiro, fazendo gestos indecisos quanto a cumprir a fatídica ameaça.

Dali, escutava Sebastião falando alto o suficiente para abafar o choro das crianças. Mas não entendia o sentido das palavras. As da mulher eram distinguidas claramente.

Antes de tomar uma decisão, Belarmino resolveu efetuar uma prece para obter socorro dos espíritos guardiães dos seres ali confinados:

"Pai, Senhor Jesus, Irmãos da Espiritualidade, deem-me condições de ajudar estas pessoas a vencerem a aflição deste momento. Não quero que me insuflem coragem. Quero, simplesmente, que me deem um mínimo de tempo para impedir que a mulher ateie fogo em tudo. Conto com isso."

Sem uma palavra, sem se precipitar, entrou demonstrando calma e avançou em direção da mulher, arrebatando-lhe da mão o que só então descobriu ser uma caixa de fósforos. O ato desesperado tinha outro dispositivo para ser acionado: um revólver que se escondia sob o corpo de bebê.

Jogando o filho sobre o colchão das outras crianças, a mulher apontou a arma para o invasor e acionou o gatilho. O projétil colheu o advogado no estômago. Entretanto, com a mesma determinação com que pegara a caixa de fósforos, segurou o punho de Mariana, torcendo-o a ponto de fazê-la largar a arma.

Desesperada e debatendo-se, quis a mãe revidar o ataque, mas Belarmino, buscando forças na própria condição de ferido, num ato de suprema temeridade, agarrou a mulher pelo pescoço, aplicando-lhe um golpe de sufocação, conseguindo arrastá-la para fora.

Imediatamente, os policiais perceberam o que sucedia e imobilizaram a mulher, enquanto os bombeiros adentravam o casebre para resgatar os pequenos.

Quando o povo atinou com o fato de que alguém havia conseguido neutralizar o perigo, irrompeu em aplausos, sustados quando o salvador não se ergueu do chão, compreendendo que o estampido que ressoara pouco antes redundara de um tiro que o atingira.

12. NA SEXTA-FEIRA

Passava da meia-noite quando a ambulância adentrou a emergência do hospital com Belarmino em agonia. Milene e Lando o acompanharam por especial consideração dos paramédicos, mas, desfalecido, não conseguiram dizer-lhe nada que pudesse confortá-lo.

Na sala do pronto-socorro, os médicos de plantão imediatamente suspeitaram de que o projétil, atravessando a região estomacal, poderia ter-se alojado na coluna. Examinaram o orifício de saída nas costas, verificando que estava bem próximo do local mais perigoso. Correram com o paciente para os raios X, obtendo logo a informação de que seu temor estava afastado: a coluna estava intacta. Restava o perigo da hemorragia.

Constatada progressiva debilitação, optaram por operar, para reparar os rompimentos musculares e os vasos e artérias afetados.

Na sala de cirurgia, sob efeito de sedação, Belarmino caiu em profundo alheamento de si mesmo.

Entretanto, era capaz de observar, de um ponto mais elevado, tudo quanto sucedia naquele ambiente. Estava tendo uma experiência espiritual, percebendo-se inteiro e muito bem, alheio à carcassa que estava sendo objeto dos cuidados médicos.

Recordou-se dos relatos de quem passara por semelhante situação e desejou entrar em contato com espírito amigo que lhe pudesse dar as diretrizes dos acontecimentos presentes e futuros.

Nem bem exprimiu tal pensamento, logo se viu diante do pai. Espantou-se porque não esperava que, em tão pouco tempo após a morte, o velho pudesse adquirir condições de se manifestar. Em todo caso, abraçou-o com lágrimas, como se estivesse habitando o corpo físico.

— Pai, eu vou morrer?

— Como você sabe que está vivo ainda?

— Se tivesse morrido, os médicos não estariam trabalhando no meu cadáver.

— Boa dedução. Você não morreu, de fato. Mas pode ocorrer. O que você acha preferível?

— Eu gostaria de viver mais alguns anos, porque criei afeições muito fortes a quem não gostaria de ser causa de infelicidade, principalmente à mãe, que perderia marido e filho no prazo de uma semana.

— Repare bem que alguns dos nossos estão inspirando os médicos, muito embora não lhes guiem as mãos.

Realmente, observando com atenção, Belarmino pôde reconhecer entidades espirituais adejando ao redor dos encarnados.

O pai insistiu no questionamento:

— Você concordaria em continuar vivendo, ainda que em cadeira de rodas?

Belarmino não titubeou:

— O que tenho em mente para minha vida não necessita de pernas ou braços, apesar de que a falta deles irá onerar as pessoas que terão de cuidar de mim. De resto, as atividades dos cirurgiões se concentram nas carnes e não nos ossos, o que significa que a minha coluna vertebral não foi atingida.

— Como sempre, você me dá respostas surpreendentes. Vou ficar um pouco mais, até o término da cirurgia. Se, por acaso, sobrevier o óbito, você virá comigo.

— Vamos passar por este túnel esbranquiçado atrás de você?

— O túnel é mera configuração do que você é capaz de observar em seu estado. Na verdade, estando você em contato direto com o mundo material, vê a parte espiritual de maneira muito limitada. Parece-lhe uma abertura o que não passa da região limítrofe entre as duas essências ou esferas.

— De que natureza é o círculo em que adentram os que morrem?

— Acho que não vou poder responder a este tipo de curiosidade, mesmo porque você tem existido muito mais tempo do lado de cá do que encarnado. Não concorda comigo?

— É que eu queria levar de volta conhecimento mais exato, vamos dizer científico, das coisas do etéreo.

— E quem lhe garante que você irá recordar-se de tudo o que está vivenciando deste lado?

— Não tenho nenhuma garantia. No caso de me lembrar, vai ser ótimo, pois terei o que dizer aos amigos.

— Você gostou de contar o seu caso de bicorporeidade?

— Sinto em sua voz que já sabe que não quis contar a minha conversa com aquele agêner. Agora, irá perguntar-me se acho que vou encontrar repercussão positiva quanto à narrativa desta experiência fora do corpo.

— Não. A minha pergunta diz respeito...

— Posso ver se adivinho?

— Pode.

— Você vai querer saber minha opinião a respeito dos relatos dos fenômenos vividos pelas pessoas, se constituem plausíveis testemunhos, capazes de comover os leitores a ponto de fazê-los crer na veracidade dos fatos.

— Quase isso. Ia questioná-lo a respeito de sua própria fé, crença, credence, convicção, reconhecimento, seja o que for, no que diz respeito às experiências dos santos ou dos adeptos da doutrina espírita. Após os seus casos pessoais, a que mais este se acrescenta, não ficou bem mais fácil crer na honestidade das pessoas?

— Para desmenti-lo, bastaria que eu lhe dissesse que desconfio de que você alterou o rumo de seu raciocínio, elaborando uma pergunta para substituir aquela que revelei. Eu estaria demonstrando que acreditar nas pessoas é uma questão muito mais de foro íntimo, através das pistas materiais ou, como diria no jargão

forense, das provas circunstanciais, já que os testemunhos em si não produzem efeito, a não ser com a correlação de fatos evidenciáveis.

Belarmino esperava que o pai redarguisse de pronto, contudo, este se calou, simplesmente apontando para o corpo sendo suturado.

Isso despertou a atenção de Belarmino, cuja curiosidade se concentrou num longo cordão prateado que o prendia ao topo da cabeça, logo descobrindo que se tratava da região do chacra coronário, ali onde se situa a glândula pineal. Quando intentou manifestar outra dúvida de caráter técnico, viu-se sugado para dentro do organismo, como se fosse a própria alma a dar vida à matéria. Foi quando perdeu a consciência da hora e do lugar, voltando ao estado de sonolência induzida pela aplicação dos anestésicos.

Não demoraria a despertar, com algumas dores no ventre e nas costas, nada que fosse insuportável.

Viu-se num quarto com alguns aparelhos monitorando-lhe as funções vitais. Sua primeira preocupação foi reconhecer os incômodos que lhe causara o projétil e a correspondente cirurgia. No entanto, a clara recordação da conversa que tivera com o pai tranquilizou-o quanto a sobreviver.

Ao mexer a mão para apalpar-se, percebeu o braço preso a um tubo que lhe introduzia soro diretamente na veia, exatamente como aquele que fora objeto de sua providência junto ao avô. Foi quando ouviu a esposa:

— Mino, querido, tudo vai ficar bem. Graças a Deus, a bala não afetou a coluna. Você foi salvo por milagre. Graças a Deus!

Milene lhe segurou a mão, impedindo-o de causar algum problema ao apetrecho hospitalar.

— Onde estou, querida?

— Você foi trazido ao Hospital *Santa Teresa*, das irmãs carmelitas.

— Está no nosso convênio?

— Que importância tem isso agora?
— É que as internações são caras.
— Não se preocupe com isso. Cuide de ficar bom.
— Que aconteceu com Dona Mariana?
— Acho que foi presa. A polícia disse que você salvou a família dela e evitou tragédia ainda maior.
— Os bombeiros teriam apagado logo o incêndio.
— Com certeza, mas as crianças não conseguiriam se safar.
— Eu não podia saber que ela estava armada.
— Ninguém sabia. Só o namorado dela, que foi o culpado de tudo.

— Como assim?
— Acho melhor você descansar. Vou chamar a enfermeira, pois me encarregaram de ficar vigiando até você acordar. O médico vai querer vir vê-lo.

De fato, logo após Milene ter saído, entraram dois médicos acompanhados de uma enfermeira. Um deles foi logo perguntando:

— Você não está sentindo enjoo?
— Estou com uma dor na altura do estômago.
— A bala perfurou de um lado a outro. Fizemos uma lavagem, suturamos e você vai ter de ficar só com líquidos por algum tempo. Mas nada aconteceu com sua coluna, portanto, é uma questão de tempo.

— Hemorragia interna?
— Muito pequena. Nada que não se pudesse conter. Agora você vai precisar ficar em absoluto repouso. Não se preocupe se precisar urinar ou defecar: você está de fraldão. Não faça força. Dentro de uma semana, poderá receber algum alimento, segundo a dieta indicada para esses casos.

— Quando vou poder ir para casa?
— Em três ou quatro dias, dependendo da evolução do quadro cirúrgico.

O segundo médico havia providenciado os registros na ficha do paciente, de modo que ambos se retiraram, não sem antes referirem-se à coragem demonstrada pelo advogado.

Ficou a enfermeira, que logo foi avisando:

— Vou ministrar-lhe sonífero bem leve. Dá pra dormir umas seis ou sete horas.

— Posso dar uma palavrinha com minha esposa?

— Ela já foi dispensada.

Belarmino não disse *a* nem *b*. Limitou-se a aceitar sua condição de enfermo, prometendo intimamente que se recuperaria o mais rapidamente possível. Não queria permanecer inerte naquele leito.

Administrado o sedativo, em menos de dez minutos, dormia a sono solto.

O que Belarmino não sabia é que as rotativas dos jornais reproduziam o noticiário dos telejornais da madrugada, com a reportagem completa dos acontecimentos na favela, inclusive com entrevistas de policiais, do comandante dos bombeiros, de Felício e de Lando, com fotos da cena do salvamento e retrato do herói reproduzido da carteira de identidade fornecida pelo cunhado.

Ao acordar pela manhã, Belarmino sentia-se bem disposto. Nada de fraqueza exagerada nem tontura que lhe impedisse o livre raciocínio.

Perguntou pela família e lhe disseram que várias pessoas aguardavam para serem recebidas. Antes, porém, tinha ele de se submeter a nova consulta pelos facultativos.

Exatamente às nove horas, as visitas foram permitidas, duas de cada vez, de sorte que, primeiro, entraram a mãe e o irmão, vindos do Rio no primeiro voo da ponte aérea.

— Meu filho, que lhe deu na cabeça...

Dona Rafaela não pôde continuar, sufocada pelas lágrimas. Precisou Fernando ampará-la e impedir que ela se debruçasse sobre o enfermo.

Depois de acariciar-lhe os cabelos, Rafaela resignou-se em sentar-se ao lado da cama, prendendo na sua a mão livre do filho.

Fernando, sem saber exatamente o que dizer, informou:

— As crianças e a mulher estão internadas em outro hospital. Parece que se intoxicaram com a gasolina. Os médicos disseram que não correm perigo.

Belarmino externou a preocupação que se constituiria em sua luta nos próximos meses:

— Você sabe se a polícia registrou o fato como tentativa de homicídio?

— Depois de todo o escândalo e das ameaças que culminaram com uma vítima que poderia ter sido fatal, eu acho que o delegado não tinha como evitar o flagrante. Não vejo como passar tudo isso em branco. Você quer ver como é que os jornais apresentam o ocorrido?

Sem cerimônia, Fernando colocou diante dos olhos do irmão a manchete do primeiro matutino. Belarmino conseguiu ler: *Advogado é baleado salvando mulher e filhos.*

O odor da tinta causou-lhe certo mal-estar e ele fez um gesto como a indicar que estava nauseado.

Fernando imediatamente afastou o periódico, procurando a campainha para chamar pela enfermeira. Esta se apresentou em seguida, mas Belarmino já se havia recuperado:

— Estou bem. Acho que vou precisar ficar longe das notícias.

Assim que a enfermeira se retirou, Fernando comentou:

— Você reparou na malícia dos editores? Deixaram uma frase típica de quem não quer dizer tudo. Do jeito que está, a impressão que se tem é de que você foi baleado por bandidos, enquanto salvava sua esposa e seus filhos.

Belarmino fez um nítido gesto de enfado, solicitando que Fernando mudasse de assunto:

— Vou ter de ficar aqui alguns dias. Será que você pode me trazer alguns livros...

— Encontrei um no meio de suas coisas. Está sujo de sangue mas acho que dá para ler.

— Deve ser o livro que Lando me deu.

— *Mediunidade dos Santos*. Tem a ver com o tema de nossas conversas?

— Ainda não li mas a intenção deve ter sido essa mesma.

A mãe, já recomposta, desviou a atenção para descrever os sentimentos da família:

— Seu avô disse para você ficar bom logo. Quando você for para casa, ele vem visitá-lo. Seus tios e tias mandaram votos de pronto restabelecimento. Todos estão muito orgulhosos de você...

— Eu quis evitar uma tragédia. Só isso. Agi com a certeza de que Deus iria olhar por mim. E olhou, tanto que estamos agora aqui reunidos.

A expressão de otimismo soou falsa aos ouvidos da mãe e do irmão, tanto que pesou no ambiente um silêncio de alguns minutos, cada qual procurando o que dizer para amenizar as impressões de dor que o roubo do consanguíneo lhes provocara.

Finalmente, Fernando se manifestou:

— Vamos ter de ceder a vez às outras pessoas lá fora. Acho que tem até representante do prefeito. O dia promete ser cheio. Depois, se deixarem, a gente volta. Nós vamos ficar em sua casa até você ficar bom.

— E seus negócios?

— Deixei em boas mãos.

Despediram-se, agora sem lágrimas de Rafaela, e se retiraram.

Não deu tempo sequer para Belarmino examinar o índice do livro que entraram dois senhores obsequiosos, solicitando permissão, dizendo-se a mando do senhor prefeito.

— Fiquem à vontade, por favor.

O mais velho aproximou-se do leito e, desejando sentir a presença física do paciente, depositou a mão sobre a mão de Belarmino, ambas pressionando o livro contra o peito.

— Meu jovem — disse-lhe sem afetação —, Doutor Belarmino, São Paulo quer agradecer-lhe por seu ato de bravura. Fique bom logo, porque o Governo Municipal vai homenageá-lo através de uma lei que começa a tramitar hoje pela Câmara. Haverá sessão solene para que receba das mãos do Prefeito a medalha de honra ao mérito, além, temos a certeza, de outras honrarias oficiais.

A segunda figura presente também se acercou do leito, entendendo a mão para juntar-se às outras duas, justamente no momento em que, em silêncio, vários repórteres fotográficos entraram para registrar a cena.

Foi uma questão de meio minuto, no máximo, para que, de novo, Belarmino se visse sozinho.

Desta feita, entretanto, o paciente não fez menção de abrir o livro, ansioso por saber quem é que iria entrar. De fato, um minuto depois, apareceu Felício, acompanhado de um padre mais velho, que apresentou:

— Belarmino, meu caro, Sua Reverendíssima, o Cardeal de São Paulo, empenhou-se para vir cumprimentá-lo. Receba-lhe a bênção como fiel católico que você é.

Realmente, logo Belarmino se viu diante do anel cardinalício para oscular respeitosamente, enquanto a humilde figura se expressava:

— Foi com muita satisfação que soube que o nosso herói é paroquiano da igreja de Santo Antônio do Pari. Deus o abençoe e lhe restaure a saúde logo!

Ao mesmo tempo que falava, o Cardeal traçava no ar o desenho de uma cruz, enquanto Felício se persignava contrito, o mesmo fazendo o paciente com a mão direita meio presa.

Observando-lhe o esforço, o Cardeal segurou-lhe a mão, voltando-se para a porta para receber alguns *flashes* produzidos pelas máquinas dos fotógrafos, que surgiram de repente como que saídos do nada.

Um instante depois, despediram-se os visitantes, deixando sobre o livro no criado-mudo junto à cabeceira alguns impressos com figuras de santos e respectivas orações no verso.

"Quem mais falta para vir tirar fotografias comigo?"

Nem bem emitiu tal pensamento e surgiram dois médicos, um deles com um frasco numa mão e uma folha impressa na outra.

— Eu sou o médico que o operou. Venho trazer-lhe uma boa notícia. Acho que você não sabe...

A um gesto de Belarmino, ele se calou, aguardando-lhe a manifestação:

— Na verdade, doutor, penso que o senhor está trazendo-me o resultado dos exames da biópsia que o laboratório efetuou de um pólipó retirado da mucosa do meu estômago, que se transformaria em tumor, embora sem metástase, já que é de caráter benigno.

Admirado, o facultativo inquiriu:

— Quem lhe passou a informação?

Belarmino hesitou e acabou não dizendo que acompanhara a cirurgia, cuja recordação trazia viva na memória. Preferiu disfarçar:

— Adivinhei quando consegui ler nessa folha a palavra *negativo*.

Era verdade, tanto que ambos os médicos esticaram os olhos para confirmar, encontrando o termo à vista.

O mesmo médico observou:

— Que vista apurada, amigo! Eis o que chamo de verdadeiro milagre. Aliás, não deveria surpreender-me já que estou diante da pessoa privilegiada que salvou a cidade de grande incêndio.

Desta vez, foi Belarmino quem fez um gesto para os dois aproximarem-se, alteando um pouco a voz:

— Vocês aí de fora, podem vir fotografar.

Entrou um único profissional, que registrou a cena de três ângulos diferentes, solicitando ao médico que exibisse o frasco guardado no bolso do jaleco.

Após despedirem-se, os médicos saíram, ficando o fotógrafo para mais alguns registros.

— Para quem você trabalha, amigo?

— Sou *freelance*. Vou fazer a matéria. Quem der mais, fica com ela. Você pode me responder a algumas perguntas?

— Quanto vou levar com isso?

Belarmino brincava mas o outro levou a sério:

— Vale a referência ao seu escritório de advocacia. Coloco nome e endereço, com a recomendação expressa de ser mantido o registro.

— E se cortarem?

— Dou um jeito de convencer o redator. Todos são meus *chapas*.

Belarmino quase acrescentou *fotográficas*, mas preferiu não correr o risco de não ser entendido de novo.

— Vamos às perguntas, por favor.

Contrariando a expectativa de ambos, duas novas visitas entraram: o chefe dos bombeiros e o delegado que atuaram na favela.

Ainda o repórter esperaria por mais três duplas de pessoas interessadas em cumprimentar Belarmino, o que julgou muito proveitoso pelas informações que conseguiu para formular a matéria, dentre as quais o fato de que era um mistério o disparo da arma de fogo não haver provocado fagulha que iniciasse um incêndio, dado que o ar estava saturado de gases comburentes.

Houve também uma interrupção no horário das visitas para que os médicos pudessem avaliar o andamento da recuperação pós-operatória, quando efetuaram ligeira observação dos cortes e dos pontos, tanto no ventre quanto nas costas, o que a câmara voraz do solerte repórter registrou, com a desculpa de que colhia material para oferecer à fundação mantenedora do nosocômio a divulgação dos bons serviços prestados à população.

Os facultativos não teceram comentários técnicos, assegurando ao paciente que tudo caminhava a contento.

Os próximos a chegar foram a esposa e o cunhado, ambos imensamente preocupados com o bem-estar de Belarmino, já que a movimentação no saguão de espera tinha sido muito grande, havendo, inclusive, grande número de populares vindos da favela para orarem pelo restabelecimento de seu herói.

A revelação pôs para fora o fotógrafo, que saiu em busca de novos instantâneos.

— Será que os médicos não vão emitir nenhum boletim oficial para tranquilizar o povo? — perguntou o enfermo.

José esclareceu:

— Está tudo perfeitamente em ordem. Parece que o sujeito que foi chamar a gente no restaurante foi quem providenciou tudo.

Milene aduziu:

— Também aquele senhor que esteve lá em casa no domingo...

— Sebastião.

— Ele está no meio daquela gente, puxando as orações.

Belarmino não sabia direito o que dizer. Estava simplesmente admirado da repercussão de sua atitude meio ou inteiramente desmiolada. Em todo caso, pediu ao cunhado:

— José, traga algum representante da multidão para que venha ver-me, que eu quero mostrar que estou passando bem, inclusive, se se tratar de algum Tomé incrédulo, posso fazer que coloque a mão na ferida.

Estando sós, Belarmino lamentou com a esposa:

— Querida, parece que estou causando-lhe numa semana mais transtornos que lhe proporcionei a vida toda.

— Não se preocupe com isso. Você está me deixando muito orgulhosa. Se não fosse pelas suas idas e vindas ao centro espírita, hoje você não estaria sendo tão querido e paparicado.

— Você quer dizer que, se eu não tivesse ido ao Rio para salvar meu avô, hoje não estaria internado, após cirurgia tão delicada. Você está sabendo que retiraram um pequeno tumor benigno de dentro do estômago?

— Os médicos me mostraram e disseram que você adivinhou tudo. Isso está me deixando nervosa. Que mais está acontecendo com meu maridinho querido?

Diante da alternativa de falar a verdade ou mentir, Belarmino resolveu rogar pela intervenção do pai, trazendo-lhe alguém de fora para distrair a esposa. De fato, mal fechou os olhos e já teve de reabri-los, porque entravam justamente Sebastião e Aristides, ambos os encarregados de acalmar a multidão.

— Bons amigos, eu pedi a José que trouxesse algum descrente. Vocês são os que me viram baleado. Eu queria alguém que testemunhasse que estou bem, para que se dispersasse o pessoal lá fora. Hoje é dia de trabalho. Muitos devem estar perdendo horas preciosas de serviço...

Aristides o interrompeu:

— Só vieram os que não tinham compromissos. Eu mesmo fiz questão de impedir que algum mais preguiçoso fizesse feriado por conta de vir orar por você.

— Você acha que as preces deles têm a força de me pôr de pé?

Foi Sebastião quem respondeu:

— A fé remove montanhas. Talvez eles não vão curá-lo com as rezas, mas, com certeza, vão ficar muito contentes sabendo que colaboraram para formar uma corrente de vibrações benéficas que vão ajudar o seu organismo a se recuperar.

Foi Milene quem desejou cortar o que lhe parecia uma longa conversa de cunho espiritista, asseverando-lhes:

— Pois eu acho que meu marido está em franco restabelecimento, o que vocês poderão comprovar vendo que as feridas começam a cicatrizar-se. Ele bem que desejava fazer com

que os Tomés da Vida pusessem a mão ali no seu ventre para comprovar o que a sua fé não lhes asseguraria.

Unindo às palavras o ato, afastou o lençol que cobria o enfermo, pondo aos olhos de todos uma pele absolutamente sadia, com alguns pontos por onde a linha cirúrgica passava. Ela mesma levou um tremendo susto, porque esperava revelar um corte ainda fresco, com um pouco de sangue coagulado. Ao contrário, tudo estava completamente fechado.

O fotógrafo, que havia entrado com os dois derradeiros visitantes, imediatamente se pôs a registrar o motivo do espanto de todos, inclusive do próprio paciente, o qual girou no leito, pedindo que vissem como estava o corte nas costas.

José foi quem se manifestou:

— Está perfeitamente fechado, como se houvessem passado uns quatro ou cinco dias. Vou chamar um médico para avaliar a situação.

Milene chorava baixinho, com o terço na mão, soluçando uma palavra de agradecimento a Deus:

— Obrigado, Senhor, pela vossa assistência milagrosa. Prometo que irei acender uma vela do tamanho de Belarmino como ação de graças...

Ao mesmo tempo, agarrava-lhe a mão livre, tremendo de tanta emoção.

Acorreram os mesmos médicos que ali tinham estado a examinar os curativos. Ao constatarem o estado evolutivo dos ferimentos, solicitaram aos presentes que deixassem o quarto. Precisavam avaliar melhor as reações orgânicas.

Assim que se viram a sós, começaram uma série de perguntas ao enfermo:

— Você está sentindo alguma sensação diferente nas áreas das suturas?

— Estou sentindo um leve comichão.

— Uma coceira?

— Bem leve.

— Vou cortar o cordão cirúrgico e retirá-lo. Se sentir dor, avise.

Um instante depois, o médico estava com a linha na mão, sem que Belarmino acusasse nenhum mal-estar. O ato se repetiu até que não havia mais nenhum ponto.

— É incrível que você tenha tido fechados os cortes sem nenhuma gota de sangue.

— Doutor, será que internamente...

— É o que temos de verificar. Primeiro vou apalpar a região do estômago. Avise se doer.

A mão do médico percorreu o abdômen, calcando de leve, até o ponto crucial por onde havia entrado o projétil.

Nenhuma reação do paciente.

Após forçar um pouco mais, o médico resolveu que não queria correr nenhum risco, já que houve uma hemorragia estancada durante a operação.

— Vamos levá-lo para tomografia computadorizada. Quero ter a certeza de que toda a lesão esteja restabelecida.

Ao saírem com a maca levando Belarmino pelos corredores, já os parentes e demais visitantes haviam sido afastados para uma sala de espera no próprio andar, local de onde não se podia visualizar o que se passava fora.

Na sala dos raios X, Belarmino reclamou de fome:

— Estou sentindo um vazio no estômago, doutor.

Os médicos riram, enquanto observavam a enfermeira retirar a agulha por onde se ministrava o soro. Queriam comprovar o fechamento instantâneo do pequeno orifício. Se pensavam que algo de diferente fosse ocorrer, se decepcionaram, porque houve a necessidade de se pressionar um algodão seco até estancar o sangue. E lá ficou a marca da agulha, que foi coberta por pequeno curativo.

Meia hora depois, os dois médicos conferenciavam diante da tela do aparelho e dos registros realizados do interior do corpo,

todos apontando para cabal recomposição dos tecidos, como se não tivesse havido qualquer intervenção cirúrgica. Podiam dizer que Belarmino estava completamente recuperado.

Sobre que meditava o advogado?

"Que mérito tenho eu, ó Forças da Espiritualidade Superior, para receber tantas bênçãos? Reconheço-me pecador, endividado e cheio de preconceitos de todo tipo. Então, por que venho obtendo a graça dos fenômenos físicos e espirituais? Se fosse pedir para que a minha saúde se restabelecesse, e vocês são testemunhas de que não pedi, elevaria uma prece para que os pacientes deste e de todos os hospitais se curassem antes de mim. Isso sem hipocrisia, porque tenho a certeza de que meu organismo se recuperaria por força dos processos naturais, já que nenhum perigo real corri pelo trajeto do projétil. Meu pai me assegurou que me levaria com ele, caso sucumbisse. Quer dizer que ele não tinha firme convicção de meu restabelecimento. No entanto, agora me encontro totalmente curado. Poderei pedir por outras pessoas ou cairei na mesma dificuldade de supor que tal padre estava internado em tal quarto ou que havia um espírito a me acenar do outro lado da rua? Nesta altura dos acontecimentos, estou pressentindo que as coisas continuarão a acontecer comigo, sem que eu mesmo tenha contribuído diretamente para isso. Com que objetivo? Eu não queria que ninguém soubesse de meu encontro no bar. Também não desejei revelar minha aventura fora do corpo, minha pequena viagem astral. Agora, sem mais nem menos, todo o processo de cura acabou ficando registrado fotograficamente. Se o repórter tiver veladas as fotos, não haverá como enegrecer os resultados radiológicos. Terei de enfrentar o bulício da opinião pública? Serei jogado literalmente no olho da rua? Não sei o que realmente pedir a vocês. No mínimo, que me deem esclarecimentos intuitivamente, para que possa agir em consonância com os desígnios supremos do Pai em relação à minha pessoa."

Concentrou-se em íntima oração, reproduzindo o padre-nosso, prestando atenção em todos os dizeres, para não escamotear a sensibilidade posta em evidência pelo veemente pedido aos guias e protetores espirituais.

Foi quando apareceram junto à maca, ainda na sala dos raios X, os dois médicos. Vinham com uma proposta:

— Você disse que está de estômago vazio. Quer comer alguma coisa? Um caldo, um biscoito com chá, uma fruta?

— Aceito algo bem leve, porque ultimamente muito do que tenho engolido tem saído antes de ser digerido.

Precisou contar os problemas gástricos do último domingo, talvez provocados por aquele pólipó que lhe foi extraído.

Os facultativos não disseram nem que sim nem que não. Solicitaram à enfermeira que providenciasse um almoço daqueles servidos aos vegetarianos e o levasse ao quarto do paciente.

Não demorou para o próprio Belarmino instalar-se no leito, sem necessidade de ajuda. Sentia-se um pouco fraco, mas a mente não lhe pregou a peça de qualquer tontura ou delíquio.

Os que tinham sido retirados do quarto voltaram todos, inclusive o fotógrafo, o mais curioso, desejoso de saber o resultado dos exames.

Belarmino limitou-se a sorrir, dando a palavra aos médicos.

Era sempre o mesmo que se manifestava, falando pelos dois:

— Nós ainda não temos certeza absoluta do estado do organismo do enfermo. Vamos passá-lo por um teste, dando-lhe o que comer. Como se trata de caso único na nossa vida profissional, gostaríamos de manter segredo, pelo menos por alguns dias...

Belarmino não se conteve:

— Desculpe-me, doutor, mas se os senhores não me derem alta, aplico meus conhecimentos jurídicos e juro que vou colocar a administração do hospital em polvorosa. Não vou querer ser cobaia de ninguém.

Milene correu em auxílio ao marido:

— Querido, não fique nervoso, pelo amor de Deus. Eles não vão querer segurá-lo aqui, não com todo aquele povo lá embaixo.

Os médicos não sabiam do movimento em favor do herói. Imediatamente, deixaram o local, para conferência com o administrador de plantão, cujo resultado foi a emissão de curto comunicado, lido pelos próprios médicos no saguão, segundo o qual o ato cirúrgico havia transcorrido com inteiro sucesso, podendo o paciente receber alta nas próximas horas. Responderam a algumas perguntas dos repórteres e deixaram a multidão muito tranquila.

Naquele meio tempo, Sebastião recebeu a incumbência de informar aos que se reuniram por influência de Aristides que as preces haviam sido ouvidas e que Belarmino agradecia a todos, prometendo-lhes estar no centro espírita naquele mesmo dia ou no seguinte, para apertar as mãos dos novos amigos. Fossem para casa em paz, pois precisavam cuidar dos pertences de Dona Mariana, provavelmente já saqueados pelos que não admitiam a ameaça sofrida.

Não demorou para esvaziar-se o local, mesmo porque Aristides despachou lotados os três ônibus que conseguira de graça junto ao poder municipal.

No quarto, José e Milene conversavam com o fotógrafo, dando-lhes informações a respeito do trabalho, do lazer e da fé religiosa de Belarmino, que comia com satisfação a bandeja de arroz, feijão, abobrinha refogada, ovo cozido e algumas folhas de salada. Como sobremesa, pera levemente cozida, com um pouco de calda. Bebeu um copo de suco de abacaxi, ralo e insípido, reclamando de que tudo fora reduzido pela metade.

Ao chamar a atenção pela voracidade com que devorara a refeição, precisou explicar aos presentes que o resultado da tomografia fora o mais surpreendente possível.

Ainda estavam confabulando, quando adentrou o clínico a quem estava atribuída a responsabilidade do setor cirúrgico. Sem dizer nada, mediu a pressão ao enfermo, auscultou-lhe o coração e

os pulmões, apalpou o estômago e os intestinos e saiu, afirmando que dentro de duas horas, caso não houvesse problema de digestão, ele mesmo assinaria a alta.

Entendendo que não colheria mais material para a reportagem, o fotógrafo se despediu, prometendo que submeteria o texto à aprovação do interessado, para o que solicitou todas as informações quanto ao endereço da casa, do trabalho, da igreja e do centro espírita. Não mencionou, mas todos foram capazes de perceber que não daria tão cedo sossego à família.

No cartão que deixou com Belarmino, Samuel Coelho (Samu) escreveu o número de seu telefone celular.

Não demorou para passar a enfermeira responsável pelo andar, solicitando que as visitas se retirassem.

Milene ainda teve tempo de perguntar:

— Mino, posso trazer-lhe muda completa de roupa?

— Fique atenta porque eu acho que vou ligar para você em duas, no máximo em três horas. Você pegou a roupa ensanguentada?

— Está na sacola.

— E o celular?

— Vai ficar em cima do criado-mudo. Este livro fica ou levo?

— Fica.

— Então, até logo!

José também se despediu do cunhado, carregando a sacola para a irmã.

Belarmino solicitou-lhe que guiasse com cuidado e que viesse com a irmã para buscá-lo, havendo tudo ficado combinado desse jeito.

Assim que saíram os dois, Belarmino se levantou, pegou o livro e se dispôs a lê-lo, começando pelo índice. Lá no fim, os casos de mediunidade de cura. Foi pelo que se interessou.

la adiantando a leitura, admirando-se de haver tantos santos católicos com tal poder. Perdeu-se em devaneios:

"Se alcancei obter este verdadeiro milagre, ou melhor, este resultado da imposição das mãos de Jesus, havendo misteriosa transposição para a matéria orgânica do mundo físico de vibrações do mundo espiritual, por que a medicina não reserva uma área de estudos nas academias para desenvolvimento dessa técnica? Se bem me lembro, vários charlatões se viram às voltas com a polícia por realizar este tipo de serviço. Não teria havido nunca um médico formado que empregasse os princípios da mediunidade curativa em seu consultório? Preciso perguntar ao Lando. Quanto ao Felício, é bem possível que ele me forneça uma relação de padres famosos contemporâneos com o mesmo dom. Já li qualquer coisa a respeito de um sacerdote que foi impedido pelo Vaticano ou pela Cúria de continuar lotando a igreja de pessoas doentes... E as águas de Lurdes? Não fossem as amarras profissionais, bem que eu gostaria de pesquisar a respeito. De verdade, meus protetores e guias da Realidade Maior, se eu estiver em condições de auxiliar as pessoas, acho que gostaria de fazê-lo, ainda que não compreendesse os mecanismos espirituais envolvidos. Praticar o bem é que é o essencial, segundo o lema de que fora da caridade, não existe salvação, que li em Kardec e que está apregoado na inscrição do centro espírita. Tenho de ficar atento, já que pelo menos meu avô se serviu de minhas providências metafísicas. Por outro lado, quero deixar bem claro aos tutores da espiritualidade que, se não me comprovarem que são apenas os espíritos dos mortos e não anjos ou santos enviados por Deus..."

Veio-lhe à lembrança a figura do pai durante a cirurgia, contudo, desconfiado, abriu uma válvula de escape com uma explicação cheia de ceticismo:

"O carinho que recebi de meu defunto progenitor foi meramente protocolar, já que nós não nos esvaímos em lágrimas, como se eu não sentisse estar, verdadeiramente, diante da pessoa que cedeu seu elemento genético para a formação de meu ser. Era como se aquele fantasma com fisionomia e trejeitos de meu pai

pudesse ser o produto de uma visão que me foi imposta por orientação superior. Se eu mesmo me vi na condição de agêner no plano físico, com maior razão, no plano espiritual, era bem possível que aquela imagem fosse tão só um reflexo da pessoa que, já no primeiro momento, me ocorreu não estar ainda habilitada para realizar o serviço que realizou."

Ocorreu-lhe que poderia estar ofendendo seu anjo guardião ou quem estivesse dando-lhe assistência no campo das manifestações extra-sensoriais, de forma que achou preciso retratar-se:

"Se estou sendo pouco polido, levem em conta que sou absolutamente sincero, externando um ponto de vista crítico, conforme a própria postura de Kardec perante os fenômenos que examinou. Ele obteve inúmeras confirmações através de manifestações psicografadas, enquanto eu estou recebendo apenas o impacto da fenomenologia, sem o anteparo das hipóteses e das teses oriundas dos mentores da espiritualidade. Não quero passar-me por malicioso: o que estou sugerindo, de fato, é que respondam às minhas questões e dúvidas, de forma original e direta, não por meio de leituras oportunas e esclarecedoras, mas de caráter geral, com espírito de catequese. Sei que estou chuchando o leão com vara curta, mas estou recebendo tantos influxos do sobrenatural que gostaria de ter algum tempo para meditar, muita embora tenha ficado agradavelmente surpreso pelo fato de não precisar guardar leito em convalescença pelo balázio que me trespassou."

la predispor-se a receber algum ditado mediúnico quando verificou que estava sem os objetos indispensáveis: caneta e papel. Também não tinha roupa adequada para sair pelo corredor, envolto em miserável avental apropriado mais para despir do que para vestir.

Restava-lhe voltar a ler, firmando-se na ideia preconcebida de que não obteria naquele compêndio, que avisava ter sido organizado depois da morte do autor, mais do que o relato de

diversos casos, descritos precariamente quanto às leis em vigor na esfera espiritual, com nomenclatura rebarbativa, algo bastante precário em relação aos estudos que lera na obra do codificador da doutrina espírita, cujo mérito maior estaria em citar autores mais modernos. Pagaria para ver.

Mergulhou naquelas páginas, procurando estabelecer um padrão único para o reconhecimento católico quanto à aceitação dos milagres, já que os casos reproduziam relatos obtidos em obras aprovadas oficialmente pelo clero. Estava envolvido nessa cisma, quando voltou o médico que declarara que lhe daria a alta.

— Meu jovem, você está com sorte. Como sua digestão, ao que tudo indica, está efetuando-se normalmente, não há razão para retê-lo aqui. Já passei a ordem para liberarem-no. Felicidades. Quer que pegue suas roupas?

— Minhas roupas, minha mulher levou embora. Vou ligar para ela trazer outras.

— Se quiser, ponho-o numa ambulância e em pouco tempo você estará em sua casa.

— Preciso fechar a conta.

— Já passei por lá e está tudo certo. Você não nos deve nada.

— O cartão do meu plano de saúde foi suficiente?

— Deixaram um cheque em branco, aliás, três cheques de pessoas e instituições diferentes, no entanto nem foram utilizados, porque a administração superior do hospital determinou que as despesas ficassem por conta da fundação.

Passou pela cabeça de Belarmino que se tratava de outro milagre, mas este produzido por outros operadores.

— Pelo menos me arrumem um pijama decente.

— Isso é o de menos.

Cinco minutos depois de haver saído o médico, apareceu um enfermeiro com uma roupa completa, meias e sapatos, inclusive, de forma que Belarmino pôde apresentar-se fora do quarto trocado e

limpo, já que aproveitou para tomar uma ducha quente no banheiro do apartamento.

Em breve, estava chegando de táxi, para surpresa dos familiares.

Notou logo a ausência da mãe e do irmão.

— Estão repousando. Pretendiam ir visitá-lo no turno da noite.
— informou Milene.

Assim que se acomodou na sala, em lugarzinho confortável especialmente preparado por Honorina para agasalhá-lo, recebeu da esposa a enorme correspondência que lhe havia sido remetida desde cedo. Eram telegramas e mais telegramas de congratulações e de felicitações.

— Vocês já leram tudo?

José respondeu:

— Abrimos todos e separamos umas vinte mensagens mais importantes de governantes, de políticos, de entidades filantrópicas...

— Essas devem estar solicitando contribuições.

— Acho que se contentam com simples resposta para divulgação do nome delas junto ao seu.

— Familiares?

— Inúmeros telegramas.

— Amigos, conhecidos?

— Você vai ler um por um.

— Quantos até agora?

— Cerca de quatrocentos. Eu acho que amanhã vão começar a chegar as cartas. Aí vai ser um deus-nos-acuda...

— Você abriu meu *e-mail*?

— Outra avalanche de mensagens. Vai dar trabalho só de *deletar* cada uma, imagine ler e responder. O que me deixou espantado foi achar uma porção delas com agressões verbais de baixo calão. Acho que algumas podem até conter vírus. É preciso tomar cuidado.

— Existe alguma de pessoa ou entidade muito importante?
— Existem muitos convites para ingressar nesta ou naquela página, nesta ou naquela sala de conversação. Estes também estão querendo faturar com a sua fama.

Belarmino deixou de rodeios e foi diretamente ao ponto que lhe interessava conhecer:

— Alguma federação espírita se manifestou?

— Que eu me lembre, federação nenhuma. Mas existem várias mensagens com nomes de centros espíritas, se é que importa. Pelo que sei, muitos vão querer que vá fazer palestras e isto sem que o milagre da cura se tenha espalhado por aí.

— Vai ser um inferno.

— Será que você vai conseguir esconder o caso da ubiquidade?

— Isso é fundamental para o meu sossego. Digo mal: para o nosso sossego, porque ninguém aqui de casa iria ficar sem ser importunado.

— Que mais posso fazer pelo meu cunhado? Preciso pegar a matéria com Janira, senão não vou passar no vestibular.

— Não se esqueça de que você ganhou umas boas duas horas com a minha vinda antecipada.

— Mas Milene está precisando de você...

Mencionada, a irmã ralhou com ele:

— Seu Zé, mamar na vaca você não quer, não é?! Vê se te manda daqui, antes que eu me enfeze de verdade.

Belarmino percebeu a sutileza da esposa para ocasionar a oportunidade que o irmão queria para ir embora. Não disse nada, porém, desejoso de trocar palavras carinhosas com a esposa.

Honorina, entretanto, saiu do desvão da porta e se apresentou:

— Patrão, o senhor deseja alguma coisa para comer?

Belarmino se sobressaltou:

— Faz tempo que você está escutando a nossa conversa aí fora?

— Acabei de chegar.

— O que você ouviu?

— Ouvi que o senhor está com medo de que as pessoas queiram se intrometer na vida da família.

De si para consigo, engoliu a possibilidade de ela ter sabido interpretar o famoso *caso da ubiquidade* mencionado por José. Mas achou de bom alvitre não interrogá-la a respeito. Aguardaria o desenrolar dos acontecimentos. Aproveitou a deixa para solicitar:

— Você pode preparar-me um café bem reforçado, com bolo, pão com manteiga, queijo, o que tiver na geladeira?

— Quer que prepare a mesa?

— Pode ser. Mas não demore, por favor, porque estou com uma fome de leão.

Milene torcia as mãos, profundamente preocupada. Assim que Honorina deixou o casal a sós, ela ajoelhou-se aos pés do marido e desatou num choro sentido:

— Você pensa que foi agradável ver você estirado no chão, baleado? Estou tremendo até agora.

— No hospital, você não disse nada disso.

— Eu não podia correr o risco de deixar você estressado. Se eu passei por fortes emoções, também sou capaz de imaginar que você deve ter sofrido muito pensando que ia morrer.

— Acho que não dei a ninguém essa impressão. Ao contrário, me senti bastante amparado por Jesus, por Santo Antônio e sei lá mais por quem, já que a operação foi um sucesso. Antes mesmo de me recuperar desta forma tão rápida e sobrenatural, estava bastante tranquilo. Não era para você ter medo de me assustar.

— Agora estou vendo isso. Mas ainda não compreendi o que vem acontecendo com você. Juro que estou com medo, apesar de tudo ter sido superado, desde o seu mal-estar no domingo, o enterro de seu pai, o tiro na barriga...

— Existe mais uma coisa que me está azucrinando a paciência: a necessidade de atender o meu chefe, que deseja que eu defenda um bandido confesso e contumaz. Sobre isso nós já conversamos.

— Não era para você se apresentar na segunda-feira?

— E daí, querida?

— Pois esse tiro vai tirá-lo de circulação por, no mínimo, mais dez dias.

— Mas eu me sinto bem. Seria uma mentira se permanecesse em casa.

— Você pode perfeitamente dizer que foi alvejado e que não está em condições de trabalhar. Isso não é nenhuma mentira.

— Mas eu estou em condições...

— Em condições físicas; concordo. Mas, quanto à moral, eu acho que você está precisando de repouso. Só o fato de todo este assédio epistolar...

— Como você está falando bonito! Parece uma advogada na tribuna.

— Sei com quem tenho aprendido. Mas a verdade é que você deveria sair de férias, ir para um lugar onde ninguém o conheça.

— Você vai comigo?

— E você acha que eu ia deixar você ir sozinho? Essa não!

— Tenho a impressão de que você já sabe até para onde vai me levar, se é que não comprou as passagens ainda...

— Não comprei, mas posso fazê-lo através do telefone ou da Internet. Basta dar o número de seu cartão de crédito.

— Por falar nisso, você sabe que não tive de pagar nada no hospital? Até o táxi que me trouxe foi de graça. Queriam trazer-me de ambulância, mas, no fim, como eu insistisse em que a ambulância devia servir para algo mais urgente, resolveram chamar o táxi. Preciso esclarecer tais coisas.

— Mais uma razão para não ir trabalhar na segunda.

— Querida, acho que o café está pronto. Vamos à cozinha?

Ao passarem pela sala de jantar, perceberam que a mesa a que Honorina fizera menção não era a da cozinha e já estava quase totalmente preparada para recebê-los e a mais duas pessoas.

Enquanto Belarmino se acomodava junto à mesa, Milene saiu para ajudar a empregada.

Nisso entrou Dona Rafaela, estupefata diante do filho:

— Como é que você já está em casa? Eu não acredito que a medicina esteja tão adiantada assim! Que é isso? Você vai comer?

— Almocei bem pouquinho. Preciso restaurar minhas forças.

— Mas seu estômago não foi perfurado?

— Já estou bom.

— Não acredito.

— Ó Dona Tomé Ver-para-crer, olhe a minha barriga!

Juntando o gesto à palavra, o filho ergueu a camisa para a mãe comprovar que não havia sequer uma cicatriz na região do estômago.

— Mas isso é um milagre, meu filho!

— Também acho.

— A quem você tem rezado?

— Eu vou diretamente ao Pai, segundo nos orientou Jesus.

— Mas algum santo deve ter intercedido por você.

— Também penso assim, só que não sei quem poderia ter sido.

Naquele instante, chegou Fernando, também admirado por encontrar o irmão:

— Que é que você está fazendo aqui?

— Recebi alta.

— Mas já?

A cena da barriga desnuda se repetiu.

Não sabendo o que fazer com a mãe ali, Fernando pediu para que fosse ajudar Milene a trazer as coisas.

Dona Rafaela não gostou de sair de perto do herói, mas se retirou.

Foi quando Fernando disse ao irmão:

— Acho que está na hora de você contar à mãe que esteve com o 'vô Lupércio em espírito.

— Como você acha que ela irá reagir? Eu não acredito que vá entender que esse fenômeno pode ocorrer com uma pessoa vulgar. Ela vai pensar que sou santo, no mínimo, por realizar milagres.

— Não foi bom você mesmo mostrar a ela que está curado?

— Mas o que ela vai pensar ao saber que abraçou um fantasma?

— Não era um fantasma. Era uma imagem concretizada materialmente para o efeito da salvação de um paciente.

— E a gaitinha? E o abraço que lhe dei? E a água que dei para meu avô tomar? Se tudo isto está sendo um problema para o Lando e para o Felício, imagina como é que ela irá receber a notícia. Eu não vou contar nada e lhe peço também para não contar.

Como nas peças de teatro mambembes, ia entrando a mãe, que logo foi perguntando:

— O que é que você não quer que seu irmão conte?

— Que estou sentindo um frio na espinha, agora que passou o perigo.

Não tiveram, contudo, tempo para prosseguirem no tema. O telefone da casa tocou e o próprio Belarmino atendeu:

— Pronto!

— Samu. Como vai?

— Você não demorou nada...

— Estou seguindo para sua casa com uma equipe de reportagem da televisão. Eles me compraram a matéria e querem entrevistá-lo. Se você acha que não deve atendê-los, é bom desaparecer. Deixe um recado de que você não passou bem e precisou internar-se.

— Você me prepara uma e ainda...

— Na verdade, não fui eu. Eu só fui contatado porque disseram que eu tinha as imagens. Foi alguém do hospital. Aliás, o

cara foi esperto, porque tem muita gente lá esperando para entrevistá-lo. Só eu fiquei sabendo do seu paradeiro.

— Vou pensar no que fazer.

— Não pense muito. Em menos de quinze minutos estaremos chegando.

Belarmino desligou e logo percebeu que os demais estavam sobressaltados.

— Vamos dar o fora daqui. Fernando, você vai dirigindo o meu carro. Vamos para Guarulhos. No caminho, a gente decide para onde vamos voar. Milene, pegue a minha capanga com os documentos e se prepare para uma viagem para bem longe. Mãe, você fica para receber as pessoas e dizer que estou num lugar qualquer para tratar-me de uma recaída. Diga que não está autorizada a dizer... Ou melhor, diga que ninguém lhe contou para onde fui, o que é a mais absoluta verdade.

Dona Rafaela entrou no jogo de esconde-esconde:

— Deixe comigo.

Quase dez minutos depois, levando um sanduíche de queijo e uma garrafa térmica com café com leite, partiram os três rumo ao aeroporto. Levavam uma única mala. No caminho, decidiram pelo primeiro voo para algum lugar com conexão para voos internacionais. Precisavam de tempo para o visto nos passaportes.

Uma hora depois, voavam para Salvador. Milene exultava de alegria. Eram as férias que imaginara para os dois. Além do mais, a capital baiana era famosa por possuir trezentas e sessenta e cinco igrejas. Esquecia-se de que o número de terreiros de Umbanda era muito maior e que ali também Kardec fizera adeptos para sua doutrina.

Belarmino, ao contrário do costumeiro temor de voar, estava absolutamente tranquilo, enquanto Milene se agitava bastante na poltrona ao lado.

Não conversavam, de modo que, após algum tempo de voo, Belarmino pôde fechar os olhos e, em seguida, adormecer.

Nem bem entrou em estado alterado de consciência, já se viu metido em tremenda azáfama socorrista, solicitado pelos companheiros para atendimento dos que faleciam atormentados pelo terror do desastre.

Entre os ferros retorcidos da composição, saíam chamas que lambiam o ar em volta, arremessando para o céu tremenda coluna de fumaça negra. Os gritos e lamentações que ouvia nos vagões quase se deixavam abafar pelas lancinantes manifestações das pessoas que buscavam combater o incêndio.

Belarmino se sentiu em estado de graça. Não se abalou com o sofrimento alheio. Tinha em mente apenas esclarecer a quantos conseguia envolver em sua aura metafísica, em esfera energética de sutil textura, como se lhe fora possível criar ilhas de paz em meio ao bulício.

Toda vez que alcançava abraçar um ser em desespero, repetia-lhe:

— Irmão (ou irmã), Deus é pai de misericórdia. Você está sendo recebido em seu seio de amor e compaixão. O sofrimento lhe será atenuado, se conseguir dizer comigo um padre-nosso.

Houve um que desejou arguir o socorrista:

— Quem é você para me afirmar que estou a caminho do Céu?

— Meu filho, sou um humilde servidor desta imensa falange de seres enviados por Jesus para dar-lhe refrigério. Meu nome é Afonso e também eu, um dia, fui recebido no etéreo para ser elevado à categoria dos bem-aventurados. acredite em mim: se você devesse ser destinado ao inferno, eu não conseguiria ajudá-lo e você, como alguns que pode observar, estaria ali, no meio das chamas. Não me faça gastar inutilmente o tempo que poderia estar dedicando a um nosso irmão mais consciente da bondade de Deus, agora envolto pela tragédia da perda de sua identidade corpórea, em meio a tanta dor material e moral, vendo os parentes sendo devorados pelo fogo ou aflitos por estarem perdendo quem lhes dava amparo físico ou psíquico.

O longo discurso teve o condão de apaziguar o espírito, podendo o socorrista entregá-lo, em estado de inconsciência, a grupo de paramédicos do etéreo, para ser conduzido para tratamento.

Enquanto auxiliava os que pereciam a despertar para sua condição de almas do outro mundo, Belarmino não parava de reproduzir as ideias que lhe fundamentavam as argumentações, de sorte que pudesse recordar-se de tudo quando acordasse. Tinha, portanto, a convicção de que estava prestando um serviço real no campo vibratório da espiritualidade mais próximo do orbe.

Acordou quando Milene lhe tocou no braço para avisá-lo de que estavam chegando a Salvador:

— Que sono profundo, querido!

Ainda sob a impressão do sonho, Belarmino se preocupou em disfarçar que estivera envolvido em tumulto no etéreo causado por terrível catástrofe material. Sua atenção estava concentrada no fato de haver atribuído a si mesmo a identidade de Santo Afonso. Intimamente, perguntava se não era o indício de que vivera sob aquela identidade. Refugou a ideia de ser a reencarnação de personalidade tão forte e poderosa, argumentando que não poderia ocorrer semelhante distorção na regra fundamental do destino evolutivo, já que não se caracterizava com as virtudes transcendentais da personagem histórica.

Seu ensimesmamento foi tão notório que Milene ficou constrangida quanto a chamá-lo à realidade, aguardando pacientemente que voltasse a si.

Estavam os passageiros no corredor da aeronave estacionada no terminal preparados para sair, quando Belarmino atinou com o fato de permanecer alheio ao que se passava ao derredor.

Estando Milene junto à janelinha, não pôde abrir o compartimento em que haviam guardado as valises de mão. Como um autômato, Belarmino se ergueu, espremendo-se entre as poltronas, conseguindo, finalmente, apanhar os pertences do casal.

Em seguida, voltou a sentar-se, dando tempo a que o pessoal se retirasse. Mergulhou em novas ondas de mensagens adquiridas durante o sono, de sorte que pôde rememorar muitos dos fatos que presenciara, chegando a se emocionar até às lágrimas com a visão do desespero das pessoas perante os parentes mortos.

A tudo observava Milene sem compreender, temerosa de que o marido pudesse estar tendo uma recaída. Entretanto, estava tão serena sua fisionomia e tão contidos os reflexos dos pensamentos, que julgou melhor deixá-lo extravasar o que quer que fosse que lhe estava oprimindo o coração.

Tinham deixado o avião todos os passageiros, precisando a aeromoça vir perguntar ao casal se poderia ser útil de alguma forma.

Milene foi pronta na resposta:

— Meu marido não se sentiu bem durante o voo. Agora está se recuperando das ânsias. Nós já vamos descer.

O que ambos não sabiam é que se haviam livrado dos repórteres concentrados no portão de desembarque, repórteres que para lá foram atraídos pelos craques de um time de futebol que chegava à Bahia para jogar no domingo. Se algum deles conseguisse reconhecer o herói, cuja foto se estampava nos noticiários da televisão e nos jornais vespertinos, teria este perdido o objetivo de quedar incógnito.

Quando, finalmente, Belarmino se recompôs, ficou muitíssimo admirado de não haver mais ninguém, espantando-se, inclusive, com a paciência demonstrada pela esposa e com a resignação da funcionária da empresa aérea.

— Vamos descer, Mino. Ainda temos de pegar a mala. Nesta altura, podem estar pensando que nos perdemos...

Refeito da crise, Belarmino seguiu atrás da mulher, desceu a escada, despediu-se da aeromoça, que os acompanhou até o portão, e foi atrás de saber onde poderia pegar a bagagem.

No táxi que os conduziu ao hotel, Belarmino deu uma palavra de explicação:

— Enquanto dormia, assisti algumas almas que se desprendiam de seus corpos em acidente ferroviário de grandes proporções. Foi como se lá estivesse em carne e osso, muito embora imune ao calor das chamas e ao sofrimento das pessoas. Não queira passar por isso nunca. Só depois que acordei é que tomei consciência da extensão da tragédia. Não lhe pareceu estranha a minha atitude?

— Completamente. Mas eu acho que preciso ir acostumando-me com esses fatos insólitos. Você está me saindo pior do que a encomenda...

Era um claro sinal de que Belarmino não deveria ultrapassar aquele limite em suas revelações.

Acomodaram-se em quarto de hotel e se dispuseram a pernoitar imediatamente, ainda que a fome os rondasse: o dia havia sido sumamente cansativo.

13. NO SÁBADO

Marlene acordou primeiro.

Como o apartamento em que se hospedavam lhes oferecia o conforto de um banheiro privativo, pôde dedicar uma boa hora para o toucador.

Belarmino dormia o sono dos justos.

Marlene escreveu-lhe um bilhete e saiu. Desejava inteirar-se dos horários dos ofícios religiosos da igreja mais próxima.

Não demorou nem cinco minutos para chegar a vez de o marido despertar. Deu com o bilhete e sorriu. Intimamente, agradeceu à mulher o deixá-lo a sós com seus pensamentos.

Rememorou o sonho da véspera, tentou emendá-lo com o da noite e verificou que não havia nenhuma correspondência entre eles, mesmo porque se recordava claramente do anterior, tendo enfumaçada ideia dos demais.

Enquanto se deliciava debaixo do chuveiro, constatando que nem os sinais dos pontos estavam agora visíveis, pensava:

"Na semana passada, nesta hora, estava encafifado com minha viagem astral, dirigindo-me ao clube com o José. Quanta transformação em uma única semana! Sinto-me muito mais para Santo Afonso do que para São Belarmino, seja lá este quem for. Na verdade, que maravilha conhecer uma vida pretérita, como Kardec, ou melhor, como o Professor Rivail, que tomou conhecimento de uma encarnação em tempos muito antigos, encarnação que lhe foi revelada e que lhe proporcionou inclusive o apelido ou pseudônimo para auxiliar a introduzir junto à sociedade francesa os livros que escreveu. Preciso dedicar algumas horas durante esta viagem ao estudo da doutrina de Kardec. Será difícil..."

Não concluiu a questão que ia levantar. Tinha de ter a certeza de que as obras não estavam ali mesmo:

"Será que Marlene pensou em manter-me afastado do espiritismo?"

Enrolado na toalha, sem se incomodar de molhar o chão atapetado do quarto, tirou a mala de debaixo da cama, pôs sobre a cama e começou a faina de buscar o que julgava impossível que ali estivesse. Na realidade, buscava muito mais confirmar a suspeita quanto à esposa do que as obras, já que estava convicto de que era muito fácil comprar aqueles volumes, talvez até mesmo através de um mensageiro do hotel.

Sem revirar as roupas, percebeu o formato conhecido das obras. Lá estavam todas elas, amarradas com um cordão amarelo. Pela imaginação fértil do advogado perpassou a fugidia ideia de que aquela era a cor do Papado e a impressão de que se tratava de um sinal para que a religião católica encampasse os postulados espíritas.

Fazia calor. Belarmino estava faminto. Ligou para o setor de serviços e tomou conhecimento de que o café estaria sendo servido no refeitório por mais uma hora e meia. Julgou que Milene estaria de volta antes disso e deitou-se, coberto apenas pela toalha úmida, disposto a dar tempo ao tempo.

Empreendeu uma viagem mental pelas ruas de Salvador, acompanhando Milene em sua busca de informações. Viu quando encontrou a porta aberta da igreja, lendo no quadro de avisos os horários das missas do domingo. Fixou a vista no quadro para verificar se havia o nome da congregação encarregada do templo. Achou que se tratava dos salesianos. Divagou um pouco para recordar-se da origem do nome: *Sociedade de São Francisco de Sales*, fundada pelo educador emérito João Bosco, santo que, como ele, se desprendia da realidade corpórea para visitar outras paragens, conforme lera no hospital. Perdeu um pouco de tempo para verificar se aqueloutro livro também estava ali, tendo a satisfação de encontrá-lo, com as manchas de sangue enegrecidas. Quando voltou a localizar a esposa, estava ao telefone, repetindo o nome de Felício. Foi incapaz de captar as frases, terminando por

influir negativamente na intuição, achando que era muito perigoso para seu plano de se manter incógnito passar a alguém, fosse quem fosse, o paradeiro do casal.

Inquieto com a suspeita, que se substanciava à vista dos indícios de que estava sendo auxiliado por forças do etéreo, vestiu-se, preparando-se para descer. Queria encontrar-se com a esposa o quanto antes. Precisava confirmar a visão.

Saiu do hotel, sem se informar na portaria a respeito de haver ela perguntado algo nem qual direção teria tomado, e foi atrás de seu faro, que julgava aguçado, já que os acontecimentos em que se envolvera tinham o formato ideal para facilitar-lhe esse tipo de conhecimento sobrenatural.

Caminhou firme por mais de meia hora, sem reconhecer uma única rua da planta da cidade que construía na cabeça, até que deu com uma igreja.

Pensou:

"É exatamente esta. Sei que vou encontrar o quadro de avisos logo no átrio."

Buscou e achou. De fato, lá estavam os avisos sobre os ofícios religiosos. A brutal diferença era que o templo tinha por padroeira Nossa Senhora do Rosário.

"Estas casas religiosas constroem suas igrejas segundo um modelo comun. Errei de direção."

Percebeu que se afastara muito do hotel, tendo tomado sempre o rumo do mar, descendo as ladeiras. Agora precisaria subir. Viu as horas e considerou que Milene já devia estar de volta, sem bilhete que a orientasse. Lamentou a precipitação e conseguiu um táxi ali mesmo, no ponto ao lado do edifício.

Dez longos minutos depois, apeava diante do hotel.

Ali na porta, a esposa, aflita, ao lado do gerente.

— Graças a Deus! Graças a Deus! — repetia Milene, correndo para abraçá-lo. — Cheguei a pensar no pior: que você tivesse

passado mal, que tivesse sido assaltado, sei lá quanta tragédia passou pela minha cabeça.

O gerente se manteve discretamente afastado, aguardando alguma ordem, pronto para explicar que o hotel mantinha eficiente serviço de informações internas. Belarmino, contudo, simplesmente, pediu-lhe que enviasse o café para o apartamento, para o que precisou assinalar, em duas fichas, os itens que seriam oferecidos.

Já no quarto, o casal se abraçou demoradamente. Ambos estavam aflitos, muito embora Milene já se acalmasse.

Foi o marido quem precisou pedir desculpa:

— Sei que a assustei e fiz muito mal em não deixar um bilhete, como você me deixou.

— Na próxima vez...

— Juro por Deus que não haverá próxima vez. Querida, preciso pedir-lhe que me perdoe, pois caí no engodo de pensar que estava seguindo-a pela rua, em pensamento.

— Acho que, se tal fato acontecer, você irá me encontrar, com certeza.

— É isso aí: eu tinha a certeza de que estava contemplando a sua caminhada. Cheguei a ver você diante do quadro de aviso da igreja dos salesianos, verificando os horários dos ofícios.

— Se eu lhe escrevi o que...

— Tudo bem. Saí à sua procura, quando vi você ligando para São Paulo.

— Isso eu não fiz, de modo nenhum. Aliás, pelo que deduzi, você desceu as ruas.

— Desci.

— Eu não. Eu subi, pensando em que, para voltar, seria mais fácil. Logo, você não estava comigo em momento algum. Você me viu conversando com um padre para colocar o nome de seu pai entre os que vão ser lembrados amanhã, na missa das nove?

— Não.

— Pois agora que não vamos estar na missa que encomendei para o Felício officiar, ao menos podemos render um preito em memória do meu sogro, no sétimo dia de sua morte. Aposto que você nem pensou nisso.

— Onde você acha que meu pai está: no Céu, no Inferno ou no Purgatório?

— A que vem essa, agora?

— Curiosidade.

— Seu pai deve estar no Céu, já que recebeu todos os sacramentos e bem merecia ser acolhido pelos anjos, porque era um homem muito bom.

Belarmino sentiu cócegas na língua para falar a respeito da conversa que teve com o velho, durante a cirurgia, mas se controlou. Em todo caso, referiu-se ao pai, como se o fizesse por hipótese:

— Quem será tão perfeito que não passe uns tempos em alguma região purgatorial? Eu não acredito que ele estivesse preparado para receber todas as luzes da misericórdia de Deus. Deve estar muito bem, sendo tratado por serenos seres angelicais, aprendendo as virtudes segundo o prisma da verdade, que nossa inteligência ainda é incapaz de conceber.

— Essas ideias não correspondem ao que nos ensinam no catecismo. Parecem sair diretamente daqueles livros que peguei na estante e que achei que você iria querer continuar lendo.

— Na verdade, querida, estou tentando aliar as duas doutrinas. Mas isso é o que menos importa. Preciso pedir-lhe desculpa por outra coisa bem pior do que deixar você angustiada por não saber aonde fui.

— O que você pode ter feito em tão pouco tempo?

Nesse instante, precisaram interromper para receberem as bandejas com os itens que solicitaram. Além do café, do leite, do pão, da margarina, do suco, da fruta fatiada e das cocadas branca e escura, veio também um jornal.

Enquanto Milene dispunha os alimentos sobre a pequena mesa, depois de haver dispensado o empregado do hotel, que saiu empurrando o carrinho, contente com a generosa propina que recebeu, Belarmino procurava por notícias no jornal. Mais do que saber se seu nome ali se encontrava, ou sua foto, queria informações a respeito das tragédias mundiais, especialmente a que se referisse a algum terrível desastre ferroviário.

Não encontrou nem uma nem outra. Havia a informação de uma série de crimes no Rio e em São Paulo, chacinas de várias pessoas, bem como de assaltos a turistas em Salvador. Soube que um advogado havia sido surpreendido em pleno ato de *punguear* os cofres públicos, conforme ali se registrava, sem que seus comparsas tivessem sido presos. Mas essa era uma longa reportagem que ele não estava com vontade de ler.

— Ainda bem que o meu caso não está sendo tratado aqui, senão os hóspedes e os funcionários poderiam reconhecer-me.

— Eu acho que o gerente está por dentro do que se passou, pelo modo como ele me tratou e olhou para você.

— Essas pessoas são traquejadas no trato dos clientes. Acho que ele não cometeria nenhuma indiscrição.

— Você me deixou preocupada mas parece que não era tão importante o que ia me dizer.

— É importante para mim. A causa de minha aflição, a que me fez ir atrás de você, aparentemente, foi o fato de ligar para alguém em São Paulo. Essa pessoa, eu fiquei a cismar enquanto voltava, deve estar provocando uma reação muito ruim em meu espírito, em meu inconsciente.

Milene ficou em silêncio, como que suspensa naquela revelação. Como nada dissesse, Belarmino concluiu:

— Pois eu acho que estou com ciúme do Felício.

Milene teve uma reação vigorosa:

— Você não tem o direito de pensar nada disso de mim. Você acha que todo o respeito que nutro pelo sacerdote pode ultrapassar

os limites da dignidade e da moralidade? E meu amor por você é falso e eu sou uma hipócrita? Você está cometendo um pecado mortal e me deixando completamente sem graça. Veja bem o que está dizendo.

— Querida, eu jamais pensei que algo pudesse estar acontecendo. Eu também tenho uma amizade muito grande pelo padre. Não se esqueça de que ele é meu confessor. Mas por você contar a ele seus segredos é que talvez esse sentimento inferior tenha feito com que eu perdesse completamente a noção da honra e dos deveres conjugais.

Belarmino fez menção de se ajoelhar, contudo, Milene não permitiu, abraçando-o, enquanto ambos choravam perante a aliança que aquela confissão provocara.

— Não tenha medo, querido, que meu amor é todo seu. Talvez eu venha a dividi-lo com outro, se for menino...

Aí é que os sentimentos afloraram mais ainda e ambos não conseguiram mais articular palavra.

O café já estava frio, quando perceberam que estavam com muita fome.

"Afinal de contas", pensava o lacrimoso advogado, "existem exigências corpóreas a serem satisfeitas."

Tremia, porém, quando passava a margarina no pão, percebendo que a xícara na mão de Milene sofria momentos difíceis, mal equilibrando-se sobre o pires.

Tinham todo o final de semana livre, crentes de que encontrariam fechados os consulados de todos os países, ainda mais que consideraram a hipótese de se terem abasileirado.

— Querida, quer conhecer Salvador? Podemos procurar um cicerone...

— Não se esqueça de que ainda estamos no Brasil. É bem possível que algum inescrupuloso venha a reconhecê-lo e nós perderíamos a tranquilidade. Se basta uma visão sua para perturbar-nos...

— Quer fazer alguma compra?
— Não é má ideia. Assim a gente poderia respirar um pouco. Mas você tem de se disfarçar.

— Pensei em me fantasiar de turista americano, com uma camisa colorida, óculos escuros...

— Não exageremos. Basta uma roupa bem comum. Quanto aos óculos, concordo, tanto que eu os trouxe na bagagem.

— Pelo menos, vou usar uma sandália.

— Vamos ter de comprar.

— Tudo bem! Deve haver alguma sapataria aqui perto. Não vamos ter de ir à Baixa do Sapateiro...

O trocadilho não teve o condão de provocar o riso de Milene, mas fez com que o ambiente se desanuviasse um pouco.

No quarto havia uma grossa lista telefônica, com a indefectível planta da cidade. Belarmino achou que poderia orientar-se por ele. Na realidade, gostaria de ficar estudando espiritismo. Com a mulher ali, isso seria dificultoso. Foi Milene, contudo, que o tirou da situação embaraçosa:

— Eu vou comprar as sandálias e você fica estudando o mapa da cidade.

— Peça algo bastante popular.

— Deixe comigo.

Ao se ver sozinho, o advogado respirou desafogado. Parecia que tinha provocado certo estremecimento matrimonial.

"Por que foi que eu disse aquilo? Preciso considerar a possibilidade de estar sendo mal influenciado por espíritos daninhos. Se sou sensível à percepção do bem, com certeza posso iludir-me, pensando que só estou cercado de espíritos bons. E como é que se exerce a proteção dos que se simpatizam comigo?"

Rapidamente refletiu a respeito do termo *simpatizar*, fruto da leitura das obras do Codificador. Queria caracterizar melhor os espíritos a cuja maldade poderia estar dando trela, havendo chegado à conclusão de que seria impossível controlar-lhes a

influência durante o sono, conforme ocorrera aquela noite, muito embora sua participação no desastre do sonho tivesse sido extremamente valiosa, no sentido de auxiliar na recuperação moral dos angustiados.

"Mas eu discurssei como se fosse o próprio Santo Afonso! Isso deve ter sido imposto ao meu espírito por forças malignas, por espíritos obsessores."

Ocorreu-lhe que poderia ter estado em meio a um sinistro ferroviário, tendo em vista que não daria tempo para o matutino registrar a notícia. Resolveu ligar a televisão. Lamentando não ter acesso a nenhuma rede paga, passou por todos os canais abertos, sem encontrar nenhum telejornal. Desligou o aparelho e resolveu que era possível obter alguma notícia se telefonasse para a redação.

Tendo conseguido o número no próprio exemplar que tinha em mãos, na primeira tentativa, atenderam.

— Vocês já receberam a matéria a respeito do desastre dos trens?

— Acaba de chegar.

— Quantas vítimas?

— Dezenas. O governo indiano decretou luto oficial. Existem muitas famílias enlutadas.

— Muito obrigado!

Não esperou resposta. Não desejava esclarecer a origem de seu conhecimento, quando o redator atinasse que fora ele quem primeiro dera a notícia do desastre.

Imediatamente, foi assaltado por intrigante questão:

"Se o desastre foi tão longe, como é que me desloquei ou me deslocaram tão depressa? E o problema da língua? Se bem me lembro, falava português e me entendiam perfeitamente."

Não demorou para configurar a hipótese de que o contato era de espírito para espírito, portanto, sem os percalços idiomáticos nem geográficos. Restava-lhe o problema de dizer que se chamava Santo Afonso.

"Uma parte do sonho tem toda a possibilidade de ser verdadeira. Eu, de fato, bem poderia ter sido levado a auxiliar as pessoas, tanto que, ferido em circunstâncias idênticas, acabei sendo curado miraculosamente. Neste caso, estaria nas mãos de entidades benéficas, de socorristas do etéreo. Mas quem me inspirou a mentira quanto ao meu nome? Só podem ter sido mensageiros das sombras."

Percebeu de imediato que a hipótese estava mal formulada:

"Como podem obsessores interferir durante um ato de benemerência, ato que, reconheço, só poderia ser inspirado pelo amor às criaturas, por respeito ao Criador? Não existe lógica em considerar uma dupla interferência sobre a minha personalidade, ainda menos se considerar que inclusive estava alheio de mim mesmo, dormindo a sono solto. Quando me encontrei com meu pai, devo deixar isto bem claro, até desconfieei de que não se tratava de sua pessoa mas de algum ser que estava passando-se por ele. Naquela situação, não haveria malícia, apesar do engodo, pois o efeito era tranquilizar-me e informar-me de fatos puramente espirituais, como no caso do encontro no bar. Se não estava sob influência perniciosa, então haver dado um nome diferente bem pode ter sido mero reflexo de minha consciência impressionada pelos fenômenos que tenho vivenciado e que correspondem, todos eles, a milagres admitidos até pelo catolicismo. Devo concluir que a minha memória, ou a minha inteligência, também poderia desejar impor alguém mais importante às criaturas que amparava, para mais facilmente fazer que me aceitassem, o que realmente aconteceu. Parece que consegui uma linha psicológica e espírita coerente; resta saber se corresponde à verdade dos fatos."

Refez todas as reflexões, acrescentando alguns adjetivos admirativos. Estava constatando, maravilhado, que desenvolvia um raciocínio abstrato calcado em fenômenos espirituais:

"Se seguir nesta linha de conclusões, vou precisar apenas, como Kardec, de receber a confirmação dos amigos do etéreo,

através da mediunidade alheia. Isso seria definitivo para obter todas as certezas. Acho que vou ter de convencer Milene a me permitir frequentar alguma casa espírita para interrogar-lhe os protetores."

A partir daí, imergiu no campo da fantasia, imaginando como seria bom que todos os acontecimentos humanos pudessem ser explicados pelas forças do além interessadas em auxiliar o desenvolvimento da doutrina.

Percebendo que divagava, resolveu abrir uma das obras à mão, mas não teve tempo de ler uma única linha: Milene estava de volta.

Vinha aborrecida e se manifestou logo:

— Estive pensando no que você me disse. Acho que não mereço que você suspeite de mim.

— Mas eu já lhe pedi perdão...

— E nós choramos juntos. Mas, Doutor Belarmino, será que não existe um elo partido em nossa corrente de afeto e de amor? E logo o Felício, vinte anos mais velho e cheirando a sacristia?!...

Belarmino sentiu que ela falava sério. Não era hora de brincar e por isso não externou o pensamento que lhe veio de perguntar se havia alguém mais jovem no caminho de ambos. Resolveu aceitar a recriminação passivamente:

— Querida, por tudo quanto é mais sagrado, eu lhe peço para passar uma borracha naquilo que lhe disse. Se lhe ofendi a dignidade, pelo amor de Deus, me perdoe. Juro que nunca mais irei sequer pensar em que...

Milene foi peremptória:

— Eu trouxe a sandália mas acho que é melhor você calçar os sapatos para ir confessar-se. Sem que receba o perdão de um sacerdote e sem cumprir a penitência que ele irá impor-lhe, ainda vou ficar achando que a sua ideia foi tremendamente injusta, o que demonstra uma impureza de que jamais suspeitei.

Sem dizer palavra, o marido submeteu-se à vontade da esposa. Vestiu a roupa de executivo, com gravata e tudo, solicitou-lhe delicadamente que o acompanhasse, permitiu-se levá-la pelo braço

e, após perguntar-lhe para qual igreja deveriam dirigir-se, saíram do hotel, ambos de cenho carregado, seguindo o caminho ascendente que Milene indicou.

No templo, havia um confessionário com a luzinha acesa e sem ninguém esperando ser atendido.

Belarmino fez questão de ajudar Milene a se sentar e encaminhou-se para o local reservado aos que se ajoelham para contar os pecados. Velho frequentador desse sacramento, não se apertou para fazer o padre ouvi-lo, após as orações de costume.

— Padre, estou numa sinuca de bico.

— Meu filho, não desrespeite este lugar sagrado com expressões vulgares.

— Mais um pecado que devo rogar ser perdoado. Preciso dizer-lhe que sou advogado e que sei utilizar o idioma até com certa correção. Se me expressei através de dizeres ofensivos, não foi senão para me fazer entender com maior vigor. É que, de uma só vez, ofendi minha esposa e um dos meus melhores amigos, o qual, em verdade, é também meu confessor lá em São Paulo.

O sacerdote não tugiou nem mugiu. Permaneceu misterioso na penumbra, atrás da espessa redinha que impedia que qualquer um dos dois ficasse observando as reações fisionômicas do outro. Belarmino fez uma pausa, aguardando outra manifestação de desgosto ou algum incentivo para que falasse, mas precisou tomar a iniciativa:

— Fiquei imaginando que minha mulher havia ligado para São Paulo e conversado com o meu amigo. Era o que nós não podíamos fazer, já que estamos em Salvador incógnitos. Peço-lhe que me acredite que nada fiz contra as leis de Deus nem contra as leis dos homens.

Novo silêncio carregado de expectativa. De novo, Belarmino se viu na contingência de explicar:

— A bem da verdade, tenho lido os livros de Allan Kardec. Se isso for pecado, então...

Aí a voz se ergueu das profundezas do mistério:

— Você acredita em espíritos?

— Acredito.

— Você acha que eles conversam com os homens?

— Acho.

— Então, você não está cumprindo as leis de Deus nem as da Igreja Católica. O fato de ler as obras, não tem nenhuma importância. Eu mesmo as li no seminário, conforme instrução superior da própria reitoria. Era preciso conhecer os pecados e os pecadores, segundo a palavra de Jesus, quando respondeu a quem o tentava que cabe aos médicos entrar na casa dos doentes. Mas lá o médico vai para curar. Se você entra num livro dessa qualidade, deve estar preparado para saber distinguir o certo do errado. Você não achou errado suspeitar de sua mulher e desconfiar de alguma coisa indevida entre ela e o seu amigo padre?

— Achei.

— Pois agora tem de achar o que não está certo nos livros que leu.

Belarmino percebeu que o confessor iria levar adiante a perlanga e resolveu calar-se, ainda que muitos argumentos lhe passassem pela cabeça. Mas o padre insistiu:

— Você se arrependeu deveras de haver tido ideias contrárias à honestidade daquelas pessoas?

— Completamente. Agora mais do que nunca, já que o senhor está pondo tudo bem claro.

— E quanto às suspeitas de que existem espíritos que vêm falar com as pessoas, dando-lhes conselhos certos ou errados, você já considerou a hipótese de estarem errados os livros?

— Como bom católico, formado em berço católico, orientado por pais católicos, posso assegurar-lhe que é bem possível que seres de outras esferas venham para tentar a gente, como o diabo fez com Jesus, ou para orientar, como São Miguel Arcanjo fez com São José.

— Meu filho, como advogado, você não está achando que está apenas sendo retórico e que não respondeu à minha pergunta?

— Já considerei, sim, a hipótese de os livros estarem errados quanto a serem as almas dos mortos que exercem aquele poder de perturbar ou de ajudar os encarnados.

— Última pergunta: você pretende abandonar as ideias espíritas e abraçar de novo os cânones ditados pela Santa Madre Igreja? Não se esqueça de que vai ter de orar um credo para poder receber a absolvição e essa oração tem de ser, de fato, um ato da mais pura contrição e fé no poder delegado à Igreja Católica e aos seus sacerdotes.

Belarmino não havia imaginado que aquele seria o rumo de simples pedido de desculpas. Raciocinou que havia ofendido a esposa. Quanto a Felício, entrara na história na qualidade de confessor. Fora outro e a reação teria sido a mesma, ainda que o confessor fosse o velho que visitara no hospital. Dera com a língua nos dentes, falando das obras espíritas. Suspeitou de que o inconsciente estava pregando-lhe uma peça. Deu um passo adiante e se imaginou marionete nas mãos dos guias, que lhe davam ótima oportunidade para firmar convicção relativamente aos fenômenos espirituais em que se vira mergulhado. Imaginou que deveria ser sincero de maneira absoluta, para o que teria de contar ao confessor todos os fatos por que passara na última semana. Ficou indeciso quanto a mencionar tudo. Todavia, o padre se cansou de esperar e expressou sua desconfiança:

— Doutor, o senhor não está preparado para receber o sacramento que veio buscar. Está bem claro que gostaria de se arrepender de tudo, porém, por outro lado não tem a certeza de que está sendo leal para com a Igreja nem para com Jesus. Esta confissão não valeu e eu não vou considerá-lo limpo dos pecados, de modo que lhe peço que não tome a comunhão. Estarei aqui para ouvi-lo, quando quiser demonstrar que abominou os ideais estranhos aos fundamentos católicos. Se achar que pode alcançar

certa paz de espírito, reze três padre-nossos e dez ave-marias, solicitando ao seu santo de devoção e a seu anjo da guarda que o iluminem. Deus o abençoe.

Quando Belarmino tomou tento do sentido das palavras do padre, já a portinhola interna se fechara, ouvindo o ruído metálico do trinco que fora passado.

Ao sair, deu com a porta central aberta e uma batina que desaparecia por uma porta lateral. A luzinha estava apagada e Milene, de mantilha, ajoelhada, rezava, passando as contas do terço pelos dedos.

Belarmino se ajoelhou ao lado dela e disse todas as orações que lhe foram recomendadas, acrescentando mais algumas. No íntimo da alma, rogava aos espíritos amigos que o livrassem da esdrúxula situação.

Terminava mais um padre-nosso, quando Milene se levantou, pediu-lhe licença para passar e se encaminhou para o confessionário.

Belarmino reparou que a luz estava apagada e foi atrás dela, entretanto, ela já estava ajoelhada, esperando que a portinhola se abrisse. Veio-lhe, então, a ideia de se passar pelo sacerdote. Entrou na cabina, fechou a porta, acionou o interruptor da lâmpada de fora, colocou a estola dependurada num cabide, beijando-lhe a cruz, ajeitou os óculos e abriu o trinco, dando oportunidade a que Milene se confessasse.

Estranhamente, não sentiu nenhum calafrio pelo ato impensado. Agia como que movido por impulso de curiosidade irresistível.

Do lado de fora, ouviu a esposa perguntando:

— É o senhor, Padre Afonso?

— Eu mesmo, Padre Afonso Maria.

— O senhor está lembrado de mim? Eu me confessei com o senhor ainda há pouco.

— Mas já voltou, minha filha? Que aconteceu?

— Não fui capaz de cumprir a penitência que o senhor me passou.

— Eram apenas algumas orações.

— As orações eu disse. O que não fiz foi contar ao meu marido o que o senhor me mandou.

— E o que foi?

— O senhor não se lembra?

— Faço questão de me esquecer dos pecados e dos pecadores. Cumpro à risca o segredo de confissão. Depois, foram tantas as confissões que ouvi hoje, que não saberia repetir exatamente o que foi que ouvi de sua alma. Se dissesse algo errado, iria revelar o segredo de outra pessoa. Não é verdade?

— Eu lhe contei que tinha um amante e que ia ter um filho dele, enganando o meu marido, fazendo que ele acreditasse que o filho era dele.

Belarmino esfriou. Calou-se a ver aonde as revelações iam dar.

Milene prosseguiu:

— Saí daqui disposta a contar tudo a ele. E também liguei para o meu amante em São Paulo, dizendo para não mais me procurar. Mas, quando cheguei ao hotel, meu marido não estava. Fiquei esperando por quase uma hora, até que ele apareceu, dizendo que fora atrás de mim, que me havia seguido e que me vira telefonar justamente para a pessoa em questão. Depois de apurar que errara o caminho, só me ocorreu dizer que não me vira telefonar, o que era uma mentira. Aí, para me deixar ainda mais preocupada, ele me disse que estava com ciúme justamente da pessoa certa. Em lugar de ceder à verdade, mantive a mentira até o fim. Choramos juntos, porque dramatizei a situação e o obriguei a pedir perdão. Com a desculpa de ir comprar-lhe uma sandália, saí para pensar a respeito de tudo e voltei com o plano definido de trazê-lo para confessar-se. Eu achava que ele seria incapaz de contar-lhe tudo o que tem passado nesta última semana, desde que saiu do corpo para salvar o avô, conforme lhe contei. Está lembrado agora?

— Sim. Continue, por favor.

— Não tenho mais nada para confessar. Só não sei se terei forças para dizer tudo isso a ele. Acho que ele jamais irá perdoar-me, mesmo que estivesse sentado aí no seu lugar. Ainda bem que os padres não se casam e não têm necessidade de ouvir as mulheres e os filhos confessarem os pecados.

— Mas você está arrependida do fundo do seu coração?!...

— Se pudesse voltar atrás e desfazer tudo quanto fiz de errado...

— E aquela pessoa a quem você ligou não tem sentimentos religiosos?

— Eu lhe disse que era meu confessor.

— É verdade. Assim mesmo, ele tem insistido junto a você?

— Eu lhe contei que faz cinco anos.

— E você não ficou com medo de que seu marido descobrisse?

— Claro que fiquei. Mas a cabeça da gente, muitas vezes...

— E na sua casa, não existem outras pessoas que poderiam desconfiar de seu romance proibido?

— A empregada sabe de tudo e até me protege.

— Mais alguém?

— Meu irmão, mas ele não sabe de nada. É um cabeça oca. Ele não conta.

— Eu acho que não vou poder perdoá-la em nome de Deus, porque você insiste em esconder tudo de seu marido. Quando nascer a criança, você não tem medo de que os exames de sangue possam revelar a real paternidade?

— Até lá, eu acho que ele já estará sabendo de tudo.

— E se ele a deixar?

— Vai demonstrar que não me ama de fato.

— É difícil amar uma pessoa nas suas condições. Mesmo quando se ama alguém que pratica uma traição, o perdão nunca é incondicional. Sempre ficam sequelas: mágoas, desgostos; no mínimo, um sentimento de frustração.

— Padre Afonso, se o senhor não me perdoar em nome de Deus, aí é mais certo ainda que meu marido vai odiar-me para sempre, ainda que esteja adquirindo o ideal espírita de que todos vamos progredir incessantemente, para o que não podemos alimentar rancores nem manter desavenças. Para a aquisição da felicidade, vai ser preciso, um dia, criar harmonia com todas as criaturas, para que a perfeição de Deus nos alcance e nos permita adentrar seu reino de glória eterna.

— Se você acha que ele pensa assim, por que você mesma também não pensa e lhe dá um voto de confiança? Ele talvez passe por momentos muito difíceis mas, no final, irá perceber que aquele padre também irá perder o objetivo de vida dele, se tiver de deixar o sacerdócio, para criar família que não tinha o direito sequer de imaginar.

— Por que é que o senhor está dizendo-me isso tudo? Por acaso, o senhor mesmo é perfeito? Não estou gostando de seu ar doutoral, filosófico, absolutamente fundamentado em conceitos superados. Já está na hora de os padres voltarem a se casar e constituir família. Não vai me dizer que o senhor nunca pensou nisso...

— Minha filha, você é que está confessando-se e eu é quem estou investido da autoridade eclesiástica.

— O senhor não pode dizer que eu esteja mentindo, que não esteja arrependida. Se vim confessar-me é porque preciso tranquilizar a minha consciência. Sem ter o direito à comunhão, que paz de espírito o senhor e a instituição deste sacramento me estarão dando?

— Você será capaz de rezar o credo com integral contrição, sendo absolutamente sincera?

— Sei o credo de cor. O senhor exige que leia este que está à minha frente, em latim?

— De preferência.

— Quer saber de uma coisa? Eu não vou rezar porcaria nenhuma só porque o senhor está me ameaçando.

Belarmino viu Milene sair, tendo a impressão de que corria para fora do templo. Não se abalou a correr-lhe atrás. Sem realizar nenhum esforço moral de monta, passou a mão pelos olhos sem óculos, enxugando as lágrimas, retirou a estola, beijando-lhe a cruz, depositou de volta no cabide, passou o trinco na portinhola, desligou a luz de fora, abriu a porta e caminhou resolutamente na direção da pessoa que estava ajoelhada ao lado de Milene, reintegrando-se a seu corpo material. Agradeceu aos benfeitores da espiritualidade a lição que havia recebido, orando mais um padre-nosso como forma de ação de graças.

Dez minutos depois, caminhavam pelas ladeiras de Salvador, de mãos dadas, como recém-casados em lua de mel.

O idílio, porém, foi cortado por uma sensação dolorosamente conhecida por Milene. Deu-se a menstruação. Não estivera grávida. Fora apenas um desejo. Precisaram entrar em um restaurante, para que Milene utilizasse a toailete. Prevenida, trazia na bolsa um pacote de absorventes higiênicos.

Enquanto esperava, Belarmino refletia a respeito daquela decepção:

"Se eu mantivesse a desconfiança do confessor, iria lamentar profundamente não estar ela grávida para confirmar a paternidade da criança. Se tivesse abortado espontaneamente ou de propósito, teria a terrível oportunidade de mandar efetuar um exame de DNA no embrião. Como é que poderei afastar de vez o fantasma do ciúme? Se houver algo novo, rogo aos meus protetores que me venha à mente."

Nesse momento, aproximou-se o garçom, oferecendo a carta de comidas e bebidas. Belarmino não estava morrendo de fome mas deixou-se vencer pela curiosidade de percorrer os pratos oferecidos. Talvez a comida típica baiana lhe despertasse o apetite.

De fato, havia os indefectíveis itens da cozinha do local, lembrando-se o advogado que fazia muito tempo que não comia sarapatel nem xinxim de galinha. Verificou que faltava o tradicional bolinho de feijão fradinho, frito no azeite de dendê, cujo nome não foi capaz de se lembrar, mas constatou que ali se registrava o caruru, entre parênteses, quiabo, para orientar os turistas. Esforçou-se para se recordar do nome da iguaria que as baianas vendem pelas ruas e praças de Salvador, penetrando fundo em sua memória, a ponto de perceber-se imerso no inconsciente. Foi quando arquitetou uma teoria:

"Sentir ciúme deverá ser a maior tolice, se considerarmos o aspecto fundamental da reencarnação na doutrina espírita. Se a pessoa vem e volta do etéreo, deve constituir muitas famílias. Quer isso significar que eu, Milene, Felício, meu pai e todo o mundo, devemos ter tido muitos cônjuges diferentes, muitos amores, muitas relações sexuais e assim por diante. Considerando que eu mesmo posso ter nascido às vezes homem e outras tantas, mulher, quem poderá afirmar com certeza que todas as vezes minha parceira ou parceiro fosse o mesmo espírito de Milene? Não sei se isso pode transparecer através do inconsciente, mas é bem lógico que, se tal revelação se der ali, pode transbordar para o consciente na forma de um sentimento de frustração por se adquirir a certeza de que a pessoa nem sempre foi o objeto ou sujeito do amor do cônjuge atual. Se eu estou compreendendo isto em relação a Milene, devo também entender referindo-me a mim mesmo. O nome é acarajé."

A descoberta do nome do bolinho despertou Belarmino para o momento. Estranhou muito que lhe surgira tese sobre a qual não meditara anteriormente, mas recusou-se a admitir que fora ele mesmo o autor de tais conjecturas. Julgou mais apropriado atribuir a intuição a íntima conversa com seus guías. Não foi além disso, porque Milene voltava com os olhos vermelhos e o lenço no nariz.

Belarmino levantou-se e a abraçou, consolando-a:

— Finalmente, vamos poder, pelo menos por um bom tempo, deixar de confessar que evitamos ter filhos com o uso do interditado preventivo.

Milene reagiu mal à brincadeira:

— Você não sabe quanto é que eu queria ter este filho.

— Querida, você está falando como se tivesse abortado.

— Eu refiz todas as contas. O sangue me desceu totalmente fora do dia certo.

— Foram as fortes emoções que mexeram com o seu ciclo. Naturalmente, quando chegarmos a São Paulo, você irá consultar o seu médico e vai poder tirar todas as dúvidas. Você está se sentindo mal?

— Estou me sentindo muito mal psicologicamente. Eu sei que, se fosse um aborto de verdade, precisaria passar por uma raspagem uterina. Mas a curetagem só se recomenda com mais de três meses de gravidez. Eu não cheguei sequer a fazer o teste da urina. Mas o meu inconsciente está me avisando que estava grávida.

Belarmino não teve o que dizer, à vista de tudo o que passara naqueles últimos minutos. Derivou para um tema mais terra-a-terra:

— O garçom deixou o cardápio. Você acha que devemos almoçar agora?

— Estou completamente sem fome. Por mim, a gente devia voltar para o hotel. Estou me sentindo muito mal diante dos olhares dessas pessoas.

A um sinal do cliente, o garçom se aproximou, recebendo uma gratificação que evitou qualquer explicação.

Jam saindo, quando alguém, numa das mesas, se levantou, fazendo questão de se aproximar do casal:

— Permita-me, Doutor Belarmino de Siqueira e Albuquerque, cumprimentá-lo. Parabéns pelo seu ato de desprendimento e heroísmo!

— Nós nos conhecemos, senhor?...

— Eu o conheço, ou melhor, eu o reconheci pelas fotos da televisão e do jornal. Estou imensamente impressionado pelo seu restabelecimento relâmpago. Não sabia que o senhor havia fugido para Salvador. Por certo se trata do desejo de permanecer humildemente escondido.

Todas as mesas ocupadas, e havia muitas, prestaram atenção, de sorte que, por um momento, se ouviu um zunzunzum e, em seguida, espocou forte salva de palmas, solidarizando-se todo o restaurante com o herói milagreiro.

Muito sem jeito, Belarmino, enquanto era puxado pela mão pela esposa, acenou agradecendo a manifestação, não vendo a hora de se ver livre da multidão.

Antes de ganhar a calçada, apareceu uma pessoa com uma fotografia de quando estava hospitalizado, solicitando-lhe um autógrafo.

Passava um táxi. Milene estendeu o braço. O motorista parou o veículo junto ao meio-fio e desceu, fazendo questão de abrir a porta para os passageiros.

— Para onde, Doutor Belarmino?

Foi Milene quem deu o nome do hotel, enquanto o marido imaginava se não estava tendo mais uma de suas alucinações.

Passaram pela portaria, onde receberam a chave do apartamento, com tratamento diferenciado, ficando-lhes evidente que haviam sido identificados como as pessoas do momento.

— Que vamos fazer agora? — perguntou Belarmino.

— Vamos dar um jeito de desaparecer de circulação.

— Querida, mesmo que fiquemos fechados no quarto, logo estarão os repórteres procurando por mim.

— Vamos embora já.

— Para onde?

— Para São Paulo. A viagem de recreio para mim gorou. Você queria esconder-se, mas vai ser impossível. Ao menos, pudéssemos viajar para o exterior...

— Se aqui, sem fornecer o nome a ninguém...

— E o cartão de crédito? E o documento na entrada do hotel?

— É verdade. Eu ia dizer que, se quisermos colocar o visto nos passaportes, o nosso nome vai ficar em evidência. Você tem razão: precisamos voltar para casa. Você está em condições de viajar?

— Claro que estou. Menstruação não é doença. É só um incômodo.

— Vou ligar para o aeroporto.

Cinco minutos depois, ficavam sabendo que haveria um voo de carreira que chegaria dentro de quarenta minutos. Belarmino reservou as passagens, conquanto o tempo fosse ficar bastante apertado. Ligou para a portaria e mandou fechar a conta, solicitando ainda que chamassem um táxi.

Nesse meio tempo, Milene já estava com a mala feita, aguardando o serviço do hotel vir buscá-la.

Chegaram ao aeroporto no último aviso e conseguiram embarcar.

Só quando o avião estabilizou o voo é que o casal pôde trocar as primeiras palavras.

Foi Belarmino quem lembrou a Milene:

— Nossa correria tem sido ótima para me fazer perder peso, mesmo porque tenho comido muito pouco. Você não está com fome?

— Eu acho que já foi servido o lanche aos passageiros.

— Vou pedir algo à aeromoça...

— Deixe que eu peço. Você não deve ficar passeando pelo corredor, embora eu ache que muitos já o reconheceram.

Pouco depois, Milene voltava:

— Já vão trazer-nos duas refeições e algumas frutas. Será que você vai conseguir manter os alimentos no estômago? Não se esqueça de que você passou por uma cirurgia...

— Tudo o que comi depois disso foi digerido normalmente. Mas eu preciso tomar cuidado para não enjoar, caso contrário vai ser pior a emenda que o soneto.

Sem transição, prosseguiu:

— Você sabe que eu estou em débito para com você?

Milene ia dar alguma resposta, mas o marido impediu-a, colocando-lhe gentilmente a mão sobre os lábios.

— Desculpe-me, querida, mas preciso desabafar. Eu tenho escondido alguns fatos que estão passando-se comigo. Preciso dizer-lhe tudo, conforme determinou o padre no confessional. Aliás, nem me deu a absolvição. Você me viu rezando, contudo, foi para criar força para lhe revelar alguns segredos e sentimentos.

— Você está me assustando.

— É que achei melhor, para você mesma, que não ficasse sabendo, porque poderia não entender direito. Ocorre que tenho sido envolvido por vários fenômenos psíquicos e espirituais, alguns verdadeiros, outros produtos de alucinação.

Quando o avião pousou na escala do Rio de Janeiro, já Milene estava a par de todos os acontecimentos, desde a falsa mentalização do local em que se internara o Padre Henrique, até a recente confissão que recebera dela própria. Não escondeu nada, nem mesmo o tema perigoso da traição, explicando-lhe, com as razões que obtivera do inconsciente, que se tratava de sentimento alheio à própria vontade, oriundo de encarnações anteriores.

Desta feita, Milene ficou calada. Espantara-se com o diálogo mantido no bar. Inquietara-se com a visão do homem a acenar do outro lado da rua. Assustara-se com a tentativa frustrada de o marido segui-la pelas ruas de Salvador. No entanto, quando ouviu o relato da confissão que lhe fora atribuída, caiu na realidade do perigo de tais eventos para a estabilidade matrimonial.

A caminho de São Paulo, foi a vez dela manifestar-se, rogando ao marido que não a interrompesse:

— Meu amor, você está passando por uma crise de identidade. Não sou boa o suficiente para conceituar e exprimir as ideias abstratas que o seu caso está provocando-me. O que sei de concreto é que, seja quem for o espírito ou o anjo ou o demônio que o está assessorando ou protegendo ou tentando, a verdade é que o nosso casamento está sendo ameaçado. E não é só o casamento: é a sua vida, tanto pessoal quanto social e profissional. Você está com a sua fé abalada. Está me contando que esteve acompanhando um desastre, salvando pessoas, ou melhor, seres desencarnados, do desespero, tudo isso sob o nome de um santo, a quem está tendendo a atribuir a sua própria identidade. Se tudo isso se passasse em vários anos, uma coisa hoje, outra daqui a um mês, nós teríamos como administrar as novidades. Vindo tudo de uma só vez, nós iremos acabar loucos os dois. Veja que estou compreendendo o motivo de você se ter esquivado de tudo me contar conforme as coisas iam sucedendo. Eu sei que a repercussão de seu ato na favela e da cura repentina irão causar-nos transtornos muito grandes. Mas isso não tem jeito. Quisemos fugir das consequências, fomos alcançados pelo próprio fato. Ademais, onde você estiver, vai levar consigo as preocupações e os fenômenos. O que podemos fazer juntos é orar muito, para que tudo não se repita. Se você quiser, até posso ajudá-lo a refletir sobre os temas desenvolvidos nas obras espíritas, principalmente para refutar os erros, conforme lhe pediu o confessor. Entretanto, se as coisas se passam à revelia de sua vontade, até quando você se põe a orar, rejeitando as impressões desagradáveis, como as que lhe foram passadas relativamente a mim, ou quando você está dormindo e vai enfrentar incêndios e desastres, ou quando o seu corpo se restabelece de modo verdadeiramente milagroso, aí bem pouco vou poder ajudar. O que posso e quero assegurar-lhe, de todo o coração, é que sempre lhe fui fiel ao extremo. Como você mesmo disse, os pecados que revelo no confessionário são do tipo da desobediência quanto ao uso dos preservativos condenados pelos

sacerdotes. Mas os pecados contra as leis da Igreja são menores. No tempo de Jesus, os homens se afastavam das mulheres, quando estavam menstruadas. Aí não havia o perigo de engravidar. Mas também não tinham como evitar a gravidez. Talvez até não se preocupassem com isso. Fato é que não existiam camisinhas, nem tampões, nem espermicidas, o que não quer dizer que não praticassem aborto, em certas circunstâncias. Em suma, o que eu conto para o padre no confessionário são pequenas coisas, como sentir raiva, inveja, ciúme, nada que merecesse algo além de três padre-nossos e outras tantas ave-marias. Quanto ao que você está passando, eu não sou a melhor conselheira, porque estou com muito medo que lhe dê na telha que deve abandonar a profissão, como fez o tal de Santo Afonso, que você julga ser você mesmo. Quem sabe eu não esteja me tornando um peso, alguém que o está impedindo de ingressar numa ordem religiosa de pés descalços, com voto de pobreza e reclusão nas celas da clausura?... Aí o seu conflito moral iria ficar muitíssimo acentuado. Veja que estou levantando as várias hipóteses sobre que venho refletindo. Não é verdade que você, à vista da atitude do sacerdote de lhe negar a absolvição, não vendo pecado algum no fato de se tornar espírita, ainda mais porque está sob clara influência das forças sobrenaturais, não é verdade que lhe tem passado pela cabeça deixar de vez a religião católica para passar a frequentar as casas espíritas? Você está dizendo que seu pai foi recebê-lo no hospital e que você presenciou a própria operação. Isto é mais do que suficiente para derrubar todos os cânones católicos relativos ao que ocorre com as almas depois da morte. Reconheço a sua inteligência e a sua maneira objetiva de encarar os fatos, mas não sei se vai encontrar anteparo para resistir a tantas pressões. Você não acreditou que aquela imagem fosse de seu pai. Atribuiu-a a outro ser de boa desenvoltura moral. Não suspeitou de que pudesse tratar-se do próprio demônio a tentá-lo. Mas a verdade é que, a partir dos conceitos a se extrair de maneira defeituosa de casos desse tipo, tudo pode desandar

dentro do equilíbrio em que se vinha mantendo a nossa união conjugal. Sei que você vai querer que me converta ao espiritismo. É óbvio que essa seria a solução mais adequada ao seu novo padrão espiritual. Entretanto, não comungo de suas ideias, ou melhor, de suas impressões filosóficas. Tenho firme a convicção de que devo manter-me católica, apostólica, romana. Sendo assim, também devo firmar minha disposição de impedi-lo de cair em pecado, que é como vejo tudo quanto você vem sofrendo. Por mais que você levante a hipótese de que as forças malignas não irão, como disse Jesus, destruir o próprio reino, ainda assim devo manter-me firme no meu propósito de mostrar-lhe que tudo isso, e eu incluo a salvação do seu avô, pode ter partido de bem urdida trama para acabar com sua vida, lançando-o nas trevas mais profundas do sentimento de culpa e do conseqüente remorso por causar nas pessoas que ama e que o amam tremendos sofrimentos.

Milene não conseguiu continuar. As lágrimas que lhe brotaram espontâneas afogaram-lhe os últimos argumentos.

Belarmino chorava junto.

Foi assim que aterrissaram em São Paulo.

Durante a longa viagem do aeroporto a casa, tiveram a satisfação de conversar com um motorista incrédulo, que afirmava que os jornais e a televisão estavam inventando um caso com um sujeito que se fazia passar por herói e milagreiro. Eles não sabiam nada a respeito? Pois iriam ver nessa mesma noite, já que a cidade toda não falava noutra coisa.

Desceram na esquina, prontos para fugir dos repórteres de plantão, todavia, o desconforto de virem puxando a mala pela calçada irregular compensou, já que encontraram a casa completamente às escuras, sem vizinhança à espreita. Na garagem, apenas o carro de Milene. Estranharam que Dona Rafaela e Fernando não estivessem.

Foi Milene quem confirmou:

— Devem estar no Rio, já que não deixaram nada aqui.

— Nem um recado, um bilhete?

— Nada. Veja no computador.

Enquanto Belarmino esperava o aparelho abrir o arquivo segundo os comandos que digitava, ouviu os recados da caixa postal telefônica. Havia muitas congratulações e alguns pedidos, dentre os quais muitos para preces, com a descrição rápida dos problemas.

Antes que abrisse o arquivo das mensagens da Internet, Milene chegou com um pacote imenso de cartas:

— Muitas estão abertas mas a maioria está fechada. Acho que o pessoal se cansou de tanta correspondência. Vamos ter de selecionar de acordo com algum critério de importância.

— Querida, acho que não vou ter como responder a tudo isso. Veja no meu endereço quantos *e-mails*.

O cursor descia e não parava mais de mostrar a correspondência.

— Seu irmão ou o meu estiveram aqui várias vezes, pelas datas de registro. Estou até com medo de dar o comando para abrir os que se encontram no arquivo da provedora. Em todo o caso, vamos lá.

De fato, havia o registro de mais quinhentas e três mensagens, que foram acrescentando-se uma a uma rapidamente às outras.

Milene foi atrás do celular mas não o encontrou, deduzindo que deveria estar com José.

Pelo telefone fixo, que fora deixado mudo, fez a ligação, recebendo pronta resposta:

— Fala, mana. Que surpresa vocês terem voltado!

— Onde você está?

— Na casa da minha noiva, naturalmente.

— Minha sogra e o filho já regressaram ao Rio?

— Hoje de manhã. Acharam melhor despistar os repórteres, que não nos deram momento nenhum de sossego. Vocês não toparam com eles defronte de casa?

— Não.

— Devem ter ouvido que vocês foram reconhecidos em outro lugar e saíram correndo.

— Você acertou na mosca. Em Salvador, seu cunhado chegou a ser ovacionado num restaurante. Por isso é que voltamos.

— Vou demorar um pouco mais por aqui. Tudo bem com vocês?

— Mais ou menos. Depois eu lhe conto.

Desligaram com um unísono *até logo*.

Após Milene emudecer o telefone e colocar o marido a par dos fatos, resolveram que deveriam jantar, para o que ambos se dirigiram à cozinha.

Não havia nada preparado, tendo Honorina feito um rapa nos mantimentos da geladeira. Com certeza, fora informada de que os patrões não voltariam tão cedo. José era carta fora do baralho, sempre preferindo lanches rápidos, quando não saía sem nada comer. Dizia que era para manter a forma, que professor de educação física deve ter silhueta de toureiro ou bailarino.

— Querida, vou pedir uma pizza.

— E revelar que estamos de volta?

— Peço para que venha o André. Ele nos dará as informações relativas ao pessoal do centro.

— Veja lá!

— Nenhum problema.

— Estou me referindo ao seu interesse pelo centro espírita.

— Fique fria. É uma questão de educação e de solidariedade fraterna com o pessoal da favela. Não vou poder fugir de lhes dar uma satisfação pelo carinho que demonstraram no hospital.

Enquanto falava, completou-se a ligação, de forma que a pizza foi encomendada, sem percalços, inclusive quanto à exigência do entregador.

Belarmino ficou de atalaia na sala, dando oportunidade a que a esposa se entregasse aos cuidados com sua higiene íntima. Passados vinte minutos, esta liberou o marido para trocar de roupa, pondo-se

mais à vontade. O banho foi rápido. Estava pondo a camisa de mangas curtas, quando tocaram a campainha.

— Querido, deixe que eu atendo. Faço o entregador entrar?

— Por favor.

Quando Belarmino ingressou na sala, encontrou André esperando por ele junto à porta, preocupado com a intrusão na intimidade do lar de pessoa tão importante. No entanto, o abraço que o advogado fez questão de lhe dar foi demorado e efusivo.

— Como vão as coisas no centro?

— O dia todo houve uma peregrinação de gente que nunca havia posto os pés lá. O Doutor Lando, o Doutor Eurípides, Sebastião e até eu mesmo, todos nós nos revezamos para contar a história da salvação da família e da cura milagrosa. Quando saí de lá às cinco e meia, a procissão estava ainda maior.

— Todos estão bem? E as crianças de Dona Mariana?

— Ainda não voltaram para casa. Aliás, com toda aquela água que os bombeiros jogaram no barraco, é bom mesmo que não voltem.

— Localizaram o companheiro dela?

— A polícia o prendeu. Foi acusado de roubo. Parece que levou o aparelho de televisão e todo o dinheiro da mulher.

— Está bem. Não vou segurá-lo neste horário em que você está trabalhando. Amanhã ou depois, pretendo dar um pulo lá. Em todo caso, preciso pedir-lhe para não dizer a ninguém que estou em casa. O assédio dos repórteres é um inferno.

— De acordo, muito embora o recepcionista tenha identificado o seu endereço. Vou dizer que foi seu irmão quem fez a encomenda.

— Vai mentir por uma boa causa.

— Adeus, doutor. Fique com Deus!

— Siga com ele, André!

Quando já haviam consumido metade da pizza, Milene perguntou se André havia recebido uma boa gorjeta.

— Você é quem sabe. Não foi você quem pagou?

— Se você não pagou, querido, esta pizza vai causar problema para o entregador.

— Resolvo isso já. Vou encomendar outra pizza. Quando chegar, pago as duas e dou dupla gorjeta.

Antes que Milene pudesse dizer qualquer coisa, Belarmino estava com o telefone na mão, acionando a tecla de rediscagem automática para repetir o último número chamado. Uma voz conhecida atendeu:

— Pronto!

— Felício?

— Belarmino?

O advogado percebeu que Milene havia discado para o sacerdote, mas não se deixou envolver por suposições. Evitando demonstrar surpresa, perguntou:

— Como vai, amigo?

— Estou bem. Milene não lhe disse?

— Na verdade, não disse. Mas eu não ia ligar para você. Ia ligar para a pizzaria. Acionei a tecla da repetição. Em todo o caso, você acha conveniente que eu compareça à missa de meu pai amanhã? Não vai ser um transtorno haver um chamariz tão forte para os paroquianos?

— Eu já disse a Milene que vocês devem vir sem susto. Peça sua pizza em paz. Até amanhã!

— Até amanhã.

Belarmino fez um esforço para se recordar que estava fazendo com o telefone na mão. Finalmente, acionou a tecla da discagem automática e o número da memória correspondente ao da pizzaria. Solicitou outra pizza e o mesmo entregador, sendo atendido em ambas as solicitações. Voltou ao seu lugar à mesa e encarou mais um pedaço, que regou com azeite.

Milene lhe seguia os movimentos, querendo traduzir a placidez fisionômica do marido, porque ouvira parte da conversa dele com o sacerdote.

Antes que pusesse o primeiro naco na boca, Belarmino falou:

— Gostaria de saber qual foi seu interesse em conversar com Felício, enquanto eu estava com o André.

— Esqueci de lhe dizer. Eu perguntei a ele o horário da missa de seu pai e se era conveniente que você estivesse entre os seus, já que o povo iria alvoroçar-se.

— Esta situação...

— Querido, não fique aborrecido comigo. Nem sempre a gente acerta. Fiz muito mal em ter ligado para ele sem previamente conversarmos a respeito. Vejo agora que foi uma bobagem muito grande.

Belarmino, deixou o pedaço de pizza preso ao garfo repousado no prato, ergueu-se da cadeira sem movimentos bruscos e retirou-se para o escritório. Foi digerir o telefonema e as últimas palavras da mulher.

O ruído vindo da cozinha indicava-lhe que Milene estava lavando os pratos. Imaginou se ela não estaria chorando, mas afastou a ideia da cabeça, com medo de lhe ocorrer outra falsa intuição.

Como se não houvesse passado mais que cinco minutos, ouviu soar a campainha, abrir-se a porta da sala e conversarem a respeito de pagamento. Levantou-se e correu para alcançar André, mas era tarde. Encontrou a porta fechada e a sala vazia. Foi até a cozinha e viu a nova pizza ainda embrulhada sobre a mesa.

Dirigiu-se ao quarto, percebendo que Milene estava fechada no banheiro. O chuveiro estava ligado.

Estirou-se na cama, hesitando quanto a ligar para Lando. Se tivesse alcançado André, teria perguntado a que horas poderia estar no domingo com o pessoal do centro. Agora não achava certo arriscar-se a revelar que estava em casa para mais alguém, caso Lando não atendesse.

Quando Milene, depois de muito tempo, abriu a porta do banheiro, o marido dormia a sono solto. Para não incomodá-lo,

vestiu-se sem fazer ruído e foi até a sala esperar a chegada do irmão. No entanto, cansada pela grande tribulação do dia, adormeceu no sofá, com a televisão ligada.

Ao chegar, José deu com a irmã na sala e com o cunhado no quarto. Estranhou mas evitou levantar qualquer hipótese das razões de terem trocado de lugar, porque era muito comum o inverso, ou seja, o cunhado na sala e a irmã no quarto.

14. NO DOMINGO

Belarmino acordou às quatro. Levantou-se bem disposto. Vinte minutos depois, limpo e trocado, seguiu sua intuição, encontrando Milene dormindo na sala. Não fez nenhum ruído para não acordá-la. Foi à cozinha, guardou na geladeira a pizza intacta junto da sobra da outra, vendo ali seu prato ainda com o bocado no garfo. Não sentiu vontade de comer nem de beber. Verificou que José dormia e dirigiu-se ao escritório.

Com a porta fechada, ligou o computador de trabalho, que mantinha isolado, sem Internet e sem vínculo com o de José, preparando o editor de textos, já que desejava escrever.

Refletiu que era chegada a hora de psicografar. Tantas tinham sido as experiências mediúnicas que tornar-se escrevente fazia muito mais sentido, já que era exímio datilógrafo e excelente com as palavras.

"Acho que preciso, antes de mais nada, solicitar a presença de um bom espírito, que tenha alguma mensagem para alguém em particular ou de alerta para a humanidade. Acho que não devo estabelecer parâmetros para a redação nem ficar absorto meditando, para não receber intuitivamente o que desejaria deixar registrado por escrito."

Ato contínuo, fez menção de ajoelhar-se, imediatamente caindo em si que não estava perante nenhum objeto sagrado, muito embora a juventude considerasse o computador um verdadeiro oratório, junto ao qual se passavam muitas horas.

"Se eu continuar dando vazão às sugestões de meu intelecto, não irei concentrar-me no objetivo. Vou rezar sentado mesmo."

Desta feita não perdeu tempo. Orou contritamente, solicitando amparo do anjo guardião, reproduzindo mais ou menos a prece que lera numa das obras de Kardec, encerrando com um padre-nosso.

Pôs-se diante do teclado, à espera das primeiras ideias.

Nada. Vazio absoluto.

À mente perpassavam as cenas do final da noite, quando não soubera o que dizer a Milene. O candidato a médium escrevente imergiu nesses pensamentos, imaginando quais seriam as razões mais plausíveis para a esposa haver ligado para Felício.

Quase sem reparar no que fazia, escreveu, com travessões e tudo: "*— Querida, por que era importante para você conversar com Felício? — Porque eu estava super-ultra-preocupada por você não ter obtido absolvição. — E ele o que respondeu? — Pediu-me para não dar importância ao fato. Quando você o procurasse para confessar-se, ele lhe daria a bênção que lhe fora negada. — Sobre que mais trataram? — Conteí a ele que você havia passado por outras experiências que não me havia contado. Ele me disse que também não sabia de outros fenômenos e me proibiu de revelá-los a ele. Disse que desejava ouvir de você mesmo. Nem daria para lhe contar nada, porque ouvi você despedir-se do rapaz da pizzaria e precisava demonstrar tranquilidade. — Você sabia que estava errada ao conversar com o padre? — Errada estaria se o assunto não fosse a nossa situação moral perante a Igreja. Só depois é que me compenetrei de que houve uma falha, ou seja, não me lembrei de que você poderia querer ligar de novo para a pizzaria e lhe perguntei se o rapaz recebera uma boa gorjeta.*"

Belarmino notou que tivera muitas hesitações durante a digitação do texto, precisando corrigir desde falhas datilográficas até erros grosseiros de grafia e construção de frases.

"*Será que esse texto foi produto de psicografia?*", perguntou a si mesmo.

Aí teve um impulso forte para escrever, desta feita sem titubeio: "*Houve muito de animismo, ou seja, de transcrição das próprias ideias, tendo em vista que o interessado era o próprio médium. Entretanto, as respostas atribuídas à sua esposa, com certeza lhe foram inspiradas por nós. Apenas para não perder a*

concentração, prossiga datilografando, sem se deixar envolver pelas falhas que o processador de textos acusar. Depois você corrigirá todos os defeitos. O que desejamos afiançar-lhe é que você não tem possibilidade de se dedicar à mediunidade em casa. Hoje foi um dia excepcional. Quando voltar ao trabalho, vai sentir-se cansado justamente nos momentos em que a casa permanece, como agora, silenciosa. Se as demais pessoas estiverem despertas, a sua tendência natural é conversar e tirar a limpo os assuntos do dia a dia. Recomendamos, caso assim seja de sua vontade, que compareça regularmente a um centro espírita e ali apanhe os ditados que os guias julgarem necessários quer para efeito de seu próprio desenvolvimento mediúnico, quer para esclarecimento de diversas matérias do estrito interesse deles. Não mostre, por enquanto, este trabalho a ninguém, pois poderá sofrer com vibrações contrárias de quem se oponha à sua nova convicção. Não se esqueça de que não estamos falando apenas dos seres encarnados. No etéreo, existem muitos inimigos gratuitos para qualquer pessoa que deseje cooperar com as entidades de benemerência espiritual. Afinal de contas — pense nisto —, seu intelecto refinado não se coaduna com as humildes comunicações que se dão junto às mesas das casas espíritas. É preferível que você aceite a sugestão da caríssima esposa e estudem juntos as obras de Kardec. Estamos dizendo isto porque é sempre prioritária a harmonia conjugal. Muitos médiuns que contrariaram os cônjuges, indo aos centros sem anuência daqueles, curtiram profundas mágoas quando perceberam o abandono em que deixaram as pessoas de seu relacionamento. Se o tema não fosse tão extenso e se não estivesse Milene prestes a despertar, nós nos estenderíamos muito mais. Se você meditar a respeito, receberá diretamente o influxo de nossas sugestões. Fique com Deus!"

Mal deu tempo de salvar o documento e lhe batiam à porta. Era Milene, que vinha com os olhos vermelhos e o rosto inchado.

Belarmino se levantou e abraçou a esposa, acariciando-lhe os cabelos, dizendo-lhe palavras de conforto e soerguimento moral.

Permaneceram enlaçados por bom tempo, até que serenaram os soluços da moça e as ânsias do rapaz. Foi quando Belarmino fez questão de iniciar a conversação com que pretendia colocar todos os pingos nos is:

— Milene, meu amor e minha vida, por que você não me constitui seu advogado? Gostaria de representá-la perante o tribunal de meu coração. Não acredita em mim? Pois veja.

Belarmino colocou a esposa sentada ao lado da mesa do computador, de modo que não enxergasse a tela do monitor. Colocou à vista o texto dialogado que redigira há pouco e iniciou, disfarçando a leitura o mais que pôde:

— Você responderia ao promotor que lhe perguntasse a razão de haver telefonado para Felício que o fizera por mim; e eu explicaria aos jurados que você estava hiper-ultra-super-preocupada com o fato de eu não ter merecido a absolvição pelo confessor na Bahia. Preste atenção. E que lhe teria respondido o amigo sacerdote? Eu afirmaria e insistiria que Felício lhe respondeu para não dar importância ao caso, que ele me ouviria em confissão, oportunamente, e tudo se acertaria. Que mais a ré dissera ao confessor do outro lado da linha? Você diria que o marido havia tido outras experiências sobrenaturais e que isso eu havia escondido de todos, sendo coagido a revelar-lhe por força da pressão psicológica que o religioso exercera no confessionário. E que ideia lhe passara a voz do outro lado? Você diria que Felício não quis saber quais fenômenos teriam sido e que a conversa se encerrou aí mesmo, porque você notou que eu me despedia do André. Quer dizer que a senhora professora de Geografia desejava esconder do maridão que estivera falando justamente com aquela pessoa que lhe causara o sentimento pecaminoso e injusto dos ciúmes? Neste ponto eu não deixaria que você respondesse. Bradaria perante o juiz que a questão estava sendo agressiva e inoportuna, que você estava

exercendo o direito de me proteger de mim mesmo, da mesma forma que pretendi protegê-la não lhe revelando os outros fatos mediúnicos que me envolveram. Diria mais: que nem tudo pode nem deve ser do conhecimento do cônjuge, caso contrário, a vida em comum se tornaria um nunca mais acabar de revelações de ínfimas e pífiyas reações psíquicas, acabando com a pureza do relacionamento que deve fundamentar-se em mútua confiança. Diante do juiz, eu me poria de joelhos para rogar permissão para solicitar à ré que me perdoasse a angústia de uma noite mal dormida, porque cometi o tremendo crime de me afastar do objeto sagrado do meu amor, razão de minha vida. Diria também que me relevasse o vocabulário e a formulação imaginosa destes dizeres, mantendo, se possível, a concentração nos fundamentos que me levaram a formular, de modo definitivo e irreversível, minha declaração de amor, respeito e companheirismo. Tenho dito. Aliás, solicito vistas do processo, para saber de minha querida consorte se as suposições que realizei correspondem à verdade dos fatos.

Milene estava completamente enlevada pela verborragia manifestada pelo advogado. Ao ser interrogada a respeito da veracidade das conjeturas, respondeu:

— Parece que você leu meus pensamentos ou ouviu a mim e ao Felício de uma só vez. Tenho a certeza, porém, de que você não estava na extensão. Esse é mais um dentre os fenômenos que o estão arrebatando da realidade material?

Belarmino fez a esposa sentar-se diante do monitor e deu-lhe a ler o diálogo ali consignado.

Milene empalideceu não conseguindo emitir palavra. Belarmino observava a reação da esposa e não quis desfazer o encantamento que via assenhorear-se dela.

Reinou silêncio por um bom tempo. Enfim, foi a própria Milene quem retomou a conversação:

— Para você, a transcrição do diálogo pode ter sido um momento de profunda harmonia com a verdade. No entanto, para

mim, tudo isso não passa de mero exercício de adivinhação. Que outras falas você atribuiria a mim e ao padre? Vamos dizer que até alguns vocábulos se aproximaram do que eu disse, especialmente, o *superpreocupada* que você dobrou na escrita e triplicou, quando expôs o seu caso ao tribunal do coração. Mas esse é termo que vivo repetindo e que você ouviu de mim centenas de vezes. Se me permitir extrapolar, agora está ocorrendo-me que, se verdadeiramente você tem o dom de reproduzir episódios ocorridos com terceiros, aí o nosso casamento vai desandar, já que, como você mesmo disse, não haveria liberdade de conduta para mim, pecadora como me reconheço, uma vez que perfeita não sou. E você iria ter de viver a sua vida e também a minha. Não acredito ser esse seu objetivo no matrimônio.

— Querida, não tive nenhuma intenção de intrometer-me em seus problemas. Ao contrário, pretendi eliminar um dos que estavam provocando sofrimento a nós dois. Se você me permitir raciocinar através dos ensinamentos do catolicismo, seria como se nós dois caíssemos no inferno juntos, não podendo você ou eu subir para o reino de Deus. Em termos espíritas, as coisas seriam bem mais compreensíveis, pois quem estiver melhor preparado para avançar evolutivamente, com base no amor que nos une, aqui ou no mundo maior, irá auxiliar o outro a ascender, protegendo-o contra os impulsos menos dignos e fornecendo-lhe os conhecimentos relativos à aquisição das virtudes. De qualquer modo, vou apagar o que escrevi e nunca mais, prometo-lhe, irei dar vazão às intuições dessa natureza.

— Mino, pelo menos o que você escreveu nos serviu para refletirmos a respeito de nossas pretensões, que, no seu caso, você evidenciou com grande categoria intelectual, entregando-se de corpo e alma a me fazer crer em que, definitivamente, o assunto está enterrado.

— Eu não diria melhor.

— Diria, sim, e de forma mais precisa, mais alegre e mais conciliadora.

Ambos voltaram a se abraçar, agora com os corações apaziguados, esforçando-se Milene para se soltar ao sentir que o marido se deixava arder de paixão.

— Querido, não se esqueça de que estou impedida.

— Lamentavelmente. E eu respeito tudo o que provém da natureza, ainda que algumas coisas me sejam absolutamente incompreensíveis.

— Você já se decidiu a respeito de comparecer à missa que encomendamos?

— Acho que não tenho escolha. Uma hora ou outra, terei de enfrentar as pessoas. Pelo menos, dentro da igreja, não há condições de os repórteres tumultuarem. Até estive pensando, se Felício concordar, em oferecer uma coletiva, no salão de festas, para responder a tudo quanto queiram saber.

— Você acha conveniente expor suas ideias espíritas dentro de um espaço católico?

— Se até Felício esteve no centro...

— Foi para conhecer. Não quer dizer que tenha aderido às teses ali apresentadas. No seu caso, a teoria baseada na doutrina de Kardec estaria em confronto com os ideais cristãos do catolicismo.

— E se Felício concordar?

— A responsabilidade haverá de ser dele.

— Se ele estiver presente, poderá interpretar à sua maneira tudo quanto eu expuser do meu ponto de vista.

— Vai depender exclusivamente dele.

— Você já tomou café?

— Passei pela cozinha e percebi que você também não tomou. Vamos ver o que podemos aprontar?

— Você não vai preparar-se para sair? Estou achando um pouco cedo demais para a primeira refeição.

— Quando a mesa estiver servida, eu chamo.

Enquanto Milene ia providenciar sua toailete matinal e preparar a mesa do café, Belarmino ficou estudando o texto que atribuiu ao protetor espiritual, chegando à conclusão de que, para seguir os ditames da doutrina espírita, teria de dedicar mais tempo do que lhe levavam os cultos católicos.

Quando Milene veio avisá-lo de que estava servido o café, refletia sobre a impossibilidade de manter um pé em cada canoa.

Já na cozinha, Belarmino avaliou que estava com muita fome.

— Vou colocar um pedaço de pizza no micro-ondas. Querida, coloco um para você também?

— Não, porque vou comungar.

— Vai confessar-se antes ou bastará um ato de contrição?

— Estou limpa de pecados. Você me perdoou a falta que cometi e eu mesma me arrependi profundamente...

— Pare por aí, meu bem. Por favor. Será que eu também posso fazer o mesmo?

— Acho que não. Em todo o caso, se estiver achando que precisa da comunhão, sempre haverá tempo de confessar-se. Ainda estão faltando quase três horas para a missa das dez.

— Nesse caso, é melhor não passar de uma xícara de café com leite.

— Você é quem sabe.

— Veja como estou bem mais magro. — Belarmino exibia a brancura do abdômen murcho. — Uma semana bastou para me fazer perder uns cinco quilos ou mais. Se bem me lembro, no sábado passado, estava me achando gordinho.

— Outra semana igual e você vai posar de faquir.

— Se é para sairmos mais cedo, preciso aprontar-me.

Sorveu delicioso uns poucos goles de café com leite e dirigiu-se ao quarto.

Naquele meio tempo, José se levantou, cumprimentou a irmã, pediu permissão para usar o carro dela e saiu sem comer nada: ia filar o café da manhã na casa da namorada.

- Você não vai à missa do meu sogro?
- Não depende de mim.
- Não vai querer saber das novidades da viagem?
- Mais tarde. Agora estou com pressa. Tchau!
- Tchau!

Belarmino teve tempo de abrir a correspondência no computador do cunhado, lendo boa parte, sem eliminar qualquer mensagem. A maioria se congratulava com ele, elogiando o desempenho heróico. Muitas, mais recentes, exprimiam teorias as mais diversas a respeito da cura miraculosa. Estranhou algumas de pessoas agressivas, ficando sem saber como é que seu *e-mail* fora descoberto por tantos desconhecidos.

Nutria a esperança de algum convite especial de entidade importante nos meios espírita ou religioso. Aspirava por sentir a reação de entendidos diante de seu caso. Nada encontrou nesse sentido.

Buscou, entre as cartas, alguma com o timbre de instituição oficial. Estava nessa faina, quando Milene veio lembrá-lo de que estava na hora de sair.

No volante, Belarmino ia ruminando o que deveria dizer ao confessor. Fez um exame de consciência meticuloso, exame que deu como desculpa à mulher para não conversarem, concluindo que precisava apenas expor os acontecimentos e deixar a interpretação deles a cargo do sacerdote, principalmente porque sabia que Felício estava propenso a dar-lhe a absolvição.

A nave da igreja estava cheia. Começava a missa das nove. Os quatro confessionários, alinhados dois a dois ao longo das paredes laterais, estavam com as luzes acesas. Em todos, pequenas filas.

— Milene, acho que vou adotar o seu sistema. Se não for com o Felício, não confesso. Precisaria de muito tempo para colocar qualquer outro a par de tudo.

— Vamos dar a volta por fora. Na sacristia sempre haverá alguém que nos informe em qual deles Felício está ouvindo os fiéis.

Do lado de fora, toparam com vários mendigos, fazendo Milene questão de que o marido desse esmola a todos.

Houve um que respondeu em alto e bom som:

— Muito obrigado, Doutor Belarmino! Deus o abençoe!

Num gesto instintivo, o advogado colocou a mão na cabeça do pobre homem, dizendo-lhe:

— Deus tenha compaixão de seu vício! Dê a ele oportunidade de curá-lo.

Antes que pudesse safar-se, viu a mão sendo beijada, retribuindo o beijo na mão do pedinte.

Continuou seguindo Milene, meio zozzo, como se houvesse absorvido todos os eflúvios alcoólicos emanados do mendigo.

Ao entrar na sacristia, Milene recebia afetuoso abraço do amigo que procuravam.

Felício recepcionou-o muito comovido:

— Estou sabendo, meu caro, que você tem recebido atenção especialíssima da espiritualidade. Quero saber de tudo. Milene demonstrou extrema preocupação, dizendo que tudo indica que você está sob o poder de forças demoníacas. Mas não considero o seu um caso para exorcismo, tanto bem você vem praticando, conforme eu mesmo tenho podido constatar. Veio preparado para receber a absolvição que lhe foi negada na Bahia?

— Gostaria de confessar-me. Onde isso poderia acontecer?

— Aqui mesmo. Coloco a cadeira lá no canto, você se ajoelha nesta almofada, que serve para as confissões dos párocos, enquanto Milene fica junto à porta, explicando a quem chegar o que estamos fazendo.

Providências tomadas, Belarmino efetuou o ato de contrição e deu início à narração do que julgava os seus maiores pecados:

— Padre, me perdoe porque pequei. Acusei minha mulher de trair-me com um dos meus melhores amigos, acusação de que me arrependi e que venho expor-lhe de maneira cabal, com o coração na mão. Se me entendi com ela e ela teve a generosidade de me

compreender e me perdoar, estou agora diante do amigo que ofendi com meus pensamentos e atos.

Felício não se perturbou com a revelação. Mas inquiriu:

— Que o levou a perturbar-se a esse ponto?

— Juro que eu mesmo não sei exatamente. Mas não foi por sugestão diabólica, isso eu garanto. Acontece que me envolvi com os fenômenos extra-sensoriais e achei que o melhor seria não contar a ninguém, já que eram extraordinariamente parecidos com os milagres, conforme já conversamos. Além dos que você conhece, existem vários outros. Ora, se eu escondia algo dela, imaginei que ela escondesse algo de mim. E essas coisas ela contava ao confessor. Logo, foi uma transferência de impressões subjetivas, sem nenhum fato concreto a apoiar o sentimento de ciúme. Eis que estou revelando-lhe tudo que sei a respeito. Talvez haja outras causas, mas eu lhe juro que não conheço.

— Vamos eliminar o problema definitivamente. Vou aconselhar Milene que se confesse com outros sacerdotes. Só irei colocar-me à disposição dela em último caso.

— Eu lhe agradeço a boa intenção, porém, quero que saiba que eu mesmo não impus isso a ela, nem ela me falou nada a respeito. O que havia para abalar a nossa amizade, já aconteceu. Se eu não for capaz de compreender a necessidade dela de ser ouvida por você, então, terei de voltar à sua presença a cada nova recaída minha, o que não estou querendo que ocorra.

— Que mais lhe pesa na consciência?

— Nada mais, a não ser muita insegurança quanto à minha fé incondicional nas determinações eclesiásticas, o que levou o confessor baiano a não me dar a bênção do sacramento. Na verdade, estou rejeitando a ideia de Inferno, de Purgatório e de Céu, nos termos em que foram expostos nas aulas de catecismo. Estou achando que a doutrina espírita explica de maneira muito mais lógica e racional os castigos por que passam os seres culpados após a desencarnação.

— Mino, quando eu li *O Céu e o Inferno ou a Justiça Divina Segundo o Espiritismo*, de Kardec, também fiquei impressionado com a facilidade com que as ideias fluem a partir do conceito de que existe um interregno semimaterial antes de as almas atingirem o clímax das bem-aventuranças. O que ali se consigna em desacordo absoluto com os ensinamentos da Santa Madre Igreja é a inexistência dos castigos eternos, com base no argumento de que Deus não destinaria uma criatura sua à desgraça infinita. Vamos considerar tal assertiva verdadeira. Como tantos princípios canônicos, também esse poderá ser excluído, desde que um concílio de cardeais, sob a direção papal, refaça o pensamento católico. Enquanto isso, desde que não censuremos publicamente a Igreja, podemos manter a nossa perspectiva pessoal sob controle, já que somos falíveis e não temos o dom da perfeição. Não se trata, propriamente dito, de falta de fé. Trata-se da convicção de que a misericórdia divina é absoluta, transcendendo a necessidade humana de punir, o que para muitos significa até a pena de morte. Veja essa sua tendência a compreender o perdão do Pai como uma aplicação do direito de todos nós à contrição e ao arrependimento. O que o Espiritismo fez foi transferir para aquela esfera intermediária que mencionei o sofrimento provocado pelo remorso, abrindo novamente para os pecadores as portas da vida, através da ideia das reencarnações expiatórias. Seria como que uma segunda criação, já que o espírito viria ocupar um novo corpo. Isto tudo é meramente conjectural, apesar de meritório do ponto de vista do princípio de que a caridade é a primeira das virtudes. Você tem praticado a caridade, inclusive, com o risco da própria vida. E tem recebido as bênçãos do Senhor na forma de miraculosa cura. Reze dez ave-marias e cinco padrenossos e se sinta em condições de receber a comunhão.

Felício dispensou as preces de encerramento, retirou a estola e se dirigiu até a porta onde Milene montava guarda.

— Você já pode entrar.

— Está tudo bem?

— Quase tudo. Vou deixar para ouvir as outras façanhas mediúnicas de nosso amigo em momento mais oportuno. Agora ele está cumprindo a penitência que lhe atribuí.

Enquanto rezava, contrito, pareceu a Belarmino que recebia a visita do pai. Intuiu que tudo se passava no âmbito do inconsciente, deixando-se embalar por um diálogo que lhe soube bastante insólito:

— Meu filho, vim buscá-lo para acompanhar-me em peregrinação. Primeiro, vamos ao Rio, porque, neste momento, sua mãe está orando por minha alma, no templo em que se reza a minha missa de sétimo dia. Quero revelar-lhe alguns pontos de vistas meus, sob o prisma da realidade etérea.

Nem bem expressou os pensamentos e logo Belarmino se viu junto da mãe, do irmão, dos tios e primos, todos entretidos em seguir o desenrolar do sacrifício missionário em prol da bem-aventurança do parente morto.

— Observe, filho, que o ambiente material é o mais comum, visto desta perspectiva: são pessoas reunidas assistindo a uma função religiosa. Existem círios, livros, hóstias, flores, incenso, cantos, preces etc. Mas ao lado de cá não chegam senão algumas poucas vibrações de amor e de carinhosa saudade, as mesmas que tenho recebido em fluxo constante dos corações amigos. A participação do sacerdote e de todo o cerimonial não acresce nada aos efeitos simpáticos dos que se afeiçoaram a mim na existência que há pouco deixei.

— O senhor...

— Não me chame por tal forma cerimoniosa. Diga simplesmente *você*, como vinha fazendo nos últimos tempos. Esse seu *senhor* aí é resquício de outras eras e encarnações.

— Você está dizendo que todos os atos exteriores da liturgia católica são perfeitamente dispensáveis?

— Da católica bem como de todas as outras religiões. Não digo que não servem para nada. Digo que não surtem efeito em relação a

mim. Criaturas apegadas à religião ainda depois de frequentarem as plagas da esfera espiritual se sentem agradecidas e se juntam aos vivos para efetuarem as orações que sabem de cor.

— Concluindo: servem para quem tenha a mesma fé.

— Conclusão errônea: servem para quem mantenha os princípios equivocados da realidade material. Concentrar-se na compulsão de agir segundo regras fictícias é o contrário do que se deveria exigir dos que têm consciência da condição de seres constantemente em evolução.

— Quer dizer que a minha confissão foi inútil?

— Não é porque você conta seus pecados ao sacerdote que Deus se veja na obrigação de perdoá-lo. Quantos seres humanos existem que jamais se submeteram a esse sacramento. Você acha que Deus não vai levar em conta o arrependimento deles, só porque não se ajoelharam aos pés do sacerdote?

— Devo abandonar o catolicismo?

— Você deve sopesar os prós e os contras relativos à necessidade das pessoas que o cercam, muito particularmente as razões emocionais de Milene. Se você concluir que ela não apresenta condições de compartilhar de suas novas ideias, exponha-lhe francamente o seu desejo de seguir outro rumo de vida. Não a desampare, contudo seja enérgico e demonstre-lhe que a sua felicidade depende de ela conceder à sua consciência a liberdade de agir segundo suas convicções.

— Aonde mais você pretende ir?

— Vamos a Salvador. Lá também estão realizando um ofício religioso para mim.

Imediatamente, Belarmino se viu dentro da nave da igreja em que sua confissão fora rejeitada. Havia muitos fiéis, alguns cômicos de que precisavam orar pela alma de uma certa pessoa cujo nome se registrava no quadro de avisos.

— Pai, você está cumprindo um itinerário de amor. Lembra-se de sua pessoa, ainda que se apresente apenas como um nome, e

— você acorre para receber o influxo das vibrações simpáticas. Não lhe parece que, neste caso, se não houvesse missa, ninguém se lembraria de rezar por sua saúde espiritual?

— Não se esqueça de que fui eu quem o estimulou a enfrentar a carreira de advogado. Se o fiz, foi porque me parecia que seu talento iria frutificar nesse campo. Reconheça que seu argumento é meramente formal. Estou agradecido por se lembrarem de meu nome, mas vim até aqui para que pudéssemos conversar a respeito. A simpatia das pessoas não se volta para mim, mas é produzida por almas generosas, piedosas e cheias de confiança em que estão realizando algo muito bom. Esta minha manifestação não é gratuita. Pediram-me para informá-lo de que suas suspeitas quanto a ter-se encarnado como Afonso Maria vai ficar como uma sombra dentro da memória. O que se pode providenciar, caso você concorde, é uma visão de como teria sido a vida do santo, caso ele não abandonasse a advocacia. Que acha disso?

— Mera conjectura.

— Ao contrário. Tal exercício deverá você realizar durante toda a sua vida, mantendo-se fiel aos compromissos que assumiu perante a sociedade e a família. É para você tirar definitivamente da cabeça a ideia de que poderia tornar-se frade, monge ou secular, incentivando a Igreja a canonizá-lo perante os milagres que estão sendo registrados e testemunhados.

— Você está empurrando-me para o centro espírita. Será que ali também não existem cerimônias de caráter puramente religioso, ainda que sem os aparatos litúrgicos? Eu bem vi que o povo todo reunido eleva orações e cânticos. O efeito deverá ser mais ou menos o que ocorre por aqui.

— Você sequer imagina o que poderia acontecer se você se dispusesse a exercer sua mediunidade de tão amplo espectro. Haveria romarias de gente necessitada de apoio moral, pessoas carentes do afeto dos entes queridos desencarnados, doentes e estropiados em busca de cura material ou de amparo espiritual...

Um deus-nos-acuda! Quer que se providencie um desfile de cenas típicas dessa situação?

— Como fariam isso?

— Reproduziríamos acontecimentos verídicos extraídos da história de alguns médiuns mais populares.

— Muito obrigado! Dispensou. Iria levar muito tempo e eu devo terminar as preces.

— Tempo temos de sobra, uma vez que você está vivenciando a realidade sobrenatural em estado alterado de consciência. Tudo está se passando em questão de segundos.

— Qual a nossa próxima parada?

— Vamos dar um pulo ao centro espírita em que as pessoas da favela estão reunidas. Seu amigo Lando está sabendo que você está em São Paulo e mandou congregar a gente que se sentiu protegida por sua ação em defesa das vidas e patrimônio.

Um instante depois e lá estavam os dois contemplando a sessão em homenagem a Belarmino.

— Pai, sinto-me profundamente atraído por essas mentes e corações voltados para o meu benefício. Antes que me veja transportado para perto de cada pessoa para manifestar-lhe minha alegria e dar-lhe conforto, diga-me se você não sentiu o mesmo relativamente àqueles que oravam por você.

— É claro que sim, no entanto, é preciso que lhe diga que o meu caso é diferente, já que não tenho mais nenhuma responsabilidade material relativamente a ninguém. Ficar volitando em torno de sua mãe, por exemplo, seria estabelecer uma espécie de obsessão. Se ela não se dispuser a criar novas perspectivas de vida, deixando de chorar por mim, ficarei como que obsidiado por ela, muito embora tenha recursos para me libertar de sua funesta sensibilidade. Quando a pessoa ama de verdade, sente uma saudade resignada, pondo o presente do companheiro e o futuro de ambos nas mãos de Deus. Quanto a você, não precisa ficar aqui do etéreo a pajear os que se simpatizaram com a sua dor. Você poderá trabalhar

efetivamente por eles, fazendo muito mais do que simples envolvimento sentimental. Aprenda com Lando a auxiliar as pessoas em seu campo profissional e dedique-lhes um tempo para defendê-las diante dos tribunais.

— Esse é todo um programa de vida.

— Talvez seja o que você concordou em cumprir antes de encarnar-se. Adeus!

Quando Belarmino encerrava as preces determinadas por Felício, um pranto agradecido escorria-lhe pelas faces.

Milene e Felício notaram-lhe a comoção, percebendo que o rapaz passara por alguma nova experiência espiritual. Nem por isso, porém, instigaram-no a relatar o que o fizera chorar.

Foi Felício quem quebrou o silêncio:

— Meus jovens, preciso preparar-me para o próximo ofício religioso. Mais tarde nós colocaremos os assuntos em dia. Vocês podem ir por aqui mesmo.

Quando o casal, lá na frente, se expôs aos olhares dos fiéis, um burburinho se elevou, tendo sido o advogado logo reconhecido como o benfeitor da família dos favelados e como o alvo da misericórdia de Deus.

Alguém iniciou um hino religioso de agradecimento por favores recebidos e logo toda a comunidade estava entoando a melodia. Valia por uma salva de palmas.

A primeira fileira estava reservada aos familiares do falecido para quem se dedicava a missa, de sorte que Belarmino e Milene puderam ocupar um lugar ao nível dos demais.

Não se passaram nem cinco minutos e Felício subiu ao altar, dando início à cerimônia.

Milene segurava a mão do marido, sentindo-a trêmula.

Belarmino, por sua vez, perdeu completamente o sentido do que ali se fazia, obrigando a esposa a fazê-lo erguer-se, ajoelhar-se ou sentar-se, conforme o momento em que se operava o sacramento. Houve um momento em que Belarmino se ajoelhou,

permanecendo na posição quando todos se ergueram e depois se sentaram. Não chegou a notar a luminosidade dos *flashes* que Samuel e outros dois fotógrafos pipocavam, documentando de vários ângulos a presença dele.

Intimamente, Belarmino lutava contra o desejo de abandonar o local, julgando-se culpado por estar ali sem outra razão senão a vontade da esposa. Passava aos fiéis a falsa impressão de que correspondia aos sentimentos deles, quando, na verdade, estava opondo-se a muitos conceitos fundamentais da religião.

Pensava se não seria possível transportar-se para o centro espírita, onde poderia agradecer àquela gente humilde as orações que lhe haviam dedicado.

Começou a suar frio e a sentir-se mal. Milene percebeu que algo não estava bem e logo solicitou aos homens mais próximos que o levassem para a sacristia.

Belarmino tentou resistir mas estava trôpego e desapontado. Logo lhe passou pela mente a sensação desagradável de que estava demonstrando saúde debilitada justamente ao povo que o considerava imune até aos balázios à queima-roupa.

Puseram-no sentado e forçaram-lhe a cabeça a ficar entre as pernas, para o sangue fluir para a cabeça. Realmente, em breve, havia recuperado a noção da hora e do lugar.

Vários sacerdotes o amparavam, de sorte que Milene pôde voltar a tempo de receber a comunhão.

A uma pergunta de um deles, Belarmino respondeu com um gesto negativo. Não iria comungar.

— Preciso tomar um pouco de ar.

Antes que alguém o levasse pelo braço, já havia transposto a porta, caminhando celeremente em direção ao ponto em que deixara o carro estacionado. Quinze minutos depois, atravessando o pouco trânsito da hora, estacionava defronte do centro espírita, desejoso de encontrar ainda os favelados reunidos.

Encontrou, sim, André dando explicações a um grupo de rapazes e moças sentados em círculo. O auditório estava vazio.

Vendo-o, o instrutor pediu licença aos jovens e foi recebê-lo:

— Doutor, o senhor procura alguém?

— Bom dia, André.

— Bom dia.

— O Doutor Lando não está por aqui?

— A reunião geral foi cancelada em virtude da necessidade de se dar um jeito nos problemas de Dona Mariana.

— Quer dizer que todos estão lá?

— A esta hora, penso que já terminaram tudo. Por que o senhor não liga para o Doutor Lando?

— Posso usar o telefone do centro?

— Claro! Eu vou abrir a secretaria para o senhor.

Um minuto depois, Lando atendia:

— Pronto!

— Eu queria muito conversar com você.

— Mino?

— Sim.

— Estou em casa. Você quer passar por aqui?

— Eu vim vê-lo no centro. Pensava que...

— Hoje demos folga ao povo.

— André me contou. Mas devo voltar à igreja para pegar a Milene. Se você puder ir até lá, tenho algumas novidades. Assim, mato dois coelhos com uma só cajadada, porque o Felício também está interessado em ouvir.

— Tudo bem!

Na viagem de volta, Belarmino repassava a visita ao centro na companhia do pai, estranhando sobremodo que lhe fora dada claríssima visão do povo ali reunido, o que não ocorrera.

Chegou a solicitar que o pai lhe inspirasse a solução do mistério, chegando a formular claramente uma resposta:

"Se até usar telefone celular ao volante é proibido, imagine abstrair-se do mundo material. Cuide da vida, rapaz!"

Quando divisou a igreja, notou forte aglomeração de pessoas diante da entrada. Procurou lugar para estacionar, sendo difícil encontrar vaga atrás do templo.

"Foi melhor assim, porque vou entrar pela sacristia, sem ser notado."

Ao contrário, assim que se aproximou da porta lateral, foi reconhecido pelos repórteres, que o cercaram de perguntas e *flashes*. Havia uma dezena deles, de sorte que não havia como atender a cada um em particular.

Aos trancos e barrancos, mais sendo levado do que indo por conta própria, chegou à porta da sacristia, subiu os três degraus e pôde fazer um gesto impondo silêncio, dando sinal de que ia realizar um pronunciamento. Deveras, conseguiu elevar a voz, dizendo:

— Vou solicitar permissão aos padres para oferecer-lhes uma coletiva no salão paroquial. Esperem só um pouco, por favor. Pretendo responder-lhes a todas as perguntas.

Deixando o alarido para trás, conseguiu entrar, havendo três padres obstado que mais alguém o acompanhasse.

Lá dentro, Milene chorava amparada por Felício. Lando também lhe dava conforto, havendo chegado um minuto antes, contando que recebera a ligação de Belarmino.

Assim que viu o marido, Milene se arrojou a seus braços, emudecida.

— Querida, você precisa ser forte. Vamos ter de vencer o assédio dos jornalistas.

Lando observou:

— Alguns suspeitaram de que eu poderia fazer parte dos acontecimentos e quiseram saber que *apito eu toco*. Desvencilhei-me, afirmando que era apenas um colega, mas foi difícil deixar de responder às questões levantadas.

Belarmino, que se impacientava, rogou a Felício:

— Você me permite ocupar o salão paroquial para conferência com esses selvagens da imprensa?

— Infelizmente, meu caro, estamos com o salão sendo preparado para festa de casamento. Nada feito.

— Como é que vou safar-me dessa?

— Você poderia ocupar a escadaria da frente, mas o tumulto iria perturbar os ofícios, principalmente porque sem alto-falantes iria ficar muito difícil de ser ouvido por todos. Posso oferecer-lhe o púlpito, mas não sem autorização superior.

— Vou tentar serenar os exaltados, prometendo um horário para mais tarde.

Lando se propôs como porta-voz:

— Se você não tiver nada contra, posso recebê-los no centro ainda de manhã. São onze e dez. Às onze e meia é possível estarmos todos lá.

— Só vou aceitar se Felício também for. Preciso de esclarecimentos religiosos para o que vou dizer.

— Pode contar comigo.

Imediatamente, Lando assomou à porta de saída e explicou onde e quando se daria a entrevista, ressaltando as razões de não ser oportuna naquele local, naquela hora.

Como alguns suspeitassem de que seriam enganados, Lando fez dois repórteres entrar, dando passagem a Samuel e uma companheira com crachá de um dos canais de televisão.

Belarmino estava encantado:

— Isto está parecendo um filme de tribunal, quando o bandido vai preso e o inocente é solto e fica à mercê dos jornalistas nas escadarias dos palácios da justiça. Eu quero levar Felício comigo. Lando, você vai na frente para preparar o ânimo dos diretores?

— Deixe comigo.

Lá fora, havia poucos profissionais, na maioria fotógrafos.

Belarmino saiu acenando, levando Milene agarrada ao braço, seguido por seu pequeno cortejo.

Durante o curto trajeto, combinou com a esposa e o padre que diria tudo quanto vivenciara naqueles últimos dez dias. Milene quis protestar, mas o marido estava irredutível.

— Tenho as minhas razões. — Afirmou, peremptório.

E mais não disse, deixando Felício com o pé atrás quanto a estar recebendo notícias novas em ambiente pouco propício ao desenvolvimento das teses eclesiásticas. Firmou a opinião de que manteria a serenidade e de que não se deixaria envolver por debates filosóficos ou doutrinários.

A repórter não abriu a boca mas deixou ligado o gravador. Era mais do que esperava registrar.

Quando estacionou na rua lateral ao centro, o local ainda estava deserto. No auditório, os moços já arrumavam as cadeiras e punham o sistema de alto-falantes para funcionar. Lando se entendia com três diretores que haviam ocorrido ao chamado telefônico e que comunicavam que haviam entrado em contato com toda a diretoria da entidade.

Logo os assentos do palco foram ocupados pelas pessoas da casa, por Milene e por Felício. A Belarmino foi destinado o lugar de honra, enquanto Lando se punha ao lado da mesa com o microfone portátil deixando para trás um longo fio.

Às onze e quarenta, o auditório estava repleto e Lando introduziu a personagem principal, dando-lhe a ficha profissional e religiosa, deixando claro a todos que iriam ouvir o relato de muitas coisas espantosas, todas elas explicáveis através dos ensinamentos espíritas. Enfatizou que estava presente um sacerdote amigo, que poderia esclarecer os fatos do ponto de vista religioso.

Belarmino, ao receber o microfone, fez questão de levantar-se e de postar-se à frente dos espectadores, numa atitude de deferência e destemor. Demonstrava que estava afeito aos olhos do público, achando-se à vontade tanto quanto sempre estivera no tribunal do júri.

— Vou contar-lhes o que me vem sucedendo nestes últimos tempos. Primeiro, eu narro todos os fatos; depois, vocês vão poder perguntar tudo o que quiserem. Estou disposto a ficar aqui até que o último de vocês saia satisfeito.

Foi aplaudido mas logo as palmas cessaram, a um gesto seu pedindo atenção.

Começou em ordem cronológica, contando seu transporte para o Rio de Janeiro. Esse primeiro relato, ocupou-lhe mais de quarenta minutos, tendo ilustrado o caso com o toque da gaitinha de que não se separara desde que a mãe lha devolvera.

Em seguida, passou a citar todos os casos de ilusão, não se esquecendo da visão errada que tivera do local aonde fora internado o padre, do engano quanto a ter visto um espírito a acenar-lhe, até culminar com a ilusão de ter estado justamente naquele salão.

Trinta minutos depois, estava contando que conversara com o fantasma de uma pessoa desconhecida, que havia recebido um tiro e que se curara de uma hora para outra, buscando o testemunho do fotógrafo presente; que conversara com o pai enquanto estava sendo operado e que auxiliara na recepção dos que morreram no acidente ferroviário.

Nesta altura, já se haviam retirado alguns representantes da imprensa. Passava das duas da tarde.

— Vocês devem estar cansados e com fome. Querem que eu deixe o resto para daqui a uma hora?

Um dos jornalistas inquiriu:

— Quanto tempo acha que ainda vai levar até a gente poder formular as dúvidas?

— Pelo menos, mais duas horas.

A informação causou enorme celeuma no auditório, que só se resolveria com a intervenção de Lando:

— Tanto quanto vocês, eu desconhecia a maioria dos fatos. No entanto, gostaria de fazer uma interrupção para poder digerir tudo

quanto ouvi, se possível, após o almoço. Tendo em vista que não vamos entender-nos, determino que o relato irá continuar às quatro, aqui mesmo.

Desligado o aparelho de som, os que estavam sobre o palco cercaram o expositor, protegendo-o do assédio dos mais afoitos e conduziram-no para uma sala dos fundos, onde poderia descansar, enquanto os jornalistas e os curiosos abandonavam o centro.

Lá dentro, apenas Belarmino, Milene, Felício, Lando e André, este especialmente convocado pelo orador, que lhe pediu:

— André, meu caro, como ninguém aqui almoçou, seria possível providenciar algo para acalmarmos os nossos estômagos?

— Posso ir buscar no restaurante, mas não acredito que, a esta hora, a cozinha ainda esteja aberta. Posso providenciar algumas porções do que houver?

— Tudo quanto seja possível; de preferência, para mim, uma salada ou apenas frutas. Mas vá logo. Eu estou sem dinheiro mas acho que...

Lando interveio:

— Estou com a carteira recheada. Vou lhe dar um tanto e você traz o troco. Certo?

— Perfeitamente.

Assim que André se retirou, Belarmino inquiriu dos demais o que estavam achando da exposição. Milene achou-se no direito de realizar as primeiras considerações:

— Acho que você tem sido brilhante. Penso, porém, que se não parar por aí, vai chegar ao ponto de contar a minha pseudoconfissão, o que vai lançar muita desconfiança sobre a minha conduta moral. Peço-lhe que não fale nada a respeito.

— Querida, não me passou pela ideia relatar aquela minha visão totalmente distorcida da realidade, tanto que citei as ilusões, sem mencionar a pior de todas. Essas coisas são pessoais e já obtive o perdão das duas pessoas envolvidas. Fique tranquila. Mais alguma coisa?

Milene manteve-se na defensiva:

— Você está expondo toda a nossa família ao ridículo dos fatos que não vai conseguir comprovar. Você não queria contar nada nem mesmo a mim; agora revela aos jornalistas, que irão tornar todos eles públicos. Você não tem medo de vir a ser acusado de mistificador?

— Pois eu gostaria muito.

— Não sei por quê.

Felício foi quem respondeu:

— Pois eu acho que sei: seu marido está atraindo a atenção sobre si de maneira absolutamente inconsistente para que se forme uma opinião saudável a seu respeito. Caso se deixe admirar pelo ato heróico e pela cura repentina, vai parecer ao povo que se trata de santo milagreiro. Expondo fatos que ninguém testemunhou, apesar do possível apoio da mãe e do avô, não irá convencer muita gente. Não é verdade que você está querendo forçar a mídia a desprestigá-lo como ente de superior qualidade?

Lando não permitiu que Belarmino respondesse:

— Pois eu acho que é muito precoce para sugerirmos estratégias de conduta para o médium que está em pleno desenvolvimento das faculdades. Penso que meu colega esteja sendo apenas completamente sincero, revelando tudo quanto ocorreu em torno de sua pessoa. Se vai ser ou não bem interpretada a exposição, ainda vai depender das explicações que for dar diante das questões que serão levantadas na hora dos debates. Além do mais, quem me garante que não vão ocorrer outros fenômenos diante dos olhos de todos nós? Por exemplo: e se ele voitar, como ocorreu a diversas criaturas santificadas pela igreja?

Fez-se profundo silêncio, ninguém se dispondo a se contrapor à arguição. Finalmente, o próprio Belarmino complementou:

— O que não revelei ainda a ninguém é que estou recebendo ditados mediúnicos na qualidade de escrevente. O teor dos escritos estou momentaneamente impedido de revelar, mas afianço-lhes

que se trata de textos que absolutamente não construí; nem sequer pensei sobre os temas sobre que versam. Sendo assim, sou obrigado a concordar com os dois...

Suspendeu os raciocínios, gozando a estupefação de seu reduzido auditório.

— Explico-me. Felício aventou a hipótese de eu estar pretendendo encerrar a fase pública dos fatos tidos como contrários à nossa natureza material, fatos que ele chamaria de milagres e que Lando consideraria mediúnicos. Isto é verdadeiro. De fato, eu estou cansando-me de ser alvo dos olhares curiosos das pessoas, olhares que me reduzem a mero...

Hesitou em conceituar-se perante a opinião pública. Como ninguém ousasse auxiliá-lo, continuou:

— Em suma, sinto-me cada vez mais angustiado, como se estivesse sendo posta à prova a minha...

De novo, suspendeu a linha dos pensamentos. Também não queria deixar consignada a definição de si mesmo relativamente aos fenômenos extraordinários dos últimos nove dias.

— Para dizer tudo: se não houvesse morrido meu pai, eu não teria tido este período de nojo que me deu oportunidade de dedicar-me a mim mesmo e ao estudo da doutrina espírita. Teria de trabalhar, envolvendo-me com os problemas afetos ao escritório, o que, de resto, irá absorver-me a partir de depois de amanhã. Quanto a ter razão também o meu colega advogado, isto é mais fácil de explicar: como santo não sou, nem pretendo ser, porque, como me adiantou Milene, não vou ingressar em nenhuma ordem religiosa nem abandonar a beca, resta-me concordar com a ideia que me foi inspirada de que deverei obrar em consonância com os espíritos protetores deste ou de algum outro centro espírita, para o que terei de aceitar a mediunidade, da mesma forma que Lando o fez, ou seja, abandonando a fé católica, ao menos por algum tempo, até assegurar-me das verdades ou das mentiras que puder assimilar dentro dos cânones da teoria de Kardec.

Milene, que vinha acompanhando cada vez mais temerosa as palavras do marido, irrompeu em sentido pranto, incapaz de pronunciar qualquer palavra de recriminação ou lamento. Foi Felício quem veio em socorro dela:

— Mino, meu caro, eu acho que você está no seu direito civil de assim proceder. Entretanto, tem que levar em consideração o afeto que lhe dedica sua esposa. Se ela possui uma convicção religiosa muito forte — e eu posso assegurar-lhe que tem mesmo — , não seria justo abandoná-la...

— Felício, meu caro confessor, eu não vou menosprezar a religiosidade de minha queridíssima esposa. Apenas, veja bem, eu vou dar vazão à minha natural tendência psíquica. Da mesma forma que ela julga que irei acabar no inferno, causando-lhe penoso sofrimento, eu também tenho o direito de usufruir, no sentido da lei, a liberdade de escolha pessoal e intransferível, quanto ao caminho que se abre diante de mim no espiritismo. Acho que...

Nesse momento, bateram forte à porta. Era o Doutor Eurípides acompanhado de Sebastião e de uma terceira pessoa mal ajambrada num terno bem maior que o seu acanhado físico.

— Com licença, temos informações muito importantes para passar-lhes.

Foi Lando quem introduziu os três, reparando que, do lado de fora, havia inúmeros conhecidos das reuniões públicas do centro.

Dirigindo-se a Belarmino, Eurípides perguntou:

— Este homem aqui, você reconhece?

Bom fisionomista, o advogado pôde responder afirmativamente:

— Apesar de ter feito a barba e trocado de roupa, trata-se do mendigo que me chamou pelo nome hoje de manhã.

— Pois bem. Ele está dizendo que se curou de um artritismo de mais de cinco anos, que lhe deformava muitas juntas, impedindo-o de fazer as coisas mais simples. Eu mesmo lhe dava alguns remédios e fazia massagens. Agora veja as mãos dele.

Eurípides, como bom conhecedor de anatomia, demonstrava que as articulações estavam absolutamente normais.

— Estes dedos e este punho estavam inchados e atrofiados. Agora estão bem, apenas um pouco descarnados, como o restante do corpo.

Belarmino reparou que escorriam lágrimas por aquelas faces encovadas.

— Não chore, meu filho. Agradeça a Deus, porque foi a sua fé que o salvou.

O pobre queria ajoelhar-se, mas foi impedido por Sebastião que o amparava. Foi este quem esclareceu:

— Joaquim, apesar da aparência, não tem mais que trinta e cinco anos. É muito jovem, portanto, e seu desespero era não poder trabalhar mais. Nós o ajudamos muitas vezes, até que ele se viu nas mãos de uma quadrilha que explora muitos pontos de mendicância. Suas atrofias rendiam bastante, mas não para ele, que depositava tudo nos balcões dos bares. Ele me procurou dizendo que estava bom de novo e me pediu para trazê-lo à sua presença. Aí, levei-o para casa, fiz que tomasse banho sozinho, o que era impossível antes, dei-lhe esse meu terno velho, que parece dependurado num esqueleto, e resolvi que você deveria saber o que está acontecendo, ainda mais porque toda a favela conhece o nosso Joaquim e já percebeu que ele está *novinho em folha*.

Eurípides acrescentou:

— Quando souberam que você estava no centro, quiseram acompanhar a gente, de modo que o auditório está completamente lotado.

Belarmino fez um gesto de tudo bem:

— Estava querendo mesmo agradecer as preces que me fizeram levantar daquele leito muito antes do que era possível supor. Joaquim, vá com Deus e não se preocupe em agradecer-me. Se algo fiz, foi colocar-me à disposição do Pai como simples instrumento, através do qual exerceu sua vontade. Lembre-se de

que lhe disse para dar a Deus oportunidade de curá-lo. Foi o que aconteceu de fato.

Antes que o outro se lançasse a seus pés, aproximou-se dele e abraçou-o, sussurrando-lhe ao ouvido:

— Volte a exercer o ofício de carpinteiro.

Não sabia por que dissera aquilo, mas ouviu uma surpreendente resposta:

— Amanhã mesmo vou procurar uma oficina que me empregue, já que faz tempo que não sinto o cheirinho gostoso de madeira.

Assim que os recém-chegados saíram, Lando logo se pronunciou:

— Pois eu não dizia que algum fato novo iria acontecer?! Pois aí está.

Felício insistiu em outro ponto:

— A plateia deve ter mudado muito. Não acho conveniente que Belarmino prossiga com o relato dos fenômenos, ainda mais que todos estão sob o impacto tremendo de um milagre ocorrido praticamente às suas vistas.

Milene, que refreara o curso das lágrimas, concordou:

— Isso mesmo. Penso até que algumas palavras bastem para satisfazer o público. Quanto aos jornalistas, não vão ter o que dizer ao contrário do que ouviram, já que estarão provocando reações negativas nas pessoas.

Lando se viu na contingência de dar razão aos outros:

— Também penso que o espírito do auditório seja outro. Acredito que simples prece irá satisfazer a todos. No entanto, vamos esperar um pouco, já que está na hora de André... Foi falar no diabo...

Deveras, André pedia licença para entrar, trazendo duas sacolas pesadas. Atrás dele, mais dois rapazes, cada um com mais duas sacolas. Em seguida, rapidamente, retiraram várias marmitas e

algumas garrafas, dispendo-as sobre a escrivantina. Havia também talheres, copos e guardanapos de papel.

— Tive sorte de achar o restaurante funcionando. A comida ainda está quente. Deixe descobrir a da salada.

Logo Belarmino estava diante de uma salada completa, com folhas de alface adornando as bordas e fatias de presunto cobrindo os vegetais.

O advogado não deixou passar a vaza:

— Este é um verdadeiro milagre de Santo André...

Todos sorriram e, enquanto saíam, os rapazes puderam observar que Felício juntava as mãos para orar em agradecimento pela refeição.

Assim que se viu perante a salada, Belarmino acusou:

— É muito para mim. Vamos dividir. Passem os pratos, por favor.

Depositou um pouco nos pratos dos outros três, reservando para si pouco mais do que a mesma porção, apenas, fato notório, sem haver deixado uma fatia sequer de presunto.

Comeram devagar, buscando não saciar completamente a fome. Felício foi o primeiro a se manifestar:

— Tenho de comer pouco, porque me cabe a missa das sete da noite.

Seguiu-se Milene:

— Estou com o estômago revirado. Sinto-me incomodada física e psicologicamente. Se comer mais do que três garfadas, tenho medo de pôr tudo para fora.

Lando observou:

— Desde outro dia, sábado passado, para ser preciso, não tenho feito refeições muito substanciais. Preciso emagrecer.

Belarmino contrariou a opinião do todos:

— Pois eu vou matar aquela que está matando-me.

E bateu o restante da salada que havia reservado para si, o que fez questão de realizar através de vinte minúsculas garfadas,

mastigando cada pequeno bocado até cansar a mandíbula, não se perturbando quando conseguia espetar apenas uma azeitona ou uma ervilha. Entrementes, refletia sobre a derradeira aptidão mediúnica de que se via dotado.

Quando se aprestava para trincar uma maçã, bateram à porta. Lando se prontificou a abrir, dando com as três crianças de Dona Mariana nos braços de três senhoras do centro. Uma delas foi logo dizendo:

— Doutor Lando, estas crianças estão precisando da mãe. Só o Doutor Belarmino é que vai ser capaz de tirá-la da cadeia.

Este, que já estava ali junto à porta, afiançou-lhes:

— Vou fazer todo o possível para evitar que o juizado de menores...

Lando o interrompeu:

— As crianças estão sob a tutela provisória destas confreiras, a meu pedido.

A mesma mulher voltou a manifestar-se:

— Está sendo muito difícil cuidar das mais velhas. O bebê até que é bonzinho. Coitado, devia sofrer com as bebedeiras da mãe.

Belarmino tranquilizou as senhoras:

— Amanhã mesmo vou cuidar do caso. É meu último dia de folga. Vou ter bastante tempo para me dedicar a isso. Agora, retirem as crianças do meio da multidão, cujo barulho estou ouvindo daqui.

Foi quando recebeu a notícia que o obrigou a antecipar a volta para o palco:

— O salão está cheio de crianças trazidas pelos pais. Ouviram dizer que o senhor está fazendo milagres e todos têm algo a pedir.

Belarmino conclamou os três para irem com ele, entretanto, Milene se recusou, desculpando-se:

— Eu vou cuidar destes pratos e talheres e depois vou para casa. Tenho a certeza de que você irá se dar bem sozinho.

Felício também se esquivou:

— Você há de entender que existem muitos fotógrafos que vão fixar a minha presença, o que vai ser muito difícil de explicar ao bispo. Vou orar pelo seu bom sucesso. Fique com Deus!

Antes que Belarmino pudesse responder, já o sacerdote se misturava à gente lá de fora, que abria passagem ao reconhecê-lo, podendo ele sair pela porta dos fundos.

Lando percebeu o desapontamento do colega e correu em seu auxílio:

— Eu acompanho você. Vamos lá!

Quando os dois apontaram junto à porta que dava para o palco, o povo fez profundo silêncio, ouvindo-se apenas o choro e alguns gritos de várias crianças.

Sem esperar que Lando o apresentasse, Belarmino se antecipou, mesmo sem a ajuda dos alto-falantes:

— Meus irmãos e irmãs, muito quero agradecer a sua vinda a esta casa de benemerência espiritual. Sei que estão interessados em me conhecer pessoalmente e de mim receber um passe para conforto físico e moral, conforme tem corrido à boca pequena entre vocês que estou praticando milagres. Para que não digam que sou orgulhoso, vou tentar atendê-los, segundo eu mesmo venho recebendo o auxílio das forças espirituais que, em nome de Jesus, estão possibilitando-me realizar alguns fenômenos mediúnicos, conforme relatei aos jornalistas antes do almoço. Prestem atenção no que vou pedir, para que não se tumultue o ambiente. Vamos orar uma prece que vai ser dita pelo nosso amigo Sebastião. Depois, eu vou ficar na porta de saída, por onde todos irão passar em fila, de modo ordeiro e civilizado. Vou pousar a minha mão na cabeça de cada um, enquanto realizo a prece que Jesus nos ensinou, e vocês voltarão para casa com a obrigação de elevar o pensamento aos guias e protetores, solicitando-lhes que atendam aos pedidos justos e honestos. Pelo amor de Deus, não atribuam nada do que ocorrer a mim mesmo, mas apenas à fé que expressarem em seus corações. Quanto aos senhores jornalistas, peço-lhes que fiquem para o fim,

uma vez que pretendo dar sequência à reunião que foi interrompida. Sebastião, por favor.

Sebastião não se apertou, acostumado a realizar as aberturas e encerramentos das reuniões e palestras.

Enquanto solicitava que todos se concentrassem para receber as luzes dos mentores espirituais, Belarmino entrava numa espécie de transe, alheando-se completamente do momento e do lugar, vendo-se perante o pai, que lhe dava resposta a uma pergunta pendente:

"Meu filho, você estranhou muito, hoje cedo, que o centro estivesse vazio. Pensou que fora uma ilusão a sua estada aqui. E foi mesmo. No entanto, se você se recordar da visão que lhe ficou gravada no momento em que aqui estivemos, irá reconhecer o mesmo ambiente e as mesmas pessoas, cada qual em seu lugar."

Sem abrir os olhos, Belarmino constatou que as lembranças se decalcavam uma sobre a outra, exatamente.

"Pai, como isto pode acontecer, já que eu não acredito que se possa ter uma visão qualquer do futuro?"

"Explicar o fenômeno vai ser bem fácil. A realização dele é que necessita do auxílio de forças espirituais de maior calibre, as quais se dispuseram a me auxiliar. O quadro que lhe foi oferecido de manhã foi tão somente delineado. O que se apresentou à sua vista concretamente agora mesmo, serviu de molde para a fixação da primeira visão em sua memória. Não houve propriamente dito uma modificação. Ocorreu como que uma suspensão do efeito de gravação, já que, um momento ou outro, você estaria neste ambiente, para os agradecimentos que desejava fazer. Aliás, sem se constituir numa repreensão, em seu discurso, você se esqueceu de dizer às pessoas o quanto se emocionou pelo fato de elas orarem por você à porta do hospital. Faça-o através dos atos, segundo a promessa de lhes dar assistência espiritual daqui a pouco."

"Eu não entendi como é que tive uma visão que não se registrou na memória. Daria para explicar melhor isso?"

"Sucintamente, porque o tema é complexo e você está em vias de trabalhar efetivamente pela comunidade. Vamos dizer que existe uma parte do cérebro que guarda tudo quanto passa pelos sentidos. Existe uma espécie de filtro que caracteriza as sensações e as deposita no reservatório. Se alguém tiver obstruída a parte consciente das experiências, irá refletir diretamente com o centro da memória, tendo a impressão de que tudo quanto está sucedendo no momento ocorreu também em outra ocasião. Trata-se do fenômeno conhecido pela expressão francesa déjà vu. Ora, se o indivíduo tem poderes mediúnicos, abrindo para o espírito que lhe dá assistência a possibilidade de manipular algumas reações do cérebro, torna-se possível dar a ver uma ilusão que será apagada no momento oportuno, sendo substituída pela visão da realidade passada através do reflexo da memória, provocando-lhe o fenômeno a que me referi. Pode ser que a explicação não lhe haja ficado clara, mas garanto-lhe que está registrada indelevelmente em sua memória, o que lhe dará azo a refletir sobre ela, podendo, mais tarde, pesquisar a respeito. Adeus e boa sorte!"

Belarmino voltou a si quando o povo repetia o *assim-seja* com que Sebastião encerrava a prece.

Lando acompanhou-o até a porta lateral enquanto os demais membros da diretoria organizavam a fila, retirando as pessoas a partir do primeiro renque de cadeiras.

Antes de se concentrar, Belarmino tirou o paletó e a gravata, notando que a camisa estava encharcada de suor. Logo apareceu uma toalha que passou no rosto, notando que estava perfumada e seca.

Para que não lhe pegassem a mão, ergueu-as bem alto, evitando tocar nas cabeças, só o fazendo em relação a certas pessoas mais idosas ou a crianças bem novas.

Apesar de passarem rapidamente, mesmo porque os trabalhadores da casa despachavam os que saíam, estimulando-os a

se retirar, ainda assim a fila não terminava nunca porque havia muitas pessoas esperando a vez, na porta de entrada.

Essa procissão, às dez horas da noite, ainda estava prometendo permanecer crescendo, quando não, pelo menos porque muitos voltavam a percorrer o trajeto.

Levado pelos exaustos auxiliares, Belarmino se deslocou devagar ao longo da parede lateral por onde caminhavam os que pretendiam ser abençoados, chegando à porta de entrada, onde foi advertido de que deveria dirigir-se ao povo ali aglomerado, procurando abranger a todos com sua oração.

Só nesse momento é que Belarmino reparou que estavam seus braços sendo amparados por companheiros da seara espírita.

Fez um gesto largo solicitando que todos se recolhessem em meditação e elevou a voz, orando um último padre nosso, incapaz de organizar os pensamentos para despedida formal.

Foi Lando quem, utilizando o sistema de som, cujos alto-falantes haviam sido levados para a frente do prédio, despediu as pessoas, rogando-lhes para voltarem para casa em paz.

Fechadas as portas, derreou o nosso herói, sentando-se na poltrona que foi especialmente colocada para ele sobre o palco.

Após sorver dois copos de água, tomou tento da situação, percebendo, finalmente, que estava perante uma plateia quase vazia. Restavam alguns diretores, André, que não fora trabalhar, Samuel e a repórter que gravara a conversa no carro, além de Sebastião e Lando.

— Alguém deseja fazer alguma pergunta ou levantar alguma questão? — perguntou, sem fazer uso do microfone.

A voz sumida denunciava extrema fraqueza. Ninguém ousou interrogá-lo sobre nada.

Ainda perguntou por que só aquelas pessoas haviam permanecido no auditório, recebendo de Lando um esclarecimento quase sussurrado, em que lhe pedia para despertar para o adiantado da hora, acrescentando:

— Ninguém quer fazer comentário nenhum. Estamos apenas esperando que você nos dispense, porque não estamos acostumados a fazer serão nos domingos. Se isso o satisfaz, devo dizer que jamais o centro recebeu tanta gente, com tamanho interesse em receber passes. Agora, porém, eu acho melhor você voltar para casa, porque Milene já ligou várias vezes querendo saber o que está acontecendo por aqui. Quanto aos jornalistas, foram poucos os que voltaram depois do almoço. Samuel me informou que até contra ele foram dirigidas algumas palavras desagradáveis, sendo acusado de inventar as fotos em que o seu abdômen aparece sem cicatriz.

— O meu carro está aí fora ou Milene foi com ele?

— Ela voltou a pé. Dá para você dirigir?

— Estou bem, mas gostaria que você me seguisse até em casa. Depois que eu entrar, poderá ir embora.

Com esforço, Belarmino reconheceu cada um dos presentes, fazendo questão de apertar a mão a todos. Sentia-se aéreo, como se o esforço daquele dia estivesse começando a pesar-lhe nas costas, nas pernas e, principalmente, nos braços.

Quando entrou no carro, quase não conseguiu acionar a ignição. Mas o corpo reagiu diante da necessidade, de modo que conseguiu vencer a curta distância até sua casa de maneira a não preocupar o motorista que vinha atrás.

Em casa, Milene esperava-o com a banheira cheia de água aromatizada e devidamente preparada com sais de banho.

Limpo e revigorado, mas sentindo forte necessidade de repouso, Belarmino tomou um caldo de legumes, umas poucas colheradas que o aqueceram.

No dia seguinte, iria lembrar-se de ter ouvido Milene dizer que falara por telefone com seu antigo orientador da faculdade e que recebera dele um convite para apresentar-se no dia seguinte. Talvez fosse admitida como aluna no curso de pós-graduação, havendo a possibilidade de ser contratada para ministrar aulas, tudo

dependendo da entrevista que agendara para as nove horas da manhã.

Ela não lhe perguntou nem ele imaginou relatar-lhe o que ocorrera no centro depois que ela saía.

Aquela noite dormiria profundamente e, caso sonhasse, como sonhou de fato, não se recordaria de nada.

15. NA SEGUNDA-FEIRA

A sensação de Belarmino ao acordar é que apanhara uma surra, com todos os músculos doloridos.

Higienizou-se, fez a barba e dirigiu-se à cozinha, em busca de Honorina. Queria saber se Milene havia dado ordens relativamente ao serviço da casa. Tinha vaga ideia de que a empregada poderia fornecer-lhe informações preciosas quanto às repercussões de sua estada no centro.

Honorina cuidava da roupa daqueles três últimos dias.

— Patrão, o senhor quer que eu lhe prepare a mesa do café?

— Não precisa. Está muito quente. Acho que vou comer uma fruta, ou melhor, vou fazer um suco.

— Quer uma vitamina? Posso bater uma maçã e uma pera, com suco de laranja.

— Pode deixar. De onde vieram as frutas?

— Fui buscar no supermercado, assim que abriu.

— A que horas a patroa saiu?

— Às oito e pouco. Ela já ligou duas vezes. Disse que voltaria a ligar.

— Não levou o celular?

— Está sobre a mesa da sala.

— Vou esperar que me ligue. Ela lhe mandou preparar o almoço?

— Pediu para que o senhor dissesse o que quer comer, porque ela não vem almoçar.

— Então, me prepare uma sopinha rala de batata e cenoura. Nada de carne nem gordura. De preferência, azeite. Tenho tido pouco apetite.

— Também, com um tiro no estômago.

— Já estou curado.

— Eu sei. Foi uma correria danada. Tinha muita gente lá fora.

— E o que o pessoal está falando por aí?

— Hoje ninguém me disse nada. Estão falando que o governador de um estado lá de cima sofreu um atentado. Está na capa do noticiário e a rádio não para de falar.

— Vou fazer o seguinte: vou comprar o jornal e você me prepara um suco de laranja puro.

— Tudo bem.

Antes de sair, verificou que passava das dez e que não havia nenhuma aglomeração fora.

Caminhou devagar até a banca, comprou vários jornais, deu dois dedos de prosa com o jornaleiro, que se espantou de ver o advogado tão folgado no que seria um dia de trabalho, mas não lhe fez nenhuma pergunta a respeito.

Em casa, procurou o noticiário policial, deixando de lado as manchetes sobre o atentado. Queria ver seu nome impresso. Não encontrou nenhuma referência em diário nenhum.

"Parece que deixei de ser notícia. Quem poderá pôr-me a par de tudo é o Samu."

Procurou o número do telefone do fotógrafo e ligou. Na secretária eletrônica, um aviso:

"Fui viajar para cobrir o caso do governador. Quando voltar, retorno a sua ligação."

Depois de tomar três quartas partes de um copo de suco de laranja, Belarmino desejou colocar a correspondência em dia.

Foi primeiro avaliar os *e-mails*. Depois de ler uns quinze, notando que se repetiam, preferiu dar um sumiço neles todos, argumentando que, se houvesse algum recado importante, voltariam a escrever-lhe. Limpou a caixa postal, desligou o aparelho e foi atrás das missivas.

Havia muitos telegramas e cartas. Buscou por algum timbre de entidade conhecida, porém, não reconheceu nenhuma que lhe parecesse importante. Abriu aleatoriamente umas dez cartas, todas desejando-lhe muita sorte e apoiando-o em sua fé em Deus.

Lembrou-se do que dissera José a respeito de algumas manifestações desagradáveis relativas às mensagens do computador e achou que responder a cada pessoa seria abrir a perspectiva de correspondência de caráter subjetivo. Temeu por tornar alguém dependente de suas ideias, opiniões e sentimentos e decidiu-se por dar fim a toda aquela papelada.

Levou para o quintal, acendeu a churrasqueira e passou meia hora atizando o fogo com o papel das cartas, levantando pequena fumaça que logo se perdia na atmosfera límpida da manhã.

Ligou o computador pessoal, localizou o arquivo em que se achavam os textos psicografados. Releu-os, hesitou um pouco e terminou por apagá-los definitivamente, não se dispondo a receber nenhum novo ditado mediúnico.

Sobre a mesa, achou as obras de Kardec com vários marcadores. Retirou-os todos, abriu espaço na prateleira e guardou os livros numa segunda fileira, escondendo-os atrás das obras jurídicas.

Estudou as anotações dos compromissos profissionais da semana retrasada. Percebeu que várias atividades haviam sido deixadas para trás, avultando o nome do pernicioso milionário que pleiteara seus favores junto ao tribunal do júri.

De posse do roteiro, ligou para o patrão, avisando-o de que não faria valer o direito à licença médica, prometendo-lhe voltar ao escritório no dia seguinte. Perguntou a respeito do regra-três e recebeu a notícia de que estavam esperando que o titular regressasse no dia assinalado.

Estava conversando, quando o telefone deu o aviso de que alguém mais estava ligando para ele. Despediu-se do chefe e atendeu:

— Pronto!

— Querido, que bom que é você. Você não sabe o quanto estou contente. Fui admitida para ministrar aulas em um colégio que remunera muito bem os professores. Dei sorte. O meu antigo

orientador estava à procura de alguém de sua confiança, porque quem estava lá, acredite, foi preso por traficar drogas para dentro da escola. Vou restabelecer minha pós-graduação. Em suma, preenchi todas as manhãs e tardes com atividades. Você vai ter de se virar sem mim durante todos os dias da semana. Acho que você não irá estranhar porque são bem poucas as vezes que almoça em casa.

Enquanto Milene falava, Belarmino agradecia aos céus aquela recuperação moral e aquela alegria espontânea que o havia cativado. Esperou a esposa encerrar o noticiário, para dizer o que pensava:

— Foi Deus quem a inspirou, nem mais, nem menos. Vou rezar para que tudo lhe dê certo. A que horas você vai voltar?

— A minha última aula do dia se encerra às dezoito e vinte. Se o trânsito favorecer, às sete e meia, mais ou menos, eu chego.

— Quer que providencie um jantar de comemoração?

— Faça-me uma surpresa. Preciso desligar porque está sendo dado o sinal para as duas últimas aulas da manhã. Depois eu lhe faço um relatório completo.

"Nenhuma palavra a respeito das atividades do marido. Muito bom! Acho que desta vez minha religiosidade vai ficar em segundo plano. Excelente! Meus bons amigos da espiritualidade, eu lhes agradeço por tudo que vocês têm feito por mim, apesar de me mostrarem um caminho pedregoso, atrás da porta estreita. Aceito a minha sina e lhes peço compreensão para o meu pedido especial. Como vocês sabem melhor do que eu, vou ter de restabelecer meus vínculos profissionais. Sendo assim, peço-lhes que, da mesma forma que evitaram que eu me licenciasse ao curar-me, também protejam todos os membros de minha família, para que eu não tenha outro período de nojo. Agradeço-lhes por todas as ideias filosóficas com que me agraciaram, abrindo-me as portas do espiritismo inspirado nas obras de Kardec. Vou impregnar-me com o desejo de proceder segundo as diretrizes morais estabelecidas por Jesus e procurarei

seguir as orientações estabelecidas nos códigos superiores consignados em O Livro dos Espíritos. No entanto, vocês vão ter de convir comigo, seria preciso viver na Idade Média ou em alguma região retirada do alvoreço das metrópoles, para satisfazer a todas as solicitações de caráter espiritual e também material que me foram encaminhadas nestes últimos dez dias. Aqui, no recesso de meu lar, cumprindo a superior determinação de Jesus quanto a orar em secreto, determinação abonada pela lúcida palavra do Codificador, eu lhes peço para dispensar-me dos fenômenos mediúnicos até que me veja na condição de equilibrar definitivamente a minha vida espiritual, em função das virtudes excelsas que pretendo adquirir. Percebi o quanto de verdade me foi transmitido, quer relativamente aos empreendimentos reais, quer aos ilusórios. Se, um dia, souber distingui-los serenamente, para firmar atitude positiva diante deles, não correndo nenhum risco de me enganar e, com isso, provocar algo de mau para qualquer pessoa ou para mim mesmo, como quando acusei Milene injustamente, tenho a certeza de que poderei assumir a minha mediunidade, como qualquer dos trabalhadores das casas espíritas. Espelho-me no exemplo de minha empregada Honorina, que desenvolve atribuições humildes no meu lar, mas se dedica a ajudar as pessoas espiritualmente, apesar de todas as restrições culturais que eu lhe imponho por força de arraigado preconceito meu. Estou referindo-me a tão grave falha de minha personalidade para exemplificar a espécie de trabalho que terei de executar para alcançar a referida condição espírita. Claro está que tenho medo e que suspeito que minha reivindicação tenha origem em terríveis orgulho e egoísmo. Mas não lhes peço para que venham conversar comigo a respeito. Pretendo chegar a superar as minhas dificuldades naturalmente, através de muito trabalho e um pouco de sacrifício, inclusive de certas convicções, em favor da tranquilidade do coração de Milene e da consolidação de nosso matrimônio, na legítima esperança de agasalhar algumas criaturas que irão chamar-me pelo sagrado

nome de pai e a quem quero amar da mesma forma que fui amado. Peço-lhes licença agora para estudar os processos que me foram encaminhados durante estes últimos dias. Obrigado por tudo. Graças a Deus!"

O restante da tarde, após saborear uma pequena porção da comida preparada segundo a receita que havia estabelecido, passou elaborando planos de defesa para os clientes.

Eram sete horas, quando recebeu ligação de Lando:

— Estamos contando com você para a reunião desta noite. Haverá uma sessão de desobsessão fechada ao público. Você poderá receber alguma comunicação dos nossos guias ou favorecer a manifestação de espíritos sofredores.

— Meu querido colega e mentor filosófico, pode parecer que esteja esnobando a você e ao centro, mas hoje ainda não vi Milene. Assim que chegar de volta do trabalho, pretendo ficar com ela a noite toda, curtindo o nosso matrimônio. Vamos deixar para outra vez. Tudo bem?

— Acho que você está tomando uma sábia decisão.

— Não vai ficar bravo comigo?

— De forma alguma. O mundo não foi feito em um só dia nem a nossa evolução irá dar-se na presente passagem pelo orbe. Aproveite a felicidade presente o mais que possa, sabendo, veja bem, que os nossos protetores do plano da espiritualidade irão encaminhar-nos oportunamente para labores que nos ensejarão o progresso necessário para subirmos na escala espírita, conforme Kardec dispõe no item de número cem...

— Já entendi, prezadíssimo confrade. Bom trabalho para esta noite. Saiba que amanhã vou retomar meu posto no escritório. Deseje-me sorte.

— Fique com Deus!

— Você também.

Nem bem Belarmino depositou o fone sobre o pedestal, recebeu outra chamada.

— Pronto!

— Belarmino? Felício.

— Querido sacerdote, como está?

— Feliz da vida! Estou longe de São Paulo, num seminário maior, realizando retiro de estudos. Quando voltar à vida ativa, exercerei funções internas em alguma arquidiocese e serei chamado de monsenhor.

— Congratulações!

— Muito obrigado! Não posso ficar muito tempo conversando. Deram-me o direito a cinco ligações por dia e, assim mesmo, se encurtar o período que tenho para a refeição noturna. Liguei apenas para que vocês não estranhassem o meu desaparecimento.

— Aposto que tem que ver com sua ida ao centro...

— Inclusive, mas sobre isso não posso nem quero discorrer. Dê um abraço em Milene, em José, no Lando e nas demais pessoas de seu esplêndido círculo de amizades e benfeitores do povo. Quanto aos seus atributos pessoais, procure desenvolvê-los sempre no sentido da prática do bem e no auxílio aos necessitados. Mire-se no mais translúcido espelho de perfeição: Jesus, que viveu e morreu por nós.

— Quando vamos poder recepcioná-lo em festa?

— Não se preocupe com homenagens. Reze por mim e peça aos seus protetores para me ampararem, de modo que eu também possa servir a Jesus com discernimento e alegria. Deus abençoe você e a sua família.

— Amém.

Belarmino julgou sentir embargada a voz do amigo, mas refreou o impulso de admitir intuição sem base na realidade. Refletiu que o telefonema fora encerrado de modo meio repentino, mas não aceitou a sugestão íntima de que poderia captar sentimentos não expressos pelas palavras. Pensou em que, se estivesse junto à pessoa do padre, poderia sentir-lhe os reflexos das emoções. A distância, tudo não passaria de mera conjectura. Era

melhor aceitar-lhe a declaração de que estava alegre e agradecido pela oportunidade de progredir no meio eclesiástico.

Honorina veio avisá-lo de que estava de saída, explicando que havia feito uma torta de espinafre e uma salada variada.

— Não há uma pizza na geladeira?

— O seu cunhado acabou com ela de manhã, levando o que sobrou de lanche.

— Mas havia uma pizza inteira, ainda embrulhada.

— Não pergunte para mim. Quando cheguei hoje cedo, só havia uma pizza começada.

— Depois eu vou resolver esse mistério. Desaparecer no ar é que não iria.

A custo, Belarmino sofreu a tentação de fazer uma brincadeira lembrando-se da gaitinha que havia deixado no Rio.

— Até amanhã, doutor!

— Vá com Deus, Honorina!

Assim que se viu sozinho em casa, Belarmino correu até a sala de jantar. Queria arrumar a mesa para receber Milene. Encontrou tudo preparado, inclusive com dois candelabros esperando que as velas fossem acesas.

Sobre a cômoda, o celular ativado.

"Juro que deixei o aparelho desligado. Teria tomado ele a iniciativa de... Com certeza, foi Honorina quem tomou tal providência. Mas isso seria um extrapolar de atribuições, a menos que Milene lhe tivesse dado orientação nesse sentido. Preciso abafar este impulso de suspeitar de que tudo possa ter explicação sobrenatural."

Iria mais longe na meditação, não houvesse chegado o cunhado:

— Olá, meu bom santo milagreiro...

— Mais respeito, menino.

— Venha de lá um abraço! Soube de seu sucesso no centro. Estão dizendo que houve várias curas.

Belarmino julgou a reação de José galhofeira e não aceitou extravasar as emoções com a notícia. Resolveu mudar de assunto:

— Que é que você fez com a pizza que guardei na geladeira?

— Você, mais do que ninguém, deveria saber.

— Pelo menos, adivinhei que foi você quem deu sumiço nela.

— Nelas. Comi até o pedaço que estava num prato. A que estava embrulhada serviu de repasto aos meus sogros, porque desejei cumprimentá-los com chapéu alheio. Que é que vamos ter para jantar, já que tudo está arrumado como se fôssemos ter uma festa íntima.

— Você não reparou que são dois os pratos?

— Um para mim e outro para você.

— Está certo, engraçadinho. Você não me engana. Vai sair de novo, vai levar o meu carro e jantar com Janira e família.

— Acertou na mosca, como seria de esperar de um...

— Vá ficando por aí. Resolvi que vou parar por uns tempos com os fenômenos mediúnicos. Esta notícia você está recebendo em primeira mão.

— Milene é quem vai ficar contente. Agora, as pessoas da favela...

— Elas continuarão sendo atendidas pelos abnegados de sempre. Eu apareci e desapareci como num passe de mágica.

— Doutor, a conversa está muito boa...

— Só mais uma coisa: apaguei todos os *e-mails* do meu endereço eletrônico.

— Fez muito bem.

Antes que Belarmino pudesse responder-lhe, ouviu abrir-se o portão da garagem acionado por controle remoto. Chegava Milene.

O marido recebeu a esposa no momento em que descia do carro.

Houve ali um primeiro e demorado abraço, promessa renovada de compreensão e carinho, cada qual se entregando ao prazer da presença do companheiro, como se a separação de um dia

houvesse pesado com força no prato da balança destinada à saudade. Se Felício estivesse presente, não resistiria à tentação de renovar-lhes a bênção matrimonial.

16. PRESTANDO CONTAS

Três anos depois daqueles dez dias diferentes na vida de Belarmino e Milene, vamos encontrá-los no centro espírita, levando o casal de gêmeos para reunião festiva. Era a comemoração do Dia das Crianças e os pequerruchos foram ganhar guloseimas, com direito às brincadeiras dos palhacinhos de ocasião e ao encontro com outras crianças, para a confraternização entre os pais.

Após haver ficado mais de ano sem entrar naquele ambiente, um dia, Belarmino lá compareceu a chamado de Lando, porque haviam psicografado mensagem atribuída ao seu pai, que descrevia minuciosamente o encontro a que comparecera o filho em estado sonambúlico, no qual se acertara quais as entidades espirituais que seriam admitidas na família.

Antes de se decidir a ir, consultou Milene, que teve a curiosidade espicaçada a respeito da personalidade dos filhos a quem daria à luz dentro de alguns dias. A transformação da atitude da esposa se deveu às leituras das obras de Kardec, que acabaram por convencê-la de que nem tudo que ali se registrava teria sido por inspiração diabólica.

Dois fatores foram responsáveis pelas leituras: primeiro, muitos dos colegas da faculdade e do trabalho participavam de mesas mediúnicas em casa ou em instituições oficiais, dando-lhe a perspectiva cultural que os dirigentes do centro espírita, à exceção de Lando, não proporcionavam: segundo, o marido, à noite, começou a dedicar-se a longas conversações através da Internet, obcecando-se com a facilidade de trocar ideias com pessoas de todas as convicções filosóficas e religiosas.

Um dia, estando ele perante a tela do computador, Milene apareceu com uma das obras de Kardec, obrigando-o a cumprir a promessa de que leriam juntos para a refutação adequada dos

postulados. Deu-se que o diabo não lhe pareceu tão feio quanto o pintavam, especialmente quando se manifestou a respeito seu novo confessor, dizendo-lhe que ler não constituía pecado, mas renegar a religião católica, sim. Ora, Kardec expunha desde logo que o ideal era tornar científico o estudo das manifestações espíritas, convocando os sacerdotes e pastores de todas as tendências cristãs a que se filiassem ao movimento que se inaugurava.

— Querida, você não sabe o quanto foi sábia esta sua decisão. Nós não estamos passando de alguns ligeiros contatos de manhã e à noite, por culpa minha, que não me interessei pelos seus projetos pedagógicos nem por suas pesquisas universitárias. Não irá você dedicar um tempo que lhe é sagrado para algo que vai colocá-la em xeque?

Como resposta, Milene abriu o livro que tinha em mãos, dando início à primeira sessão de estudos, o que se repetiria regularmente três vezes por semana, antes do nascimento dos filhos. Depois, dada a dupla carga de trabalho em casa, a moça abandonou o curso de pós-graduação, mantendo uma carga horária bem reduzida no colégio, isto por força da argumentação do marido, que a queria ocupada intelectualmente com algo diverso da rotina doméstica.

Poucas vezes Belarmino compareceu ao centro espírita, sempre assediado pelos que o conheceram à época dos fenômenos. Recusava-se, porém, a participar das reuniões mediúnicas, indo a uma ou outra palestra do colega ou de algum convidado importante dentro da seara espírita.

Mesmo a famigerada mensagem do pai não teve o condão de despertar-lhe a vontade de se deixar envolver em manifestações de entidades do campo espiritual. O texto mereceu uma cópia impressa, que ficaria dentro de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que estava sendo lido em casa por aquele tempo.

Quem recebeu outra cópia foi Dona Rafaela, que veio para conhecer os netos, por ocasião do parto. Era recordação que Belarmino gostava de reproduzir:

— Mãe, você tem conversado com Fernando a respeito de entidades do outro mundo?

— Ele foge de mim, porque sabe que eu não quis saber do que os jornais falavam a seu respeito. Não se esqueça de que eu estava aqui quando você se curou milagrosamente. Mas atribuir a você as curas, essa é outra história.

— Você se lembra do dia em que fui ao Rio ver o meu avô no hospital?

— Claro, foi uma visita muito estranha, porque você não foi até em casa.

— Se eu lhe disser que estive naquele quarto em espírito e não viajei naquele dia, porque estava no tribunal, você vai acreditar em mim?

— O que eu sei é que você esteve lá e estancou o sangue que escorria de seu avô. Ele me disse que você tocou a gaita e ele cantou. Depois você deu água para ele. Quando saiu, deixou a gaita sobre o criado-mudo. Se algum espírito é capaz de fazer tudo isso, eu só tenho de me benzer e pedir a Deus que me esclareça a respeito desses mistérios.

— E se eu lhe disser também que meu pai escreveu uma comunicação no centro espírita, fazendo referências a você, a mim, a Milene e aos gêmeos?

— Vou querer ler.

— Depois eu lhe imprimo uma cópia. O que preciso acrescentar é que, naquele dia em que fui operado do estômago, fiquei pairando entre a vida e a morte, observando os médicos trabalharem. Naquele momento, o pai veio orientar-me a respeito de certas coisas. Mais tarde, voltou a tratar comigo sobre outros temas espíritas. Eu não estava sossegado, porque estava com medo que essas coisas lhe chegassem ao conhecimento por outras pessoas.

— Fernando está a par de tudo?

— Está e foi por isso que eu lhe perguntei...

- Milene também está sabendo?
- Sim.
- E o Padre Felício.
- Também.
- Quem mais?
- Muita gente, porque eu fiz questão de contar tudo aos jornalistas. Eles é que não publicaram nada. Aliás, publicaram que eu era um farsante e não deram mais atenção a mim.
- Por que só agora você está me dizendo essas coisas?
- Porque estava com medo que minha própria mãe me julgasse louco.
- E o que o leva crer que eu não vou fazer isso?
- As coisas estão no lugar. Faz tempo que eu não sinto mais nenhum apelo dos amigos da espiritualidade.
- E esse escrito do seu pai?
- Foi um médium do centro quem apanhou. Eu só digitei no computador.
- Você tem ido à igreja?
- Regularmente.
- Tem tomado a comunhão?
- Não.
- Tem confessado os seus pecados?
- Também não.
- E Milene?
- Ela tem feito tudo isso, toda semana.
- Quer dizer que você vai apenas para um dever conjugal?
- Exatamente isso.
- E se ela quiser batizar as crianças?
- Eu não vou impedir.
- Mas vai ter de frequentar as aulas.
- Se for possível, convenço o padre a me dispensar.
- Nisso você é bom.
- Se Milene... Deixe para lá.

— Você ia perguntar se eu aceitaria ser a madrinha?

— Sim.

— Eu aceitaria mas não diga nada a Milene. Vamos esperar que ela escolha alguém da família dela. Agora vá buscar a mensagem de seu pai.

Belarmino recordava-se comovido das lágrimas da mãe, vertente de amor e de saudade diante de algumas referências sutis ao relacionamento do casal, impossível de ser do conhecimento do médium.

Um dia, Fernando ligou do Rio:

— Mino, você precisa ficar sabendo que nossa mãe está indo a um centro espírita. Ela me pediu para acompanhá-la e eu não tive escolha, embora, como você sabe, eu não me afine com as teorias de Kardec.

— Qual é o principal argumento que você utiliza para refutá-las?

— Eu acho que Kardec foi um fruto sazonado da Revolução Francesa.

— Não entendi.

— Vou resumir, senão o telefonema vai sair muito caro. Kardec não era nobre nem plebeu. Kardec pertencia à classe média, classe que emergiu das reformas sociais. Foi educado na Suíça e sempre esteve voltado para o ensino, principalmente o ensino propedêutico para a universidade. Seus escritos refletem a tendência de vulgarização didática dos conhecimentos superiores, mesmo no que se refere aos cânones espíritas, doutrina a que ele pretendia dar feição científica. Era, portanto, um homem civilizado, o que ele fazia questão de ressaltar. Ora, a humanidade não é formada apenas de pessoas altamente escolarizadas, como você, Felício, Lando. Existe muito mais gente ignorante, analfabeta ou pseudo-alfabetizada. Se o espiritismo viesse para todos, faria como Jesus, que buscava o zé-povinho para explicar o reino de Deus. Antes que você me censure, devo dizer que muito me admirei de encontrar muita gente humilde

no centro, o que abalou a minha base dialética. Portanto, aliando os fenômenos que o envolveram às ideias que estou estruturando a partir das observações que realizo no centro, você pode deduzir que o meu argumento está muito fragilizado, dado que os brasileiros souberam aplicar os conhecimentos fixados na obra de Kardec ao dia a dia das necessidades humanas básicas. Vou ficando por aqui.

— Não desligue ainda. Você está sabendo que só tenho ido esporadicamente ao centro, pois me mantenho firme em minha concepção de que as pessoas estão sempre sob a influência dos espíritos, seja para o bem, seja para o mal, dependendo de cada um entender o que é melhor para o seu progresso moral. Da mesma forma que estou considerando ir à igreja algo desnecessário e até contraproducente em relação ao equilíbrio emocional, também estou demonstrando para mim mesmo que ir ao centro espírita não acrescenta nada ao meu cabedal de conhecimentos, especialmente no que se refere às teses doutrinárias. Tal como você, contudo, estou me sentindo meio inseguro, já que comparecer ao centro na qualidade de visitante ou de assistido é bem diferente de frequentá-lo para trabalhar em prol das pessoas como voluntário. Vou pensar no seu caso. Gostaria que você pensasse no meu, para uma nova troca de ideias.

Não se deu ainda a pretendida troca de informações, muito embora ambos tenham meditado a respeito das contradições próprias e do outro.

Ficou Belarmino tentado a contar a conversa a Lando, todavia, em meio às alegrias pueris do dia festivo, este preferiu dar-lhe os parabéns:

— Soube de sua recente aprovação no concurso para a magistratura. Realmente, acho que esse cargo condiz mais com a sua personalidade, em vista de, nos últimos tempos, estar afastando-se dos casos mais espinhosos, desde que aquele sacripanta se recusou a aceitá-lo como defensor.

— E eu, que estava tão preocupado em receber proventos de fonte sabidamente desonesta! Foi o reflexo ou um subproduto dos fenômenos mediúnicos que o assustaram. Quando soube que eu havia cicatrizado de uma hora para outra e que conversava com os mortos, pensou que eu pudesse descobrir todos os segredos de suas transações espúrias. Mas foi bom, porque não tive de explicar-me com o chefe.

— Mino, o que eu acho é que seus ganhos irão cair significativamente.

— Já caíram faz tempo. Simples assessoramento, ainda que me tenham guindado ao pomposo cargo de Diretor para Assuntos Internos, não corresponde à parcela substancial que recebem os que se apresentam junto às barras do tribunal.

— E eu não sei disso?! Bem que me recusei a tornar-me Assistente Técnico da Diretoria ou coisa que o valha de certa firma grande. Prefiro manter meu humilde escritório, onde posso escolher a clientela que melhor se coadune com meus princípios filosóficos e diretrizes morais.

— Por que você não presta concurso?

— Tenho medo de perder a liberdade. Se prestasse, escolheria o ministério público ou a promotoria. Em ambas as hipóteses, estaria à disposição dos desembargadores e ministros e não poderia recusar processo nenhum. Vou ficar na minha.

— E o trabalho de assistência jurídica aos favelados e povo em geral, em caráter de voluntariado?

— Esperando que você me ajude, pelo menos enquanto não assumir o cargo de juiz, porque, depois, irá ficar indisponível, por força da lei.

— Com os gêmeos, não foi só a Milene quem ficou mais atarefada. Eu também tenho desempenhado o delicioso encargo de babá quase todas as noites.

— Seus filhos são lindos. Eles já demonstraram o caráter descrito por seu pai na célebre mensagem?

— Procuo não analisá-los sob esse prisma meio fantasmagórico, mesmo porque, se descobrisse que estão correspondendo ao prognóstico, acho que iria exercer meu direito a educá-los no sentido de superarem os tais traços ali referidos. Basta-me saber que nem um nem outro é a reencarnação do falecido. Para isso, a mensagem foi reconfortante. Sempre haverá problemas quando subsiste a suspeita de que algum descendente foi pessoa das relações íntimas dos pais.

— Sabe que muitos especulam a respeito, considerando que...

Com a chegada de Milene, o assunto morreu ali. Vinha ela solicitar que fossem embora, porque as crianças haviam dormido.

Lando quis esticar um pouco a conversa:

— Como vai o José? Já se acostumou lá na Boa Terrinha? Os sogros dele estão sempre por aqui.

Foi Belarmino quem respondeu:

— Já foi de Portugal para a França. O clube português que o contratou é uma espécie de trampolim. Se o gajo desencanta e agrada, passam adiante, com bom lucro. É uma forma de investimento em atletas desconhecidos.

— Quer dizer que ele arranjou jeito de passar uma lua de mel remunerada?!

— E bem remunerada. Aliás, depois que saiu, os gastos em casa diminuíram significativamente.

Milene observou:

— Nos últimos tempos, o mano gostou da experiência de cumprimentar com o nosso chapéu, trazendo os futuros sogros duas vezes por semana para almoçar ou jantar. Eram as mensalidades, a gasolina, a roupa e até a energia elétrica. Quem gostou de ele ter aliviado a casa foi Honorina, que não precisou mais lavar e passar para ele, nem preparar os lanches. Os gêmeos é que voltaram a equilibrar o trabalho.

Lando lançou uma sugestão:

— Será que José terá tempo para ir aos locais em que Kardec viveu e trabalhou?

Belarmino fez questão de esclarecer:

— Já fez isso e teve a maior decepção. Na verdade, a lembrança mais vívida de Kardec em Paris é seu túmulo, bastante visitado por brasileiros. Até a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas está entregue às moscas. Espiritismo, meu irmão, é aqui no Brasil. No resto do mundo, está engatinhando. Mas, se você estiver interessado em algo em particular, lhe passo o endereço do cunhadinho. Depois que se matriculou para especialização na Sorbonne, tem pouquíssimo tempo. Mas você bem sabe que as pessoas mais ocupadas é que correspondem melhor aos encargos que lhes damos.

— Por falar nisso, preciso ir trabalhar na cozinha. Tchau!

O casal se despediu de todos, alegremente, prometendo estudar a possibilidade de assistir a uma palestra na semana que se iniciava, voltando para casa, sob a impressão de que a reunião festiva não se coadunava muito bem com os propósitos espíritas exarados nas obras da codificação.

Após acomodarem as crianças nos berços, quiseram trocar ideias na sala de estar, de mãos dadas, olhos nos olhos, apaixonados e cúmplices em sua experiência de vida.

— Querido, você não sente saudade daquela semana de assédio mediúnico?

— Milene, meu amor, com certeza, se você me perguntar se achei de proveito as experiências, irei responder que sim. Foram manifestações maravilhosas no sentido de me despertarem para a realidade espírita, porque pude comprovar por mim mesmo tudo quanto está escrito nas obras das revelações do além-túmulo. No entanto, o que mais me valeu daquilo tudo, foi...

— Não diga. Quero adivinhar. O principal para você foi descobrir que a sua vida comigo constitui a realização em essência de sua programação carnal e espiritual.

— Bem como a perspectiva de que poderei progredir muito no campo das aquisições morais, desde que não vacile e não me deixe envolver pelas fantasias provocadas pelas conquistas positivas. Se continuar extraíndo a verdade de cada pequenino fato que aconteça conosco, em breve poderemos dedicar-nos a outros quefazeres, em mundos mais adiantados.

Ambos sentiram perpassar pelos seus corpos e mentes ligeiro estremecimento, como se estivessem sendo notificados de que estavam extraíndo ilações precipitadas. Calaram-se por algum tempo, até que Milene concluiu:

— Se Deus quiser.

Ao que, acrescentou Belarmino:

— E Jesus amparar-nos, como tem feito até aqui.

FIM

Indaiatuba, de 23 de maio a 10 de setembro de 2001.